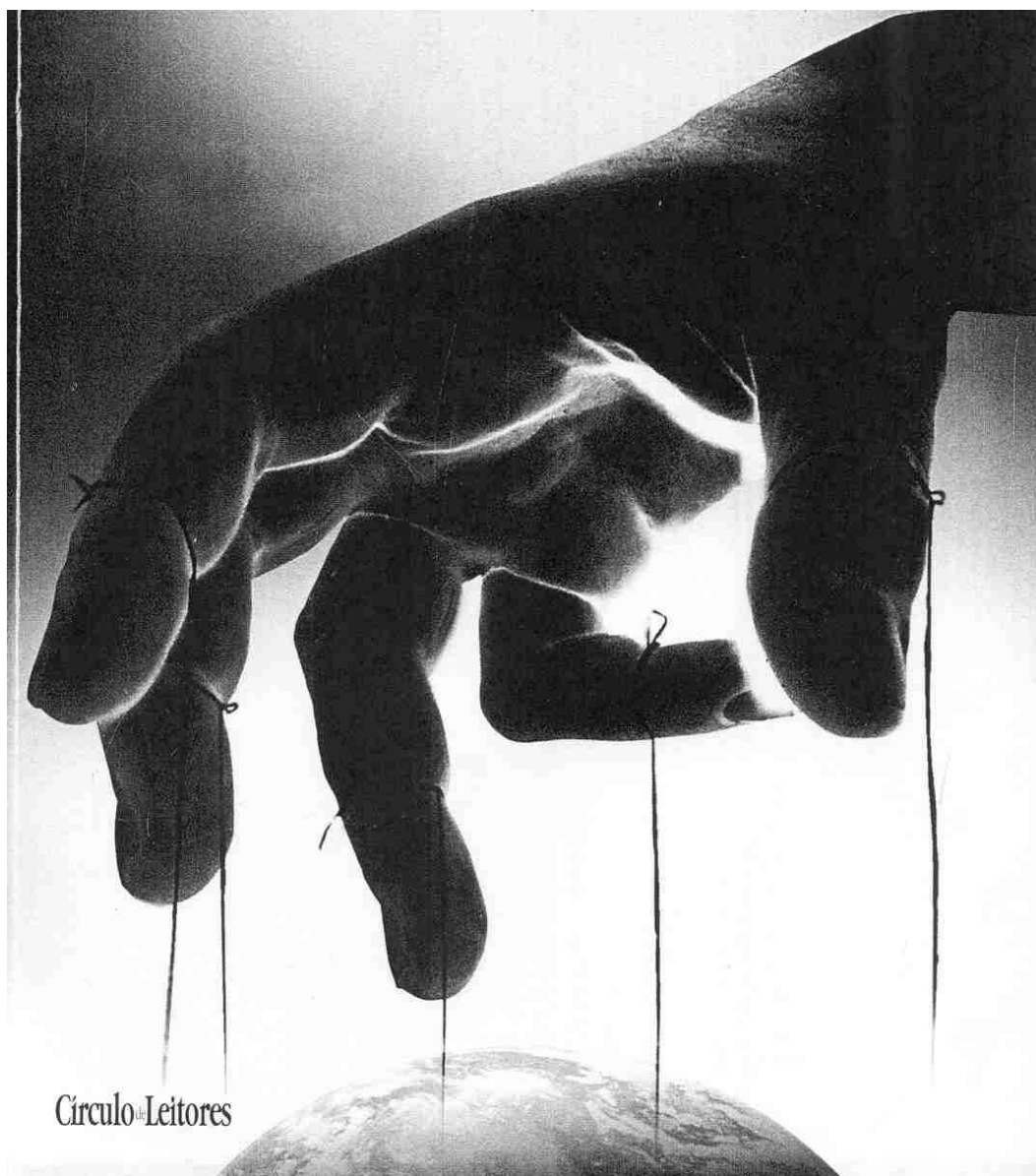




DANIEL ESTULIN

***CLUBE BILDERBERG:
Os Senhores do Mundo***



Título Original: THE ROAD TO TYRANNY – TOTAL ENSLAVEMENT

Título en español: LA VERDADERA HISTÓRIA DEL CLUB BILDERBERG

Copyright (c) 2005 Daniel Estulin

ÍNDICE

Prólogo.....	3
Introdução - O dealbar de uma nova era: a escravidão total.....	4
CAPÍTULO I - O Clube Bilderberg.....	10
Outros dados	
"Durão Barroso será o nosso homem na Europa"	47
Lista de actuais Comissários Europeus com ligações ao Clube Bilderberg	51
Outros líderes da União Europeia	51
Outros portugueses que já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg	51
Alguns espanhóis que já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg.....	52
CAPÍTULO II - O Council on Foreign Relations (CFR)	53
CAPÍTULO III - A conspiração Rockefeller e a Comissão Trilateral.....	93
CAPÍTULO IV - A sociedade sem dinheiro	130
As minhas conclusões.....	168
ANEXO I - Conferências do Clube Bilderberg.....	172
ANEXO II - A sombra do governo mundial.....	179
ANEXO III - Lista de participantes na reunião do Clube Bilderberg em 2005	193
Notas	200

Prólogo

O livro de Daniel Estulin é uma obra «de leitura obrigatória» para todos quantos querem conhecer os poderes secretos que governam o mundo e afectam a vida de todos os habitantes.

Danny e eu colaborámos durante anos na investigação de Bilderberg, a organização secreta internacional formada por dirigentes políticos, financeiros e empresas multinacionais.

As informações obtidas por Danny foram incorporadas em muito do que escrevi sobre Bilderberg, nos últimos anos. Sem a sua ajuda, o *American Free Press* nunca teria sido capaz de localizar a reunião de 2005 do Clube Bilderberg.

O trabalho de Daniel é mais académico do que o meu. Cita factos concretos e refere as suas fontes em notas de pé de página. Eu vou desenvolvendo o meu com base no que obtenho directamente de fontes do Clube Bilderberg e confio no julgamento da História, que, até agora, tem sido favorável.

Aprendi muito sobre Bilderberg lendo partes do manuscrito de Daniel, antes da publicação. Se, depois de ter seguido a pista de Bilderberg por toda a Europa e a América do Norte, durante 30 anos, ainda aprendo com o livro de Daniel, os leitores podem estar cientes de que todos aprenderemos mais - e essa aprendizagem será fascinante.

As reacções dos leitores a esta obra serão muito diversas, indo do fascínio à indignação. Mas, quando virarem esta página, iniciarão uma viagem emocionante às profundezas do governo-sombra do mundo.

James P. Tucker Jr.

American Free Press

Introdução - O dealbar de uma nova era: a escravidão total

Nesta obra, pretendo contar parte da verdade do nosso presente e futuro próximo que ninguém traz à luz. *Clube Bilderberg: os Senhores do Universo* documenta a história da implacável subjugação da população por parte dos seus governantes. O leitor assistirá ao nascimento de um Estado policial mundial que transcende o pior pesadelo de Orwell, com um governo invisível, onipotente, que puxa os cordelinhos na sombra, controlando o Governo dos Estados Unidos, a União Europeia, a OMS, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e qualquer outra instituição similar. Está tudo aqui: a história do terrorismo promovido pelos governos, do estabelecimento recente do controlo da população com base no medo e, o mais espantoso de tudo, os projectos futuros da Nova Ordem Mundial.

Sei que é certo que as pessoas e as organizações não são absolutamente «más» nem absolutamente «boas». Sei que, dentro delas, tal como acontece com cada um de nós, existem necessidades de sobrevivência, domínio e poder que lutam contra as necessidades de filantropia e amor para dominar o seu comportamento. Mas parece que, no Clube Bilderberg, prevalecem (embora não de uma forma absoluta) as necessidades de poder. Estes matizes de modo algum retiram importância à terrível situação de alienação a que nos estão a conduzir.

Estou consciente de que «os senhores do mundo» também farão coisas construtivas na sua vida (uns mais e outros menos); no entanto, como eles próprios se encarregam de tornar pública esta informação através dos meios de comunicação, não a incluí no meu livro: centrei-me nesse outro «lado sombrio» não reconhecido, secreto e perverso dos membros do Clube.

Também é evidente que algumas pessoas que estão no poder têm ideais mais elevados e consistentes do que as pessoas de quem falo neste livro. Muitos grandes empresários, políticos e inclusive alguns dos seus colaboradores estão a lutar para pôr limites à depravação de Bilderberg, do exterior, alguns, a partir de dentro, outros, mas, na verdade, todos eles de uma forma encoberta. Para eles vai o meu agradecimento (pois representam para mim uma grande fonte de informação e alento) e a preocupação com a sua segurança impede-me de revelar os seus nomes neste livro.

Ademais, este interesse em dominar o resto do mundo também não é uma novidade na história da humanidade. Já outros o tentaram antes. Em antigas civilizações do nosso planeta houve escravidão e abusos por parte da elite dominante. Em épocas anteriores da História, vimos medidas draconianas impostas às nações, mas o que nunca se viu foi um ataque como este aos direitos das pessoas e à democracia. O lado sombrio do Clube Bilderberg - o pior mal que a Humanidade já enfrentou - está entre nós e usa poderes de coacção e terror que a ditadura industrial-militar exige para acabar com a resistência e governar aquela parte do mundo que resiste às suas intenções.

O desenvolvimento das comunicações e da tecnologia, aliado ao profundo conhecimento actual da engenharia (manipulação) do comportamento, está a favorecer o que, noutras épocas, foram apenas intenções não consumadas e que hoje se estão a tornar realidade. Cada nova medida, por si só, pode parecer uma aberração, mas o conjunto de alterações que fazem parte do processo contínuo em curso constitui uma progressão para a escravidão total.

Durante as últimas décadas, os grandes psicólogos (Freud, Skinner, Jung) foram utilizados para os fins do governo mundial através de institutos como Tavistock ou Stanford, organismos colaboradores do Clube Bilderberg, embora não saibamos até que ponto foram informados dos objectivos de domínio mundial do Clube. As investigações e ensaios sobre o comportamento humano foram demonstrando que a dominação do comportamento humano não pode provir do castigo nem dos reforços negativos, mas sim dos reforços positivos. Os reforços negativos embora produzam, em certa medida, o comportamento desejado por quem o induz, são inevitavelmente acompanhados de sentimentos de raiva, frustração e rebeldia nas pessoas a que são aplicados e, por isso, esse tipo de técnica caiu em desuso. Os poderosos descobriram que o reforço positivo é a única maneira de provocar, nas pessoas a que é aplicado, o comportamento desejado, sem ressentimentos nem rebeldia, e de uma forma estável.

O reforço positivo está a ser aplicado ao estilo dos conhecidos livros *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *Walden Two*, de B. F. Skinner: dar qualquer coisa positiva às pessoas quando cumprem as normas impostas pelo Clube, mas impedindo qualquer possibilidade de essas normas serem analisadas ou questionadas. Os senhores do mundo tentam fazer com que as pessoas se sintam «boas» e «responsáveis» quando fazem o que eles determinam; durante os últimos trinta anos, a população tornou-se cada vez mais obediente e submissa (por exemplo, ultimamente vemos como se está a promover o voluntariado, a elogiar e «glorificar» os que a ele aderem, embora o seu fim último seja reduzir o mal-estar provocado na sociedade pelo desemprego e, assim, evitar as «convulsões sociais»). Para saberem até onde podem ir sem que a população se subleve, estão a realizar múltiplas experiências, **como a actual campanha contra o tabaco**. Que as pessoas fumem ou não, não é uma coisa tão importante como parece para os governos. Muito mais nefastos para a saúde pública são os gases que os automóveis libertam e contra os quais não se faz nada. Embora os técnicos que aplicam as campanhas antitabaco acreditem fervorosamente na sua necessidade, para as cúpulas é apenas mais uma experiência de submissão da população e com cujos resultados devem estar muito contentes: vejam o que acontece no metropolitano ou no TGV se um «louco» se lembrar de acender um cigarro. Será olhado de imediato como se se tratasse de um leproso e alguém irá aproximar-se dele para lhe dizer, educadamente, que é proibido fumar. Observem também a cara de satisfação de quem faz o comentário: a mesma que quando obtinha uma boa nota, na escola, ou quando ajuda alguém; a satisfação de ter cumprido o seu dever e de se sentir «adequado» a fazer parte do sistema. Será que os leitores se lembram de esta atitude ser habitual, há vinte ou trinta anos?

A um nível muito mais profundo, no seio da sociedade civil, há um pacto, um pacto de silêncio e passividade. Talvez muitos se dêem conta de que não se pode defender a «democracia» destruindo-a, mas decidem calar-se e prosseguir as suas cómodas rotinas quotidianas: o que quer que aconteça, não os afecta. O problema é que, efectivamente, os afecta. A batalha trava-se neste preciso momento e a ditadura mundial - o Governo Mundial Único - está a ganhar. Esta

batalha é travada para defender a nossa intimidade pessoal e os nossos direitos individuais, a pedra angular da liberdade. Envolve o Congresso dos Estados Unidos, a União Europeia, os tribunais, as redes de comunicação, as câmaras de vigilância, a militarização da polícia, os campos de concentração, as tropas estrangeiras estacionadas em solo -norte-americano, os mecanismos de controlo de uma sociedade sem dinheiro vivo, os *microchips* implantáveis, o rastreio por satélite GPS, as etiquetas de identificação de radiofrequência (RFID), o controlo da mente, a sua conta bancária, os cartões inteligentes e outros dispositivos de identificação que o *Big Brother* nos impõe e ligam os pormenores da nossa vida a enormes bases de dados secretas do governo. Consciência de Informação Total. Escravidão Total.

Estamos numa encruzilhada. Os caminhos que tomarmos agora determinarão o futuro da Humanidade e se entraremos no século seguinte como um Estado policial electrónico mundial ou como seres humanos livres, em consequência de uma consciencialização maciça que ocorra nos Estados Unidos e no resto do mundo livre, face às actividades criminosas da elite mundial.

Bilderberg, o olho que vê tudo, o governo mundial na sombra, decide, numa reunião anual totalmente secreta, como devem ser levados a cabo os seus diabólicos projectos. Quando se realizam estas reuniões, seguem-se-lhe inevitavelmente a guerra, a fome, a pobreza, a derrocada dos governos e abruptas e surpreendentes alterações políticas, sociais e monetárias. Um tal regime depende totalmente da capacidade de manter a informação silenciada e reprimida. É esse o seu calcanhar de Aquiles. Quando as pessoas descobrem o jogo, o transe colectivo em que se baseia começa a desmoronar-se.

O Clube Bilderberg conta com as nossas respostas inadequadas para controlar a nossa reacção perante acontecimentos criados e não se sentirá decepcionado enquanto nós, como mundo livre, continuarmos a responder como fizemos até agora.

Skinner, colaborador do Instituto Tavistock, um organismo que, por sua vez, é colaborador do Clube Bilderberg, considera a população em geral incompetente para educar os seus filhos e propõe como sociedade ideal aquela em que os filhos são separados da família após o nascimento e educados pelo Estado, em centros onde vivem. As suas famílias só podem ir passar alguns momentos com eles (nunca em privado) e caso, por exemplo, queiram comprar-lhe um presente, têm de comprar outros para os companheiros do seu grupo, de modo que os pais acabam por se sentir desligados dos seus filhos. A UNESCO foi criada com o objectivo expresso de destruir o sistema educativo. A nossa resposta inadequada à crise é a que os engenheiros sociais de Tavistock esperavam.

Outra forma de manipulação do comportamento que o Clube Bilderberg utiliza é conseguir que as pessoas obtenham algo que querem em contrapartida de renunciarem a outra coisa (principalmente, a liberdade). Mais adiante explico como vai surgir uma onda de sequestros de crianças praticados por ele, para conduzir os pais a uma situação de insegurança e ansiedade tão terríveis que eles próprios solicitarão a implantação de *microchips* nos filhos para os conseguirem localizar permanentemente. Este é mais um passo em direcção à Escravidão Total. A manipulação da população será levada a cabo mediante um fluxo estável de notícias, nos meios de comunicação social, sobre *microchips* e globalização. Os meios de comunicação do mundo são os veículos simbólicos por meio dos quais o fluxo de bens e a procura de bens controlam a população. No entanto, não

deveremos esperar que a «imprensa livre» dê o alerta. Os meios de comunicação mundiais fazem parte da elite globalizadora, como demonstro no capítulo I, uma organização ultra-secreta que continua a sê-lo graças à cumplicidade da imprensa mundial.

Num mundo materialista, em que os exibicionistas se dedicam ao jornalismo e ao espectáculo (existirá alguma diferença?), estes autocensurar-se-ão e satisfarão os pretensos interesses dos seus senhores e, amiúde com a astúcia do escravo, conseguirão agradar-lhes. Há poucas ou nenhuma vantagens materiais na honestidade ou nos princípios. As vantagens materiais dominam tudo, ponto final. Neste contexto, as palavras são usadas não como argumentos num debate, mas sim para pôr termo à discussão. E, falando da natureza humana, o poder corrompe. Corrompe os que o detêm e corrompe os que procuram influenciar os que o detêm. Há muito que os meios de comunicação fazem parte do mundo das elites. A imprensa livre é um mito porque é propriedade dos poderosos. Só quando for propriedade de muitos cidadãos anónimos será possível a existência de uma imprensa verdadeiramente livre, baseada no nosso «direito a saber». Esta é outra questão oculta: o pacto de silêncio, por acção ou omissão. Os jornais importantes e as rádios nacionais e as cadeias de televisão negam-se a cobrir o tema e não se atrevem a falar dele!

Essa é a principal justificação da existência de uma imprensa livre, apesar de todas as suas imperfeições manifestas. Essa é precisamente a razão pela qual ditadores, oligarcas, juntas militares, imperadores e tiranos, ao longo da História, procuraram censurar e sufocar a livre disseminação de opiniões e informação. Por isso, o Clube Bilderberg, a Comissão Trilateral, a Távola Redonda, o Conselho de Relações Externas, a Comissão Europeia, as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Clube de Roma e centenas de organizações preferem realizar, em privado, as suas iniciativas em prol do público. Os falcões não querem que saibamos o que planeiam fazer connosco.

O totalitarismo é uma solução patológica para uma vida insegura e atomizada, de modo que permite vender, à vontade, imagens demagógicas a populações desmoralizadas. A força directriz onnipresente de organismos multinacionais, como a Comissão Trilateral, o Fundo Monetário Internacional, o secreto Conselho de Relações Externas e outras entidades empresariais-financeiras-estatais que fazem parte de um «centro onnipresente», juntamente com o Clube Bilderberg, que é o nó dominante do sistema entrelaçado (que funcionava antes do regresso a um futuro «sem alternativa») não teve dificuldade em se aperceber deste facto geral.

Manter a maioria da população num estado contínuo de ansiedade interior funciona porque as pessoas estão demasiado ocupadas a garantir a sua própria sobrevivência ou a lutar por ela para colaborarem na constituição de uma resposta eficaz. A técnica do Clube Bilderberg, repetidamente utilizada, consiste em submeter a população e levar a sociedade a uma forte situação de insegurança, angústia e terror de modo que as pessoas se sintam tão exaltadas que peçam, aos gritos, uma solução, seja ela qual for. Explicarei pormenorizadamente, neste livro, como aplicaram esta técnica com os bandos de rua, as crises financeiras, as drogas e o actual sistema educativo.

Não esperemos, pois, castigos nem agressões claras e explícitas por parte dos senhores do mundo sobre a população em geral (mas sim sobre pessoas concretas), pelo menos até conseguirem reduzir a população ao nível que

consideram «manejável» e estarem certos de não perder o controlo sobre ela. A sua tática, por agora, é muito mais subtil e astuta, e estão a utilizarem o conhecimento de todos os «grandes cérebros» do último século para atingir os seus objectivos: a submissão total da população. O Clube Bilderberg está a lutar para quebrar a força psicológica do indivíduo e deixá-lo sem defesas. Um dos muitos meios para atingir este propósito está a ser a insistência actual na potenciação do trabalho em equipa na educação e no âmbito laboral de modo a que as pessoas se habituem a renunciar às suas próprias ideias em benefício do grupo. Cada vez são menos os que defendem o pensamento individualista e crítico. Estamos a chegar a uma situação em que os «lobos solitários» começam a sentir vergonha de existir. No que se refere ao domínio da educação, também é imprescindível dar a conhecer que os estudos realizados pelo Clube Bilderberg demonstram que conseguiram baixar o coeficiente intelectual da população, graças sobretudo à redução da qualidade do ensino planeada e executada há anos pelo Clube, embora, é claro, publicamente se lance periodicamente a notícia de que o coeficiente intelectual médio está a subir. Eles sabem que, quanto menor for o nível intelectual dos indivíduos, menor será a sua capacidade de resistência ao sistema imposto. Para conseguirem isto, não só manipularam as escolas e as empresas, como se apoiaram na sua arma mais letal: a televisão e os seus «programas de lixo» para afastar a população de situações estimulantes e, desse modo, conseguirem adormecê-la.

O objectivo final deste pesadelo é um futuro que transformará a Terra num planeta-prisão por meio de um mercado único globalizado, controlado por um Governo Mundial Único, vigiado por um Exército Unido Mundial, regulado economicamente por um Banco Mundial e habitado por uma população controlada por meio de *microchips* e cujas necessidades vitais se terão reduzido ao materialismo e à sobrevivência: trabalhar, comprar, procriar, dormir, tudo ligado a um computador mundial que supervisionará cada um dos nossos movimentos.

Porque quando o leitor compreender o que acontece, começará a perceber que muitas pessoas importantes - pessoas que julga admirar, que procura para que o guie e que tenciona apoiar -, pessoas que o leitor julgava que trabalhavam para nós, em prol da liberdade (os líderes eleitos democraticamente, os comissários europeus não eleitos pelo povo, os líderes da sociedade civil, a imprensa), todos os que deveriam proteger zelosamente a nossa liberdade, na verdade trabalham para *elas*, em prol de interesses que pouco têm que ver com a liberdade.

Sivanandan, director do Instituto de Relações Raciais, afirma: «A globalização criou um sistema económico monolítico; o 11 de Setembro ameaça gerar uma cultura política monolítica. Juntos, significam o fim da sociedade civil.» E o nascimento da Escravidão Total.

A UE não está imune a esta nova ideologia, sendo que ajuda a formá-la. Os governos europeus conspiraram para conseguir aquilo a que, cinicamente, se chama «luta contra o terrorismo» com o vergonhoso bombardeamento e as sequelas posteriores no Afeganistão e no Iraque, acontecimentos que foram vendidos a uma população desmoralizada e abatida como actos patrióticos cheios de entusiasmo. Como acontece com todos os ferrabrases, a maior ameaça provém do próprio sistema de terror que pretensamente protege os cidadãos do mesmo. Ou continuamos a acreditar nas mentiras propagadas pelos políticos e pelos meios de comunicação social que dizem que a guerra no Afeganistão foi travada para defender a liberdade, acabar com os Taliban, capturar Bin Laden e instaurar a

democracia e a igualdade de direitos? Benjamin Disraeli, o primeiro-ministro da Inglaterra, afirmou que «o mundo é governado por personagens muito diferentes do que o que pensam os que se encontram nos bastidores».

Desde 1994, data em que David Rockefeller exigiu que fossem acelerados os planos para o avanço final da conquista mundial, toda a população do planeta se viu submergida em sucessivas crises financeiras e ambientais, paralisada por um terrorismo de baixa intensidade, uma técnica, conforme revelo neste livro, usada frequentemente pelos engenheiros sociais como condição necessária para manter os que a ela são sujeitos num desequilíbrio permanente. A Nova Ordem Mundial alimenta-se de guerras e sofrimento, de descalabros financeiros e crises políticas para manter a expansão do seu esmagador andamento. Baseia-se no medo das pessoas em relação à liberdade. Por isso, no caso do Afeganistão e do Iraque, mal parece que terminou a guerra já se ouvem vozes que perguntam: «Quem será o próximo?» O Irão, a Síria, a China, a Rússia. As armas são o pão nosso de cada dia. Obtêm-se lucros com as guerras grandes e com as pequenas. Ordem Mundial Única. Escravidão Total. O «terror armado», nas palavras do professor John McMurtry da Universidade de Guelph, no Canadá, «não é o essencial, mas sim o acessório do significado do novo totalitarismo. É uma forma de governo muito mais eficaz do que o terror baseado na força militar, que é mais directo mas expõe o sistema a outra forma de resistência».

A História ensina-nos por analogia e não por identidade. A experiência histórica não implica ficar no presente e olhar para trás. Implica antes olhar para o passado e regressar ao presente com um conhecimento mais amplo e mais intenso das restrições da nossa perspectiva anterior.

A gravura 79 dos *Desastres de Ia Guerra*, de Francisco de Goya, mostra a jovem Libertada deitada de barriga para cima, com o peito descoberto. Umas figuras fantasmagóricas brincam com o cadáver, enquanto uns frades cavam a sua sepultura. A verdade morreu. Morreu a verdade. Que lhes parece esta perspectiva? Não depende de Deus livrar-nos da «Nova Idade das Trevas» prevista para nós. Depende de nós. Temos de levar a cabo as acções necessárias. Homem prevenido vale por dois. Nunca encontraremos as respostas adequadas se não formos capazes de formular as perguntas apropriadas.

CAPÍTULO I - O Clube Bilderberg

- Quero falar consigo. - Voltei-me instintivamente para a direita, só que não encontrei ninguém. O cavalheiro que pretendia ter o prazer da minha companhia estava de pé ligeiramente atrás de mim, como se estivesse a utilizar o meu ombro direito como refúgio temporário.

- Deixe-se estar sentado - sussurrou a sua sombra, expirando ruidosamente.

- Desculpem, meus caros senhores, mas não estou habituado a que me digam o que devo fazer, sobretudo se não procurei a vossa companhia -, respondi, despidoradamente.

- Sr. Estulin, lamentamos invadir o seu espaço mas gostaríamos muito de falar consigo - disse o primeiro cavalheiro, estendendo-me uma mão flácida, na esperança de que me decidisse a apertá-la. - Escusado será dizer que lhe pedimos a máxima discrição.

As suas piruetas linguísticas davam-me a entender que aprendera inglês numa dessas instituições britânicas elegantes ou com um professor particular, um desses falsos eruditos que não conseguia evitar erros desajeitados de sintaxe.

- Como sabe o meu nome? Não me lembro de lho ter dito. - Sabemos bastantes coisas a seu respeito, Sr. Estulin. Conseguia aperceber-me de que o misterioso cavalheiro estava a começar a sentir-se mais distendido na minha companhia.

- Sente-se, por favor - disse eu, apercebendo-me intimamente que também eu começava a descontrair.

Baixou o olhar, tirando automaticamente a sua cigarreira do bolso interior do seu casaco de bom corte e começando a examiná-la.

Continuei sentado no meu banco de bar à espera de que um deles quebrasse o silêncio.

- Por exemplo, sabemos que está aqui para cobrir a conferência Bilderberg. Que há muitos anos que nos segue. Que, de alguma forma, parece conhecer a localização exacta de cada reunião, embora a maior parte dos participantes só saiba onde irão realizar-se uma semana antes da conferência. Que, por mais que tenhamos tentado baralhar as nossas pistas e tomar todas as precauções necessárias, o senhor parece ter conhecimento do que discutimos e da maior parte dos nossos planos futuros. Até mesmo a escolha de alguns dos participantes foi influenciada pela sua interferência, Sr. Estulin. A dada altura, julgámos que o tínhamos descoberto. Que um determinado membro não convidado para a conferência era o seu contacto interno. E que se as suas previsões após a conferência se revelassem erradas, o membro, que de nada suspeitava, teria sofrido graves consequências pessoais. Felizmente para ele, o senhor acertou.

Sotaque de Kent, pensei. - Como é que sabe tudo isto? - perguntou o não muito inteligente segundo violino.

- É um segredo profissional - foi a minha vez de responder laconicamente.

Olhei o homem de alto a baixo. O segundo violino tinha ombros largos, cabelo louro, um bigode aparado, grandes sobrancelhas em arco, uma boca diminuta que se dobrava num sorriso geometricamente aceitável e um temperamento excitável. O seu bigode vulgar e o nariz gordo contorciam-se, de tensão, sempre que era a minha vez de falar.

Atrás de nós, fazendo parte de um incompreensível e quase inaudível grupo de turistas galeses, estava sentado um homem corcunda e barbudo, que usava luvas de pele e um boné, conhecido por ser um melómano (era isso o que a senhora gorda com um enorme sinal no queixo estava a dizer a todos, num tom de segredo).

- O senhor é um enigma. - O meu misterioso interlocutor anónimo mudou a posição das suas pernas esguias, meteu a mão direita no bolso das calças deixando que as abas do casaco, ao abrirem-se, revelassem a corrente de relógio que lhe atravessava o colete e disse, num tom casual: - Ora bem - e, olhando de soslaio para os dedos agitados do seu companheiro, começou a falar num tom calmo, mas firme.

- Porque é que nos segue? Não trabalha para nenhum jornal célebre. Escreve artigos que causam desconforto aos nossos membros. Vários congressistas americanos e deputados canadianos foram obrigados a cancelar a sua presença na nossa reunião anual, quando o senhor os referiu como convidados.

- Não pode vencer - sussurrou o segundo violino.

- O Clube Bilderberg, Sr. Estulin, é um fórum privado onde alguns membros influentes da comunidade empresarial levam a cabo discussões amigáveis, longe do olhar dos meios de comunicação social. São convidados políticos para partilharem as suas experiências pessoais e profissionais com o grupo. Tudo isto é feito na esperança de que este tipo de fóruns consiga transpor o fosso que separa as grandes apostas políticas das mais importantes necessidades dos povos do mundo. Não tentamos, de forma alguma, influenciar as políticas ou a tomada de decisões dos políticos.

- Tretas!!! - retruquei. Sentia os músculos do meu pescoço a inchar e os meus dedos esticados ficarem tensos. O primeiro violino emitiu um leve grunhido. - Calculo que Kennedy tenha sido assassinado por extraterrestres, que Nixon tenha sido expulso do cargo pela sua avó e que a culpa da crise petrolífera de 1973 seja do Winnie-the-Pooh. Se não tivéssemos agido, o Canadá faria, neste momento, parte dos Grandes Estados Unidos. Porque é que vocês mataram Aldo Moro?

- Sabe que não lhe podemos dizer nada, Sr. Estulin. Não vim aqui para discutir consigo.

Numa mesa redonda junto à janela, estava sentado um velho flácido, calvo e míope, com um fato cinzento demasiado grande e uns enormes óculos de massa, cujo rosto rosado ostentava a sombra permanente de um barba preta que fora deixada crescer durante muito tempo, e um bigode grisalho, mal aparado. Pediu um rum, encheu o cachimbo e ficou a olhar, absorto, para o jogo.

Às onze e quarenta e cinco em ponto, esvaziou o cachimbo, meteu-o no bolso das calças, pagou o rum e saiu, em silêncio.

- Seria pedir demasiado que esta conversa ficasse entre nós? - Não costumo falar confidencialmente, sobretudo quando se trata de Bilderberg. - Dei comigo a divertir-me com a confrontação, esperando obrigar o primeiro violino a perder a calma.

O primeiro violino continuou a falar, durante alguns minutos, sobre as virtudes das parcerias, da colaboração entre as nações, das crianças que morriam de fome em África e outros problemas bicudos.

Tentei concentrar-me no que dizia, mas em breve dei comigo a observar o rosto do segundo violino que, ou sorria, ou passava a língua pelo bigode.

Quando os sons do primeiro violino se tornaram uma toada insistente, voltei à realidade.

- Podemos fazer com que as coisas sejam compensadoras para si, Sr. Estulin. Quais as condições que pretende impor?

Por entre as árvores, via-se a lua cheia. Os candeeiros cintilavam. À distância, ouviam-se os sons abafados dos restaurantes apinhados e os latidos dos cães. Ficámos os três em silêncio durante vários minutos.

Apercebia-me de que o segundo violino se sentia pouco à vontade por permanecer em silêncio, sentado desconfortavelmente na beira de um banco de bar. Sem dúvida que estava a tentar inventar uma pergunta inteligente ou uma observação profunda.

O primeiro violino pegou num cigarro, acariciando-o, mordendo o lábio inferior e pensando em alguma coisa. Os seus olhos não estavam fixos no cigarro mas perdidos na distância.

- Como condição para o meu silêncio, desejaria que todas as futuras reuniões de Bilderberg fossem anunciadas publicamente e que fosse garantido acesso livre e sem restrições a todos os jornalistas que nelas desejassem participar. Todas as conferências serão públicas e a lista dos participantes será comunicada antecipadamente. Nada de CIA, armas, cães, segurança privada e, acima de tudo, NADA DE SECRETISMO!

-Sabe que não podemos fazer isso, Sr. Estulin. Estão em jogo demasiadas coisas e o jogo já vai muito avançado.

-Nesse caso, meu caro senhor - respondi -, vão ter de me aturar até o árbitro apitar o [mal do jogo. Do salão, veio uma sucessão rápida de notas de piano, conversas em voz alta, risos e exclamações de crianças. (j reflexo do primeiro violino no espelho do salão mostrou-me os botões de veludo de um colete reflectido.

- Boa noite, Sr. Estulin. - O primeiro violino não perdeu, nem por um momento, a sua cortesia. Na verdade, a sua delicadeza era notável.

Deve ter sido por isso que o enviaram, pensei. Talvez, em circunstâncias diferentes, pudéssemos até ter ficado amigos.

O segundo violino, na atitude cómica habitual de relaxar, inspirou e expirou rapidamente. Tirou o chapéu e, segurando-o com as duas mãos à frente do corpo, foi-se embora acertando o passo com o chefe.

As outras pessoas que se encontravam no átrio do hotel eram duas mulheres com rostos sonolentos e cansados e um caixeiro-viajante com uma barba tingida que envergava um colete de veludo preto sobre uma camisa branca, com monograma, já muito usada.

«Que estranho os joelhos dele estarem a tremer», pensei. Com efeito, fora uma experiência perturbante. Só então é que me apercebi de tudo o que estava em jogo. Que não se tratara de uma mera conversa entre o emissário deles e eu. Os dois homens atravessaram a praça e desapareceram na escuridão. Que sentimento terrível de ansiedade. Ficara tão determinado e invulnerável como antes. E, apesar de tudo, sabia que, a partir de então, a minha vida estaria permanentemente em perigo.

* * *

Imaginem um clube onde presidentes, primeiros-ministros e banqueiros internacionais convivem e onde a realza presente garante que todos se entendem, onde as pessoas que controlam as guerras, os mercados e a Europa dizem o que nunca ousam dizer em público.

Estes capítulos foram escritos com a intenção de demonstrar de que modo sociedades secretas ligadas por meio de uma liderança encadeada estão a planejar subjugar a soberania de nações livres ao domínio do direito internacional exercido pelas Nações Unidas e controlado pelo mais secreto de todos os grupos - os bilderbergers. A razão pela qual ninguém está disposto a quebrar o silêncio que o envolve ou a fazer-lhe frente é, nas palavras do correspondente francês na ONU, Thierry de Segonzac, vice-presidente da Federação da Indústria do Cinema, dos Meios Audiovisuais e Multimédia, simples: «Os bilderbergers são demasiado poderosos e onnipresentes para serem desmascarados.»

Se tiver de haver uma mudança de regime a nível mundial - quer no que se refere à sustentabilidade do Estado social ou à necessidade de agir sobre fluxos de capital desestabilizantes - só ocorrerá se reuniões como esta aceitarem que esses problemas façam parte da ordem do dia e tiverem apoiantes poderosos¹. Segundo Denis Healey, antigo ministro da Defesa do Reino Unido, «os acontecimentos mundiais não surgem por acidente: faz-se com que aconteçam e, quer se relacionem com questões nacionais ou com comércio, grande parte é controlada por aqueles que detêm os cordões da bolsa».

Os membros do Clube Bilderberg decidem quando devem começar as guerras. (Lembre-se, caro leitor, de que os bilderbergers ganham dinheiro com as guerras, sejam elas grandes ou pequenas. Não fazem discriminação.) Quanto tempo deverão durar (Nixon e Ford foram afastados do cargo por porem termo à Guerra do Vietname cedo de mais. O calendário inicial dos bilderbergers previa que o fim das hostilidades no Vietname viesse a ocorrer em 1978), quando deverão terminar e quem deverá participar. As alterações de fronteiras na sequência de uma guerra são acordadas, bem como quem irá emprestar dinheiro para apoiar o esforço de guerra e, depois, reconstruir os países envolvidos². Os bilderbergers «são donos» dos bancos centrais e, por isso, estão em posição de determinar taxas de desconto, níveis de massa monetária, as taxas de juro, o preço do ouro e quais os países que deverão receber empréstimos. Manipulando a

subida e descida das taxas de câmbio, os bilderbergers geram milhares de milhões de dólares para si próprios. Ideologia de dinheiro e ânsia de poder!

Desde 1954 que os bilderbergers representam o elitismo e a riqueza absoluta de todas as nações ocidentais - financeiros, industriais, banqueiros, políticos, líderes empresariais de empresas multinacionais, presidentes, primeiros-ministros, ministros das Finanças, secretários de Estado, representantes do Banco Mundial e do FMI, presidentes de conglomerados mundiais de meios de comunicação social e líderes militares - um governo-sombra a nível mundial que se reuniu secretamente para discutir uma estratégia mundial e chegar a consenso relativamente a uma ampla gama de questões. Todos os presidentes norte-americanos desde Ike Eisenhower pertenceram ao clube. E o mesmo acontece com Tony Blair, bem como a maior parte dos principais membros do Governo britânico, Lionel Jospin, Romano Prodi, antigo presidente da Comissão Europeia; Mario Monti; Pascal Lamy, antigo comissário para o Comércio pertence ao grupo, o mesmo acontecendo com José Manuel Durão Barroso, recém-eleito presidente da Comissão Europeia, Alan Greenspan, presidente da Reserva Federal, Hillary Clinton, John Kerry, a ministra dos Negócios Estrangeiros sueca assassinada, Anna Lindh, Melinda e Bill Gates, Henry Kissinger, a dinastia Roilischild, Jean-Claude Trichet, o homem forte do Banco Central Europeu; James Wolfenson, presidente do Banco Mundial; Javier Solana, secretário-geral do Conselho da Comunidade Europeia; George Soros e todas as famílias reais da Europa.

E o mesmo acontece com as pessoas que controlam o que vemos e lemos - os barões dos meios de comunicação social, como David Rockefeller, Conrad Black, o ex-proprietário, agora caído em desgraça, de mais de 440 publicações em todo o mundo, desde o *Jerusalem Post* ao principal diário canadiano, *The National Post*, Edgar Bronfman, Rupert Murdoch e Summer Redstone, CEO da Viacom, um conglomerado internacional de meios de comunicação social que abrange praticamente todos os segmentos importantes da indústria dos média. É por isso que talvez nunca tenha ouvido falar de Bilderberg.

Para onde quer que se olhe - governo, grandes empresas e qualquer outra instituição que procure exercer o poder - a chave é o secretismo. Reuniões como as da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE), do G-8, da Organização Mundial de Comércio, do Fórum Económico Mundial, dos Bancos Centrais, do Conselho de Ministros da União Europeia e da Comissão da UE, cimeiras da UE, conselhos de ministros, de inúmeros grupos de reflexão, etc., são sempre realizadas à porta fechada. A única razão possível para tal é não quererem que o leitor e eu saibamos o que estão a fazer realmente. A velha desculpa para manter as coisas em segredo - «não serve o interesse público» - significa realmente que os poderes estabelecidos não têm interesse em que o público saiba. Todavia, existe, além disso, uma rede de fóruns e encontros privados que se realizam em que o princípio do secretismo se estende a esses mesmos fóruns e encontros - de um modo geral, não sabemos sequer que estão a acontecer, quanto mais o que está a ser planeado e discutido³.

«Há o Fórum Económico Mundial, em Davos, em Fevereiro, as reuniões de Bilderberg e do G-8, em Abril/Maio, e a conferência anual do FMI/Banco Mundial, em Setembro. Surge uma espécie de consenso mundial que é levado de uma reunião para a seguinte. Mas não existe ninguém que verdadeiramente o lidere. Este consenso torna-se o pano de fundo dos comunicados económicos do G-8; passa a ser o que guia o FMI quando este impõe um programa de austeridade à

Argentina; e transforma-se no que o presidente dos Estados Unidos propõe ao Congresso⁴.»

Em 2004, o grupo estava a comemorar o seu 50º aniversário, dado que fora constituído em 1954, no Bilderberg Hotel (razão pela qual é chamado Clube Bilderberg, por aí ter realizado a primeira reunião, entre 29 e 31 de Maio), em Oosterbeek, Holanda, por iniciativa do príncipe Bernhard desse país. Segundo o projecto de documento de Bilderberg de 1989: «Essa reunião pioneira surgiu da preocupação expressa por muitos cidadãos importantes de ambos os lados do Atlântico de que a Europa Ocidental e a América do Norte não estavam a trabalhar tão estreitamente como deveriam em questões de importância fundamental. Pensou-se que discussões regulares, longe dos meios de comunicação social, ajudariam a criar uma maior compreensão das forças complexas e das principais tendências que afectavam as nações ocidentais, no difícil período do pós-guerra.»

De acordo com o fundador, o príncipe Bernhard da Holanda, cada participante nas reuniões de Bilderberg «é despojado magicamente do seu cargo» ao entrar, tornando-se «Um simples cidadão do seu país durante todo o período da conferência».

Por outro lado, um dos membros mais importantes do Clube Bilderberg foi Joseph Rettinger, um sacerdote jesuíta e *maçon* de grau 33. Dele se diz que foi o autêntico fundador e organizador do clube. Por estranho que pareça, muito poucos serviços secretos ouviram falar do Clube Bilderberg até há bem pouco tempo.

Lorde Rothschild e Laurance Rockefeller, membros fundamentais das duas famílias mais poderosas do mundo, escolheram pessoalmente 100 membros da elite mundial, com o fim secreto de regionalizar a Europa, segundo Giovanni Agnelli, o já falecido presidente da Fiat, que afirmou: «A integração europeia é o nosso objectivo e nós, industriais. esperamos ser bem-sucedidos onde os políticos falharam.»

«Aqui não se faz política; são apenas conversas, algumas delas banais e cheias de lugares-comuns», disse o director do *Observer* londrino, Will Hutton, que participou na reunião de Bilderberg de 1997. «Mas o consenso atingido é o pano de fundo da elaboração de políticas em todo o mundo.»

O fundador. de Bilderberg, o príncipe Bernhard da Holanda, pai da rainha Beatriz e amigo e parceiro próximo do príncipe Filipe da Grã-Bretanha, acrescenta que «quando estes representantes da classe dirigente ocidental deixam uma reunião de Bilderberg, levam consigo o consenso do grupo. Os enérgicos debates de Bilderberg destinam-se a construir unidade mediante a resolução de diferendos e, por isso, têm indubitavelmente uma influência significativa nos que neles participam». O que parece acontecer, «quase por acidente», é que o consenso atingido nas diferentes áreas de análise na reunião anual de Bilderberg é, a partir desse momento, promovido entusiasticamente pelos interesses políticos e comerciais onnipresentes através da imprensa de referência e, ao mesmo tempo, toma-se política comum na persecução de interesses internacionais de orientações aparentemente diferentes.

A LISTA DE CONVIDADOS

Ninguém pode comprar a entrada numa reunião de Bilderberg, embora muitas empresas tenham tentados. O comité de direcção decide quem convidar - aqueles a quem o *Guardian* de Londres chama, acertadamente, uma «pessoa de Bilderberg», um conceito que não sofreu alteração em 50 anos de reuniões secretas - um socialista fabiano* e um entusiasta da Nova Ordem Mundial.

Segundo uma fonte pertencente ao comité de direcção, «os convidados têm de vir sozinhos; sem esposas, namoradas, maridos ou namorados. Os 'assistentes pessoais' (guarda-costas armados até aos dentes, geralmente antigos agentes da CIA, do MI6 e da Mossad), não podem participar na conferência e têm de comer numa sala separada. Nem mesmo o 'assistente pessoal' de David Rockefeller pode fazer-lhe companhia ao almoço. Os convidados são explicitamente proibidos de conceder entrevistas a jornalistas».

Para manterem a sua aura de hermetismo, os bilderbergers reservam um hotel para todo o período da conferência, que costuma variar entre 3 e 4 dias, sendo todo o edifício esvaziado de todos os outros hóspedes pela CIA e a Mossad israelita, para garantir a total privacidade e segurança dos delegados. É proibida a divulgação de qualquer desenho da distribuição dentro do hotel, o pessoal é investigado exaustivamente, a sua lealdade é controlada, os seus antecedentes são verificados, bem como as suas filiações políticas e quaisquer suspeitos são afastados durante esse período.

«Policias com equipamento de combate e cães vistoriam todos os veículos de entregas, por dentro e por fora, por cima e por baixo, e depois escoltam-nos até à entrada dos fornecedores. Agentes armados patrulham os bosques das redondezas e homens carrancudos com auscultadores dos serviços de segurança guardam as entradas. Quem quer que se aproxime do hotel e que não esteja relacionado com o controlo do planeta é obrigado a afastar-se⁶.»

O governo nacional anfitrião torna a seu cargo todas as questões de segurança dos participantes e seus acompanhantes. Paga também os custos da protecção militar, da presença dos serviços secretos, da policia nacional e local, bem como toda a segurança privada adicional destinada a proteger a intimidade e privacidade da toda-poderosa elite mundial. Não é exigido aos participantes que cumpram as leis e regulamentos do país anfitrião, tais como controlos alfandegários, utilização de documentos de identidade adequados, como passaportes, que não são exigidos nas visitas de Bilderberg. Quando se reúnem, ninguém que não conste da lista de participantes pode aproximar-se do hotel. A elite traz os seus próprios chefes de cozinha, cozinheiros, criados, secretários, telefonistas, copeiros, pessoal de limpeza e de segurança.

* O socialismo Fabiano é um movimento de socialismo utópico de recorte elitista que toma o nome de Fábio, o general romano que defrontou Aníbal e que o conteve sem lutar contra ele, à espera de que chegasse o momento oportuno. Os socialistas fabianos propunham a expansão das ideias através de uma paciente e progressiva instilação da ideologia socialista entre os círculos intelectuais e de poder.

A conferência de 2004, por exemplo, realizou-se no Grand Hotel des Iles Borromées, em Stresa, com «174 magníficos quartos que recriam fielmente a era da *Belle Époque*, 'estilo Império ou Maggiolini, belos cortinados, tecidos de cores quentes e ricas e candelabros de Murano que aumentam a autenticidade. A maior parte dos quartos virados para o lago dispõe de uma varanda própria, e todos os quartos de banho têm o chão revestido a mármore italiano e uma banheira. As suítes são magníficas, repletas de obras de arte, tectos trabalhados, estátuas, grandes banheiras de hidromassagem e duches separados nas suítes imperiais.»?

Os quartos são pagos pela organização - o Clube Bilderberg. Têm o preço modesto de 1200 euros por quarto. O mesmo acontece com as refeições preparadas por um chefe de cozinha com três estrelas no *Guia Michelin*. Um dos critérios de escolha do hotel é a disponibilidade dos melhores e mais célebres chefes de cozinha. O outro é o tamanho da localidade (sempre uma pequena cidade, longe dos holofotes de uma grande cidade e dos curiosos). As pequenas cidades têm a vantagem acrescida de permitir que os «assistentes pessoais» com grandes armas apareçam à frente de toda a gente sem que se façam perguntas. As contas de telefone, serviço de quartos e lavandaria são pagas pelos participantes. Foi-me dito por um membro do pessoal do Trianon Palace, em Versalhes, em 2003, que a conta telefónica de David Rockefeller atingiu os 14 000 euros em três dias. Segundo fontes que participaram também em reuniões de Bilderberg, não seria exagerado afirmar que os quatro dias de «festival globalista» custam 10 milhões de euros, que é mais do que custaria proteger o presidente dos Estados Unidos ou o Papa numa das suas muitas viagens internacionais. É claro que nem o presidente nem o Papa são tão importantes como o Governo-Sombra Secreto que dirige o planeta. Há quatro sessões diárias - duas de manhã e duas de tarde, excepto aos sábados, em que há apenas uma sessão à noite. Na manhã de sábado, entre o meio-dia e as três da tarde, os bilderbergers jogam golfe, nadam, acompanhados pelos seus «assistentes pessoais», participam num cruzeiro ou num passeio de helicóptero.

A disposição dos lugares é segundo uma ordem alfabética rotativa. Num ano, Umberto Agnelli, o já falecido presidente da Fiat, sentou-se à frente. No ano seguinte, Klaus Zumwinkel, presidente da Deutsche Post Worldnet e da Deutsche Telekom, tomou o seu lugar. Os Estados Unidos têm o maior número de participantes em virtude do seu tamanho.

Cada país envia uma delegação de, geralmente, três pessoas, um dirigente industrial QU empresarial, um ministro importante ou um senador e um intelectual ou director do principal jornal. Países mais pequenos, como a Grécia ou a Dinamarca, têm direito, no máximo, a dois lugares.

As conferências contam geralmente com um máximo de 130 delegados. Dois terços dos participantes provêm da Europa e os restantes vêm dos Estados Unidos e Canadá. Os globalistas mexicanos pertencem a uma organização irmã menos poderosa, a Comissão Trilateral. Um terço dos delegados provém do governo e da política e os restantes dois terços da indústria, da finança, do ensino, do mundo laboral e das comunicações. A maior parte dos delegados é fluente em inglês, sendo o francês a segunda língua preferida.

A REGRA DE CHATHAM HOUSE

O Royal Institute of International Affairs, fundado em 1919 na sequência da Conferência de Paz de Paris, realizada em Versa- lhes, está sediado em Chatham House, em Londres. O nome «Chatham House» é, hoje em dia, usado comumente para referir o próprio instituto. O Royal Institute of International Affairs é o braço executivo da política internacional da monarquia britânica.

«Quando uma reunião, ou parte dela, é realizada segundo a Regra de Chatham House, os participantes podem utilizar a infor- mação recebida, mas nem a identidade ou filiação do(s) orador(es), nem as de qualquer outro participante, poderão ser reveladas; nem poderá ser referido que a informação foi recebida numa reunião do instituto.» Os globalistas não querem que saibamos o que planeiam fazer-nos, nem querem que saibamos quem são.

«Permite que as pessoas falem a título individual e expressem pontos de vista que podem não ser os das suas organizações e, portanto, incentiva a discussão livre. Geralmente, as pessoas sentem-se mais distendidas se não tiverem de se preocupar com a sua reputação ou com as implicações, se forem citadas publicamente.»

Em 2002, a aplicação da regra foi esclarecida e a sua formulação foi reforçada: «As reuniões de Chatham House podem ser realizadas 'publicamente' ou segundo a Regra de Chatham House. Neste último caso, pode ser acordado com o(s) orador(es) que uma determinada reunião, ou parte dela, deve ser estritamente privada e, portanto, submetida à Regra de Chatham House. A Regra de Chatham House garante o anonimato dos que falam entre as suas paredes para que sejam atingidas melhores relações internacionais. A Chatham House pode tomar medidas disciplinares contra um dos seus membros que infrinja a Regra.» Pode dar consigo sujeito a um «procedimento» bastante desagradável, se decidir revelar o que ViU.

OS PARTICIPANTES

Os participantes afirmam que estão presentes na reunião mundial como cidadãos e não na sua qualidade de governantes - embora essa afirmação seja bastante dúbia: nos Estados Unidos (Lei Logan) é totalmente ilegal que funcionários eleitos se encontrem em privado com multimilionários para debater e elaborar políticas públicas.

A Lei Logan destinava-se a proibir que cidadãos norte-ameri- canos sem poderes governativos interferissem nas relações entre os Estados Unidos e governos estrangeiros. Parece que ninguém foi processado ao abrigo desta lei em quase 200 anos de história. No entanto, tem havido inúmeras referências judiciais à lei e não é invulgar ser utilizada como arma política. Mas isto não significa que os cidadãos possam fazer tudo o que querem quando visitam países estrangeiros ou interagem com eles. Não podem exportar ou vender armas ilegalmente, a não ser, é claro, que pertençam a um supersecreto Clube Bilderberg, caso em que não

só podem beneficiar de vendas ilegais de armas e drogas e influenciar o tráfico, como são incentivados a interferir nas questões internas de Estados independentes.

Entre aqueles que estiveram presentes nas suas reuniões, contam-se: Allen Dulles (CIA), senador William J. Fulbright (do Arkansas, um Académico de Rhodes), Dean Acheson (secretário de Estado na administração Truman), Henry A. Kissinger (presidente, Kissinger Associates), David Rockefeller (Chase Bank, JP Morgan Internacional Council), Nelson Rockefeller, Laurance Rockefeller, Gerald Ford (antigo presidente dos EUA), Henry J. Heinz II (presidente da H. J. Heinz Co.), príncipe Filipe da Grã-Bretanha, Robert S. McNamara (secretário da Defesa do presidente Kennedy e antigo presidente do Banco Mundial), Margaret Thatcher (primeira-ministra do Reino Unido), Valéry Giscard d'Estaing (presidente de França), Harold Wilson (primeiro-ministro do Reino Unido), Edward Heath (primeiro-ministro do Reino Unido), Donald H. Rumsfeld (secretário da Defesa do presidente Ford e de George W. Bush), Helmut Schmidt (chanceler da Alemanha Ocidental), Henry Ford III (líder da Ford Motor Co.), James Rockefeller (presidente, First National City Bank) e Giovanni Agnelli (presidente da Fiat, de Itália) ⁸.

Desde o seu aparecimento, o Clube Bilderberg tem sido administrado por um pequeno núcleo de pessoas, nomeadas, desde 1954, por um comité de sábios, que é formado por um presidente permanente, um presidente americano, um secretário e tesoureiro europeu e americano. Os convites anuais só são enviados a «personalidades importantes e respeitadas que, através dos seus conhecimentos especiais, contactos pessoais e influência em círculos nacionais e internacionais, possam ampliar os objectivos e recursos do Clube Bilderberg».

As reuniões são sempre abertas e nem sempre consensuais. Durante os últimos três anos, os franceses, britânicos e americanos chegaram quase a vias de facto em relação ao Iraque. Há dois anos, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Dominique de Villepin, disse abertamente a Henry Kissinger que se «os Americanos tivessem ao menos dito a verdade acerca do Iraque, que as verdadeiras razões para a invasão se relacionavam com o controlo de petróleo e gás natural gratuitos, os Franceses «talvez não tivessem vetado as suas resoluções 'idiotas' nas Nações Unidas». «Vocês têm um presidente idiota», acrescentou (citação exacta transcrita por três pessoas presentes na conferência e confirmada independentemente). «Isso não significa que o resto do mundo seja estúpido.» Kissinger deu, soturnamente, meia-volta e saiu. Em Turnbury, na Escócia, Tony Blair, o primeiro-ministro, foi tratado como um aluno malcomportado em frente aos outros participantes quando lhe censuraram (num tom muito hostil) não estar a fazer o suficiente para trazer a Grã-Bretanha para a moeda única. Segundo as fontes de Jim Tucker (Tucker é um jornalista que adquiriu um estatuto internacional lendário entre os jornalistas honestos, por ser o homem que anda a perseguir os bilderbergers há mais de 30 anos), «Blair garantiu ao Clube Bilderberg que a Grã-Bretanha aderiria, mas tinha de resolver 'problemas políticos', porque 'há um ressurgir do nacionalismo, a nível interno'». (publicado em *Spotlight*, 29 de Maio de 1998)

«O senhor é uma Maggie Thatcher de calças», disse um alemão a Blair. Tratava-se de um lembrete rude de que Lady Thatcher fora apeada de chefe do governo pelo seu próprio Partido Conservador, por ordens de Bilderberg, e substituída por John Major, uma personalidade mais manipulável.

Alguns dos membros da elite ocidental assistem à reunião de Bilderberg «para embelezar e reforçar um consenso virtual, uma ilusão de que a globalização, definida segundo os seus termos - o que é bom para a banca e para as grandes empresas é bom para todos os outros - é inevitável e para o maior bem da humanidade», segundo John Williams⁹.

BILDERBERG, DE PERTO E PESSOAL

Otto Wolff von Amerongen, o presidente e CEO da Otto Wolff GmbH, da Alemanha, e um dos membros fundadores de Bilderberg, explicou que a reunião era estruturada com introduções breves a um determinado tópico e, em seguida, uma discussão geral. Wolff von Amerongen, um homem a quem é atribuída a revitalização dos laços comerciais entre a Alemanha e o antigo bloco soviético, funcionou como embaixador informal da Alemanha na Rússia. O passado deste homem «amável» liga-o ao roubo, pela Alemanha nazi, dos bens dos judeus, durante a Segunda Guerra Mundial. Werner Ruegemer, que co-realizou, em 2001, um documentário televisivo sobre a empresa familiar de Wolff, disse que este foi espião nazi em Portugal, implicado na venda do ouro pilhado aos bancos centrais das nações europeias que Hitler vencera e de acções que haviam sido roubadas aos judeus. Wolff forneceu também tungsténio, um metal crucial para os armamentos utilizado para endurecer o aço das espingardas e peças de artilharia, afirmou Ruegemer. Nessa altura, Portugal era o único país que exportava tungsténio para a Alemanha.

Dois delegados que preferiram permanecer anónimos, mas que se pensa serem britânicos, explicaram que há um grupo de trabalho formado por um moderador e duas ou três pessoas. Seis «grupos de trabalho», cada um com três membros, orientam as conversas. Após um discurso introdutório de cerca de dez minutos, os restantes participantes escolhem - quando querem participar na conversa - se pretendem falar durante um, três ou cinco minutos - erguendo um, três ou cinco dedos. Os que vão falar durante um minuto são os primeiros a usar a palavra. Cada um tem cinco minutos para falar sobre o tema em questão e depois há «perguntas de análise, que têm uma duração de 5, 3 ou 2 minutos». Não há documentos introdutórios, e não há actas, embora seja exigido aos delegados que preparem antecipadamente as suas intervenções. A lista inicial de participantes «propostos» é posta a circular logo em Janeiro, sendo a selecção final realizada em Março. Para evitar infiltrações, o Comité de Direcção de Bilderberg marca a data da reunião com quatro meses de antecedência, mas o nome do hotel só é anunciado uma semana antes. Na cerimónia de abertura da reunião, o presidente lembra as regras de procedimento de Bilderberg e, em seguida, passa para o primeiro ponto da ordem de trabalhos. Bilderberg marca todo o material que distribuiu aos seus membros com «pessoal e estritamente confidencial, e não para publicação».

RECRUTADO PELOS BILDERBERGERS

É importante fazer uma distinção entre os membros activos, que estão presentes todos os anos, e os outros que só são convidados ocasionalmente. Cerca de 80 pessoas são membros regulares que estiveram presentes ao longo de muitos anos. As personalidades marginais, que são convidadas para fazerem comunicações sobre temas relacionados com a sua esfera de influência e conhecimentos profissionais e académicos, não fazem a menor ideia de que existe uma estrutura formal de grupo por detrás do Clube Bilderberg, para já não falar na total ignorância quanto às metas mais amplas e objectivos universais do Clube. Um pequeno grupo de individualidades escolhidas é convidado porque os bilderbergers pensam que podem ser ferramentas úteis no seu plano globalista e são ajudadas a vencer eleições para cargos com poder. Entre eles, Esperanza Aguirre. Caso contrário, estes convidados de uma única vez são postos de lado. (Jordi Pujol, Bilderberg, La Toja, Galiza, Espanha.)

O exemplo mais espectacular de «recruta útil» foi o obscuro governador do Arkansas, Bill Clinton, que assistiu à sua primeira reunião de Bilderberg em Baden-Baden, na Alemanha, em 1991. Aí, foi-lhe dito, por David Rockefeller, o que era a NAFTA e que ele, Clinton, *iria* apoiá-la. No ano seguinte, foi eleito presidente.

Vejamos a lista de importantes progressões de carreira em nomeações democráticas:

- 1) Bill Clinton: participa na reunião de Bilderberg, em 1991- vence a nomeação do Partido Democrata. Eleito presidente em 1992.
- 2) Tony Blair: participa na reunião de Bilderberg de 1992 - toma-se líder do partido em Julho de 1994 - toma-se primeiro-ministro em Maio de 1997.
- 3) Romano Prodi: participa na reunião de Bilderberg em 1999 - presta juramento como presidente da Comissão Europeia em Setembro de 1999.
- 4) George Robertson - NATO: participa na reunião de Bilderberg em 1998 - torna-se secretário-geral da NATO em Agosto de 1999.

FRANÇOIS MITTERRAND

A 10 de Dezembro de 1980, François Mitterrand, um homem que fora posto de lado na vida política francesa, foi ressuscitado oficialmente por ordem do Comité dos 300, o irmão mais velho de Bilderberg. Segundo a fonte de informações de John Coleman (autor de *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, America West Publishers, 1992), «Mitterrand estava a ser erguido do chão, espanjado e devolvido ao poder). Cito o discurso que marcou o seu regresso à cena política:

«O desenvolvimento industrial capitalista é o oposto da liberdade. Temos de lhe pôr fim. Os sistemas económicos dos séculos xx e XXI usarão máquinas para

esmagar o homem, primeiro no domínio da energia nuclear que já está a produzir resultados formidáveis.»

As reflexões de Coleman fazem-nos estremecer. «O regresso de Mitterrand ao Palácio do Eliseu foi um grande triunfo para o socialismo. Provou que o Comité dos 300 era suficientemente poderoso para prever acontecimentos e, em seguida, torná-los realidade, pela força, ou por quaisquer outros meios necessários para provar que podia esmagar toda e qualquer oposição, mesmo que, como no caso de Mitterrand, ele tivesse sido rejeitado totalmente, poucos dias antes, por um grupo político de Paris», ou seja, a Frente Nacional de Le Pen e um grande segmento do seu próprio partido socialista.

O GOVERNO TURCO CAIU: BILDERBERG 1996

Dois dias depois de dois participantes turcos - Gazi Ercel, governador do Banco Central da Turquia, e Erne Gonensay, ministro dos Negócios Estrangeiros turco - terem regressado ao seu país de uma reunião de Bilderberg, em Toronto, 1996, o Governo turco caiu.

Numa jogada imprevista, Mesut Yilmaz, o primeiro-ministro turco, demitiu-se abruptamente, dissolvendo o governo de coligação formado pelo Partido do Bom Caminho, liderado pela antiga primeira-ministra conservadora Tansu Çiller, e o seu Partido da Pátria, centrista.

Essa demissão deixou o caminho aberto a Necmettin Erbakan, líder do Partido do Bem-Estar, para formar o próximo governo turco. O Partido do Bem-Estar é substancialmente pró-islâmico.

BILDERBERG 2004, STRESA, ITALIA

Segundo uma fonte bem informada presente na reunião, a «jogada portuguesa» de 2004, isto é, a promoção em bloco dos bilderbergers portugueses foi ensaiada em Stresa.

ACONTECIMENTOS EM PORTUGAL, APÓS BILDERBERG

. Pedro Santana Lopes, o pouco conhecido presidente da Câmara Municipal de Lisboa, foi nomeado primeiro-ministro pelo Presidente da República.

. José Manuel Durão Barroso, anterior primeiro-ministro, é agora presidente da Comissão Europeia.

. José Sócrates, deputado, foi eleito líder do Partido Socialista depois de Eduardo Ferro Rodrigues se demitir numa crise social/política. (Fontes próximas da investigação confirmam que a crise foi encenada, nos bastidores, pelos bilderbergers.)

Um outro exemplo de como o Clube Bilderberg tem influência na política americana surgiu em Julho, quando o candidato democrata à presidência, John Kerry, escolheu o antigo rival, John Edwards, que estava a participar na sua primeira reunião de Bilderberg, para seu companheiro de candidatura. Diversas fontes cujos nomes não posso revelar porque poria em perigo as suas vidas confirmaram independentemente que, depois de ter ouvido John Edwards falar sobre a NAFTA, no segundo dia da conferência, Henry Kissinger telefonou a John Kerry, com o seguinte comentário: «John, fala o Henry; encontrámos o teu vice-presidente.» Uma série notável de coincidências.

OS LÍDERES DA NATO CONTROLADOS POR BILDERBERG

Para compreendermos quem controla a liderança da NATO, a maior operação militar do mundo e, presentemente, o «Exército Mundial», basta olharmos para a ligação entre os secretários-gerais da NATO e o Clube Bilderberg: Joseph Luns (1971-1984), Lorde Carrington (1984-1988), Manfred Wörner (88-94), Willy Claes (1994-1995), Javier Solana (1995-1999), Lorde Robertson (1999-2004), Jaap G. de Hoop Scheffer (2004-). (Comentário à margem: a NATO foi criada pelo Tavistock Institute quando o governo-sombra mundial decidiu que um superórgão iria controlar os assuntos europeus. Em compensação, foi o Royal Institute for International Affairs (RIIA), que só é responsável perante a rainha de Inglaterra, que criou Tavistock.) O Royal Institute of International Affairs controla a política externa britânica e é o braço executivo, no âmbito da política externa, da monarquia britânica. Assim, torna-se muito mais fácil promover a política de Bilderberg no golfo Pérsico, Iraque, Sérvia, Bósnia, Kosovo, Síria, Coreia do Norte, Afeganistão, etc.

Tanto Donald Rumsfeld como o general Peter Sutherland, da Irlanda, são bilderbergers activos. Sutherland é um corpulento antigo comissário da União Europeia e presidente da Goldman Sachs e da BP. Rumsfeld e Sutherland ganharam algum dinheiro em 2000, quando pertenceram ambos ao conselho de administração da empresa de energia suíça ABB. A sua aliança secreta chegou ao conhecimento do público quando foi revelado que a ABB vendeu dois reactores nucleares a um membro activo do «eixo do mal», a Coreia do Norte. Escusado será dizer que a British Petroleum não publicita este facto quando a empresa promove as suas iniciativas e afirma «a segurança, em primeiro lugar».

Durante os últimos trinta anos, todos os primeiros-ministros britânicos se sentiram obrigados a assistir à Conferência de Bilderberg. Como anedota para ser contada em recepções elegantes, Bilderberg é uma criação do MI6, sob a direcção do Royal Institute of International Affairs. A ideia foi de Alastair Buchan, membro do conselho do RIIA e da Távola Redonda, filho de Lorde Tweedsmuir, e de Duncan Sandys, um político proeminente e genro de Winston Churchill que também era amigo de Rettinger, um padre jesuíta, e pertencia ao Grau 33 da Maçonaria. O MI6 precisava de um rosto real para proporcionar apoio público e possibilidades de promoção aos bilderbergers e Bernhard da Holanda, conhecido pelas suas inúmeras ligações tanto com a realeza europeia como com os grandes industriais, era o homem ideal para os contactos. A Conferência de Bilderberg de 1957 foi a iniciação do líder do Partido Trabalhista, Dennis Healey nas suas fileiras. Por

«estranho» que pareça, Healey foi nomeado mais tarde chanceler do Tesouro (ministro das Finanças). Tony Blair participou na reunião entre 23 e 25 de Abril de 1993, em Vouliagmeni, na Grécia, quando era ministro do Interior do governo-sombra.

MERETRIZES DO JORNALISMO

«A nossa missão não é darmos às pessoas o que querem, mas sim o que decidimos que devem ter.»

RICHARD SALANT, antigo presidente da CBS News

Um dos segredos mais bem guardados é até que ponto um punhado de gigantescos conglomerados, todos eles pertencentes ao secreto Clube Bilderberg, ao Council on Foreign Relations, à NATO, ao Clube de Roma, à Comissão Trilateral, à Maçonaria, à Skull and Bones, à Távola Redonda, à Milner Society e à Aristode Society dos Jesuítas controlam o fluxo de informação em todo o mundo e determinam o que vemos na televisão, ouvimos na rádio e lemos nos jornais, revistas, livros ou na Internet.

«Assistir à conferência anual de Bilderberg é compreender como os Senhores do Novo Mundo se reúnem em segredo e conspiram com a conivência dos principais meios de comunicação», lamentou-se um dia Jim Tucker, da *American Free Press*, o inimigo número um de Bilderberg e um homem que os tem perseguido por todo o mundo, nos últimos 30 anos.

Bilderberg contou, num ou noutro momento, com representantes de todos os principais jornais norte-americanos e europeus e as grandes cadeias noticiosas estão presentes. Fazem-no com base na promessa de que não noticiarão nada. É assim que Bilderberg mantém um *blackout* noticioso praticamente total, nos Estados Unidos e na Europa.

Se fizermos uma busca superficial nas páginas Web dos principais meios noticiosos mundiais, não encontramos nem uma referência ao grupo importantíssimo que conta entre os seus membros todos os políticos, homens de negócios e financeiros mais importantes, para já não falar em qualquer referência ao início das hostilidades no Iraque, nem sequer por parte da imprensa que assistiu à reunião de Bilderberg de 2002. Uma das mais graves altercações entre membros de Bilderberg ocorreu na reunião anual de 2002, nos Estados Unidos. Os bilderbergers europeus exigiram a presença imediata do secretário da Defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, para ouvirem em primeira mão, da boca do secretário, os planos norte-americanos para a guerra. Rumsfeld, obrigado a alterar drasticamente os seus encontros políticos, apareceu perante os indignados bilderbergers europeus para prometer, em nome do governo Bush, que não ocorreria qualquer ataque contra o Iraque antes de Fevereiro ou Março de 2003. Ora bem, se eu sei disto, embora com excelentes fontes internas que me fornecem informações dia e noite, como é possível que o peixe graúdo do mundo dos meios de comunicação que assistiram à reunião não soubesse algo tão elementar?¹⁰

A *American Free Press*¹¹ (de Jim Tucker) informou os seus leitores, em Junho de 2002, de que, de acordo com as suas fontes dentro do Clube Bilderberg, a guerra do Iraque fora adiada até Março de 2003, numa altura em que a imprensa de todo o mundo se referia ao ataque iminente programado para o Verão ou início do Outono de 2002. (A reunião de Bilderberg de 2002 realizou-se entre 30 de Maio e 2 de Junho. Rumsfeld, o secretário da Defesa de Bush, foi convocado a 30 de Maio e compareceu a 31 de Maio. Os bilderbergers extorquiram-lhe uma promessa de que a administração Bush NÃO INICIARIA A GUERRA antes do ano seguinte. Não será uma notícia suficientemente importante para ser transmitida ao mundo na primeira página dos jornais?) Apesar disso, os maiores jornais, como o *New York Times* e o *Washington Post*, cujos membros constituem a verdadeira fibra do Clube Bilderberg, tinham ordens explícitas para NÃO COBRIR a que teria sido, sem dúvida, a notícia do Verão de 2002.

O correspondente diplomático da *American Free Press* junto da ONU, Christopher Bollen, perguntou a um grupo de jornalistas que aguardava o início de uma conferência de rotina porque é que tudo o que se relaciona com Bilderberg é censurado pelos mais «respeitados» editores dos jornais nacionais. A sua pergunta suscitou o riso irónico na sala de imprensa.

«Os bilderbergers foram retirados da nossa lista de tarefas, há muitos anos, por ordem da administração», disse Anthony Holder, ex-correspondente na ONU do *Economist* (de Londres), o principal semanário económico do mundo. «Mal nos damos conta da existência [dos bilderbergers], e não noticiamos as suas actividades», afirmou William Glasgow, o responsável pela cobertura de tais organizações internacionais na *Business Week*. «Não podemos deixar de ter algumas suspeitas quando as prioridades do futuro da humanidade estão a ser analisadas, por aqueles que realmente têm influência nesse futuro, em total secretismo¹².»

«O envolvimento dos Rockefeller com os meios de comunicação social tem múltiplas implicações. Uma é que os planos do *gang* de Rockefeller em termos de um Governo Mundial monopolista nunca, mas nunca, são discutidos nas máquinas de desinformação de massas. Os média decidem quais irão ser as questões no país. Podem realçar a questão da pobreza ou podem silenciá-la. O mesmo acontece com a explosão demográfica, a poluição, a paz, a *détente*, ou o que quer que seja¹³.»

«Os meios de comunicação social podem pegar num homem como Ralph Nader e fazer dele um herói nacional, instantaneamente. Ou podem pegar num inimigo dos Rockefeller e criar a imagem de que é um cretino, um tonto, um fanático ou um paranóico perigoso.» (*Ibid.*) Ralph Nader, um perpétuo candidato presidencial «independente», «muito admirado pela sua posição anti-sistema», é financiado pela rede Rockefeller na sua tentativa de destruir o sistema de liberdade empresarial. Os principais financiadores de Ralph Nader são a Ford Foundation e a Field Foundation, ambas ligadas ao CFR. Segundo um artigo da *Business Week* republicado no *Congressional Record* de 10 de Março de 1971, «John D. Rockefeller IV é assessor de Nader».

«Com o dinheiro, os Rockefeller adquiriram o controlo dos média. Com os média, a família obteve o controlo da opinião pública. Com o controlo da opinião pública, obteve o controlo da política. E, com o controlo da política, estão a assumir o controlo da nação¹⁴.»

«Estamos gratos ao *Washington Post*, ao *New York Times*, à *Time Magazine* e a outras grandes publicações», disse David Rockefeller, «cujos directores estiveram presentes nas nossas reuniões e respeitaram, durante quase quarenta anos, as suas promessas de discrição.» E, em seguida, explicou: «Ter-nos-ia sido impossível desenvolver o nosso plano para o mundo se, ao longo desses anos, tivéssemos estado sob os holofotes da publicidade. Mas o mundo está muito mais sofisticado e preparado para avançar para um governo mundial. A soberania supranacional de uma elite intelectual e banqueiros mundiais é, certamente, preferível à autodeterminação nacional exercida em séculos passados.»

Entre os convidados contam-se Juan Luis Cebrián do Grupo PRISA (frequente); Arthur Sulzberger, director do *New York Times* e membro do Council on Foreign Relations; Peter Jennings, *pivot* e editor principal do *World News Tonight*, da ABC; Thomas L. Friedman, colunista do *New York Times*, vencedor do Prémio Pulitzer e membro do Council on Foreign Relations e da Comissão Trilateral¹⁵.

O que se discute nas reuniões anuais de Bilderberg é utilizado para gerar notícias nos principais jornais e grupos noticiosos do mundo, concebidas para exortar e pressionar os líderes mundiais a submeterem-se às «necessidades dos Senhores do Universo» bem como a instilar nas mentes do público em geral as opiniões prevalecentes que os bilderbergers decidiram que, no futuro próximo, serão política pública. A incorrectamente chamada «imprensa livre», totalmente à mercê dos bilderbergers, difundiu o combinado no que se refere a propaganda.

O que é mais perturbante é que empresas com cotação na bolsa tentem manter secreta a lista dos convidados de Bilderberg e que a grande imprensa raramente noticiem sequer o acontecimento. A Microsoft, a AT&T, a Bechtel, a Cisco, a Compaq, a Price Water-house Coopers não têm nada a temer da imprensa. Deixemos de lado que a Microsoft e a NBC são co-proprietárias da rede de cabo MSNBC (www.msnbc.com). Com efeito, entre os nomes dos convidados frequentes de Bilderberg podemos encontrar o de Anthony Ridder, da Knight-Rider, Inc., a segunda maior cadeia de jornais norte-americana, que detém publicações como o *Detroit Free Press*, o *Miami Herald* e o *Philadelphia Inquirer*.

Na edição de Agosto/Setembro de 1993, a prestigiosa revista holandesa *Exposure* referiu pormenores inquietantes relacionados com os órgãos de controlo das três maiores e mais prestigiadas cadeias de televisão dos Estados Unidos, a NBC, a CBS e a ABC. Todas as três cadeias de televisão surgiam como emanções da RCA. O que significa que a política social decidida pelo Tavistock parte da ideia de que as massas podem ser manipuladas.

Estas organizações e instituições que, teoricamente, estão em «concorrência» entre si, e fazem parte da «independência» que garante que os Americanos gozam de notícias não tendenciosas, estão estritamente entrosadas e interligadas com inúmeras empresas e bancos, o que torna quase impossível desligá-las. Que aconteceria se o povo dos Estados Unidos soubesse que as três maiores cadeias de televisão norte-americanas estavam sujeitas a lavagem ao cérebro pelo Tavistock Institute for Behavioural Analysis, o mais importante centro de lavagem ao cérebro do mundo, e pelo MI6, a mais sofisticada instituição de informações de todo o mundo, como reagiriam? A investigação da *Exposure* foi obra do investigador da Nova Ordem Mundial, Eustace Mullins.

A NBC é propriedade da General Electric, «Uma das maiores empresas do mundo e que tem uma longa história de actividade anti-sindical. A GE, um

financiador importante do Partido Republicano, tem interesses financeiros substanciais no fabrico de armas, finanças, energia nuclear e muitas outras indústrias. O antigo CEO Jack Welsh foi um dos líderes no processo de fechar fábricas na América e transferi-las para países com salários baixos, como a China e o México»¹⁶.

A NBC é uma subsidiária da RCA, um conglomerado de meios de comunicação social. Do conselho de administração da RCA faz parte Thomson Bradshaw, presidente da Atlantic Richfield, do World Wildlife Fund, do Clube de Roma, do The Aspen Institute for Humanistic Studies e do Council on Foreign Relations.

Bradshaw é também presidente da NBC. A função mais importante da NBC foi o serviço que prestou aos serviços de informações britânicos. (A Direcção da RCA é formada por figuras da elite anglo-americana que pertencem a outras organizações como o CFR, a NATO, o Clube de Roma, a Comissão Trilateral, a Maçonaria, Bilderberg, a Távola Redonda, etc. Importante é um determinado David Samoff que se mudou para Londres na mesma altura em que Sir William Stephenson se mudou para o edifício RCA, em Nova Iorque.) Entre os directores da NBC referidos por Mullins, no artigo da *Exposure*, contavam-se: John Brademas (CFR, CT, Bilderberg), director da Rockefeller Foundation; Peter G. Peterson (CFR), antigo presidente da Kuhn, Loeb & Co. (Rothschild) e ex-secretário do Comércio norte-americano; Robert Cizik, presidente da RCA e da First City Bancorp, que foi identificado num testemunho perante o Congresso como um banco Rothschild; Thomas O. Paine, presidente da Northrup Co. (grande detentora de contratos de defesa) e director do Instituto de Estudos Estratégicos, de Londres; Donald Smiley, director de duas empresas Morgan, a Metropolitan Ufe e a US Steel; Thomson Bradshaw, presidente da RCA, director do Rockefeller Brothers Fund, da Atlantic Richfield Gil e do Aspen Institute of Humanistic Studies (sendo os dois últimos presididos por um bilderberger, Robert O. Anderson). Obviamente que a administração da NBC tem uma considerável influência Rockefeller-Rothschild-Morgan.

A ABC é propriedade da Disney Corp., «que produz brinquedos e produtos em países em desenvolvimento onde proporciona aos seus trabalhadores salários e condições de trabalho vergonhosos»¹⁷. Possui 152 estações de televisão. O Chase Manhattan controla 6,7 % das acções da ABC - o suficiente para lhe permitir o controlo. O Chase, através do seu departamento empresarial, controla 14 % da CBS e 4,5 % da RCA. Em vez de três cadeias de televisão concorrentes chamadas NBC, CBS e ABC, o que temos realmente é a Rockefeller Broadcasting Company, o Rockefeller Broadcasting System e o Rockefeller Broadcasting Consortium.

A CBS é propriedade da Viacom, tem mais de 200 televisões e 255 rádios filiadas em todo o país. Este «enorme conglomerado de meios de comunicação social possui, entre outras entidades, a MTV; a Show Time, a Nickelodeon, a VH1, a TNT, a CMT, 39 emissoras de televisão, 184 estações de rádio, a Paramount Pictures e a Blockbuster Inc»¹⁸. William Paley recebeu formação em técnicas de lavagem ao cérebro de massas no Tavistock Institute, em Londres, antes de lhe ter sido dada a presidência do conselho de administração da CBS.

A expansão financeira da terceira cadeia «independente», a CBS, foi supervisionada, durante muito tempo, pela Brown Brother Harriman e pelo seu principal sócio, Prescott Bush, que era director da CBS. A administração da CBS incluía: William S. Paley (Comité dos 300), o presidente (a quem Prescott Bush

arranjou pessoalmente o dinheiro para comprá-la empresa); Harold Brown (CFR), director executivo da Comissão Trilateral e ex-secretário da Força Aérea e da Defesa dos Estados Unidos; Michel C. Bergerac, presidente da Revlon, e director do Manufacturers Hanover Bank (Roilischild); Newton D. Minow (CFR), director da Rand Corporation e, entre muitas outras, da Ditchley Foundation, que está estreitamente ligada ao Tavistock Institute, de Londres, e ao Clube Bilderberg. O ex-presidente da CBS era o Dr. Frank Stanton (CFR), que também é curador da Rockefeller Foundation e da Carnegie Institution¹⁹. Convém saber que as famílias Rotschild e Rockefeller são as principais famílias por detrás do estritamente controlado domínio das comunicações. Respondem directamente perante os bilderbergers.

Segundo James Tucker, «os bilderbergers estão convencidos de que a opinião pública segue os passos dos indivíduos influentes. Os membros do grupo preferem trabalhar com um número reduzido de pessoas de confiança e não através de grandes campanhas de publicidade».

O Fox News Channel (um dos 5 grandes) é propriedade de Rupert Murdoch, que «detém uma parte significativa») dos meios de comunicação social do mundo. A sua cadeia tem «estreitas ligações») com o Partido Republicano e, entre os seus comentadores “justos e equidistantes”, conta-se Newt Gingrich - antigo líder republicano da Câmara de Representantes.

Todas as cinco cadeias estão estritamente interligadas com Bilderberg, o Council on Foreign Relations e a Comissão Trilateral. Então, como é que pode afirmar-se que as cinco cadeias de televisão norte-americanas, através das quais a esmagadora maioria dos americanos recebe as notícias, são independentes?

OBJECTIVOS DE BILDERBERG

«O Clube Bilderberg procura a era do pós-nacionalismo: quando não haverá países, mas sim apenas regiões da Terra e valores universais. Isto é, uma economia universal, um governo universal (nomeado e não eleito) e uma religião universal. Para garantirem estes objectivos, os bilderbergers defendem 'mais abordagem técnica e menos conhecimento por parte do público'. Isto reduz as possibilidades de a população se inteirar do plano global dos senhores do mundo e criar uma resistência organizada²⁰.» O seu objectivo final é o controlo de absolutamente todo o mundo, em todos os sentidos da palavra. Actuam como se fossem Deus na Terra. Entre os seus planos figura estabelecer:

- . Um Governo Único Mundial com um único mercado globalizado, policiado por um exército mundial, uma moeda mundial única, regulada financeiramente por um banco mundial.
- . Igreja Universal como um canal para canalizar a crença religiosa inerente da humanidade na direcção desejada pela Nova Ordem Mundial. Todas as outras religiões do mundo serão destruídas.
- . Reforçar os organismos internacionais para destruírem toda a identidade nacional por meio de subversão interna. No futuro, só os valores universais poderão prosperar.

. Controlar toda a humanidade por meio de controlos da mente. O projecto do seu plano é atterradoramente descrito no livro do membro de Bilderberg Zbigniew Brzezinski, *Technotronic Era*. Na Nova Ordem Mundial, não haverá classe média, apenas governantes e servos.

. Criação da «sociedade pós-industrial de crescimento zero», que deverá pôr fim a toda a industrialização e à produção de energia eléctrica nuclear (excepto para as indústrias informática e de serviços). As indústrias americanas e canadianas subsistentes serão exportadas para países pobres como a Bolívia, o Peru, o Equador, a Nicarágua, etc., onde o trabalho escravo é barato. Então, será realizado um dos principais objectivos da NAFTA.

. O *crescimento zero* é necessário para destruir os vestígios de prosperidade e se poder dividir a sociedade entre amos e escravos. Quando há prosperidade, há progresso que toma muito mais difícil o exercício da repressão.

. Despovoamento de grandes cidades segundo o esquema realizado pelo regime de Pol Pot, no Camboja. Os planos de genocídio de Pol Pot foram concebidos nos Estados Unidos por um dos grupos irmãos de Bilderberg: Clube de Roma.

. Provocar, por meio de guerras, fome e doenças, a morte de 4 mil milhões de pessoas até ao ano 2050, aqueles a quem David Rockefeller e Henry Kissinger chamam jocosamente «comedores inúteis». «Dos restantes 2 mil milhões de pessoas, 500 milhões serão formados por raças chinesas e japonesas, escolhidas porque são povos que foram subordinados a uma disciplina rígida durante séculos e estão habituados a obedecer à autoridade sem a questionar», segundo John Coleman no seu livro *Conspirators Hierarchy: The Story of the Committee of 300*. O Dr. John Coleman, um funcionário reformado dos serviços de informações que tinha acesso aos documentos mais secretos, descobriu como o Comité dos 300, o irmão mais velho de Bilderberg, encarregou Cyrus Vance de «elaborar um documento sobre a melhor forma de levar a efeito esse genocídio». De acordo com a investigação de Coleman, o documento foi realizado com o título de «Relatório Mundial 2000» e «foi aceite e aprovado para execução pelo presidente Carter, em nome do Governo dos Estados Unidos, e aceite por Edwin Muskie, e então secretário de Estado. Nos termos do Relatório Mundial 2000, a população dos Estados Unidos deverá ter sofrido uma redução de 100 milhões até ao ano 2050».

. Manter as pessoas num estado perpétuo de desequilíbrio - físico, mental e emocional por meio de crises fabricadas artificialmente. Isso impedi-las-á de decidirem o seu próprio destino, confundindo e desmoralizando assim a população ao ponto de quando «confrontada com demasiadas escolhas, surja uma apatia em grande escala»²¹.

. Assumir o controlo da educação com o objectivo de a destruir. Uma das razões da existência da UE, da União Americana e da futura União Asiática tem que ver com os maiores controlos que os globalistas do Mundo Único poderão exercer, através da educação, sobre os carneiros confiantes do mundo. Os seus esforços estão a dar frutos «fantásticos». A juventude actual ignora completamente as lições da História, as liberdades individuais e

o significado da liberdade. Para os globalistas, torna-se mais fácil lutar contra um adversário sem princípios.

- . Assumir o controlo de todas as políticas externas e internas dos Estados Unidos (conseguido através de Bush, que os bilderbergers controlam), Canadá (controlado pela Inglaterra) e Europa (conseguido através da União Europeia).

- . Reforçar as Nações Unidas até se tornarem um governo mundial *discreto e de facto*. Promover este objectivo mediante a criação de um imposto directo da ONU pago pelos «cidadãos mundiais».

- . A expansão da NAFTA através do Hemisfério Ocidental como prelúdio da criação de uma «União Americana» semelhante à União Europeia.

- . Instituir o Tribunal Internacional de Justiça como único sistema jurídico.

- . Instituir o Estado-providência socialista, onde os escravos obedientes serão recompensados e os não conformistas destinados ao extermínio.

MEIOS DESTRUTIVOS PARA UM FIM PRETENDIDO: BILDERBERG E A GUERRA DAS MALVINAS

Bilderberg tem poder e influência para impor as suas políticas a qualquer nação do mundo. Isto é, controlam o presidente dos Estados Unidos, o primeiro-ministro do Canadá e todos os principais canais noticiosos do mundo livre, todos os políticos, financeiros e meios de comunicação social mais importantes são membros, todos os dirigentes dos bancos centrais de todos os maiores países do mundo, a Reserva Federal norte-americana e, desse modo, o seu fluxo monetário, o FMI, o Banco Mundial e a ONU e destroem quem quer que seja, grande ou pequeno, que interfira com os seus planos para uma Ordem Mundial Única, como irei demonstrar por meio de muitos exemplos aterradores e intrigantes. Jon Ronson escreveu um livro intitulado *Adventures with Extremists* (picador, 2001), em que descreve como, durante a guerra das Malvinas, o Governo britânico pediu que fossem aplicadas sanções internacionais à Argentina, mas «encontrou uma forte oposição. Mas numa reunião de Bilderberg, em Sandefjord, Noruega, David Owen, deputado britânico, levantou-se e fez um discurso violento a favor da sua imposição. Pois bem, o discurso fê-los mudar de ideias. Tenho a certeza de que os diversos ministros dos Negócios Estrangeiros regressaram aos seus respectivos países e transmitiram aos seus líderes o que David Owen dissera. E sabem que mais? As sanções foram impostas». Esta bela história de cooperação internacional entre nações é, pura e simplesmente, falsa. A verdadeira história é muito mais macabra, com muitos mortos deixados para trás pela insensibilidade dos gananciosos universalistas.

A Guerra das Malvinas, um conflito totalmente fabricado entre a «nação agressor», a ditadura argentina, e a nação «amante da liberdade», a democracia da Grã-Bretanha (não parece algo que já ouvimos antes?), deu à Nova Ordem Mundial uma oportunidade de exibir o seu impressionante arsenal como um aviso a qualquer futura nação «amante da paz» que não esteja disposta a submeter-se ao amplexo mortífero da escravidão total. «O regime subsequente do Governo argentino, a que se seguiram o caos económico e convulsões políticas, foi

planeado pela Kissinger Associates agindo em concertação com Lorde Carrington)²², um membro da cúpula do conselho de Bilderberg, segundo os meus próprios canais de investigação, confirmados adicionalmente por John Coleman, um agente secreto do MI6 britânico que se transformou em cruzado anti-Nova Ordem Mundial.

A operação argentina foi planeada pelo Aspen Institute, do Colorado, controlado pelos Rockefeller. Se o derrube do xá do Irão teve que ver com drogas, a Guerra das Malvinas contra a Argentina relacionou-se com a energia nuclear. Um dos objectivos de Bilderberg é desindustrializar o mundo mediante a supressão de todo o desenvolvimento científico, a começar pelos Estados Unidos. Um alvo especial são as experiências de fusão como fonte futura de energia nuclear para fins pacíficos. «A concepção de um reactor de fusão iria atirar pela janela a concepção de 'recursos naturais limitados' defendida pelo Comité. Um reactor de fusão usado adequadamente podia criar recursos naturais ilimitados e nunca antes explorados a partir das substâncias mais comuns, beneficiando assim a humanidade de uma forma de que o público não faz sequer uma remota ideia²³.»

Porque é que a energia nuclear é tão odiada pelos pseudo-ambientalistas da Nova Ordem Mundial, financiados pelas empresas multinacionais propriedade da união Bilderberg/CFR, e pelas suas mascotes da imprensa «livro»? Porque centrais nucleares que gerem grandes quantidades de electricidade barata são «a solução para retirar do seu estado de atraso os países do Terceiro Mundo». Coleman explica que «com a energia nuclear a gerar electricidade abundante barata, os países do Terceiro Mundo tornar-se-iam gradualmente independentes da ajuda externa norte-americana que os mantém em servidão e começariam a afirmar a sua soberania». Menos ajuda externa significa menos controlo dos recursos naturais de um país pelo FMI e maior liberdade e independência para o povo. Era esta ideia de as nações em desenvolvimento a tomarem a cargo o seu desenvolvimento que era revoltante para os bilderbergers e para os seus delegados.

Os bilderbergers viram os seus planos pós-industriais de crescimento zero para os Estados Unidos desintegrarem-se e agiram em conformidade fazendo «Um exemplo da Argentina como aviso a outras nações latino-americanas de que deveriam esquecer qualquer ideia que pudessem ter tido de promover o nacionalismo, a independência e integridade soberana»²⁴. A escolha da Argentina foi deliberada, porque a nação mais rica da América do Sul estava a fornecer a maior parte da tecnologia de energia nuclear do México, contra os desejos dos bilderbergers. A Guerra das Malvinas acabou rapidamente com a colaboração mutuamente benéfica. É muito melhor ter o México como um fornecedor de mão-de-obra escrava do que vê-lo afirmar-se como um parceiro comercial de pleno direito.

Em virtude da barragem constante de propaganda negativa nos meios de comunicação social, poucos americanos se apercebem, mesmo hoje em dia, de quão vital o mercado potencial da América Latina é para os interesses dos Estados Unidos, desde a tecnologia ao equipamento para a indústria pesada que, como John Coleman afirma com indignação, «teria galvanizado muitas empresas americanas em dificuldades e criado milhares de novos postos de trabalho»²⁵.

Outras intervenções do clube sobre política internacional:

. Bilderberg propôs e decidiu estabelecer relações formais com a China antes de a administração Nixon ter anunciado publicamente essa política.

. Numa reunião em Saltsjöbaden, na Suécia, em 1973, os bilderbergers acordaram subir o preço do petróleo para 12 dólares por barril, um aumento de 350 %, para criar o caos económico nos Estados Unidos e Europa Ocidental, como parte da política de «amolecimento».

. Em 1983, os bilderbergers obtiveram uma promessa secreta do então «Ultraconservador» presidente Ronald Reagan de transferir 50 mil milhões de dólares do dinheiro dos contribuintes americanos para países do Terceiro Mundo e comunistas através dos seus canais favoritos, o FMI e o Banco Mundial. Essa promessa foi mais do que cumprida e tornou-se conhecida como Plano Brady*.

. A decisão orquestrada por Bilderberg de se livrarem de Margareth Thatcher como primeira-ministra britânica, porque se opunha à entrega voluntária da soberania britânica ao Superestado Europeu concebido pelos bilderbergers. E, com incredulidade, todos assistimos enquanto o seu partido a atraía em favor do cachorrinho de Bilderberg - John Major.

. Em 1985, os bilderbergers receberam ordem para dar apoio total à Iniciativa de Defesa Estratégica (Guerra das Estrelas), muito antes de esta se ter tomado política oficial do Governo dos Estados Unidos, com base na premissa de que proporcionaria uma riqueza ilimitada aos Senhores do Universo.

. Na sua reunião de 1990, em Glen Cove, Long Island, em Nova Iorque, decidiram que os impostos tinham de subir para pagar uma parte mais substancial da dívida para com os Banqueiros Internacionais. Bilderberg ordenou ao presidente George Bush Sr. que aumentasse os impostos em 1990 e viu-o desrespeitar o «acordo do défice» que o fez perder as eleições.

. Na reunião de 1992, o grupo debateu a possibilidade de «condicionar o público para aceitar a ideia de um Exército da ONU que podia, mediante o uso da força, interferir na política interna e na resolução de conflitos de nações soberanas».

* O Plano Brady teve início em 1987 como resultado da reunião celebrada em Paris para tratar do problema da crise da dívida externa dos países latino-americanos. Na referida reunião decidiu-se doar uma percentagem importante da quantia em dívida e estabelecer novos prazos e taxas de juro mais favoráveis para que os países latino-americanos pudessem cumprir os compromissos assumidos. A crise, desencadeada em 1985, foi o resultado das políticas económicas levadas a cabo pelas ditaduras militares latino-americanas nas décadas anteriores. Estas políticas basearam-se na Industrialização Substitutiva de Importações (ISI), uma estratégia em que se tratou de promover empresas nacionais recorrendo a baixas taxas aduaneiras, créditos vantajosos para adquirir tecnologia e matérias-primas no estrangeiro (quando as não compravam directamente aos próprios governos) e ainda outras. Toda esta estratégia conduziu a indústrias nacionais pouco eficientes, muito endividadas e incapazes de exportar para pagar as dívidas, o que as lançou num círculo vicioso de cada maior endividamento em dólares que quebrou quando começaram a subir as taxas de juro nos Estados Unidos. O Plano Brady foi a solução para evitar a falência real da América Latina com todas as suas consequências. Como corolário de toda esta situação, os bancos norte-americanos abandonaram a região e não regressaram senão dez anos depois, após comprovarem que os bancos espanhóis, assumindo muitos riscos, começavam a fazer negócio na zona. A economia e a política latino-americanas estavam no caminho da normalização

. A venda multimilionária da Ontario Hydro, cujo proprietário era, à data, o Governo canadiano, foi discutida pela primeira vez na reunião de Bilderberg realizada em King City, Toronto, Canadá, em 1996. Pouco depois, a Ontario Hydro foi desmembrada em cinco empresas independentes e privatizada.

. Durante e após a Conferência de Bilderberg de 1996, os bilderbergers acordaram que Bill Clinton seria reeleito presidente dos Estados Unidos porque seria um fantoche mais útil do que Bob Dole, que estava a ser investigado por causa de um escândalo de branqueamento de capitais relacionado com o financiamento da campanha.

. No que se refere ao Kosovo, os bilderbergers discutiram a formação de um Estado albanês maior na sequência do «protectorado» de um Kosovo «independente», o desmembramento da Jugoslávia (mediante a devolução da sua província setentrional, que tem 350 000 húngaros étnicos, à Hungria), como parte de uma alteração geral das fronteiras da região (que se previa ir manter a instabilidade e os conflitos na região) e a reconstrução, no valor de milhares de milhões de dólares, das infra-estruturas regionais destruídas a expensas dos contribuintes ocidentais.

. Fugas de informação relativas a relatórios da reunião de 2004 revelaram que a guerra no Iraque fora adiada até Março de 2003 numa altura em que todos os jornais do mundo esperavam que o ataque fosse lançado no Verão de 2002.

. Em 1999, a NATO deu carta branca à Rússia para bombardear a Chechénia.

. Em 1999, o deputado britânico Kenneth Clarke, Martin S. Feldstein, presidente do National Bureau of Economic Research, Stanley Fischer, director executivo adjunto do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ottmar Issing, membro do conselho do Banco Central Europeu e Jean- -Claude. Trichet, governador do Banco de França, discutiram a «dolarização» como próximo passo após a moeda única europeia.

. Formação de um bloco asiático sob a liderança do Japão. Uma zona de comércio livre, uma moeda única e uma união política semelhante à União Europeia estão planeadas para a região.

. Criação de uma União Americana, semelhante à UE.

. Fragmentação do Canadá. A discussão deste tema estava

originalmente prevista para 1997, mas uma cobertura jornalística inesperada de Bilderberg no *Toronto Star* o mais importante jornal diário do Canadá, durante a reunião de 1996, em King City, obrigou os globalistas a adiarem o seu plano para 2007.

O clube sancionou economicamente a Áustria por organizar eleições democráticas nas quais surgiu como vencedor o partido Nacionalista de Jörg Haider.

COMO OS BILDERBERGERS HUMILHARAM O PRESIDENTE RONALD REAGAN

Aqueles que pensavam que a América conservadora e tradicional ganhara as eleições de 1980 não podiam imaginar quão errados estavam. Todos os cargos importantes dentro da administração Reagan estavam ocupados por fabianistas recomendados pela Heritage Foundation, controlada pelo Clube Bilderberg/Rockefeller.

Vejamos o seguinte discurso feito, em 1981, por Peter Vickers Hall, grande fabianista nos Estados Unidos, e membro do Tavistock Institute for Human Relations, a principal instituição de lavagem ao cérebro do mundo, que iremos conhecer no capítulo II, e número um da Heritage que «previu» o desaparecimento da indústria e da economia norte-americanas:

«Há duas Américas. Uma é a sociedade do século XIX baseada na indústria pesada. A outra é a sociedade pós-industrial em crescimento, em alguns casos construída sobre os fragmentos da velha América. É a crise entre estes dois mundos que irá provocar a catástrofe económica e social da próxima década. Os dois mundos estão em oposição fundamental, não podem coexistir. No final, o mundo pós-industrial tem de esmagar e obliterar o outro.»

Poderíamos querer saber como é possível que um homem como Vickers seja tão próximo da Presidência dos Estados Unidos. Não ser que compreendamos que um Reagan «obediente» foi posto na Casa Branca para desempenhar um papel específico que lhe foi imposto pelos Senhores do Mundo.

Anthony Wedgewood Benn, deputado britânico e membro importante do Comité dos 300, o irmão mais velho de Bilderberg, disse aos membros da Internacional Socialista, reunidos em Washington, a 8 de Dezembro de 1980: «Podem prosperar sob a redução do crédito de Volcker (presidente da Reserva Federal) se *induzirem* (N do A.: fizeram uma lavagem ao cérebro) Reagan a intensificar a redução do crédito.» Para que conste, Ronald Reagan prometeu demitir Volcker se fosse eleito presidente. Quando assumiu o cargo, foi obrigado a engolir as suas palavras, para estupefacção da ala conservadora, quando Bilderberg impôs o seu homem, Volcker, ao impotente Reagan. No seu livro, *Conspirators' Hierarcf!): The Story of the Committee of 300*, o Dr. John Coleman escreve: «que o conselho [de Peter Vickers Hall] foi seguido e aplicado à administração Reagan pode ser visto na queda das indústrias da poupança e empréstimos e bancária que se acelerou sob as políticas económicas de Reagan». Coleman refere também, de passagem, que Milton Friedman presidiu aos planos de Bilderberg para desindustrializar a América «usando a administração Reagan para acelerar, primeiro, o colapso da indústria do aço e, depois, das indústrias automobilística e da habitação».

Segundo consta, os apregoados princípios de Reagan pertencem aos seus tesoureiros. Quando obteve, pela primeira vez, a nomeação do Partido Republicano para governador da Califórnia, em 1966, Ronald Reagan, o conservador dos conservadores, distanciou-se rapidamente dos duros conservadores dos velhos tempos e nomeou homens de Rockefeller para seus principais assessores.

É perfeitamente aterrador pensar que os bilderbergers são uma força onipotente sem um contrapeso que lhes possa fazer frente. Depois de ter sido destituída, Lady Thatcher disse a Jim Tucker, da revista *The Spotlight*, que considerava um «tributo» ser condenada publicamente por Bilderberg porque nem a Grã-Bretanha nem qualquer outro país deveriam abdicar da soberania. No entanto, Lady Thatcher tem muita sorte por estar viva. O mesmo não se pode dizer do futuro de Aldo Moro, primeiro-ministro italiano, e Ali Bhutto, presidente do Paquistão.

BILDERBERG E O ASSASSÍNIO DE ALDO MORO

Em 1982, o Dr. John Coleman, um antigo operacional dos serviços de informações com acesso aos mais altos escalões do poder e aos seus segredos, demonstrou que o primeiro-ministro de Itália, Aldo Moro, «Um membro leal do Partido da Democracia Cristã, que se opunha ao 'crescimento zero' e às reduções da população planeados para o seu país, foi morto por assassinos controlados pela loja maçónica P2, com o objectivo de levar a Itália a obedecer às ordens do Clube de Roma e de Bilderberg para desindustrializar o país e reduzir consideravelmente a sua população». No seu livro, Coleman afirma que os globalistas queriam utilizar a Itália para desestabilizar o Médio Oriente, o seu principal objectivo. «Os planos de Moro de estabilizar a Itália mediante o pleno emprego e a paz laboral e política teriam reforçado a oposição católica ao comunismo e tomado a desestabilização do Médio Oriente - um objectivo primordial - muito mais difícil.»

Coleman descreveu, com pormenores meticulosos, a sequência de acontecimentos que paralisaram a nação italiana; como Moro foi raptado pelas Brigadas Vermelhas, na Primavera de 1978, em plena luz do dia e, subsequentemente, brutalmente abatido a tiro e como todos os seus guardacostas foram assassinados a sangue-frio. A 10 de Novembro de 1982, num tribunal de Roma, Carrada Guerzoni, um amigo chegado do falecido, testemunhou que Aldo Moro, que fora um político importante durante décadas, fora «ameaçado por um agente do Royal Institute for International Affairs (RIIA»> (que é também um membro de Bilderberg) «quando ainda era o secretário de Estado norte-americano».

Coleman relata como, no julgamento dos membros das Brigadas Vermelhas, «vários deles testemunharam que sabiam do envolvimento, ao mais alto nível, dos Estados Unidos na conjura para matar Moro». Em Junho e Julho de 1982, «a viúva de Aldo Moro testemunhou que o assassinio do seu marido surgiu como consequência de graves ameaças à sua vida, feitas por aquela a que chamou 'uma figura política de alto nível norte-americana'». Tendo-lhe sido perguntado pelo juiz se podia dizer ao tribunal o que fora dito pela «figura política de alto nível norte-americana», a Sr.a Eleanora Moro repetiu a frase exacta que fora usada por Kissinger, segundo o testemunho sob juramento de Guerzoni: «Ou abandona a sua linha política ou pagará caro por isso.» Numa das páginas mais arrepiantes do seu livro, o Dr. John Coleman escreve o seguinte: «Chamado novamente a depor pelo juiz, foi perguntado a Guerzoni se podia identificar a pessoa a quem a Sr. a Moro se referia. Guerzoni respondeu que era Henry Kissinger, como já antes dera a entender.» Porque é que um diplomata de alto nível norte-americano iria ameaçar um dos principais políticos de uma nação europeia independente?

Porque, obviamente, Kissinger não estava a representar os interesses dos Estados Unidos, mas sim «a agir segundo instruções» recebidas do Clube Bilderberg.

O testemunho de Guerzoni, sensacional e potencialmente prejudicial às relações entre os Estados Unidos e a Itália, foi difundido imediatamente por toda a Europa Ocidental, em 10 de Novembro de 1982. Katherine Graham, CEO do *Washington Post*, e C. L. Su1zberger, do *Nelll York Times*, receberam instruções de alguém ligado à Rockefeller Foundation para ocultar esta informação nos Estados Unidos. Nem uma sequer das estações de televisão norte-americanas achou que esta notícia merecesse a atenção de quem quer que fosse, «apesar de Kissinger estar a ser acusado de cumplicidade nesses crimes». Isso não deveria ser surpreendente, uma vez que, como veremos no capítulo II, as notícias que os Americanos obtêm da televisão, dos jornais e da rádio são controladas pelos organismos interligados do Bilderberg/ CFR.

A 17 de Dezembro de 1981, o general-de-brigada norte-americano James L. Dozier, o militar norte-americano de patente mais elevada do quartel-general da NATO em Verona, Itália, foi raptado por terroristas das Brigadas Vermelhas e libertado por uma força de elite dos *carabinieri* de uma «prisão popular», em Pádua, a 28 de Janeiro de 1982, que, tal como Aldo Moro, foi raptado, recebeu ordens para não revelar o que lhe aconteceu. Se decidir falar, terá a mesma sorte do que o há muito falecido primeiro-ministro.

BIIDERBERG E O ASSASSÍNIO DE ALI BHUTTO (PAQUISTÃO)

Aldo Moro não foi o único líder a ser alvo da ira dos todo- -poderosos bilderbergers. Segundo JOM Coleman, Kissinger também ameaçou o falecido Ali Bhutto, presidente do Paquistão. No que se refere à Nova Ordem Mundial, o «crime» de Ali Bhutto foi muito mais grave do que qualquer das coisas tentadas por Moro. Bhutto era a favor da detenção de armas nucleares pelo seu país como um meio de dissuasão contra «a agressão continuada israelita no Médio Oriente». «Bhutto foi assassinado judicialmente em 1979», escreve Coleman, «pelo representante do Council on Foreign Relations [organização irmã de Bilderberg] no país, o general Zia ul-Haq.» Bhutto foi condenado por juízes do Supremo Tribunal que, na sua maioria, é formado por penjabeses, que eram abertamente inimigos seus, em especial o presidente do Supremo, Maulvi Mushtaq; Bhutto foi enforcado apesar do veredicto do Supremo Tribunal ser de quatro votos em favor do enforcamento e três, de juízes não penjabeses, em favor da absolvição pura e simples. Além disso, nunca fora executada uma condenação à morte em que não houvesse decisão unânime e muito menos na presença de uma maioria tão escassa, como neste caso. Mohammad Asghar Khan, antigo comandante-chefe da Força Aérea Paquistanesa, escrevendo no *Dawn*, um jornal paquistanês de Carachi, a 4 de Abril de 2002, disse isto: «Foi inusitado o facto de, apesar dos apelos de quase todos os chefes de Estado de países muçulmanos, ele ter decidido enforcar o, à data, presidente da Conferência Islâmica. Deve ter havido, obviamente, uma coacção superior que o obrigou a dar esse passo sem precedentes.» Pergunto-me qual teria sido essa «coacção superior».

A investigação do Dr. Coleman mostrou que, alguns anos depois, «Ul-Haq pagou com a vida ter intervindo na guerra que assolava o Afeganistão. O seu

avião *Hércules C-130* foi atingido por um tiro de baixa frequência eléctrica, pouco depois de descolar, o que o fez despenhar-se no solo».

Os Serviços Secretos turcos haviam prevenido o general ul-Haq de que não deveria viajar de avião. Por isso, ul-Haq convidou um grupo de militares norte-americanos, incluindo um grupo da US Army Defense Intelligence Agency, chefiado pelo general-de-brigada Herber Wassom, para viajarem consigo, como «apólice de seguro».

Coleman, na sua obra *Terror in the Skies*, publicada em 1989, narra em termos vívidos o que aconteceu naqueles segundos fatídicos que antecederam a queda do avião. «Pouco antes de o *C-130* de ul-Haq levantar voo de uma base militar paquistanesa, um camião de aspecto suspeito foi visto perto do hangar que albergara o *C-130*. A torre de controlo preveniu a segurança da base, mas, quando foram tomadas medidas, o *C-130* já estava no ar e o camião desaparecera.»

«Alguns minutos mais tarde, o avião começou a fazer um *looping-the-loop* e bateu no solo, explodindo numa bola de fogo. Não há explicação para um comportamento desses por parte de um *C-130*, um avião com uma história notável de fiabilidade, e uma comissão de inquérito conjunta, norte-americana e paquistanesa, não descobriu qualquer erro de pilotagem ou defeito mecânico ou estrutural. O *looping-the-loop* é um sinal distintivo dos efeitos de fogo de baixa frequência eléctrica contra uma aeronave.»

Bhutto foi assassinado porque se o seu programa nuclear tivesse sido bem-sucedido, o Paquistão ter-se-ia transformado num Estado moderno industrializado. As ambições nacionalistas de Bhutto constituíam uma ameaça directa às ordens de que fosse seguida uma política de crescimento zero emanadas do Clube Bilderberg

BILDERBERG E O XÁ DO IRÃO

Outro caso que merece que o foco do tempo incida sobre ele é a famosa tomada de reféns americanos na embaixada dos Estados Unidos em Teerão, que pôs fim ao reinado despótico do xá do Irão e, aparentemente, levou ao poder o *Ayatollah* Khomeini e os estudantes do Islão. Na verdade, a realidade é muito diferente do relato ficcional dos acontecimentos que nos foi dado pela imprensa norte-americana, controlada pelo CFR/Clube Bilderberg. Com efeito, Khomeini foi uma criação da Divisão 6 dos Serviços de Informações Militares Britânicos, comumente conhecida como MI6.

Os contactos de Coleman nos serviços de informações foram extremamente úteis para revelar a sequência de acontecimentos que levou a que o xá fosse, em primeiro lugar deposto e, em seguida, assassinado pelo Governo dos Estados Unidos. Depois de terminada a investigação, a resposta tomou-se previsível: tudo acontecera por causa das drogas. O xá restringira fortemente o lucrativo comércio de ópio que estava a ser levado a cabo, a partir do Irão, pelos Britânicos. Coleman escreve que «quando o xá subiu ao poder no Irão, já havia um milhão de viciados em heroína/ ópio».

No decurso das suas investigações, Coleman descobriu que depois de Khomeini ter ocupado a embaixada norte-americana em Teerão, «as vendas de armas pelo presidente Reagan, dos Estados Unidos, que haviam começado com o

xá, não foram interrompidas, nem sequer enquanto os reféns americanos definhavam no cativeiro». A pergunta lógica seria: porquê? Por causa das DROGAS. Na verdade, do ópio. «Se os Estados Unidos o tivessem feito, Khomeini teria posto fim ao monopólio britânico do comércio do ópio no seu país.» Segundo as estatísticas da ONU e da Organização Mundial de Saúde, em 1984 a produção de ópio iraniana era superior a 650 toneladas métricas por ano, em consequência da atitude ambivalente de Khomeini; a produção e o consumo de ópio subiram em flecha com o número de viciados a atingir os 2 milhões.

Em *What Really Happened in Iran*, Coleman mostra como «o comércio de armas com o Irão foi decidido numa reunião entre Cyrus Vance, um criado [dos bilderbergers], e o Dr. Hashemi, estreitamente ligado aos serviços secretos norte-americanos, o que teve como consequência que a Força Aérea dos Estados Unidos iniciasse de imediato o transporte aéreo de armas para o Irão, realizado inclusive no ponto mais agudo da crise dos reféns. As armas provinham dos arsenais norte-americanos na Alemanha e algumas foram inclusive expedidas directamente dos Estados Unidos com escalas para reabastecimento nos Açores».

Este é um bom exemplo do poder do governo-sombra secreto que ultrapassa fronteiras, regiões, culturas e leis. A única lei é a lei da Nova Ordem Mundial. O presidente Carter, democrata, e o presidente Reagan, republicano conservador, seguiram as ordens do todo-poderoso Clube Bilderberg. Se tivessem desobedecido, teriam sofrido as consequências reservadas ao presidente Kennedy, democrata, e ao presidente Nixon, republicano conservador, pela cabala secreta que governa o mundo, como explico na próxima secção deste livro.

No que se refere à política e finanças globais, Jim Tucker afirma categoricamente que «o Clube Bilderberg é o topo da pirâmide, o olho que tudo vê fixado na construção de uma Nova Ordem Mundial». Este sistema mundial único de governação, que se esconde nas sombras produzidas pela linguagem florida sobre a nossa nova «aldeia global», transferirá quase todo o poder económico e político para as mãos de um pequeno grupo da elite mundial.

Então, deverá surpreender-nos realmente que a Nova Ordem Mundial esteja a trabalhar com tanto afã para eliminar todas as Constituições da Terra?

COMO A NOVA ORDEM MUNDIAL ORQUESTROU A CRISE DE WATERGATE

O caso Watergate é um exemplo de troca de identidades e de justiça travestida. A verdade que se encontra por detrás de Watergate nunca foi revelada porque os culpados são os mesmos que provocaram o derrube do xá, a guerra das Malvinas, a morte de Aldo Moro e a destruição de Ali Bhutto. Nixon não abusou dos seus poderes presidenciais. Não havia «pistola fumegante» nem provas esmagadoras e «danosas» do «abuso» dos poderes presidenciais de que o *Washington Post* acusou Nixon. O seu crime foi não ter defendido a Constituição dos Estados Unidos da América que, ao fazer o seu juramento presidencial, se comprometera a proteger. Em minha opinião, Nixon é réu e culpado de não ter acusado a Sr.^a Katherine Meyer Graham, CEO do *Washington Post*, e Ben Bradley, o chefe de redacção do jornal, de conspiração para levar a cabo uma insurreição. No seu livro, *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, o Dr. John Coleman, um operacional de alto nível dos serviços de informação com acesso aos documentos mais restritos e altamente confidenciais deste mundo,

acusa directamente Katherine Graham de ter assassinado o marido, Philip L. Graham, um caso oficialmente arquivado pelo FBI como «suicídio». O facto de uma acusação tão grave nunca ter dado origem a qualquer tipo de acção cível, num país tão amante de acções judiciais como os Estados Unidos, é prova suficiente de que Katherine Graham, membro de Bilderberg, membro do CFR, membro da CT e multimilionária não poderia ter convencido um júri constituído pelas «massas sujas» que os globalistas desprezam de que John Coleman estava a difamar a entretanto falecida Katherine Graham.

Segundo fontes que estiveram presentes nas conferências de Bilderberg no início da década de 1970, o papel do *Washington Post* era manter a pressão sobre Nixon por meio de uma «revelação» atrás da outra, criando desse modo um clima de desconfiança pública em relação ao presidente Nixon, mesmo quando «não havia o menor vestígio de prova que sustentasse que houvera, da sua parte, um procedimento ilícito».

No entanto, mostra o poder imenso da imprensa, como os controladores dos meios de comunicação social norte-americana, mais conhecidos como Council on Foreign Relations, um grupo que iremos conhecer no capítulo II, previra com bastante acuidade. A crise fabricada de Watergate feriu mortalmente a Presidência e atacou as instituições que servem de base à República dos Estados Unidos, conforme fora planeado pelo Clube Bilderberg e pela Nova Ordem Mundial. Uma América independente e forte com um Chefe de Estado incorruptível teria impossibilitado a Nova Ordem Mundial de realizar os seus planos de domínio mundial. Os outros traidores que eu, Daniel Estulin, autor deste livro, entendo que deveriam ter sido pronunciados por insurreição e traição eram Halperin (Morton H. Halperin, CFR, Senior Fellow da Brookings Institution e Director de Planeamento de Políticas do Conselho de Segurança Nacional. Defensor da Ordem Mundial Única), Ellsberg (Daniel Ellsberg, o autor dos documentos do Pentágono. Ver, mais abaixo, uma explicação mais pormenorizada), Young (David Young, chefe dos «canalizadores». Os «Canalizadores» eram agentes que trabalhavam para a Unidade de Investigações Especiais da Casa Branca, criada por Nixon, isto é, por Kissinger com fundos do presidente da Pennzoil, propriedade dos Bush, e de outros sócios de George Bush. Depois de o assalto se ter tornado do conhecimento público, Nixon acabou por ser obrigado a demitir-se devido à divulgação de gravações em que discutia formas de frustrar as investigações de Watergate. Foi David Young, que trabalhava para os Rockefeller e fora nomeado por Kissinger, que fez as gravações que foram reveladas por Butterworth, o elemento de ligação entre a Casa Branca e os serviços secretos dirigidos por Kissinger. Há que referir também James W McCord, o ex-agente da CIA e do FBI que era o director de segurança do Comité para a Reelection do presidente Nixon. Responsável por ter deixado, ACIDENTALMENTE, o famoso pedaço de fita numa porta do edifício Watergate, fita essa que chamou a atenção de um segurança para o assalto, James W McCord foi preso na noite do assalto, juntamente com quatro homens. Confessou-se culpado e foi condenado com base em seis crimes. Mais tarde, escreveu uma carta ao juiz John J. Sirica, o magistrado do caso Watergate, afirmando que fora cometido perjúrio. As acusações de McCord de que a Casa Branca sabia do assalto e tentara abafá-lo foram cruciais para que os investigadores levassem as coisas mais longe.) A McCord juntam-se Joseph Califano (conselheiro jurídico da Convenção Nacional Democrática e um dos mais fiéis lacaios da rainha de Inglaterra, na América); Noam Chomsky do Institute of Policy Studies (um dos principais objectivos do IPS, concebido e criado pelo Tavistock Institute, era fazer proliferar os «ideais» do socialismo niilista da ala

esquerda como movimento de base, nos Estados Unidos, mediante a criação de instabilidade e do caos); e aqueles operacionais da CIA que foram a casa de McCord e queimaram todos os seus documentos. Uma vez mais, leitor, tem de compreender que Watergate evidenciou o controlo absoluto exercido pelos bilderbergers sobre os Estados Unidos.

Os dois indivíduos cujos nomes não figuram na lista são os mais vis traidores da América e os mais culpados de sedição. Um dos nomes é o do general Alexander Haig. Este coronel burocrata e carreirista, que nunca comandou soldados em combate, saltou por cima de 400 generais mais antigos dos países da NATO e dos Estados Unidos por obra e graça do governo paralelo de nível superior, por serviços prestados, para se tornar general de quatro estrelas na «mais meteórica promoção jamais registada nos anais da história militar dos Estados Unidos».

Haig era um produto da Távola Redonda, o grupo paralelo de Bilderberg. Em *The Tavistock Institute: Sinister and Deadly*, o livro precursor sobre os planos sinistros do mais importante instituto de lavagem ao cérebro do mundo, John Coleman, um dos melhores agentes de serviços de informação do mundo, revelou os acordos secretos entre o governo-sombra, os políticos norte-americanos ao serviço da Nova Ordem Mundial e a imprensa atenta, veneradora e obrigada. Escreve Coleman: «Haig chamou a atenção de Josef Califano, um dos membros americanos da Távola Redonda em quem Sua Majestade (a rainha de Inglaterra) mais confia. Joseph Califano, conselheiro jurídico da Convenção Nacional Democrática, falara efectivamente com Alfred Baldwin, um dos canalizadores (do assalto ao edifício Watergate) um mês antes de o assalto se ter realizado. Califano foi suficientemente estúpido para escrever um memorando da sua conversa com Baldwin, onde constavam informações sobre os antecedentes de McCord e a razão pela qual este escolhera Baldwin para fazer parte da 'equipa'.»

«E, mais comprometedor ainda, o memorando de Califano continha todos os pormenores de transcrições das gravações de conversas entre Nixon e o comité de reeleição, tudo isto ANTES de ter havido o assalto.» Coleman conclui correctamente que «Califano deveria ter sido indiciado por vários crimes federais; em vez disso, saiu incólume da sua actividade criminal».

Em 1983, Coleman teve acesso a uns inestimáveis manuais de Tavistock que explicavam a metodologia usada para destruir o presidente Richard Nixon. Escreveu um livro sobre isso, intitulado *The Tavistock Institute: Britain's Control of US Policy*. Coleman explica «o modo como o presidente Nixon foi, em primeiro lugar, isolado, rodeado de traidores e, em seguida, confundido, seguiu à letra o método Tavistock para obter o controlo total sobre uma pessoa, segundo a metodologia estabelecida pelo principal teórico de Tavistock, Dr. Kurt Lewin». O afastamento do presidente Richard Nixon é um caso exemplar da metodologia de Lewin. A descrição que Coleman encontrou nos manuais secretos enunciava-a assim: «Uma das principais técnicas para quebrar o moral por meio de uma estratégia de terror consiste, precisamente, nesta técnica - manter a pessoa confusa quanto ao lugar que ocupa e quanto ao que pode esperar. Além disso, se oscilações frequentes entre graves medidas disciplinares e promessas de bom tratamento, aliadas à disseminação de notícias contraditórias, tornarem a estrutura cognitiva desta situação completamente obscura, o indivíduo pode inclusive deixar de saber que um determinado plano o conduziria ou afastaria do seu objectivo. Sob estas condições, até mesmo aqueles indivíduos que têm

objectivos definidos e estão dispostos a correr riscos ficam paralisados por um grave conflito interno quanto ao que fazer.»

As táticas terroristas e a lavagem ao cérebro usadas por Tavistock para afastar o presidente do Estados Unidos foram tão bem-sucedidas que os Americanos começaram a acreditar que a pletora de mentiras, distorções e linguagem dupla orwelliana criada pelo conspirador correspondia à verdade, quando, na verdade, «Watergate foi, de uma ponta à outra, uma mentira diabólica».

Nixon e os seus assessores mais próximos, Haldeman e Ehrlichman, não faziam a menor ideia do que se estava a passar. Não estavam à altura das forças combinadas do Bilderberg/ RIIA/Tavistock, sob a direcção dos serviços de informações britânicos, o MI6 e, portanto, a família real britânica. (O MI6 é o serviço de informações que protege a Coroa Britânica. O seu orçamento secreto anual, desconhecido do público, cifra-se entre 350 e 500 milhões de dólares. Como reparo à margem, o Parlamento britânico não tem jurisdição sobre o MI6.) Foram completamente esmagados. Por exemplo, nem sequer sabiam que «David Young, licenciado por Oxford e há muito associado a Kissinger através de entidades que eram propriedade da Távola Redonda, como a sociedade de advogados Milbank Tweed, estava a trabalhar na cave da Casa Branca, supervisionando as 'fugas de informação'».

A «confissão» de James McCord ao juiz John Sirica (responsável pelo processo-crime de Watergate) deveria ter alertado Nixon para que a sua destruição estava a ser orquestrada pelos inimigos dentro do seu próprio campo. Mas o confuso e paralisado Nixon seguiu à letra o processo de Tavistock para destruir o moral de uma pessoa por meio de uma estratégia terrorista.

Haig, que recebeu uma formação rápida em Tavistock, «desempenhou o papel principal na lavagem ao cérebro e confusão do presidente Nixon e, na verdade, foi Kissinger que dirigiu a Casa Branca durante este processo de destruição do presidente». As notícias «corajosas» do *Washington Post* eram uma mentira ruidosa disseminada pelas forças da Nova Ordem Mundial. A lendária «Garganta Funda» era, pura e simplesmente, o próprio traidor Haig*. A equipa do *Washington Post*, formada por Woodward e Bernstein, ambos membros da organização irmã de Bilderberg, o CFR, recebeu toda a informação de mão beijada. Não houve investigação nem reuniões secretas. O *Washington Post*, um membro valioso do Conselho de Bilderberg, recebeu instruções dos bilderbergers e do Comité dos 300 para manter a pressão sobre Nixon, seguindo à letra o manual de Tavistock.

Coleman escreve que, «por insistência do RIIA, Haig assumiu praticamente o controlo do Governo dos Estados Unidos depois do golpe de Estado [da Casa Branca] de Abril de 1973». Haig preencheu os cem cargos mais importantes de Washington com homens da Brookings Institution, do Institute for Policy Studies e da Council on Foreign Relations que, «tal como ele, estavam enfeudados a uma potência estrangeira», isto é, que tinham sobreposto os interesses da Ordem Mundial Globalista aos dos Estados Unidos da América.

* Em Junho de 2005, o antigo funcionário do FBI Mark Felt, de 91 anos e mentor do jornalista Bob Woodward, revelou ser o verdadeiro «Garganta Funda». Trata-se, porém, de uma montagem.

«A humilhação de Nixon foi uma lição e um aviso aos futuros presidentes dos Estados Unidos» para que não pensassem que poderiam contestar a direcção ou a manipulação do Governo-Sombra Mundial e ganhar. Kennedy foi brutalmente assassinado, transformado num «terrível exemplo», «sob os olhos do povo americano, pela mesma razão».

Tanto John Coleman como Lyndon LaRouche, candidato presidencial do Partido Democrata e director da excelente *Executive Intelligence Review* (EIR), que fizeram as suas próprias investigações sobre os episódios de Watergate e dos Documentos do Pentágono, chegaram à mesma conclusão, de que o objectivo da humilhação ficou perfeitamente claro no episódio dos Documentos do Pentágono e na subsequente «escolha de Schlesinger [Comissão de Energia Atómica] para a Administração Nixon para servir de travão nas instituições da defesa e contrariar o desenvolvimento da energia atómica», dado que, como os leitores devem compreender, esse é um dos factores fundamentais da desindustrialização dos Estados Unidos no âmbito das estratégias de crescimento zero pós-industrial planeadas pelo Clube Bilderberg/Clube de Roma/Comité dos 300. John Coleman acrescenta, em *Conspirators' Hierarchy: The story of the Committee of 300*: «É a partir daqui que devemos procurar as raízes da recessão/ depressão de 1991 que [...] custou o emprego a 30 milhões de americanos.»

Segundo as fontes de Coleman nos serviços de informações, na Primavera de 1970, William McDermott, do FBI, encontrou-se com o chefe da segurança do Rand (o Instituto de Lavagem ao Cérebro norte-americano), Richard Best, para o prevenir de que Daniel Ellsberg, aparentemente, «subtraíra documentos de estudo sobre o Vietname, elaborados pelo Rand, e os copiara fora das instalações do instituto». Na reunião subsequente com o director do Rand, Dr. Henry Rowan, foi dito a Best e McDermott por este (que era um amigo íntimo de Ellsberg. Este «pormenor» não era do conhecimento do FBI) que estava a ser levado a cabo um inquérito e «ao receber estas garantias da sua parte, o FBI, aparentemente, desistiu da sua investigação sobre Ellsberg». Na verdade, Coleman descobrira que «não estava a ser realizado qualquer inquérito e que o Departamento de Defesa (DOD) nunca realizou nenhum. Ellsberg conservou o acesso a material altamente confidencial e, despudoradamente, continuou a retirar e copiar documentos sobre a Guerra do Vietname até ao momento da sua descoberta, durante o caso dos Documentos do Pentágono, que abalou profundamente a Administração Nixon».

O segundo traidor cujo nome falta neste documento era, como os leitores mais perspicazes já devem ter percebido, o conselheiro para a Segurança Nacional de Nixon, Henry Kissinger. Em meados da década de 1970, os bilderbergers colocaram Kissinger à frente de um pequeno grupo formado por James Schlesinger, Alexander Haig e Daniel Ellsberg. «A cooperar com este grupo estava o principal teórico do Institute of Policy Studies (IPS), Noam Chomsky.» A propósito, os objectivos do IPS são ditados pela Távola Redonda britânica, e o seu programa decidido pelo Tavistock Institute (de lavagem ao cérebro). Coleman explica em *IPS Revisited* «que o programa primordial era criar a 'Nova Esquerda' como movimento de bases nos Estados Unidos, para gerar a conflitualidade e a agitação e espalhar o caos, difundir os 'ideais' do socialismo niilista da ala esquerda... e ser o 'varapau' para zurrir a classe política norte-americana», como factores fundamentais da desindustrialização dos Estados Unidos através da estratégia do crescimento zero pós-industrial. Depois de Kissinger ter sido nomeado conselheiro para a Segurança Nacional, «Ellsberg, Haig e Kissinger puseram em marcha o plano de Watergate, do RIIA, para depor o presidente

Nixon por ter desobedecido a instruções directas». Nixon afirmara publicamente que não concordava com o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), uma declaração que deixara furioso David Rockefeller. De então para cá, o GATT revelou-se ser mais uma erosão da soberania nacional americana e está a criar uma destruição social, económica e cultural total, como foi comunicado ao Senado norte-americano, em 1994, pelo multimilionário e deputado ao Parlamento Europeu Sir James Goldsmith (que morreu subitamente, não sabemos se por coincidência, depois de testemunhar perante a comissão do Senado).

Com efeito, por ordem do presidente do RIIA (a sociedade secreta que controla a política externa britânica), Andrew Schoenberg, Kissinger e o seu pessoal estavam a receber «todas as informações de espionagem, do estrangeiro e internas, as informações dos organismos responsáveis pela aplicação da lei, incluindo da divisão 5 do FBI [as mais reservadas e as mais secretas], antes de estas serem comunicadas ao presidente). Não será de estranhar que Haldeman e Ehrlichman, os dois homens por quem Nixon punha as mãos no fogo, não conseguissem perceber o que se passava à sua volta. O MI6 (os serviços secretos militares britânicos) controlava o acesso a toda a informação que poderia ter sido transmitida ao presidente Nixon.

Coleman conclui que «pondo em acção esta metodologia, Kissinger obteve de imediato hegemonia sobre a administração Nixon e, depois de Nixon ter sido desacreditado pelo grupo de Kissinger e expulso do cargo, Kissinger emergiu com poderes sem precedentes que nunca tiveram igual antes ou depois de Watergate».

Com a renúncia de Nixon, os bilderbergers tinham finalmente o «seu» presidente. Com a entrada de Gerald Ford (Bilderberg, CFR) na Casa Branca, a Nova Ordem Mundial tinha o seu «pau-mandado» que recebia ordens directamente de Henry Kissinger, um agente de David Rockefeller, criado dos bilderbergers e laiaio do Comité dos 300.

Pouco depois de Nixon se ter demitido do cargo, o recém-escolhido presidente Ford apôs o seu carimbo de aprovação à política externa de Kissinger. Gary Allen, em *The Rockefeller File*, escreve: «o presidente Ford apôs o seu carimbo de aprovação à política externa do secretário de Estado Henry Kissinger, cujo grande desígnio era a criação de um governo mundial informal até ao final da década de 1970. Ao exortar à criação de uma estratégia e de uma política mundiais para os alimentos e o petróleo no seio da estrutura das Nações Unidas, o presidente deu a entender claramente a sua aceitação da 'nova ordem internacional' que Kissinger procurava.»

A CRIAÇÃO DE BILL CLINTON

Como episódio final, o presidente Bill Clinton foi «Ungido» para a Presidência na Conferência de Bilderberg de 1991, em Baden-Baden, em que participou. O que a maioria dos meios de comunicação social norte-americanos e mundiais desconhecia completamente é que, depois, Clinton fez uma viagem inesperada e não anunciada a Moscovo, directamente da reunião de Bilderberg.

Esteve reunido durante uma hora e meia, na terça-feira, 9 de Junho, com o ministro do Interior soviético, Vadim Bakatin. O Sr. Bakatin, ministro do governo condenado do presidente Mikhail Gorbachev, estava a meio da campanha para as

renhidas eleições presidenciais, cuja votação seria dentro de apenas seis dias - e, no entanto, reservou uma hora e meia da sua agenda recheada para se reunir, inesperadamente, com o internacionalmente desconhecido governador do Arkansas. Porquê?

A carreira subsequente do Sr. Bakatin pode dar-nos uma pista. Embora Gorbachev tenha perdido as eleições presidenciais, Bakatin, um «reformado!», foi recompensado pelo presidente eltsin com o comando do KGB. Poderia parecer que o presidente Clinton foi mandado directamente a Moscovo pelos bilderbergers para que os *dossiers* do KGB sobre os seus tempos de estudante e opositor à Guerra do Vietname fossem «enterrados» antes do anúncio da sua candidatura à Presidência, cerca de dois meses e meio depois.

Um dos poucos jornais norte-americanos que publicaram esta história foi o *Arkansas Democrat*, sob o título CLINTON HAS POWERFUL BUDDY IN USSR - NEW HEAD OF KGB (Clinton tem um amigo poderoso na URSS - o novo chefe do KGB).

Logo, não deverá ter constituído surpresa para ninguém que, segundo fontes da The New Order Intelligence Update, o presidente Clinton, apoiado pelos bilderbergers, tenha prometido ao presidente eltsin que, depois de vencer as futuras eleições para a presidência norte-americana, os navios de guerra russos tivessem direitos plenos de reabastecimento e outros privilégios portuários em todas as bases navais dos Estados Unidos.

Segundo Rick Lacey, «o Clube Bilderberg não tenciona pôr fim à criação da sua Nova Ordem Mundial e do seu controlo semi-secreto e de bastidores de toda a humanidade. Os seus planos incluem o domínio total sobre o planeta, incluindo a sua atmosfera, oceanos, terras e todas as criaturas, grandes ou pequenas, existentes ou a serem criadas».

Samuel Berger, antigo conselheiro para a segurança nacional de Bill Clinton, falando recentemente no Brookings Institute, afirmou: «A globalização - a integração económica, tecnológica, cultural e política - não é uma opção. É uma realidade em crescimento. É uma realidade que vai prosseguir inexoravelmente, com a nossa aprovação ou sem ela. É uma realidade que ignoramos, com perigo para nós.»

É verdade. Como Jim Tucker me disse uma vez, «Deus pode ter criado o Universo mas, no que se refere ao planeta Terra, a mensagem que o Clube Bilderberg manda a Deus é, pura e simplesmente, esta: 'Obrigado, mas, a partir de agora, nós encarregamo-nos de tudo'».

BILDERBERG DESMASCARADO

Thomas Jefferson, um dos Pais Fundadores da democracia americana, apresentou a seguinte explicação: «Os actos singulares de tirania podem ser atribuídos à opinião accidental de um dia; mas uma série de opressões, que se inicia num determinado período e prossegue inalterada ao longo de cada troca de ministros [presidentes], prova pura e simplesmente a existência de um plano sistemático deliberado para nos reduzir à escravidão.»

O desígnio profundo do *gang* empresarial, na sua forma mundial, é, como o definiu David Rockefeller, na reunião de Bilderberg de Junho de 1991, em Baden-

Baden, Alemanha, uma «soberania supranacional de uma elite intelectual e banqueiros mundiais que é, certamente, preferível à autodeterminação nacional exercida em séculos passados»²⁶.

«Uma estrutura de domínio mundial desse tipo é conseguida por meio dos mesmos decisores do sistema financeiro e de meios de comunicação social que deram o cargo a Tony Blair, na Grã-Bretanha, e puseram George Bush Jr. na Casa Branca contra o voto da maioria. As empresas transnacionais publicitaram e financiaram estes líderes políticos para garantirem que Estados cativos as servem em vez de os governos dos povos serem eleitos, garantindo através de plenipotenciários estatais e regras comerciais transnacionais que os governos já não possam governá-los tendo em vista o interesse comum sem violarem as novas leis do comércio e do investimento que só concedem direitos às empresas transnacionais», afirmou o Professor John McMurtry, da Universidade de Guelph, no Canadá, no seu discurso de abertura no Fórum sobre Como Deveria Responder o Canadá ao Terrorismo e à Guerra, a 8 de Dezembro de 2001.

O que mais me deixa perplexo é porque é que as outras pessoas não vêem os perigos? Será porque o conhecimento traz responsabilidade e exige uma resposta decisiva? Se reconhecermos que, efectivamente, existe um poder muito maior do que o do presidente eleito, uma autoridade «moral» muito mais poderosa do que a do Papa, muito mais onipotente do que Deus, um poder invisível que controla o aparelho militar e o sistema de informações mundiais; controla o sistema bancário internacional; controla o sistema de propaganda mais eficaz da História, então poderemos ser obrigados a concluir que a democracia é, na melhor das hipóteses, uma ilusão e, na pior, um prelúdio de uma ditadura que virá a ser conhecida como a NOVA ORDEM MUNDIAL que nos conduzirá à ESCRAVIDÃO TOTAL.

Michael Thomas, um banqueiro de investimentos da Wall Street que ganhou notoriedade como escritor e como o mais incisivo comentador da era Reagan-Bush, afirmou: «Se os bilderbergers parecem mais avessos à publicidade do que alguma vez o foram, é porque, entre outras razões, as suas propostas, postas em execução por organismos subservientes como o FMI [Fundo Monetário Internacional] e o Banco Mundial já provocaram mais destruição maciça, nos últimos anos, do que a Segunda Guerra Mundial.»

«O infeliz resultado», como escreve o ex-jornalista da BBC, Tony Goslin, «é uma imagem da democracia ocidental subvertida, com os decisores a unirem-se não por razões importantes para os cidadãos comuns - justiça social, interesse comum, e qualidade de vida - mas para reforçar a austeridade económica e gerar mais lucros privados para a elite política e empresarial do mundo.»

Com todas as provas na mão, a maioria continua a achar que «tem demasiados problemas pessoais; não se podem dar o luxo de se incomodar com teorias de conspiração». Foi isso precisamente o que o condicionamento de Tavistock nos fez. Confrontados com o caos, estamos a reagir como Nixon quando foi isolado, confundido e, depois, destruído pelos que planeiam a globalização. Desmoralizadas e confusas, desprovidas de auto-estima, inseguras quanto ao futuro, as pessoas estarão muito mais dispostas a saudar o aparecimento de um «Messias», uma Nova Ordem que prometa eliminar as drogas, a pornografia, a prostituição infantil, o crime em ascensão, as guerras, a fome e o sofrimento e garanta uma sociedade bem ordenada onde as pessoas vivem em harmonia.

Só que a recém-procurada «harmonia» irá usurpar as vossas liberdades, direitos humanos, pensamentos e a vossa vida pura e simples. «Harmonia» irá significar uma sociedade providência, e as pessoas tornar-se-ão um número no imenso sistema burocrático da Nova Ordem Mundial. Os não conformistas, como eu, serão eliminados com o mero premir de uma tecla de computador, internados num dos mais de 600 campos de concentração que, presentemente, estão completamente operacionais nos Estados Unidos, se nós, o povo do (que resta do) mundo livre, a «resistência leal» não nos erguermos e defendermos os ideais nacionais, em vez de deixarmos essa defesa nas mãos dos governos, dos comissários da UE, os representantes das Nações Unidas e a realeza que nos traíram.

Esses membros simpáticos e educados das famílias reais europeias, as senhoras idosas de falas mansas e os cavalheiros cortesões que trocaram as suas vestes reais pelos fatos com colete são, na realidade, totalmente implacáveis. Usarão o sofrimento de qualquer nação e a sua riqueza para proteger o seu modo de vida privilegiado. As fortunas desta aristocracia estão «inextrincavelmente entretidas e interligadas com o tráfico de drogas, os tráficos de ouro, diamantes e armas, a banca, o comércio e a indústria, o petróleo, os meios de comunicação social e a indústria do espectáculo».

Como é que se podem verificar estes factos? É virtualmente impossível penetrar no Clube Bilderberg. Alguns deles não podem ser verificados, porque a informação provém directamente dos ficheiros de serviços de informações, que só os olhos de uma minoria privilegiada podem ver. Não esperem que os meios de comunicação refiram alguma vez a conspiração nos telejornais da noite. A imprensa está totalmente sob o controlo dessas damas e cavalheiros simpáticos que dedicam a maior parte do seu tempo a actividades filantrópicas. A maior parte das pessoas pensa que, dado que não conseguem ver a MOTIVAÇÃO para as coisas que descrevi, que se não aparecem nos noticiários ou no jornal local, deve tratar-se de uma teoria de conspiração, que deve ser posta de lado, amiúde, ridicularizada e, finalmente, repudiada. O que pretendem são provas irrefutáveis e as provas irrefutáveis são de difícil obtenção. Foi isto o que o condicionamento de Tavistock fez à raça humana. A Nova Ordem Mundial neutralizou a única ameaça real que as «massas sujas», nós, as pessoas podem e teriam representado para os seus planos. Só que este livro tira a máscara à vil Nova Ordem Mundial e mostra-a como é. Há, neste livro, muitas fontes e documentos que podem comprovar pelo menos parte dos factos e que deixarão, pelo menos, um leitor inteligente a perguntar-se se haverá mais para além do que os olhos vêem.

Foram precisos anos de pesquisa e investigação para reunir a informação seguinte, a partir de milhares de documentos e fontes, através da colaboração de algumas pessoas incrivelmente corajosas que arriscaram as suas vidas (e de outras que morreram ao tentá-lo) para ter acesso a algum do material onde estão escondidos os pormenores do futuro terrível que nos espera.

“Durão Barroso será o nosso homem na Europa”

Em entrevista ao “SEMANÁRIO, Daniel Estulin, que investiga o clube de Bilderberg há treze anos, fala sobre os portugueses que têm participado nas suas reuniões, na crise política de 2004 em Portugal e da influência de Bilderberg na escolha de Durão Barroso para presidente da Comissão Europeia. Estulin diz que as suas fontes lhe confirmaram que Henry Kissinger, um membro permanente de Bilderberg, terá dito o seguinte sobre Durão: é “indiscutivelmente o pior primeiro-ministro na recente história política.

Mas será o nosso homem na Europa”. Daniel Estulin lançou recentemente em Portugal o livro “Clube Bilderberg, os Senhores do Mundo”, com chancela da Temas e Debates.

Quais os portugueses que participaram na reunião de Bilderberg de Stresa, em 2004?

Francisco Pinto Balsemão, Pedro Santana Lopes, José Sócrates. A lista de participantes portugueses ao longo dos anos é bastante extensa, se considerarmos o tamanho do país.

Nessa reunião, face ao poderio e influência de Bilderberg e ao facto de ser um clube predominantemente europeu e americano, alguém defendeu Durão Barroso para presidente da Comissão Europeia? Recordo--lhe que Durão foi escolhido para a Comissão dias depois da reunião de Bilderberg.

Torna-se importante compreender que é irrelevante quem ocupa a cadeira de presidente da Comissão Europeia. Durão Barroso representa os interesses do "governo mundial". Tanto Kissinger como Rockefeller apoiaram energeticamente a candidatura de Durão Barroso para aquele posto.

Barroso também foi amplamente apoiado pelos bilderbergers americanos em Stresa, por este ter apoiado a intervenção americana no Iraque. No entanto, Durão foi resguardado. Recorda-se da tão criticada cimeira dos Açores, justamente antes da Guerra do Iraque? O consenso na altura foi no sentido de não considerar Durão Barroso um verdadeiro participante na cimeira. Agora, começa tudo a fazer sentido. Ele foi afastado para tornar a sua nomeação para a Comissão Europeia mais apelativa. Desta forma, ele não fica ligado ao fiasco iraquiano.

Outro dos apoiantes de Barroso foi John Edwards, candidato a vice-presidente dos EUA, com John Kerry, que também esteve presente nas reuniões de Bilderberg. Como nota de referência, tenho relatórios de várias fontes internas da reunião de Bilderberg que referem a fraca capacidade oral e a fraca personalidade de Barroso. Decidiu-se mesmo limitar as suas aparições em público ao mínimo. Kissinger, um membro permanente de Bilderberg, chegou ao ponto de o chamar, "off the record", "indiscutivelmente o pior primeiro ministro na recente história política. Mas será o nosso homem na Europa".

Santana Lopes esteve presente em Stresa e um mês depois era primeiro-ministro. Há alguma relação nestes dois factos?

Aprendi ao longo dos anos a seguir de perto todos os passos dos bilderbergers nas semanas que se seguem à sua reunião anual. Por exemplo, logo a seguir à reunião anual de Stresa, Itália (3-6 de Junho), gerou-se uma crise política em Portugal, que teve o seu fim no final do mês. Durão Barroso, primeiro ministro (agora

presidente da Comissão Europeia), demitiu-se oficialmente a 29 de Junho. O rumor à volta do nome de Santana Lopes como futuro primeiro-ministro é lançado por volta de 28 de Junho. Curiosamente, é nesse dia que ele afirma não ser verdade que tenha sido convidado para participar na reunião anual de Bilderberg. Isso foi até alguém mostrar-lhe uma foto que eu tirei em Stresa.

Muito tem sido dito acerca de Barroso ter escolhido o seu companheiro do PSD, Santana Lopes, para seu sucessor. Essa escolha foi intencional, como toda a confusão que se seguiu. O que as pessoas não sabem é que a falsa noção de democracia é suposto ser isso mesmo - um truque. A esquerda e a direita são propriedade dos bilderbergers, não só em Portugal como em todos os países. Barroso é um bilderberger, assim como Sampaio, Lopes, Sócrates, etc. Na Alemanha, tanto Merkel como Schroeder, estavam presentes na conferência deste ano. Da Espanha, Rato, presidente do FMI e ex-ministro das Finanças de Aznar, esteve presente em Rottach-Egern, este ano. O conselheiro económico-chefe de Zapatero, Miguel de Sebastian, também lá esteve. Blair é um bilderberger, assim como Kenneth Clarke, um dos membros-chave dos conservadores britânicos e, supostamente, um dos seus maiores inimigos.

Em relação a Santana Lopes, pude confirmar junto de três fontes independentes que a conversa de final de tarde a 4 de Junho de 2004 (durante a reunião de Bilderberger em Stresa), andou à volta do plano de Santana em mudar a Constituição portuguesa, para criar um nova instituição de poder, um Senado, em que o governo poderia nomear senadores vitalícios. O que conduziu à resposta sarcástica de Richard Haass, presidente da CFR (Trilateral): "Não soa muito a uma tentativa genuína de reforma democrática."

À semelhança de Santana, Sócrates também participou na reunião de Stresa e menos de um ano depois também era primeiro-ministro...

Tive acesso a informação contraditória pelas minhas fontes, algumas delas a dizer que Sócrates foi colocado para criar ainda mais descontentamento dentro das suas próprias fileiras. Outros dizem que o seu verdadeiro propósito ainda está por ser determinado.

Quem levou Santana e Sócrates para a reunião de Bilderberg de 2004?

Pinto Balsemão, o homem mais poderoso em Portugal e um membro-chave do todo poderoso comité de decisão da Bilderberg. Pinto Balsemão é o mais importante bilderberger português. Desde o início dos anos noventa que é um membro permanente do comité de decisão (steering) de Bilderberger, significando que pertence a um grupo de pessoas que tomam as decisões finais acerca dos proponentes, temas de agenda, etc. Ele é o "homem bilderberger em Portugal". Nenhuma decisão pode ser tomada sem o seu selo de aprovação. Presidentes e primeiros-ministros vão e vêm, mas Balsemão permanece. É a solitária sombra do poder.

O ex-ministro Moraes Sarmento participou na reunião deste ano de Bilderberg. Também foi Balsemão quem o convidou?

Também foi Pinto Balsemão quem o levou.

Paulo Portas, um ex-ministro do Partido Popular, nunca esteve em Bilderberg?

Portas nunca esteve presente em nenhuma reunião de Bilderberg. Não sei porquê. Balsemão nunca me disse (irónico). No entanto, pelo que pude apurar das minhas

fontes, Portas não oferece garantias aos próprios bilderbergs.

O clube tem mesmo influência política a nível mundial ou foi já um mito que se criou?

Para além do que já referi, até sobre Portugal, gostaria de usar como exemplo da influência de Bilderberg as eleições alemãs de 2005. Na conferência de Bilderberger em Rottach-Egern, os bilderbergers queriam mudar a imagem enfadonha de Angela Merkel, a "futura líder" da Alemanha nas eleições alemãs a 18 de Setembro. Um homem bilderberger deu a opinião que para que os eleitores alemães pudessem aceitar Merkel como chanceler seria importante dar uma nova definição do termo valores de família. Bilderbergers alemães bem versados na psique colectiva bavariana acreditavam que a imagem de Merkel, uma divorciada com um doutoramento em física, não seria considerada de "confiança", por forma a atrair votos suficientes nesta firme área conservadora do país. Seria, então, importante enfatizar a importância do conceito de família. E esta estratégia foi aplicada nas eleições.

Sobre Merkel, recordo, ainda, que com os Bilderbergers a colocar de parte Schroeder a favor de um novo candidato, isto poderia significar que após três anos de guerrilha entre bilderbergers americanos e europeus em torno da guerra do Iraque, o clube estaria pronto para colocar em marcha uma política mais coesa. Lembre-se que Schroeder, assim como o Presidente Chirac, eram dos mais vociferantes críticos da intervenção americana no Iraque. Schroeder, representando a esquerda, e Merkel, representando a direita, são propriedade dos Bilderbergers. Apesar de Bush junior não estar presente pessoalmente na reunião secreta em Rottach-Egern, o governo americano estava bem representado por William Luti, Richard Perle e Dennis Ross do Instituto de Washington de Near East Policy.

Os participantes de Bilderberg não falam que estiveram presentes nas reuniões e muitas vezes desmentem mesmo que tenham lá estado...

Os participantes do clube estão explicitamente proibidos de discutir Bilderberg em público.

O que foi discutido em Stresa, em 2004?

Para além do que já disse, outro dos itens de Stresa esteve relacionado com a "liberalização dos mercados mundiais". Os bilderbergers sempre estiveram a favor de extremo liberalismo. Estamos a chegar a um nível profundo de liberalismo com tendência a ser restaurado em máxima força nas suas crenças e credo. Historicamente, o liberalismo sempre reivindicou três liberdades: liberdade de mão de obra. Isso não significa que os trabalhadores serão livres, mas que o povo será livre de se mover de um país para o outro, uma região para outra. Para os bilderbergers isso é muito importante. Significa que os patrões terão um livre acesso a uma grande massa de mão-de-obra. Quanto mais global for, melhor. Liberdade de solo: significando que o solo é tão importante como qualquer outra mercadoria. Liberdade de moeda. Em que o dinheiro também é uma mercadoria como qualquer outra. Recordo que a primeira vaga de liberalismo desvaneceu-se entre 1920-1930, após ter feitos muitos estragos nas sociedades americanas e europeias. O seu sistema afirmava que se tudo for livre e as empresas não efectuarem cartéis ou monopólios, com nenhum trabalhador a pertencer às centrais sindicais, o sistema irá enriquecer toda a gente. Isto é uma perfeita utopia, mas baseados nas obras de economistas laureados com o Prémio Nobel da Economia, bem como desenvolvimentos matemáticos, isto parece aos seus olhos

verdade. O sistema exige que cada país do mundo seja incluído, e que cada indivíduo seja eficaz. É por isto que o liberalismo e a globalização trabalham tão bem juntos. Como é por isto que existe o grupo Bilderberg.

Portugal recebeu, em 1999, uma primeira reunião de Bilderberg, que teve lugar em Sintra. O que foi aí discutido?

Um dos itens principais teve a ver com o comércio de ouro e a posição da Inglaterra na União Europeia. Em Sintra os bilderbergers decidiram castigar a Inglaterra pela sua contínua resistência em relação ao espírito federal europeu. O método que estavam preparados a utilizar contra os inocentes britânicos seria o de um ataque frontal ao comércio de barras de ouro. Um grupo restrito de Bilderberg, onde estavam Rockefeller, Kissinger, Victor Halberstadt, professor de economia da Universidade de Leiden, Etienne Davignon e Umberto Agnelli, reuniu com os governadores dos Bancos Centrais da Europa. A seguir à reunião de Sintra, a maioria dos Bancos Centrais, em Setembro de 1999, fizeram uma surpreendente declaração em que estariam a adiar, por cinco anos, o dumping de ouro, que previamente teriam feito, supostamente porque já não gostavam de ter ouro nas suas reservas. O anúncio causou uma tendência de subida nas barras de ouro. O Banco de Inglaterra organizou um leilão de ouro de algumas supostas reservas. O mais impressionante para alguns de nós, não familiarizados com o comércio do ouro e a sua realidade, é que, na realidade, uma barra de ouro quase nunca é comercializada. Dessa forma o Banco de Inglaterra estaria a oferecer ouro "teórico" (apenas em papel), não o verdadeiro ouro que tinha em sua posse. Quando o bilderberger George Soros descobriu, lançou um ataque ao Banco de Inglaterra, causando que o preço do ouro aumentasse para quase 330 dólares a onça.

Lista de actuais Comissários Europeus com ligações ao Clube Bilderberg

Pelo menos estes comissários da Comissão Barroso já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg

José Barroso	Portugal	Presidente
Joaquín Almunía	Espanha	Assuntos económicos e monetários
Günther Verheugen	Alemanha	Empresas e indústria
Neelie Kroes	Holanda	Concorrência
Peter Mandelson	Reino Unido	Comércio
Charlie McCreevy	Irlanda	Mercado interno e serviços

Outros líderes da União Europeia

Jean-Claude Trichet – Presidente do Banco Federal Europeu

Javier Solana - Secretário-Geral do Conselho da União Europeia

Outros portugueses que já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg (pelo menos no ano):

Balsemão, Francisco Pinto – Ex-PM; Presidente do Grupo Imprensa (Expresso e outros jornais, revistas e SIC - televisão); com ligações à Rede Globo; um dos elementos mais importantes no Grupo Bilderberg. Os outros portugueses só assistem às reuniões após o seu convite.

Barroso, José Durão – Ex-PM, actual presidente da Comissão da União Europeia

Amaral, Luís – Ministro da Energia (1995)

Barreto, António – Sociólogo (1992)

Borges, António – Director de Goldman Sachs International; PSD (1997)

Brederode Santos – Colunista (Expresso) (1993)

Carneiro, Roberto – Antigo ministro da Educação, consultor do Banco Mundial (1992)

Constâncio, Vítor – Antigo líder do Partido Socialista. Actual Governador do Banco de Portugal (1988)

Cutileiro, José – Antigo Secretário-Geral da União da Europa Ocidental (1995)

Galvão Teles, José – Partido Social Democrata (1997)

Guterres, António – Antigo PM

Marante, Margarida – Jornalista (1996)
Monjardino, Carlos – Presidente da Fundação Oriente (1991)
Oliveira, Fernando Faria – antigo ministro do comércio (1993)
Pimenta, Carlos – MEP, ex-ministro do ambiente (1991)
Salgado, Ricardo Espírito Santo – Banqueiro (1997)
Veiga, Miguel – advogado; Partido Social Democrata (1994)
Vitorino, António – Ex-Ministro da Defesa, ex-Comissário da União Europeia (1996)

Alguns espanhóis que já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg, para além de elementos da própria família real:

Aguirre, Esperanza – Presidente da Comunidad de Madrid
Almúnia, Joaquín – Comissário da União Europeia
Borrel, Josep – Parlamento Europeu
Cebrian, Juan Luís – Grupo PRISA (El País e outros jornais, revistas e televisão)
Inciarte, Matias Rodríguez – Vice-presidente del Santander Central Hispano
León, Bernardino – Secretário de Estado de Asuntos exteriores
Palácio, Loyola de – Secretária de Asuntos exteriores (Partido Popular)
Solana, Javier – Secretário-Geral do Conselho da União Europeia
Solbes, Pedro
Urquijo, Jaime Carvajal

Alguns italianos que já frequentaram reuniões do Clube Bilderberg:

Agnelli, Giovanni – fundador da FIAT
Barnabè, Franco – Chairman Franco Barnabè & C.Spa
Draghi, Mário – Goldman Sachs International
Monti, Mario – Antigo Comissário Europeu da concorrência
Prodi, Romano – Antigo presidente da Comissão Europeia e actual PM

CAPÍTULO II - O Council on Foreign Relations (CFR)

«Não é a Comissão Trilateral que governa secretamente o mundo. Isso é feito pelo Council on Foreign Relations.»

Sir WINSTON LORD, presidente do Council on Foreign Relations, 1978, secretário de Estado adjunto, Departamento de Estado dos Estados Unidos

Há muito tempo que o Clube e eu procuramos a companhia um do outro, para desprimor dos nossos detractores. Embora a minha investigação seja levada a cabo na mais estrita privacidade, uma vez por ano saio da minha casca para enfrentar os bilderbergers no seu terreno - um hotel de luxo, de cinco estrelas, o local onde se realiza a reunião secreta anual. No Verão de 2004, desloquei-me a Stresa, em Itália.

Para chegarmos a esta estância turística pacata que vive à custa de grupos de turistas alemães idosos e bronzeados, que coabitam com ingleses, escoceses e irlandeses sem conhecimentos linguísticos, temos de voar para o aeroporto internacional de Malpensa, em Milão.

Gosto de Milão; imagino no espaço da vogal que separa o M do L uma réplica em miniatura da famosa catedral, a humidade dos seus crepúsculos primaveris, e os ecos dos pés que batem com um ritmo de *staccato* nas suas calçadas.

Por isso, sentia-me feliz por estar ali de novo, arrastando-me na direcção oposta à dos turistas que partiam, indiferentes à elegância e aos esplendores ocultos da cidade.

Enquanto percorria o terminal do aeroporto, a minha mente vagueou, absorta, para algo que lera na geralmente suja e muito folheada revista de bordo - um artigo secundário sobre o Novodevichy, ou «Novo Convento das Donzelas», o cemitério mais venerado de Moscovo. O artigo partilhava o espaço na página com uma mulher que envergava um reduzido vestido vermelho e levava aos lábios carnudos uma garrafa com um líquido celestial e com uma útil lista de endereços de locais a não perder, elaborada pela direcção de turismo russa, contendo locais tão sagrados como o mausoléu de Lenine, a sede do KGB na Lubianka e o GUM, «o maior centro comercial do mundo!».

Novadevichy! Alguns dos mais venerados escritores e poetas russos estão lá enterrados. Tchekov foi um dos primeiros a serem enterrados no cemitério, em 1904, e os restos de Gogol foram inumados lá, vindos do Mosteiro de Danilov, pouco depois. Os escritores do século :XX Mayakovsky e Bulgakov também jazem

ali, bem como os muito aclamados directores teatrais e fundadores do Teatro de Arte de Moscova, Nemirovich-Danchenko e Stanislavsky.

Pensei na total imprevisibilidade do futuro e no passado não como uma sucessão rígida mas sim como um armazém de imagens recordadas e esquemas ocultos que contém a explicação dos desígnios misteriosos das nossas vidas.

Na minha imaginação, parei sobre o túmulo de Gogol que está ligado simbolicamente ao de outro escritor famoso, Bulgakov; autor de *Margarida e o Mestre*. Aquando da sua trasladação para Novodevichy, o túmulo de Gogol foi alterado. Uma parte do túmulo original foi usada no novo. As restantes pedras originais foram guardadas durante anos, até que a mulher de Bulgakov as viu e decidiu incorporá-las no túmulo do marido, só descobrindo mais tarde que faziam parte da primeira sepultura de Gogol.

Beleza e frivolidade, por um lado; meditação filosófica, por outro...

- *Buonasera*. Poderia acompanhar-nos, senhor? - Uma voz incisiva e penetrante dispersou rapidamente estas reflexões espúrias que tinham vagueado tão ociosa e felizmente, nos confins da minha imaginação.

Levantei o olhar. Caminhava na minha direcção, envergando uma gabardina, o que achei bastante estranho dado que o céu tinha uma cor azul mediterrânica, e com uma brilhante arma automática a tiracolo.

Como o apresentador de um espectáculo de monstros que se rodeia de corcundas, anões e albinos cantores com 2 m, este homem insignificante, que se inseriria perfeitamente num baile de máscaras, entrou no meu espaço pessoal, bateu os tacões, levou o indicador e o médio à frente e apresentou-se.

- Sou o detective Fulano - anunciou, num perfeito tetrâmetro jâmbico. - Pode acompanhar-nos?

O sentimento de tragédia anunciada ou, para ser mais preciso, a sombra, que me era imposta lembrou-me os caminhos perigosos que escolhera para minha vida.

O detective e eu, ladeados por dois polícias locais e um agente dos narcóticos, com um *doberman*, entrámos numa exígua sala de detenção onde os pequenos marginais e os grandes criminosos são metidos por guardas de segurança corpulentos e funcionários das alfândegas na esperança de uma Vingança maravilhosa da arquirival Némesis; mal cabiam lá uma secretária absurdamente grande e, ao lado, uma mesinha baixa com um candeeiro.

Tudo parecia estranhamente calmo. Ouviam-se o vento contra o vidro, o metralhar de um choro, na sala ao lado, a que se seguia uma lamúria, os passos pesados do outro lado do corredor.

- Pode despir o seu casaco - disse um dos guardas, acenando com a cabeça na direcção de um cabide. Mecanicamente, abri o fecho *eclair* do meu blusão.

Olhando para trás, sinto vergonha ao lembrar-me da forma como os deixei encurralar-me, deter-me, intimidar-me, inicialmente, da angústia que senti.

Lutando para me levantar, dependurei o meu blusão mas ele caiu, arrastando consigo dois casacos e um blusão de xadrez. Os quatro objectos bateram no chão com um ruído surdo.

- *Lei come si chiama?* [Qual é o seu nome?] Disse-lhe o meu nome.

- Qual é a sua nacionalidade? Disse-lhe.

- *Di che parte di Canada é lei?* [De que parte do Canadá é?] *Lei dove abita?* [Onde vive?] *Qual é il suo numero di telefono?* [Qual é o seu número de telefone?] «Donde vem?» *É la prima volta che viene in Italia?* [É a primeira vez que vem a Itália?]

Ao longo dos anos a fazer a cobertura dos bilderbergers, aprendi como evitar levemente discussões desnecessárias com guardas fronteiriços violentos e polícias que gostam de premir o gatilho. Sabia de vários jornalistas que haviam sido mandados voltar para trás na fronteira por terem tido confrontos com as autoridades.

- Gostaríamos de examinar a sua mala. Temos razões para pensar que possa estar a transportar drogas - disse o detective.

- Se tem drogas, é melhor dizê-lo, antes de abirmos o seu saco - acrescentou o funcionário dos narcóticos. Não estava muito preocupado com as drogas, porque não as uso, não as fumo, nem, muito menos, as transporto internacionalmente numa mala.

No entanto, estava a fazer a cobertura da reunião anual de Bilderberg, o meu nome era conhecido internacionalmente por todas as divisões dos serviços secretos, da Mossad ao KGB, passando pelo MI6 e a CIA. Cada um dos repórteres que cobrem essa reunião anual é fotografado, os seus dados pessoais são registados e transmitidos, através da Interpol, controlada pelos Rockefeller, a todos os organismos internacionais de protecção.

Não era a primeira vez que alguém tentava pôr em risco a minha segurança. Em Toronto, em 1996, um agente infiltrado tentou vender-me uma arma roubada. Durante a reunião de 1999, em Sintra, alguém mandara uma mulher ao meu quarto de hotel, programada por meio de hipnose e lavagem ao cérebro para se despir no meu quarto e se atirar pela janela, depois de ter recebido um determinado telefonema, na esperança de me enredarem numa acusação de homicídio qualificado. Felizmente para todos, recusei os seus avanços. Não me perguntem como soube. Um dos truques profissionais que se adquirem quando se anda atrás do Clube Bilderberg é um sexto sentido. Ruídos estranhos de automóveis, barulhos repetitivos, rostos de pessoas que, em certa medida, parecem familiares, zés-ninguém amigos que oferecem ajuda... aprende-se a ser muito cuidadoso. Havia algo fora do comum no comportamento daquela mulher. Demasiado ávido, demasiado forçado. Uma linguagem corporal que não coincidia com a linguagem verbal. Pensei, é isso! O que chamou a minha atenção foi uma aparente falta de coordenação entre o seu corpo e a sua fala. Quando ouvi bater à minha porta, pensei que era o *room service* que me trazia o frango com caju e a tarte de maçã que eu encomendara para o jantar. Imaginem a minha surpresa quando, ao abrir a porta, dei comigo de pé em frente de uma mulher cujo vestuário era reduzido, com um corpo escultural, cabelo preto longo e encaracolado e olhos verdes.

- Daniel, finalmente encontro-te - disse-me enquanto deslizava para dentro do quarto - confia em mim... precisava ver-te... estou obcecada contigo... - E apoiando-se ligeiramente sobre a mesa de madeira que estava agora em frente de mim, foi deslizando suavemente as mãos pelas suas curvilíneas ancas, ao mesmo tempo que subia e baixava a seda do seu vestido vermelho para deixar-me ver as coxas envoltas em renda preta. - Sinto que sem ti não existe nada... deseje-te...

quero que deixes as tuas marcas na minha pele... preciso de ti... sou tua e tu és meu...

Subia as mãos para acariciar os seios e ia desapertando os botões do decote, deixando-me entrever uns mamilos pequenos e escuros.

- Morro de desejo... fode-me como nunca fodeste ninguém... - disse avançando para mim devagar. O seu olhar era muito estranho. Quando não olhava para mim, ficava com o olhar parado, absorto em recordações; poderia ter-se posto à frente dela o mesmíssimo Satanás e não teria dado pela sua presença. Não sei como, veio-me à mente nesse momento a mulher fatal da garrafa de líquido celestial. *Marketing*, publicidade, mentira, manipulação.

Voltando a Milão, aquela sala da esquadra do aeroporto e os olhares dos polícias sobre mim, perguntei-me: É possível que me tenham metido drogas na mala de viagem?

Quando estou a fazer a cobertura de Bilderberg, tomo todas as precauções necessárias. Não faço *check in*. Só levo bagagem de cabine. O saco nunca sai da minha vista. Ao regressar da Escócia, em 1988 (um dos meus esforços de penetração em Bilderberg com mais êxito. Jim Tucker, do *American me Press*, e eu revelámos a história dos planos de Bilderberg para uma guerra no Kosovo criando, primeiro, hostilidades entre a Grécia e a Turquia, em Chipre, que depois poderiam ser alargadas aos Balcãs), tive uma sensação inquietante de que alguém poderia ter mexido no meu saco. Deixei-o no aeroporto com todas as minhas roupas e recordações da conferência de Tumberry.

Deslocando-se para o outro lado da sala, dei por mim no lado pouco iluminado da grande secretária.

Quase de imediato, o detective que estava sentado, imóvel, na beira do banco, observando atentamente todos os meus movimentos, com as mãos pousadas no cano da arma, levantou-se e, com a ponta da bota, alisou um canto do espesso capacho que fora levantada por um *doberman*.

Um dos guardas encarregou-se do meu saco. Apenas podia ver os ângulos dos seus cotovelos deslocando-se para cá e para lá.

O meu coração estava oprimido. Por mais que procurasse dentro de mim, não conseguia encontrar uma migalha de alegria. O melhor que esperava que pudesse acontecer-me era ser colocado num avião e mandado embora.

De súbito, o guarda levantou o olhar, deu um grito, deu meia-volta na minha direcção, numa incerteza misturada com curiosidade, e tirou do saco um volume estreito e muito usado de Fet (grande autor russo do século XIX), em russo.

Como se tivesse sido combinado, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Um jovem guarda com óculos, que pegou no meu Fet, anunciou de imediato que estivessem na Rússia e sabia algum russo, por exemplo, *borsch* (sopa de beterraba), *raduga* (arco-íris) e *privei* (olá). Pelo menos, a atitude do guarda em relação a mim mudou radicalmente.

Usando os recônditos da sua memória, tentou, em vão, juntar as peças separadas numa base coerente. Não consegui perceber de que estava a falar. Ouvi atentamente, com a boca semiaberta: o seu conhecimento de russo lembrava-me

a vastidão da estepe russa, uma palavra, uma casa, aquela ilha de esperança na enormidade do vazio. O mero processo de tentar compreender a minha língua materna causava-me dor.

O detective, depois de ter falado com o guarda, sentou-se tão perto de mim (eu continuava de pé encostado tristemente à parede) que sentia o seu calor desagradável, pôs uma pastilha de hortelã-pimenta na boca e tirou o livro das mãos do guarda.

Passou os dedos pela lombada do livro. O homem abriu o pequeno volume de Fet e começou a percorrer as páginas. Tal como a maior parte das pessoas que lêem pouco, a sua cabeça movia-se ritmadamente com os lábios enquanto percorria a página.

Aproveitando a interrupção da conversa, observei cuidadosamente o homem: corpulento, trigueiro, não *muito* novo, com um nariz afilado, uma risca impecável no cabelo, pálpebras protuberantes e unhas roídas.

Na sala ao lado, alguém ria às gargalhadas. Uma cadeira deslizou violentamente pelo chão na sala do outro lado do corredor. O homem do *doberman* que usava umas estreitas calças castanhas coladas às pernas esguias estava a gesticular para o guarda mas as palavras eram abafadas pela mistura de vozes.

A porta, ruja existência esquecera completamente, abriu-se de súbito. Um homem à paisana (com uma arma) entrou. Ele viu-o primeiro, soltou um grito, com as mãos no ar e os dez dedos a agitarem-se. Ele e o detective (que já se cansara de folhear o meu livro de Fet pois não tinha gravuras) cumprimentaram-se alegremente, tentando concentrar num aperto de mão e pancadas nas costas todo o fervor possível.

Começou uma breve conversa. Nesse momento, o detective, o homem à paisana, os dois guardas e o manifestamente passivo agente de estupefacientes estavam amontoados. O *doberman* dormia no tapete.

A conversa decorria num tom abafado, o que é um êxito monumental para um italiano. Consegui aperceber-me de pedaços isolados de frases: *Cosa vuo/dire...?* [Que quer dizer...?], *Non capisco nulla* [Não compreendo nada], *Che cerca?* [Que procura?].

Após uma breve troca de impressões, todos se instalaram confortavelmente. O detective pôs-se à minha frente, os guardas ocuparam os seus lugares junto à porta e o polícia de estupefacientes sentou-se em cima da secretária. O homem à paisana encostou-se à parede.

- Vejamos, donde é que o conheço? - começou. O tom aveludado do detective dava um sentido dramático a uma peça cujas personagens mal desenhadas há muito haviam ultrapassado a sua possível vida útil.

- *Dove siete alloggiati?* [Onde está hospedado?]

Pedi-me os bilhetes de avião e a reserva do hotel. Apresentei os dois, amarfanhados e tomados irreconhecíveis por um caos fora de comum no meu saco.

- Qual o motivo que o traz a Stresa nesta época do ano? Pesava cada palavra na balança do mais preciso senso comum.

Não disse nada. Nesse momento, os meus nervos estavam inusitadamente receptivos, após uma hora agitada de interrogatório.

Mecanicamente, estendi a mão para o meu Fet que, nesse momento, era a minha única fonte de calor e segurança. Foi-me pedido de imediato (pelo detective) que pousasse o livro e prestasse atenção.

O detective tirou uma fotografia de dentro da pasta vermelha que, nesse momento, tinha na mão direita. Mal podia acreditar. Olhando para mim estava uma cópia da horrenda fotografia minha a preto-e-branco que figurava no meu bilhete de identidade espanhol.

- Que é que veio fazer a Stresa? - repetiu, num inglês perfeito.

Estava descoberto. Não podia haver a menor dúvida. Alguém do Ministério do Interior espanhol fornecera a minha fotografia às forças de segurança italianas. Os italianos sabiam a razão da minha vinda e estavam à minha espera. O que é pior, o Ministério do Interior espanhol estava a colaborar com os bilderbergers para deter a minha investigação. Quem poderia ter sido? Como é que eles sabiam onde me esperar? A companhia de aviação teria fornecido voluntariamente as minhas informações confidenciais aos italianos? A pedido de quem? Que receberam em troca?

Olhei intensamente para um pedaço de papel de prata que brilhava no chão.

De súbito, apercebi-me de uma coisa que estivera a ver sem a compreender - a razão por que me tinham detido, a razão por que me interrogavam, a razão por que me faziam perder tempo. Não podiam prender-me, porque eu não fizera nada. Nem podiam deixar-me ir embora, porque lhes haviam dito que me mantivessem à distância. O guarda fronteiriço fazia, involuntariamente, parte da maquinaria invisível de Bilderberg.

Levantei-me. - Meus senhores - disse -, têm duas hipóteses. Ou me prendem e acusam de um crime, ou me deixam ir embora. A mascarada terminou. Sabem porque estou aqui e sabem que eu sei que sabem que eu conheço os planos da vossa jogada.

Olhei para a marca deixada pelo pedaço de papel de prata que brilhava no chão. Farto de tudo, furioso com eles, com o mundo, por não saber, não querer saber e não se importar, tentei inserir aquele objecto totalmente insignificante na existência ordeira do momento.

Seguiu-se mais uma breve troca de impressões entre os cinco. Mas, agora, sabia que dentro de alguns minutos iria ser conduzido por um carro, que esperava lá fora, até às margens do Lago Maior, a Stresa e à conferência anual de Bilderberg; a uma reunião com um grupo de intrépidos cães de caça, meus amigos, que tinham todos, contra ventos e maré, feito a viagem até àquela pacata cidadezinha, pessoas que tinham enfrentado dificuldades inimagináveis para denunciar o plano de Bilderberg de um Governo Mundial e uma Ordem Mundial.

- Pode ir-se embora, Sr. Estulin - disse o detective. - Mas lembre-se de que sabemos onde poderemos encontrá-lo. O senhor está em Itália. Se arranjar problemas, será metido na cadeia. Garanto-lhe.

Peguei no meu saco. Meti o meu Fet numa das bolsas laterais. «(Da *svidania*, *daragoy*.» [Adeus, amigo] O rosto do guarda animou-se momentaneamente. Olhou de esguelha para o detective. Mas não o vi. Finalmente, estava livre.

Ao percorrer o terminal do aeroporto, pensei na inconstância da sorte e nas exigências de uma amizade. Repetidamente, o perigo e a morte apareciam nas margens da minha vida sem influenciarem minimamente as linhas principais do texto.

Um jovem louro escanzelado, com vestes orientais e um penso no nariz, entrou num café. Perto, um empregado estava a limpar os tampos das mesas com um pano molhado.

Na montra de uma loja de recordações turísticas, um cartaz descorado, a cujo papel amarfanhado faltava um canto, anunciava a estreia de um circo ambulante, e sobre o parapeito havia uma mosca morta.

Saí para a rua. O ar parado era quente, carregado com um leve cheiro de gasolina.

Um homem com um jornal local sentou-se no banco à minha . frente. Por uma qualquer razão inexplicável, tirou os sapatos e as metas.

- *Qual é il prezzo a Stresa?* [Quanto custa ir a Stresa?] *Possono portarmi il bagaglio?* [pode levar a minha mala?] - O motorista de táxi, com um nariz grande e forte, acedeu. Levantou-se durante alguns instantes para tirar o seu chapéu esmagado de debaixo de si e colocou os meus pertences no *Mercedes Benz*.

Adoro as viagens de automóvel - o confortável assento de couro, a expectativa de novas descobertas e a passagem lenta dos candeeiros do aeroporto que vão ficando para trás.

O motorista de táxi com um rosto pequeno e que, como observei para com os meus botões, a julgar pelas dimensões do seu nariz, nunca deveria recusar uma bebida, iniciou a conversa. Falou-me do cunhado que tinha um emprego numa companhia de seguros extremamente próspera, em Roma. No painel de instrumentos, vi uma fotografia manchada de uma mulher idosa e corpulenta, com cabelo ruivo curto, semi-reclinada e de olhos fechados. A mulher do taxista. Queixou-se de ser pobre, de ter de trabalhar demasiadas horas e de não ver a sua família o suficiente.

Era este o padrão da sua vida - uma vida que fazia pouco sentido - a existência parca e insípida de um membro da terceira geração de emigrantes napolitanos.

Num qualquer compartimento desconhecido do meu ser, ouvia os sons divagantes das suas meditações, mas, tendo-me esquecido subitamente dele, passei para outro mundo, o meu mundo secreto de tudo o que me é querido...

Escrever, disse alguém, não é estar ausente mas *sim* ficar ausente; ser alguém e, depois, partir, deixando marcas (C., meu amor e minha vida. És o meu céu e inferno, só podias ser as duas coisas. És a minha felicidade, toda a minha vida, mas também o choque das linguagens, porque a linguagem, até mesmo a linguagem mais brilhante, é uma espécie de déficit da razão, o gemido que espera até mesmo a ventura mais perfeita, não porque a nossa felicidade esteja condenada, ou por o destino ser cruel, mas porque a felicidade só é inteligível sob ameaça; inteligível apenas como a sua própria ameaça.)

Tentei concentrar-me no que me esperava em Stresa. Dias de trabalho de vinte e duas horas, telefonemas para confirmar as informações das fontes, ser continuamente seguido pelos serviços secretos, ameaças, buscas não autorizadas,

reuniões e mais reuniões com aquelas poucas almas corajosas que desafiam as ameaças dos bilderbergers para nos darem informações preciosas sobre os seus planos diabólicos. Mas não conseguia, pura e simplesmente, concentrar-me nisso. Imagens incoerentes de horror moral dançavam fantasmagoricamente no meu cérebro. Escravidão Total. Fomes provocadas pelo homem que arrastavam milhões para a cova. Sofrimento, mais sofrimento. Sacrifício humano indizível. Porquê? Porquê? É realmente possível que alguém queira infligir tanta dor ao mundo para obter ganhos pessoais? Enquanto lutava para conter as lágrimas, lembrava a mim mesmo que a minha busca da verdade era uma reivindicação da decência a expensas da crueldade.

Continuava a pensar no final feliz do conto ainda não escrito sobre o paraíso perdido - o nosso mundo danificado. Que significaria perder a felicidade para sempre? O paraíso e a sua perda são parte integrante um do outro. Não só porque os verdadeiros paraísos são paraísos perdidos, mas porque não existe paraíso sem perda, não é paraíso se não o pudermos perder.

O Clube Bilderberg, é claro, é uma metáfora do medo, uma imagem da loucura de tudo isso. Sob tudo isso há uma com- preensão, é claro, de que o tempo e o espaço, como o amor e como a morte, nos mudam e confirmam, se agarram a nós e nos exploram; que implicam o irrevogável e fazem de nós o que somos.

O que é o tempo senão uma passagem brutal e decadência, e uma forma de percepção, um nascimento de uma consciência que sabe que é temporal. E compreendo ainda menos qual é o objectivo do destino ao unir-me constantemente a Bilderberg.

* * *

Não deveria ser surpreendente saber que existe, a nível internacional, uma organização equivalente aos bilderbergers. Esse grupo autodenomina-se o CFR - Council on Foreign Relations. o Council on Foreign Relations é um ramo de um grupo internacional chamado Grupo da Távola Redonda. Entre os outros ramos, incluem-se: o Royal Institute of International Affairs, da Grã-Bretanha, os Institutes of International Affairs do Canadá, Austrália, África do Sul, Índia e Holanda e os Institutes of Pacific Relations da China, Rússia e Japão.

O Council on Foreign Relations, sediado na cidade de Nova Iorque, na Harold Pratt House, uma mansão de quatro andares na esquina de Park Avenue com a 68th Street, doada pela viúva do Sr. Pratt (herdeira da fortuna dos Rockefeller da Standard Oil) ao Council on Foreign Relations, é formado por uma elite de cerca de 3000 *membros* pertencentes à elite americana. Embora o CFR seja muito influente no governo, mantém-se fora das atenções do americano médio sendo que apenas uma pessoa em cada dez mil conhece a existência da organização e muito menos estão conscientes dos seus verdadeiros objectivos.

Ao longo dos seus cinquenta anos de existência, o CFR quase nunca foi referido nos meios de comunicação social. E quando nos apercebemos de que, entre os membros do CFR, se encontram os principais executivos do *New York Times*, do *Washington Post*, do *Los Angeles Times*, do *The Wall Street Journal* da

NBC, da CBS, da ABC, da Fax, da *Time*, da *For/une*, da *Business Week*, do *US News & World Report*, e de muitos outros, podemos ter a certeza de que esse anonimato não é acidental; é deliberado.

Para nos apercebermos do poder exercido pelas principais organizações secretas, Bilderberg, o CFR e a CT, basta lembrarmo-nos de que são donas de todos os candidatos presidenciais de ambos os partidos, da maioria dos congressistas e senadores norte-americanos, da maior parte dos cargos mais importantes para a elaboração de políticas, sobretudo no domínio das relações externas, da maior parte da imprensa, da totalidade da CIA, FBI, IRS (Internal Revenue Service), da maior parte das restantes organizações governamentais de Washington. Quase todos os cargos governamentais da Casa Branca são ocupados por membros do CFR. Só podemos imaginar a magnitude da dissimulação quando lemos, no relatório do próprio CFR que este disponibiliza ao público no seu *site* na Web. Podemos obviamente perguntar-nos, acima de tudo dada a actual proliferação de livros sobre sociedades secretas, como é possível que uma organização tão poderosa como o CFR, que controla a política externa dos Estados Unidos, publique relatórios. A informação contida nesses relatórios é a que o conselho quer que vejamos e que, na realidade, retira importância a todo o caso. A verdadeira e diabólica tomada de decisões é realizada pelo núcleo da organização, como iremos ver à medida que o capítulo for avançando. Segundo aquele relatório 262 dos seus membros são «jornalistas, correspondentes e executivos da área da comunicação».

Perguntem a qualquer dessas pessoas o que se passou na última reunião social do CFR em que estiveram presentes e, provavelmente, irão descobrir que a sua preocupação com a liberdade de imprensa se desvanece rapidamente. Por exemplo, Katherine Graham, a lendária directora do *Washington Post*, disse uma vez, numa reunião da CIA, uma organização que tem estado sob controlo virtual do CFR desde a sua criação: «Há algumas coisas que o público em geral não precisa de saber sobre nós, nem deve saber.»

Todos os directores da CIA foram membros do CFR, com excepção de James R. Schlesinger, que ocupou brevemente o cargo em 1973. Schlesinger, contudo, era um protegido de Daniel Ellsberg, membro do CFR, famoso por ter trazido a público os «Documentos do Pentágono» sobre o Vietname. Logo, também a sua nomeação foi manipulada pelo homem-chave do CFR, Henry Kissinger.

De quatro em quatro anos, os Americanos têm o privilégio de escolher um candidato presidencial.

Em 1952 e 1956, Adlai Stevenson, do CFR, defrontou Eisenhower, do CFR. Em 1960, foi Richard Nixon, do CFR, contra Kennedy, do CFR. Em 1964, a ala conservadora do Partido Republicano «espantou os poderes estabelecidos» ao nomear o seu candidato, Barry Goldwater, em detrimento de Nelson Rockefeller. Rockefeller e a ala do CFR apresentaram «Barry Goldwater como um perigoso radical que iria abolir a Segurança Social, deitar bombas atómicas em Hanói e, em geral, seria uma reencarnação do ditador fascista Mussolini». (Gary Allen, *The Rockefeller File*) Nas eleições seguintes, Lyndon Johnson conseguiu uma vitória esmagadora sobre Goldwater. Em 1968, foi de novo a vez de Nixon, do CFR, enfrentar o democrata Hubert Humphrey, do CFR. Em 1972, o presidente Nixon, do CFR, venceu o adversário democrata George McGovern, do CFR. Em 1976, o presidente/candidato republicano Gerald Ford, do CFR, enfrentou o adversário Carter, do CFR/ CT, e saiu derrotado. Em 1980, o presidente Carter foi derrotado

por Ronald Reagan que, embora não fosse membro do CFR, tinha em George Bush um vice-presidente do CFR. Depois de ter sido eleito presidente, Reagan colocou no seu gabinete 313 membros do CFR. O candidato independente do terceiro partido e membro do CFR, nas eleições de 1980, foi John Anderson. Em 1984, o presidente Reagan enfrentou o candidato democrata Mondale, do CFR. Em 1988, o candidato republicano ao cargo de presidente, ex-chefe da CIA e membro do CFR George Bush enfrentou Michael Dukakis, pouco conhecido governador do Massachusetts, do CFR. Em 1992, o presidente Bush teve como adversário, para a Presidência dos Estados Unidos, um obscuro governador do atrasado Estado do Arkansas, Bill Clinton, bilderberger e membro do CFR. Em 1996, Clinton venceu um desafio forte por parte de um veterano republicano e membro do CFR, Robert Dole. Em 2000, o democrata Al Gore, do CFR, defrontou o governador do Texas, o republicano George W Bush. Bush não é membro do CFR, mas, como é sempre o caso, está bem representado pelo Sistema nos corredores do poder. O núcleo duro da equipa de Bush é formado por Condoleezza Rice, Dick Cheney, Richard Perle, Paul Wolfowitz, Lewis Uby, Colin Powell e Robert Zoellick, todos membros do CFR. Em 2004, como já referi, o presidente em exercício, Bush, enfrentou um adversário do CFR e Bilderberg, o democrata John Kerry.

Com efeito, entre 1928 e 1972, um membro do CFR ganhou sempre as eleições presidenciais (com excepção de Lyndon Johnson, que compensou largamente o Sistema preenchendo a maior parte dos cargos mais importantes do Governo com membros do CFR).

O logro público fica completo quando o poder executivo muda de mãos entre administrações republicanas e democratas, mas os lugares no governo são sempre detidos por membros do CFR. Como disse o célebre colunista americano Joseph Kraft, na revista *Haryer*, em Julho de 1958: «O Council desempenha um papel especial ajudando a transpor o fosso entre os dois partidos, proporcionando, oficiosamente, alguma continuidade quando há render da guarda em Washington.» Não é surpreendente. o presidente Clinton, ele próprio membro do CFR, da Comissão Trilateral e do Clube Bilderberg, empregou quase cem membros do CFR na sua administração. George Bush pai tinha 387 membros do CFR e da CT na sua administração. Ronald Reagan, 313. Nixon, no início da sua Administração, colocou 115 membros do CFR em posições-chave no Executivo. Dos primeiros 82 nomes de uma lista elaborada para ajudar o presidente Kennedy a escolher os funcionários para o seu Departamento de Estado, 63 pertenciam ao CFR, segundo o artigo de Arnold Beichman no *Christian Science Monitor*, intitulado apenas «Council on Foreign Relations», publicado a 1 de Setembro de 1961. Com efeito, o CFR tem funcionado praticamente como agência de emprego do governo federal, tanto sob os democratas como sob os republicanos. A maior parte dos cargos mais importantes da administração norte-americana, tanto nas Presidências democratas como nas republicanas, é ocupada por membros do CFR, como o leitor verá, repetidamente, ao longo deste capítulo. A equipa de Clinton e Gore também foi financiada e apoiada pelo CFR.

O presidente do CFR é David Rockefeller. Os presidentes vêm e vão, mas o poder - e o programa - do CFR mantém-se sempre. George Wallace, quatro vezes candidato presidencial democrata, nas décadas de 1960 e 1970, tomou famoso o *slogan* de que não existe diferença alguma entre os partidos democrata e republicano. Alguma vez se perguntaram por que razão as políticas do governo nunca parecem mudar mesmo quando houve mudanças «filosóficas» significativas no seio do governo em exercício? Quer esteja no poder um democrata, um

republicano, um conservador ou um liberal, as diferentes retóricas dos candidatos parecem fazer pouca diferença junto daqueles que realmente ganham as eleições: os decisores que puxam os cordelinhos continuam a ser os mesmos. A razão para tal, afirma Gary Allen no seu brilhante e actualmente esgotado *best-seller The Rockejeller File* é «que, embora as bases democratas e republicanas tenham pontos de vista muito divergentes no que se refere à economia, às políticas e às actividades federais, à medida que vamos subindo na pirâmide política, os dois partidos se tornam cada vez mais semelhantes».

Que é que os Rockefeller estão a tentar realizar com o seu CFR? Na verdade, o objectivo do núcleo duro do CFR não mudou, desde a sua fundação, em 1921, no Hotel Majestic, em Paris.

No número do 50.º aniversário da revista *Foreign Affairs*, a publicação trimestral oficial do CFR, o principal artigo foi escrito pelo membro do CFR, embaixador dos Estados Unidos na Grã-Bretanha e presidente da Universidade de Yale, Kingman Brewster, Jr., com o título «Reflexões sobre o Nosso Objectivo Nacional». Não hesitou em defini-lo: «o nosso objectivo nacional deveria ser abolir a nacionalidade americana e correr alguns *riscos* de modo a convidar outros a juntarem a sua soberania à nossa...» Entre esses «riscos», contam-se desarmar ao ponto de a América ficar sem defesa perante as forças de «manutenção de paz» de um governo mundial das Nações Unidas. A América deveria entregar alegremente a sua soberania ao governo mundial no interesse daquilo a que chamou a «comunidade mundial» e a que os meios de comunicação social chamam hoje «a comunidade internacional». Estas propostas secretas reflectem o trabalho de dezenas de diferentes organismos especializados e comissões, todos eles enumerados com grande pormenor no meio deste capítulo, mas estão agora a ser promovidas vigorosamente pela Comissão sobre a Governação Mundial no seu relatório intitulado *A Nossa Comunidade Global um plano para o papel futuro da ONU como supergoverno mundial* (o itálico é meu)

Richard N. Gardner, antigo subsecretário de Estado adjunto, escreveu na *Foreign Affairs*, em Abril de 1974, que «em resumo, a 'casa da ordem mundial' terá de ser construída debaixo para cima e não de cima para baixo... Contornar a soberania nacional, desgastando-a pouco a pouco, resultará melhor do que a investida à moda antiga». James Warburg, filho do fundador do CFR Paul Warburg, e membro do «grupo de reflexão» de Franklin D. Roosevelt, que era constituído por indivíduos exteriores ao governo, nomeadamente professores, advogados e outros que vieram para Washington para o assessorar em questões económicas, testemunhou perante a Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado, a 17 de Fevereiro de 1950: «Quer gostem, quer não, teremos um governo mundial - pela força ou por consentimento.» E, ainda mais revelador, num discurso perante o Clube Bilderberg, em Evian, França, a 2 de Maio de 1992, transcrito de uma gravação feita por um dos delegados suíços (cujo nome não pode ser revelado devido às terríveis represálias de que provavelmente seria alvo), Henry Kissinger afirmou: «Hoje em dia, os Americanos ficariam revoltados se tropas das Nações Unidas entrassem em Los Angeles para restabelecer a ordem; amanhã, ficarão gratos! Isto é especialmente verdade se lhes dissessem que havia por detrás uma ameaça externa, real ou anunciada, que pusesse em risco a nossa própria existência. Nessa altura, todos os povos do mundo suplicarão aos líderes mundiais que os livres desse mal. E a única coisa que todos os homens temem é o desconhecido. Quando confrontados com este cenário, abdicarão de bom grado dos direitos individuais se o seu governo mundial lhes garantir o bem-estar¹.»

No seu livro, *The Future of Federalism*, Nelson Rockefeller afirmou: «Hoje em dia, nenhuma nação pode defender a sua liberdade, ou satisfazer as necessidades e aspirações do seu povo, de dentro das suas fronteiras ou recorrendo apenas aos seus recursos próprios... E assim, o Estado-nação, sozinho, corre o risco, em muitos aspectos, de parecer tão anacrónico como as cidades-Estado gregas acabaram por se tomar, na Antiguidade.»

Com efeito, o CFR já estava a planear a Nova Ordem Mundial antes de 1942. Um editorial publicado na p. 2 do *The Baltimore New Post*, domingo, 7 de Dezembro de 1941, o dia preciso do ataque a Pearl Harbor, mostra como as ideias do CFR são instiladas nos espíritos das massas, por vezes muito antes dos acontecimentos que se estão a analisar.

Segundo a edição de 7 de Dezembro do referido jornal, Wright acredita que a nova liga mundial irá redigir uma «declaração básica dos direitos do homem». (Aprovada mais tarde pelas Nações Unidas.) É aqui que a insinuação e o carácter inovador entram em acção. Wright explica, no seu artigo, escrito em 1941, que, para «proteger esses direitos, o sistema terá o poder de se ocupar de punir indivíduos, em alguns casos». Até então, o direito internacional dizia respeito, tecnicamente, apenas às nações, deixando a regulação dos indivíduos às autoridades nacionais. Agora, as Nações Unidas têm o direito de raptar indivíduos e levá-los a julgamento em Haia. Não há protestos internacionais perante esta despudorada caricatura de justiça, isto é, até que um dos membros da nossa família seja raptado e morto por ter erguido a voz contra alguma coisa que a Nova Ordem Mundial considere essencial para os seus interesses cada vez mais amplos.

O Dr. Quincy Wright, professor de Direito Internacional da Universidade de Chicago, fez a primeira e mais clara proclamação da Nova Ordem Mundial, quando, em 1941, descreveu aquilo a que se referia como «A Nova Ordem Mundial», por oposição à «Nova Ordem Hitleriana» da época. Wright deixou claro que a Soberania Nacional e a independência das nações seriam limitadas por um governo mundial. Terry Boardman, na sua conferência sobre a Nova Ordem Mundial, no âmbito das Conferências da Rudolf Steiner House, em Londres, a 25 de Outubro de 1998, explicou, perante um auditório apinhado com cerca de 1500 pessoas, que o Dr. Wright falara de três sistemas continentais, uns «Estados Unidos da Europa», um Sistema Asiático e uma União Pan-americana. Wright previu também que cada sistema continental teria umas forças armadas comuns e que as forças armadas nacionais seriam reduzidas consideravelmente ou proibidas.

A escritora americana J. Miriam Reback (1900-1985), que escreveu sob os pseudónimos Taylor Caldwell, Marcus Holland e Max Reiner e lutou vigorosamente, como membro dos Patriotic American for Liberty and Justice, que se opõem à ameaça invasiva dos indivíduos do Clube Bilderberg e do CFR, esteve, durante muitos anos, ligada à única publicação americana livre e independente, *Liberty Lobby*, antigos proprietários da já desaparecida revista *Spotlight*, que renasceu das cinzas para assumir um nome ainda melhor: *American Free Press* - cujo cão de fila dos bilderbergers é o meu amigo James P. Tucker Jr. Num dos seus últimos artigos - pouco antes de um acidente vascular, em 1980, a ter deixado surda e incapaz de falar - publicado na edição de 29 de Maio de 1974 de *The Review of the News*, antecessora de *The New American*, dizia: «Muitos de nós ainda ousam protestar e continuarão a fazê-lo enquanto Deus nos der fôlego. Sabemos que, para sermos eficazes, temos de dirigir os nossos ataques aos verdadeiros criminosos, os ricos e poderosos e a elite secreta do mundo - os conspiradores que

trabalham noite e dia para nos escravizarem. Agora, até o nosso governo é uma vítima deles, porque é essa elite conspirativa que escolhe os nossos governantes, os nomeia e afasta recorrendo ao assassinio ou à calúnia. Lutei contra esses inimigos da liberdade em cada livro que escrevi. Mas demasiado poucos me ouviram, do mesmo modo que demasiado poucos ouviram outros que os alertaram para os conspiradores. Está a fazer-se tarde. Em breve, os Americanos terão de ouvir e agir - ou aguentar a noite escura da escravidão que é pior do que a morte.» O plano, disse ela, é simultaneamente gradual e tortuoso: «Os maquinadores do CFR sabem que os Americanos amantes da liberdade nunca aceitarão com conhecimento de causa, ou de bom grado, o jugo da escravidão de um Superestado Mundial. Foi por isso que, ao longo dos anos, conceberam um esquema tão tortuoso e convoluto. A liberdade não é gratuita. Tem custos em termos de tempo, dinheiro e esforço. A escravidão é gratuita.»

Mesmo assim, com o aparecimento de um governo mundial, um exército mundial, uma moeda mundial e uma única religião mundial, porque é que a família Rockefeller iria querer submeter a soberania dos Estados Unidos e o poder governativo que já controla, bem como a sua riqueza, aos controlos e ditames de um Governo Mundial? Um Governo Mundial desse tipo não ameaçaria o seu poder financeiro e, portanto, não seria a última coisa que desejariam apoiar? A não ser, é claro, que os Rockefeller, o Clube Bilderberg e o CFR esperassem que o futuro Governo Mundial estivesse sob o seu controlo! Seria possível que o objectivo último do Governo Mundial fosse, efectivamente, criar um único mercado mundial, controlado por um governo mundial, que controlasse os seus tribunais, as suas escolas, os seus hábitos de leitura e os seus pensamentos, policiado por um exército mundial, regulado financeiramente por um banco mundial através de uma moeda única mundial e povoado por uma população com *microchips* ligada a um computador mundial? Teria razão a escritora americana Taylor Caldwell quando escreveu, ominosamente, que só a «escravidão é gratuita»?²

É imperativo que compreendamos que as conferências e reuniões do Council on Foreign Relations, do Council of the Americas, do Institute for International Affairs, do Institute of Pacific Relations, da Comissão Trilateral, da Fundação Gorbachev, da Fundação Bill Gates, etc., não são locais onde se tomem decisões importantes ou se adoptem novas estratégias. Em vez disso, essas reuniões sociais recorrem à utilização que o CFR faz dos seus grupos especiais de análise e grupos de estudo para fazer progredir as suas políticas. De acordo com um capítulo, chamado «How the Power Elite Make Foreign Policy», do livro *The Higher Circles*, de G. William Domhoff - escritor e investigador dos métodos usados pelas organizações da elite na sua luta para gerar o consenso -, publicado em 1970, historicamente, o Council on Foreign Relations funcionou assim: «Pequenos grupos de cerca de vinte e cinco pessoas reúnem líderes das seis categorias de conspiradores (industriais, financeiros, ideólogos, militares, profissionais liberais e sindicalistas) para discussões específicas sobre temas específicos na área dos negócios estrangeiros. Os grupos de discussão exploram o tema, de uma forma geral, tentando definir questões e alternativas. Esses grupos conduzem frequentemente a um grupo de estudo, como fase subsequente. Os grupos de estudo gravitam em redor de um investigador contratado (financiado pela Carnegie Corporation, a Ford Foundation e a Rockefeller Foundation) ou de um funcionário.»

G. William Domhoff cita o cientista social Lester Milbrath, no seu livro de 1970, *The Higher Circles*. Historicamente, o Council on Foreign Relations,

financiado pela Ford Foundation, funcionou assim: «O Council on Foreign Relations, embora não seja financiado pelo governo, trabalha numa relação tão estreita com ele que é difícil distinguir as acções do Council incentivadas pelo governo das que são autónomas... as fontes de rendimento mais importantes são as principais empresas e as grandes fundações.» No que se refere às fundações, os principais contribuintes, ao longo dos anos, têm sido a Rockefeller Foundation, a Carnegie Corporation e a Ford Foundation. (G. William Dornhoff, *The Higher Circles*, 1970).

G. William Dornhoff termina afirmando que «todas as fundações que apoiam o CFR são, por sua vez, dirigidas por homens da Bechtel Construction, do Chase Manhattan, da Kimberley-Clark da Monsanto Chemical, e de dezenas de outras empresas. Ademais, para fechar o círculo, os directores das fundações são, na sua maioria, membros do CFR. No início da década de 1960, Dan Smoot descobriu que «doze dos vinte curadores da Rockefeller Foundation, dez dos quinze curadores da Ford Foundation e dez dos catorze curadores da Carnegie Corporation eram membros do CFR»³.

O antigo executivo da Ford Foundation e agente da CIA, Bissell, disse o seguinte ao grupo de discussão do Council on Foreign Relations, em 1968: «Se a agência quiser ser eficaz, terá de usar cada vez mais as instituições privadas, embora as relações que foram 'postas a nu' não possam ser ressuscitadas. Precisamos de operar sob uma camuflagem mais profunda, recorrendo cada vez mais ao emprego de 'derivações' (isto é, intermediários). A interface da CIA com o resto do mundo precisa de ser mais bem protegida. Se diversos grupos não tivessem tido conhecimento da fonte dos seus financiamentos, os danos subsequentes à revelação das mesmas teriam sido muito menores do que foram. A interface da CIA com os diversos grupos privados, nomeadamente empresas e grupos de estudantes, tem de ser corrigida», tal como é explicado por Richard Cummings no seu livro *The Pied Piper Allard K Lowenstein and the Liberal Dream*. Lowenstein, um membro do Congresso norte-americano, durante um único mandato, deixou a sua marca na política dos anos 60 e 70 do século passado recrutando brancos para o movimento dos Direitos Civis e por estar na primeira linha dos que se opunham à reeleição do presidente Johnson.

ESCRavidão MUNDIAL

A secção seguinte trata do compromisso secreto do governo norte-americano, patrocinado pelo Council on Foreign Relations, de entregar, irrevogavelmente, os seus meios de protecção da soberania nacional às Nações Unidas e de, em última instância, confiscar todas as armas propriedade dos seus próprios cidadãos, como parte de um futuro plano de desarmamento mundial. Só que o «futuro», no que respeita a este programa em particular, parece estar mesmo muito próximo!

Embora tenham sido publicados «oficialmente» em Setembro de 1961, estes documentos são muito difíceis de encontrar devido à sua natureza sensível e amplas implicações. Trata-se da DEPARTMENT OF STATE PUBUCATION 72-77, editada em versão integral em «BLUEPRINT FOR um PEACE ROAD», pela US ARMS CONTROL AND DISARMAMENT AGENCY [PuBUCATION #4, GENERAL SERIES #3, Maio de 1962], de 35 páginas. Desde a publicação, em 1962, que o documento

está «indisponível», conforme revelaram os inúmeros pedidos feitos por mim junto da Marinha dos Estados Unidos, da CIA, do Exército, etc. Finalmente, esses documentos foram-me mostrados por um capitão da divisão de contra-espionagem norte-americana, que pôs em risco a sua carreira e a sua vida ao contactar-me e, mais tarde, ao mostrarmos.

Título completo: *Viver sem guerra: o programa norte-americano para um desarmamento geral e absoluto num mundo pacífico*. Publicação do Departamento de Estado 72-77, Setembro de 1961:

Introdução

Este novo programa prevê a redução progressiva das capacidades das nações para travarem guerras e o reforço simultâneo de instituições internacionais para a resolução de conflitos e a manutenção da paz. Baseia-se em três princípios considerados essenciais para que haja progresso no domínio do desarmamento:

- . Em primeiro lugar, tem de haver medidas imediatas de desarmamento.

Deverá ser levado a cabo um esforço estrénuo e ininterrupto tendo em vista o desarmamento geral e absoluto; ao mesmo tempo, é importante que sejam postas em execução, o mais rapidamente possível, medidas específicas.

- . Em segundo, todas as obrigações de desarmamento devem ser submetidas a controlos internacionais eficazes. A organização de controlo deve ter pessoal, instalações e eficácia para garantir que as limitações ou reduções ocorrem conforme acordado.

- . Em terceiro, deverá ser criada uma maquinaria adequada de manutenção da paz. Existe uma relação inseparável entre a redução dos armamentos nacionais, por um lado, e a criação da maquinaria de manutenção de paz e das organizações internacionais, por outro. É improvável que as nações prescindam dos seus meios de autoprotecção se não existirem formas alternativas de salvaguardar os seus interesses legítimos. Isso só pode ser conseguido por meio do reforço progressivo das instituições internacionais sob a égide das Nações Unidas e pela criação de uma Força de paz das Nações Unidas que imponha a paz enquanto se desenrola o processo de desarmamento.

Objectivo e metas do desarmamento

O objectivo geral dos Estados Unidos é a existência de um mundo livre, seguro e pacífico composto por Estados independentes que perfilham padrões comuns de justiça e comportamento a nível internacional e subordinam o uso da força ao império da lei; um mundo que conseguiu um desarmamento geral e absoluto sob controlo internacional eficaz; e um mundo em que a adaptação à mudança ocorre de acordo com os princípios das Nações Unidas.

Para que seja possível atingir esse objectivo, o programa apresenta as seguintes metas para cuja consecução os Estados devem orientar os seus esforços:

- . O desmantelamento de todas as forças armadas nacionais e a proibição da sua reintrodução, em moldes que não sejam os necessários para preservar a ordem interna e para contribuir para a Força de Paz das Nações Unidas;
- . A eliminação dos arsenais nacionais, de todas as armas, nomeadamente de todas as armas de destruição maciça e dos meios necessários ao seu lançamento, exceptuando as necessárias para uma Força de Paz das Nações Unidas e para a manutenção da ordem interna;
- . A instituição de meios eficazes para fazer cumprir os acordos internacionais, para a resolução de diferendos internacionais e para fazer cumprir os princípios das Nações Unidas;
- . A criação e funcionamento eficaz de uma Organização para o Desarmamento Internacional no âmbito das Nações Unidas para garantir o cumprimento, a cada momento, de todas as obrigações de desarmamento.

Princípios orientadores

A medida que os Estados forem renunciando às suas armas, as Nações Unidas deverão ser reforçadas progressivamente de modo a melhorar a sua capacidade de garantirem a segurança internacional e a resolução pacífica de diferendos.

Fases de desarmamento

O programa prevê passos progressivos de desarmamento que deverão ocorrer em três fases e o reforço simultâneo das instituições internacionais.

Primeira fase

A primeira fase contém medidas que reduziriam consideravelmente a capacidade das nações para travarem uma guerra de agressão.

- . Os armamentos e as forças armadas serão reduzidos: as forças armadas dos Estados Unidos e da União Soviética seriam limitadas a 2,1 milhões de homens cada (com ruéis adequados que não excedessem esse número para outros Estados significativos em termos militares); os níveis de armamentos seriam reduzidos em conformidade e a sua produção, limitada.
- . Os poderes de manutenção de paz da ONU seriam reforçados: seriam tomadas medidas para desenvolver e reforçar os mecanismos de arbitragem das Nações Unidas, para o desenvolvimento do direito internacional e para a criação, na Fase II, de uma Força de Paz, permanente, da ONU.
- . Seria criada uma Organização para o Desarmamento Internacional para uma verificação eficaz do programa de desarmamento: as suas funções seriam alargadas progressivamente, à medida que o desarmamento avançasse. Certificaria a todos os Estados que as reduções acordadas se haviam realizado e que as forças e armamentos remanescentes não excediam os níveis permitidos.
- . Seria determinada a transição de uma fase para a seguinte.

. Seriam realizadas reduções substanciais suplementares das forças armadas, armamentos e instalações militares dos Estados, nomeadamente veículos de lançamento de armas nucleares estratégicas e armas defensivas.

. O fabrico de armamentos seria proibido, exceptuando o dos tipos e quantidades a serem usados pela Força de paz da ONU e dos necessários à manutenção da ordem interna. Todos os outros armamentos seriam destruídos ou convertidos para fins pacíficos.

. As capacidades de manutenção de paz das Nações Unidas seriam suficientemente fortes e as obrigações de todos os Estados, no âmbito destes acordos suficientemente amplas para garantir a paz e a regularização justa de diferendos num mundo desarmado.

Propostas como metas de um programa de desarmamento geral e absoluto, num mundo pacífico:

a) O desmantelamento de todas as forças armadas nacionais e a proibição da sua reintrodução, em moldes que não sejam os necessários para preservar a ordem interna e para contribuir para a Força de Paz das Nações Unidas;

b) A medida que os Estados forem renunciando às suas armas, as Nações Unidas deverão ser reforçadas progressivamente de modo a melhorar a sua capacidade de garantirem a segurança internacional e a resolução pacífica de diferendos, bem como para promover o desenvolvimento da cooperação internacional em tarefas comuns em benefício da humanidade.

OPERAÇÃO «GARDEN PLOT»

Plano 55-2 para Agitação Civil nos Estados Unidos

Embora tenha sido tomado público, nos termos da Lei da Liberdade de Informação, a 30 de Março de 1990, foram necessários pouco mais de três anos para obter, do Governo dos Estados Unidos, um exemplar completo da Operação «Garden Plot». A publicação original é de 1 de Junho de 1984. Todo o material apresentado aqui foi tomado público e, segundo as «Directrizes de Classificação» da Força Aérea, o documento de cerca de 200 páginas «não se insere no âmbito das normas que regem a protecção de informações que afectam a segurança nacional e substitui o Plano de Operações 355-10, de 16 de Julho de 1973». A informação foi tornada pública pela Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) sob supervisão de Alexander K Davidson, general-de-brigada, director de Operações. Segundo a Força Aérea dos Estados Unidos, «*Embora o documento tenha sido TORNADO PÚBLICO, destina-se APENAS A USO OFICIAL*» como ordenado pela AFR 12-30. *Este plano contém informações que são de uso interno do DOD e a sua revelação poderia permitir que pessoas violassem a lei ou impedissem a aplicação da lei.*»

APÊNDICE 5 AO ANEXO E DO PLANO DE AGITAÇÃO CIVIL 55-2 DA

USAF Anexo Z.

Outras referências: 10 Códigos dos Estados Unidos 331, 332, 333,8500, 1385, MARC 105-1, MARC 105-18, AR 115-10, AFR 105-3, PDD-25

Este plano, tornado público mas extremamente difícil de obter, de «controlo da agitação civil» é o esquema básico em que se inspira a Guarda Nacional de cada Estado para elaborar o seu próprio Plano Operacional para enfrentar uma agitação social importante e levar a cabo detenções em massa.

Neste documento, assinado pelo secretário do Exército, é nomeado um agente executivo do Departamento da Defesa para as operações de controlo da agitação civil. Nos termos do Plano 55-2, deverá utilizar apoio aéreo e logístico, para dar assistência aos comandantes militares pertinentes dos 50 Estados, do Distrito de Colúmbia, e da Comunidade de Porto Rico e das possessões e territórios dos Estados Unidos, ou de qualquer subdivisão política dos mesmos.

O nome oficial deste projecto é operação «Garden Plot»

O Anexo A, secção B da operação «Garden Plot» define os que protestam contra os impostos, as milícias, as seitas religiosas e, de um modo geral, os que contestam o governo como Elementos Perturbadores. Isso exige que seja usada força letal contra qualquer extremista ou dissidente que esteja a perpetrar toda e qualquer forma de agitação civil.

Nos termos da secção D, um decreto presidencial autorizará e dará instruções ao secretário da Defesa para utilizar as Forças Armadas dos Estados Unidos para restabelecer a ordem.

APÊNDICE 1 AO ANEXO USAF DO PLANO DE AGITAÇÃO CIVIL 55- 2 POR SGH, JSC Pub 6, vol. 5 AFR 160-5 estabelece que as Forças Armadas americanas e o Programa de Parcerias Estaduais da Guarda Nacional se juntem ao pessoal das Nações Unidas nessas operações. Isto liga unidades escolhidas da Guarda Nacional dos Estados Unidos com os Ministérios da Defesa das «Parcerias para a Paz». Isto foi feito com a intenção de proporcionar apoio militar às autoridades civis como resposta a situações críticas de carácter civil.

Nos termos da Directiva de Decisão Presidencial n.º 25, este programa serve para cimentar as relações entre os cidadãos dos Estados Unidos e as forças militares mundiais das instalações da ONU nas democracias incipientes dos países da Europa Central e Oriental. Isto põe todas as forças armadas sob a jurisdição directa das Nações Unidas.

Planos secretos

Quais são as verdadeiras ligações entre os encerramentos precipitados de bases militares norte-americanas e canadianas (e reduções das Forças Armadas) e a «Nova Ordem Mundial», com a sua companheira, a «Nova Força Policial Mundial»? Porque é que várias dessas bases norte-americanas que estão destinadas actualmente a serem fechadas à utilização militar norte-americana

estão neste preciso momento a ser alvo de reformas e ampliações onerosas? E porque é que o CONTROLO DAS ARMAS se tomou subitamente uma questão política PRIORITARIA, com um ímpeto legislativo avassalador e acelerado?

A resposta encontra-se num exemplar do VOWME 9 da edição de 1982 (não se trata da edição actual, de substituição) do CÓDIGO DOS ESTADOS UNIDOS (escusado será dizer que, sem os contactos adequados no mundo dos espões, seria completamente impossível compreender as alterações e as implicações das omissões. Fui guiado ao longo do processo de descodificação dos dados por um amigo do meu avô (ambos coronéis do KGB). Consultar a p. 554, onde pode encontrar o início da PUBLIC LAW número 87-297 (1961). Esta informação adicional foi confirmada independentemente, a meu pedido, por um director de uma excelente página Web de informações, baseada em Toronto: a *New Order Intelligence Update*. Infelizmente, houve um atentado contra a vida desse homem, que actualmente se encontra na clandestinidade. Essa lei foi assinada pelo presidente Kennedy, em 1962, e foi, de então para cá, actualizada 18 vezes, e as suas medidas foram postas em execução, firmemente, por todos os presidentes que se lhe seguiram. Exorta à eliminação das forças nacionais dos Estados Unidos e afirma, ademais, que «ninguém pode possuir uma arma de fogo ou letal para além dos policias e do pessoal militar».

Os passos progressivos a dar na sua execução são:

- . A redução das Forças Armadas norte-americanas para 2,1 milhões de efectivos.
- . A sua fusão irreversível com as forças russas e chinesas, em duas fases, para formar um Exército Mundial (50 % do total das forças norte-americanas serão fundidos na primeira fase; os 50 % restantes, na segunda).
- . A transferência irrevogável da autoridade sobre essas forças para o secretário-geral da ONU (que já dispõe de um estado-maior de planeamento militar composto por 80 oficiais-generais).
- . O confisco de todas as armas de fogo detidas por particulares.

Esta lei é ensinada e explicada no National War College e nas diversas academias das Forças Armadas norte-americanas. A Nova Ordem Mundial vai exigir um exército: é assim e, presumivelmente, NÓS, a população do mundo, poderemos encontrar-nos então policiados por tropas estrangeiras sob a bandeira da ONU, que, além disso, terão poder para nos meter na prisão se não acatarmos as novas normas impostas pela Nova Ordem Mundial. Leitor, remeto-o, uma vez mais, para as palavras do Dr. Wright, que explica, no seu artigo escrito em 1941, que «...O sistema terá o poder de se ocupar de e punir indivíduos, em alguns casos). Por acordo, o comandante deste exército deverá ser sempre um russo! Ver, mais adiante, a documentação sobre este facto espantoso. Lembre-se, leitor, de que a Nova Ordem Mundial adora o socialismo, não porque Rockefeller e Cia. sejam socialistas, mas sim porque, sob um MONOPÓLIO socialista, o controlarão a si e a todos os outros. O socialismo significa também a partilha dos bens entre todos. Ora o que o leitor tem de compreender é que os Rockefeller não estão a planear partilhar os bens deles consigo, mas sim os seus bens com eles! Como

verá no próximo capítulo, o plano é fundir, num único governo mundial, o capitalismo americano e o socialismo russo.

John Whitley, director da New World arder Intelligence Update, que agora anda foragido, chamou-me a atenção para as páginas e secções relevantes: páginas 554 e 555 (ao fundo da página, à direita: define «desarmamento» como eliminação das Forças norte-americanas e exige restrições totais às «armas mortais» detidas por particulares); página 557, secções A e D (uma vez mais, a exigência de os EUA eliminarem as suas Forças Armadas); a página 558 trata da «elaboração de políticas» (isto é, a realização destes objectivos). George Bush afirmou que a passagem da autoridade para o secretário-geral das Nações Unidas estava «num período de transição»; o Supremo Tribunal já decidiu que a Constituição dos Estados Unidos e os seus preceitos se SUBORDINAM à Carta da ONU e às resoluções das Nações Unidas. As Forças Armadas dos Estados Unidos estão, entretanto, a agir como «polícias mundiais» da ONU.

Os preceitos desta lei são alvo de uma explicação suplementar na STATE DEPARTMENT PUBLICATION 72-77, que, por sua vez, foi publicada integralmente num documento de 35 páginas, «BLUEPRINT FOR THE PEACE RACE», editado pela US ARMS CONTROL AND DISARMAMENT AGENCY [PUBLICATION #4, GENERAL SERIES NÚMERO 3, MAIO DE 1962]. Pode parecer tudo incrível, mas está lá tudo, preto no branco! As implicações são terríveis, mas os múltiplos encerramentos de bases militares nos Estados Unidos adquirem uma nova perspectiva quando vemos o programa que essa lei obriga o governo norte-americano a seguir! (Uma lei canadiana, de 1995, obriga a que todos os 7 milhões de carabinas, etc., existentes no Canadá sejam registados até 2004.) De acordo com o último relatório disponível publicamente da Comissão para as Armas de Fogo canadiana, isto é, o relatório de 2003, 6 818073 armas de fogo de venda livre, armas de fogo de venda restrita e proibidas haviam sido registadas, nos termos do exigido pela Lei das Armas de Fogo. O facto de o não fazer constitui um delito criminal grave. Muitos canadianos e americanos consideram que se trata do prelúdio a um confisco posterior generalizado de armas.

Desde a sua entrada em vigor, o North American Free Trade Agreement tem sido uma pequena parte vital de algo muito maior - primeiro, União Continental e, depois, Federalismo Mundial! (ver a secção sobre as reuniões de Bilderberg).

John Whitley alertou-me para que me não deixasse enganar pelas palavras Elaboração de Políticas presentes na p. 558 do volume 9 do US CODE de 1982. De acordo com Whitley e diversas fontes independentes no seio da CIA, «foi escrito de novo em 1962 para acalmar os opositores e proíbe a retirada das armas de fogo à população ou uma redução dos efectivos das forças armadas nacionais 'a não ser que tal seja decorrente do poder do presidente para realizar tratados ou seja autorizado por legislação do Congresso'!» A Carta das Nações Unidas é considerada um tratado vinculante e, por isso, é apenas necessária uma Resolução da ONU ou legislação do Congresso para proibir todas as «armas dos cidadãos». O pai de George Bush, Preston, ajudou a aprovar esta lei (87-297) no Congresso.

Quando Alger Hiss - que, em 1945, esteve presente na Conferência de Ialta, onde interveio na negociação dos pormenores das Nações Unidas que estavam a ser propostas. Foi secretário-geral da Conferência que redigiu a Carta das Nações Unidas e presidente do Carnegie Endowment for International Peace, uma organização presente regularmente nas reuniões de Bilderberg. Condenado como espião soviético - após ter passado 44 meses na prisão até ser libertado em

Novembro de 1954, organizou as Nações Unidas, com os seus colegas do departamento de Estado norte-americano, criaram o DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS POLÍTICOS E DO CONSELHO DE SEGURANÇA, DAS NAÇÕES UNIDAS, que teria jurisdição sobre TODAS as futuras operações militares da ONU. Esta informação pode vê-la escrita nas letras pequenas das normas e regulamentos (ver <http://www.un.org/depts/dhl/landmark/pdf/a-pv35.pdf>) que regem as Nações Unidas. Durante os últimos 45 anos, uma intensa propaganda pró-ONU convenceu muitos americanos, e muitos outros, de que as palavras «paz» e «Nações Unidas» são praticamente intercambiáveis. Paradoxal é a regra de o chefe deste departamento da ONU vir a ser sempre um cidadão ou militar soviético, ou alguém designado pelos Soviéticos. Foi assim durante os primeiros 53 anos, tendo os 14 comunistas cujos nomes apresentamos a seguir ocupado o cargo vital, na ONU, de secretário-geral adjunto para os Negócios Políticos e do Conselho de Segurança, desde que, em 1946, na 35.ª reunião plenária realizada na quinta-feira, 24 de Outubro desse ano, Arkady Sobolev foi escolhido para o cargo:

- . 1944-1949 Arkady Sobolev
- . 1949-1953 Konstantin Zinchenko
- . 1953-1954 Ilya Tchernychev
- . 1954-1957 Dragoslav Protitch . 1960-1962 Gregory Arkadev
- . 1962-1963 E. D. Kiselyov
- . 1963-1965 v: P. Suslov
- . 1965-1968 Alexei E. Nesterenko
- . 1968-1973 Leonid Kutakov . 1973-1978 Arkady Shevchenko . 1978-1981 Mikhail D. Sytenko
- . 1981-1986- Viacheslav I. Ustinov . 1987-1992 Vasily S. Safronchuk
- . 1992-1997 Vladimir Petrovsky
- . 1997- Kieran Prendergast (Reino Unido)

Foram todos cidadãos soviéticos, excepto Kieran Prendergast, que é um bilderberger (furnberry, Escócia, 1998). «E se pensa que o 'EXÉRCITO DA ONU' será benigno», alertou-me John Whitley, «mudará rapidamente de opinião quando soldados estrangeiros da ONU, em última instância, sob comando russo, forem enviados para o seu bairro para reprimirem a dissensão, prenderem os dissidentes e 'restabelecerem a ordem' nos termos da Nova Ordem Mundial!»

No entanto, não é tudo! Segundo um relatório da Environmental Conservation Organization, de Janeiro/Fevereiro de 1996, «a Comissão para a Governança Mundial pensa que os acontecimentos mundiais, desde a criação das Nações Unidas em 1945, em conjugação com os progressos da tecnologia, a revolução da informação e a actual consciência, a nível mundial, de uma catástrofe ambiental iminente criam um clima em que os povos do mundo reconhecerão a necessidade e os benefícios de uma governança mundial. A governança mundial é um processo que conduz a objectivos definidos e que emprega diversos métodos, sendo que nenhum deles proporciona aos governados a possibilidade de votarem

'sim' ou 'não' relativamente ao resultado. As decisões tomadas por órgãos administrativos, ou por órgãos formados por delegados nomeados ou por organizações 'autorizadas' da sociedade civil, já estão a pôr em execução muitas das recomendações tornadas públicas pela Comissão. O fundamento da governação mundial é a convicção de que o mundo está, neste momento, disposto a aceitar uma *'ética cívica mundial'* baseada num *'conjunto de valores fundamentais que podem unir povos de todos os âmbitos políticos, religiosos ou filosóficos'*. Para uma leitura chocante, ver *Our Global Neighbourhood*; Oxford University Press, 1995, ISBN 0-19-827998-3, 410 páginas.

«Algumas afirmações de identidades particulares podem, em parte, ser uma reacção contra a globalização, bem como contra a modernização e a secularização. Independentemente das suas causas, o seu selo comum é a intolerância.» A realização individual e a responsabilidade pessoal são contrárias ao valor de «respeito mútuo», conforme é sugerido no *World Core Curriculum*, da ONU, de autoria de Robert Muller, chanceler da Universidade das Nações Unidas e antigo vice-secretário-geral sob as ordens de três secretários-gerais da ONU. O *Robert Muller School World Core Curriculum Manual* (Novembro de 1968) afirma: «A ideia da escola surgiu do desejo de proporcionar experiências que permitissem que os alunos se tornassem verdadeiros cidadãos planetários, mediante uma abordagem global do ensino. O primeiro princípio do currículo é: 'Promover o crescimento da ideia de grupo, de modo que o bem do grupo, a compreensão do grupo, as inter-relações do grupo e a boa vontade o grupo substituam todos os objectivos limitados e autocêntricos conduzindo à consciência do grupo.» Na futura comunidade mundial, não haverá lugar para os indivíduos que não adiram às ideias de grupo; isto é, carneiros em vez de homens, escravos em vez de pessoas livres!

Mas as coisas tornam-se ainda piores; em 1998, numa Conferência Mundial sobre a Governação Global, a Comissão deu a conhecer as suas propostas, a serem postas em execução até ao ano 2000 (adiadas para 2007). Entre essas recomendações, contam-se propostas específicas de alargamento dos poderes das Nações Unidas para levar a cabo:

- . Impostos mundiais;
- . Um exército permanente da ONU (realizado: Kosovo, Nigéria, missões na África Ocidental, etc.);
- . Um Conselho de Segurança Económico;
- . Autoridade da ONU sobre os bens comuns mundiais; . Fim do direito de veto dos membros permanentes do Conselho de Segurança;
- . Um novo órgão parlamentar de representantes da «*sociedade civil*» (ONG) [aprovado num documento intercalar sobre «Novos Mecanismos Institucionais», tema dominante do Fórum do Milénio das ONG, Dezembro de 1999, William Pace, World Federalist Movement⁴.]
- . Um novo Conselho de Petições, cujo papel será reforçar a participação das ONG;
- . Um novo Tribunal de Justiça Penal [um órgão para solucionar os diferendos entre as nações]; (realizado em Julho de 1998, em Roma.);

- . Criação de um Tribunal Penal Internacional [um tribunal permanente para indiciar e julgar indivíduos pelo crime de genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra]; (realizado em 2002);
- . Veredictos vinculativos do Tribunal Internacional de Justiça; Um alargamento dos poderes do secretário-geral.

Estas propostas reflectem o trabalho de dezenas de diferentes organismos especializados e comissões, ao longo de vários anos, mas estão actualmente a ser vigorosamente promovidos pela Comissão para a Governação Mundial, no seu relatório intitulado *Our Global Neighbourhood*⁵, um plano para o papel futuro da ONU como supergoverno mundial.

Our Global Neighbourhood apresenta discretamente este princípio revolucionário:

«A soberania e a inviolabilidade territorial dos Estados-nação foram os alicerces do sistema mundial. Os Estados consideraram-nas fundamentais para a protecção da sua independência e legitimidade. Os Estados mais pequenos e menos poderosos, sobretudo, viram nestes princípios a sua principal defesa contra países predadores mais poderosos e esperaram que a comunidade mundial fizesse cumprir essas normas.

Num mundo cada vez mais interdependente, em que as velhas noções de territorialidade, independência e intervenção perderam parte do seu significado, estes princípios tradicionais precisam de ser adaptados. As nações estão a ter de aceitar que, em determinados domínios, a soberania tem de ser exercida colectivamente, sobretudo, no que se refere aos bens comuns mundiais. O princípio da soberania tem de ser adaptado de modo a equilibrar os direitos dos Estados com os direitos dos povos, e os interesses das nações com os interesses da comunidade mundial.»

Estão a começar a ver o que se pretende aqui? Os governos deixarão, agora, de exercer qualquer controlo sobre algo significativo, para além do direito que a ONU lhes concede de partilharem a «governança». Estados - antes, se alguém vos invadissem, poderíeis esperar que a comunidade internacional viesse socorrer-vos; mas, agora, se tentardes sair do nosso sistema globalista ou vos desviardes, será a própria comunidade mundial que levará a cabo a invasão. É esse o significado de *soberania exercida colectivamente*! Porquê? Porque farás parte de um Estado mundial que responde perante um poder único, isto é, as Nações Unidas. E para que sejas progressivamente enfraquecido até atingires o ponto de não resistência, nós estaremos diligentemente a dizer aos teus cidadãos que as pessoas são mais importantes do que os Estados e a referir-nos a vós como meras «nações». Oh, e bem-vindo à nossa comunidade!

Conjugadas com as suas recomendações de um desarmamento mundial - excepto no que se refere à ONU, é claro, que conservará uma impressionante, leal e fortemente armada «Força de Reacção Rápida» (conhecida também como «o Exército do Novo Mundo») que deixará os Estados impotentes militarmente perante a agressão internacional sob a forma de «policiamento» - encontramos estas recomendações tranquilizadoras em *Our Global Neighbourhood*:

«Temos de nos esforçar por garantir que a comunidade mundial do futuro se caracterize pela lei e não pela ausência dela; por normas que todos

devemos respeitar [...] que ninguém, nem sequer os mais poderosos, esteja acima da lei. A inexistência de um tribunal penal internacional desacredita o direito [...] gostaríamos de ver instituído um tribunal penal internacional, como uma questão da mais alta prioridade. Os poderes coercivos do sistema jurídico internacional também têm de ser reforçados. A necessidade de um regime eficiente de controlo e obediência tornou-se aparente ao longo dos anos. Um dos caminhos a seguir é fazer com que o direito internacional seja aplicável nos tribunais internos. Na nossa comunidade mundial, temos de viver de acordo com uma nova ética que tem subjacente uma cultura de direito. Não havendo obediência voluntária, deveria suceder-se a imposição, por parte do Conselho de Segurança, das decisões do Tribunal Mundial e de outras obrigações jurídicas internacionais.»

E, caro leitor, não haverá possibilidade de sair, porque: «Num mundo ideal, a aceitação da jurisdição compulsória da Tribunal Mundial será um pré-requisito da qualidade de membro das Nações Unidas.»

E se o leitor for um dissidente ou um resistente de qualquer tipo - um «fora-da-lei» na nossa nova. Comunidade Mundial- lembre-se de que «pode fugir, mas não pode esconder-se. No futuro IV Reich, estaremos, activamente, a controlar e impor a obediência, em todo o lado».

E quem irá pagar tudo isto? Ora, o LEITOR, é claro - nada é gratuito nesta bela nova comunidade, a não ser as novas responsabilidades impostas pesadamente em troca de um escasso punhado de direitos de que gozávamos gratuitamente antes de o Governo Mundial se ter apoderado deles, como é afirmado explicitamente em *Our Global Neighbourhood*:

«Deveremos começar a instituir esquemas de financiamento mundial dos objectivos mundiais, nomeadamente taxas pela utilização de recursos mundiais, como as rotas aéreas, as rotas marítimas e as zonas pesqueiras dos oceanos e a arrecadação de receitas mundiais acordada mundialmente e implementada por tratado. Como opção, deveria ser explorado um imposto internacional sobre transacções de moeda estrangeira, bem como a criação de uma base de cálculo de um imposto internacional sobre empresas entre as companhias multinacionais. Está na hora de gerar um consenso sobre o conceito de fiscalidade mundial para prover às necessidades da comunidade mundial.»

No preciso momento em que o leitor pensava que já vira o suficiente, há uma nova surpresa à sua espera na aldeia global, conforme definida pelos estatutos da COMUNIDADE MUNDIAL. A ideia de propriedade privada é estranha à Nova Ordem Mundial. A riqueza deverá ser partilhada com o resto do planeta. Qual é precisamente a riqueza que pensa que Rockefeller e companhia estarão a partilhar? Não será a deles, certamente. O que é deles é deles, e o que é seu é de todos! A «NOSSA COMUNIDADE MUNDIAL» detém agora a autoridade total sobre os bens comuns mundiais, outro passo extremamente significativo na criação de uma nova forma de governação. De acordo com o relatório da Environmental Conservation Organization, de Janeiro/Fevereiro de 1996, «The Commission on Global Governance»: «um 'membro qualificado da sociedade civil' significa um representante de uma ONG (organização não governamental) acreditada. O

estatuto das ONG é elevado ainda mais nas recomendações da Comissão. Como explico na página seguinte, o objectivo último é a supressão da democracia. A actividade das ONG inclui a agitação a nível local, o *lobbying* a nível nacional, a elaboração de estudos que justifiquem a aplicação de impostos mundiais através de organizações das Nações Unidas como a Global Plano A estratégia de promoção do programa de governação mundial inclui especificamente programas para desacreditar indivíduos e organizações que gerem «pressão política interna» ou «acção populista» que não apoie a nova ética global.

«Todavia, neste caso e pela primeira vez, é atribuída a activistas ambientais não eleitos e autoneameados uma posição de autoridade governamental no órgão dirigente do organismo especializado que controla a utilização da atmosfera, do espaço exterior, dos oceanos e, para todos os efeitos práticos, da biodiversidade. Este convite à 'sociedade civil' para participar na governação mundial é descrito como o alargamento da democracia.»

O número de Janeiro/Fevereiro de 1996 de *Ecologic* explica ainda que «o Programa das Nações Unidas para o Ambiente, bem como todos os tratados ambientais sob a sua jurisdição, acabariam, em última instância, por ser regidos por um órgão especial de activistas ambientais, escolhidos apenas em ONG acreditadas nomeadas por delegados à Assembleia Geral que, por sua vez, são nomeados pelo presidente dos Estados Unidos». A Comissão afirma: «O passo mais importante que tem de ser dado é o passo conceptual de que chegou a hora de reconhecer que a segurança do planeta é uma necessidade universal que tem de ser satisfeita pelo sistema da ONU.»

Para ter a certeza de que a participação das ONG será um facto positivo, a Comissão recomenda a criação de «um novo 'Direito de Petição' à disposição da sociedade civil internacional». A recomendação exorta à criação de um Conselho de Petições, que define como «um grupo de alto nível de entre cinco e sete pessoas, independentes dos governos e escolhidas na sua capacidade pessoal Seriam nomeadas pelo secretário-geral com aprovação da Assembleia Geral Seria um Conselho que teria a seu cargo 'a segurança das pessoas' e faria recomendações ao secretário-geral, ao Conselho de Segurança e à Assembleia Geral». O relatório de Janeiro/Fevereiro de 1996 da Environmental Conservation Organization afirma que «este novo mecanismo proporciona um caminho directo entre as ONG filiadas locais, 'no terreno', das ONG nacionais e internacionais e os escalões mais elevados da governação mundial». E termina com um exemplo: «A Greater Yellowstone Coalition, um grupo de ONG filiadas, enviou recentemente uma petição ao Comité do Património Mundial, da UNESCO, solicitando a intervenção nos planos de uma empresa privada de extrair ouro de uma mina, em terrenos privados, perto do Parque de Yellowstone. O Comité da UNESCO interveio e colocou de imediato Yellowstone na lista do 'Património Mundial em Perigo'. Nos termos da Convenção sobre o Património Mundial, é exigido aos Estados Unidos que proteja o parque, mesmo para além das fronteiras deste e, se necessário, entrando em terrenos particulares.» Esta informação foi confirmada independentemente por três fontes que não se conheciam entre si; uma trabalha para o Human Rights Watch, a outra fez parte da administração Bill Clinton e a terceira é jornalista e tem laços estreitos com as Nações Unidas.

Só as ONG acreditadas e as suas filiadas é que serão autorizadas a participar na estratégia de aprovação. O que é mais importante, só delegados

nomeados pelo presidente dos Estados Unidos, que é controlado pela liderança interligada Rockefeller-CFR - Bilderberg. A conclusão do relatório de Janeiro/Fevereiro de 1996 da Environmental Conservation Organization é arrepiante: «A maquinaria das ONG da governação mundial está em acção na América. A sua actividade inclui a agitação a nível local, o *lobbying* a nível nacional, a elaboração de estudos para justificar a arrecadação mundial de impostos e o pagamento de anúncios televisivos que melhoram a imagem da ONU.» A estratégia para promover o programa da governação mundial inclui especificamente programas para desacreditar indivíduos e organizações que gerem «pressão política interna» ou «acção populista» que não apoie a nova ética global. Os meios de comunicação social nacionais controlados ou detidos pelo CFR/Bilderberg retrataram sistematicamente as vozes dissidentes que lutam para nos manter livres como extremistas de direita ou fanáticos que apoiam as milícias. «As vozes que agora falam por todos os Americanos nas Nações Unidas estão a aplaudir as forças que iriam reduzir a soberania nacional e entregar a liberdade individual e os direitos de propriedade como relíquias do passado. Se as vozes que actualmente representam os Estados Unidos continuarem a promover a governação mundial, o mundo ficará comprometido com um caminho que irá, efectivamente, provocar na sociedade uma alteração mais espectacular do que a provocada na Rússia pela Revolução Bolchevique.» O último parágrafo do artigo deveria pôr os cabelos em pé a todo o ser humano amigo da liberdade: «As recomendações da Comissão para a Governação Mundial, se postas em execução, juntarão todos os povos do mundo numa comunidade mundial governada por uma burocracia de âmbito mundial, sob a autoridade directa de um diminuto punhado de indivíduos nomeados, e policiada por milhares de indivíduos, pagos por ONG acreditadas, certificadas para apoiarem um sistema de crenças, que, para muitas pessoas, é inacreditável e inaceitável.» O último objectivo é a supressão da democracia.

Como se sente agora que conhece os planos futuros dos Rockefeller-CFR-Bilderberg-ONU? E, a propósito, não se esqueça de que a água e o ar são «recursos mundiais», tal como viver no espaço; de momento, recebe-os de graça, ou quase de graça. Mas prepare-se para o momento em que irá pagar imposto para plantar tomates no seu quintal - esse solo é um «recurso mundial»; pertence ao mundo, e não a si! É da natureza dos impostos crescerem e invadirem tudo, mesmo quando nivelam e empobrecem. Se, neste momento, pensa que o seu nível de vida desceu, espere até estes novos impostos lhe irem à carteira. Estará a pagar renda, através de uma pletora de amplos impostos mundiais, só para viver à face da Terra.

«Mas», pode estar a pensar, «se as coisas se tornarem realmente más, haverá uma revolução.» E antes de concluir que um programa desse tipo seria repudiado enfaticamente por um irado eleitorado americano, que se revoltará abertamente, lembre-se disto: quando o plano for posto em execução, a ONU terá um exército para respaldar o saque da América e eis a sua recomendação.

«A ênfase na segurança das pessoas exige que o mundo enfrente a cultura da violência na vida quotidiana, que é uma fonte importante de insegurança, hoje em dia, para as pessoas de todo o mundo. A cultura da violência - tão vívida na vida quotidiana, sobretudo contra as mulheres e as crianças, como nos ecrãs de televisão - infecta os países industriais e em desenvolvimento, e os pobres e os ricos, embora de formas diferentes. Deverão ser envidados todos os esforços, a

nível local e das comunidades, bem como a nível internacional, para inverter esta tendência e lançar à terra as sementes de uma cultura da não-violência. Apoiamos vigorosamente as iniciativas das comunidades para a protecção da vida individual, para incentivar o desarmamento de civis e para promover uma atmosfera de segurança nas comunidades.»

Gary Allen, em *The Rockefeller File*, explicou o que aconteceu há mais de 40 anos: «No mesmo mês em que foi editada a State Department Publication 72-77, a United States Arms Control and Disarmament Agency foi criada pelo Congresso. Ao fim de quarenta e oito horas, o novo organismo especializado apresentou o seu esquema de desarmamento às Nações Unidas. Naturalmente, era uma cópia a papel químico da proposta do CFR-Soviéticos apresentada à ONU pelos comunistas, no ano anterior. Embora a televisão e os jornais tenham falado sem cessar sobre desarmamento, nunca foi dita uma palavra sequer sobre o reverso da medalha: todas essas propostas exortam ao armamento das Nações Unidas!»

«Em Outubro de 1968, a US Disarmament Agency publicou uma proposta revista, intitulada *Arms Control and National Security*, que afirmava: 'Desde 1959, o objectivo último acordado das negociações tem sido um desarmamento geral e absoluto, isto é, a eliminação de todas as forças armadas e armamentos com excepção dos necessários para manter a ordem interna no seio dos Estados e para o fornecimento de forças de manutenção de paz às Nações Unidas... Enquanto as reduções estivessem a ser feitas, seria criada e desenvolvida uma força de manutenção de paz da ONU e, no momento em que o plano estivesse concluído, seria tão forte que nenhuma nação poderia desafiá-la'. Reparem que o documento dizia 'Desde 1959'. A US Arms Control and Disarmament Agency só foi criada em Setembro de 1961, mas foi em 25 de Novembro de 1959 que o 'Estudo n.º 7' do CFR, que enumera os verdadeiros objectivos da organização, foi elaborado e o seu conteúdo transmitido aos Soviéticos'. Eis o que dizia: '[...] construir uma nova ordem internacional [que] tem de corresponder às aspirações mundiais à paz [e] à mudança social e económica... uma ordem internacional... incluindo Estados que se classificam a si mesmos como socialistas.»

Porquê? Porque o objectivo do Council on Foreign Relations tem sido, desde a sua criação, enfraquecer a capacidade defensiva da América permitindo que os Soviéticos «alinhem o passo». Isso criará as condições favoráveis para um MONOPÓLIO mundial que será propriedade do conluio Bilderberg-CFR-Rockefeller com as suas lideranças interligadas e lucros cumulativos.

Segundo um homem que fora membro do CFR durante 15 anos, o contra-almirante Chester Ward, antigo procurador-geral da Marinha entre 1956 e 1960, que, num livro de 1975, *Kissinger on the Couch*, explicou os objectivos mundiais do Clube Bilderberg-CFR: «As facções mais poderosas no seio destes grupos elitistas têm um objectivo em comum: querem provocar a entrega da soberania e da independência nacional dos Estados Unidos... Os membros do CFR são, na sua maior parte, ideólogos do governo mundial único cujos objectivos a longo prazo foram compilados oficialmente, em Setembro de 1961, pelo State Department Document 72-77: [...] eliminação de todas as forças armadas e armamentos com excepção dos necessários para manter a ordem interna no seio dos Estados e para o fornecimento de forças de manutenção de paz às Nações Unidas... até ao momento em que [o governo mundial da ONU] seria tão forte que nenhuma nação o poderia desafiar. Este objectivo de promover o desarmamento e a submissão da soberania dos Estados Unidos e da independência nacional a um todo-poderoso governo mundial único é o único objectivo revelado a cerca de 95 % de 1551

membros [em 1975]. Há mais dois objectivos posteriores para cuja promoção está a ser utilizada a influência do CFR; mas é improvável que sejam conhecidos por mais de 75 membros ou que, já que se fala nisso, alguma vez tenham sido identificados por escrito.»

SECRETARIOS DA DEFESA PERTENCENTES AO CFR

A Lei de Segurança Nacional, de 1947, criou o cargo de secretário da Defesa. Desde 1947, houve 14 secretários da Defesa que figuravam na lista de membros do Council on Foreign Relations e/ ou da Comissão Trilateral.

Desde 1940, todos os secretários de Estado norte-americanos (exceptuando o governador James Byrnes, da Carolina do Sul) foram membros do Council on Foreign Relations ou da sua irmã mais nova, a Comissão trilateral. Também desde 1940, todos os secretários da Guerra e todos os secretários da Defesa foram membros do CFR. Praticamente todos os principais conselheiros para a segurança nacional e para a política estrangeira dos Estados Unidos foram, nos últimos oitenta anos, membros do CFR⁶.

Entre outros foram membros do CFR:

. CANDIDATOS PRESIDENCIAIS - (MEMBROS DO CFR) (que foram escolhidos pelos seus respectivos partidos como candidatos oficiais à Presidência):

John W. Davis (1924), Herbert Hoover (1928, 1932), Wendell Wilkie (1940), Thomas Dewey (1944, 1948), Adlai Stevenson (1952, 1956), Dwight Eisenhower (1952, 1956), John F. Kennedy (1960), Richard Nixon (1960, 1968, 1972), Hubert Humphrey (1968), George McGovern (1972), Gerald Ford (1976), Jimmy Carter (1976, 1980), John Anderson (1980), George Bush (1980, 1988, 1992), Howard Baker (1980), Reuben Askew (1984), John Glenn (1984), Alan Cranston (1984), Walter Mondale (1984), Michael Dukakis (1988), Bill Clinton (1992, 1996).

. DIRECTORES DA CIA - (MEMBROS DO CFR): Richard Helms (1966-1973, Johnson), James R. Schlesinger (1973, Nixon), William E. Colby (1973-1976, Nixon), George Bush (1976-1977, Ford), Stansfield Turner (1977- -1981, Carter), William J. Casey (1981-1987, Reagan), William H. Webster (1987-1991, Reagan), Robert M. Gates (1991-1993, Bush), R. James Woolsey (1993-1995, Clinton), John Deutch (1995-1996, Clinton), George Tenet (1997- -2004, G. W; Bush).

. SECRETARIOS DA DEFESA (CFR): 1957-1959, McElroy, 1959-1961, Gates, 1961-1968, McNamara, 1969-1973, Laird, 1973, Richardson, 1973-1977, Rumsfeld, 1977-1981, Brown, 1981-1987, Casper Weinberger, 1987-1989, Richard Cheney, 1989-1991, 1993-1994, Les Aspin, 1994-1997, William J. Perry, 1997-2001, William Cohen, 2001, Donald Rumsfeld.

. LISTA SECRETA DE MEMBROS DO CFR NAS FORÇAS ARMADAS: ESTADO-MAIOR CONJUNTO

Nota: As implicações da lista que apresentamos a seguir são assustadoras e tremendas. Estão a aperceber-se de que quase todos os generais, almirantes,

vice-almirantes, coronéis e capitães do Estado-Maior Conjunto, o grupo de experimentados veteranos de guerra com base em cuja opinião o presidente decide todas as iniciativas bélicas, estão nas mãos e sob o controlo da organização irmã de Bilderberg - o temível Council on Foreign Relations? O general David Jones, vice-almirante Thor Hanson, tenente-general Paul Gorman, major-general R. C. Bowman, general-de-brigada F. Brown, tenente-coronel W. Clark, capitão Ralph Crosby, almirante Crowe, coronel P. Dawkins, coronel W. Hauser, coronel B. Hosmer, major R. Kimmitt, capitão F. Klotz, general W. Knowlton, vice-almirante J. Lee, capitão T. Lupter, coronel D. Mead, major-general Jack Merritt, general E. Meyer, coronel E. Odom, coronel L. Olvey, coronel K. Osborn, major-general J. Pustuay, capitão P. A. Putignano, tenente-general E. L. Rowny, capitão Gary Sick, major-general J. Siegal, major-general Dewitt Smith, general-de-brigada Perry Smith, coronel W. Taylor, major-general J. N. Thompson, contra-Almirante C. A. H. Trost, almirante S. Turner, major-general J. Welch.

O secretário do Tesouro é o principal conselheiro económico e financeiro do governo, nomeado pelo presidente dos Estados Unidos. Os seguintes secretários do Tesouro são membros do Council on Foreign Relations: Robert B. Anderson (Eisenhower), Douglas C. Dillion (Kennedy /Johnson), Henry Hamill Fowler (Johnson), David M. Kennedy e George P. Schultz (Nixon), William Edward Simon (Nixon/Ford), W. Michael Blumenthal (Carter), G. William Miller (Carter) James A. Baker III (Reagan), Nicholas F. Brady (Reagan/Bush), Uoyd M. Bentsen (Clinton), Robert E. Rubin (Clinton), Paul H. O'Neil (G. W. Bush), John W. Snow (G. W. Bush).

O secretário do Tesouro depende muito das informações secretas que recebe do Conselho Nacional de Segurança. Estas informações secretas permitem ao Tesouro contribuir plenamente para a «consecução dos objectivos de segurança nacional e para o clima especial de opinião que os Estados Unidos procuram conseguir no mundo», explica o Dr. Richard J. Boylan, cientista do comportamento, professor universitário associado (emérito) e investigador, no número do Verão de 2001 de *True Democracy*'.

O falecido Gary Allen, um dos melhores jornalistas de investigação americanos, escreveu, no seu *best-seller* internacional *The Rockefeller File*: «Os Rockefeller transformaram praticamente o Departamento do Tesouro numa filial do Chase Manhattan Bank.»

Todos os juizes do Supremo Tribunal foram nomeados por presidentes pertencentes ao Council on Foreign Relations, ou por presidentes cujas decisões foram influenciadas pelos 100 ou mais membros do Council que trabalham juntos como «O Grupo Especial» ou «A Equipa Secrew». (Quando um dos juizes do Supremo Tribunal se reforma, o presidente em exercício nomeia alguém da sua escolha para substituir o juiz que se reforma. Em regra, o nomeado reflecte de perto o pensamento, tanto político como em termos de crenças religiosas, do presidente que o nomeou. O que é espantoso, uma vez mais, para o público em geral, é saber que embora, aparentemente, um presidente republicano ou democrata escolha o seu juiz, uma decisão que depois tem de ser aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos, não é isso que acontece. Todavia, se lhe dissessem, leitor, que o presidente em exercício não decide realmente sobre a escolha do juiz, mas que ilie é dito quem deve escolher para o lugar em aberto, a sua confiança no sistema judicial americano ficaria minada, sabendo que a escolha final, o juiz do Supremo Tribunal, esse último guardião dos seus direitos

individuais, está, na verdade, a olhar pelos interesses do CFR, que faria?) Através dos juízes escolhidos para o seu cargo pelo ramo executivo do Governo dos Estados Unidos, controlado pelo CFR, o Supremo Tribunal toma decisões que transmitem a opinião que os membros do Council on Foreign Relations tentam promover no mundo. O caso decisivo *Roe v. Wade* que esclareceu o direito das mulheres a abortar foi analisado por nove juízes do Supremo escolhidos por presidentes em exercício que pertenciam ao CFR ⁷.

O CFR E AS OPERAÇÕES PSICOPOLÍTICAS

Segundo o Volante n.º 525- 7 -1 do Departamento de Defesa, «a arte e a ciência das operações psicológicas», o «secretário da Defesa é o principal conselheiro do presidente em todas as matérias relacionadas com o Departamento de Defesa e exerce a direcção, a autoridade e o controlo do Departamento. O secretário da Defesa é membro do Conselho Nacional de Segurança. Entre os conselheiros militares e conselheiros civis do secretário, encontra-se o seu conselheiro para os Assuntos de Segurança Internacional, que tem responsabilidades sobre as operações psicológicas (PSYOP)». (Headquarters Department of the Army, DA Pam 525- 7-2, Volante n.º 725-7-2, *The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application*, Washington, DC, 1 de Abril de 1976, preparado pelo American Institutes for Research (AIR), 3301 New México Avenue N. W, Washington, DC, 20016, sob o Department of the Army Contracts, Project Director Daniel C. Pollock, vol. 1, p. 99.)

Hadley Cantril, um sociólogo e perito em sondagens da década de 1940, explicou, no seu livro de 1967, *The Human Dimension: Experiences in Policy Research*, publicado pela Rutgers University Press: «As operações psicopolíticas são campanhas de propaganda, utilizadas pelo Council on Foreign Relations e o Clube Bilderberg. que se destinam a criar tensões perpétuas e manipular diferentes grupos de pessoas para aceitarem o clima de opinião especial que o CFR procura conseguir no mundo.»

«Aquilo que a maioria dos Americanos pensa ser a 'Opinião Pública' é, na realidade, propaganda cuidadosamente gizada e escrita para provocar, no público, a resposta comportamental desejada», explica Ken Adachi, editor de uma excelente página web: www;educate-yourself.org,. isto é, levar as pessoas a comportarem-se do modo que esperamos que se comportem, convencendo-as de que, em última instância, é do seu interesse que o façam. As sondagens da opinião pública são estudos qualitativos que investigam profundamente as emoções, os sentimentos, as reacções de grupos sociais escolhidos em relação à *aceitação* dos programas planeados pelo CFR. A implementação da propaganda insidiosa e as manipulações da opinião pública (incluindo programas de controlo da mente) é executada, nos Estados Unidos, por muito mais de 200 'grupos de reflexão' tais como a Rand Corporation, a Planning Research Corporation, o Hudson Institute, o International Institute for Applied Behavioural Sciences, a Heritage Foundation e o Brookings Institute «que são supervisionados e dirigidos pela principal organização de controlo das mentes da Nova Ordem Mundial, nos Estados Unidos, o Stanford Research Institute (SRI), de Menlo Park, Califórnia», explica Ken Adachi e é confirmado independentemente pelo Dr. John Coleman, um

antigo agente secreto do MI6 que tinha acesso aos documentos mais confidenciais e é autor de *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*.

Eis o que o Dr. John Coleman escreve, em *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*: «Hoje em dia, o Tavistock Institute opera uma rede de fundações, de 6 mil milhões de dólares anuais, nos Estados Unidos, todas financiadas com dinheiro dos contribuintes norte-americanos. Dez grandes instituições estão sob o seu controlo directo, com 400 subsidiárias, e mais 3000 grupos de estudo e grupos de reflexão que criam muitos tipos de programas para aumentar o controlo da Ordem Mundial sobre o povo americano. O Stanford Research Institute, ligado à Hoover Institution, movimenta 150 milhões de dólares por ano e tem 3300 funcionários. Leva a cabo vigilância de programas para a Bechtel, a Kaiser e outras 400 empresas e grandes operações de espionagem para a CIA. É a maior instituição da Costa Ocidental na promoção do controlo da mente e das ciências do comportamento.»

O RAND Institute, financiado pelos Rockefeller, e o Tavistock Institute, em Inglaterra (30 Tabernacle Street, London EC2A 4DD), também financiado pelos Rockefeller, investigam a «dinâmica da evolução»; isto é, a lógica subjacente à razão pela qual pessoas com antecedentes, interesses, lealdades e níveis de informação diferentes têm determinadas opiniões. Os elitistas do Sistema referem-se a ela como «a engenharia do consentimento». Como o Dr. John Coleman, em *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300* deixa absolutamente claro: «Todas as técnicas de Tavistock e das fundações americanas têm um único objectivo - destruir a força psicológica do indivíduo e deixá-lo impotente para se opor aos ditadores da Ordem Mundial.» Em 1991, B. K. Eakman publicou *Educating for the New World Order*; na Halcyon Press, um livro que é uma espantosa revelação que desmascara as forças que dão forma ao ensino norte-americano e, em última análise, nos conduzem a todos, inconscientemente, a um futuro orwelliano. Nele, escreve: «Entre as políticas específicas do RAND que se tornaram operacionais, contam-se as políticas nucleares dos Estados Unidos, as análises de empresas, centenas de projectos para as Forças Armadas, a Central Intelligence Agency relacionadas com a utilização de drogas que alteram a mente, como o mescal e a LSD» (a operação secreta «MK-Ultra», uma criação Richard Helms, que mais tarde viria a ser director da CIA, era o nome de código de um programa de investigação de controlo da mente, levado a cabo pela CIA e que durou da década de 1950 até aos anos 70. Os «médicos», chefiados pelo psiquiatra Dr. Ewen Cameron, e antigos cientistas nazis usaram algumas das técnicas investigadas pelos «médicos» nazis, nomeadamente, electrochoques, privação do sono, implantação de memória, apagamento de memória, alteração sensorial, experiências com drogas psicoactivas. O que é irónico em relação ao Dr. Cameron é que foi membro do tribunal de Nuremberga que julgou os casos contra os médicos nazis que durou 20 anos).

O Dr. Byron T. Weeks, coronel reformado da Força Aérea dos Estados Unidos, num artigo esplêndido, fruto de uma pesquisa sólida e meticulosamente documentado para a www.educate-yourself.org, explica que: «A ideologia das fundações americanas foi criada pelo Tavistock Institute of Human Relations, de Londres. Em 1921, o duque de Bedford, marquês de Tavistock, deu um edifício ao Instituto para estudar o efeito da neurose de guerra nos soldados britânicos que haviam sobrevivido à I Guerra Mundial. O seu objectivo era determinar o 'ponto de ruptura' dos homens sob stress, sob a direcção do Gabinete de Guerra Psicológica, do Exército Britânico, comandado por Sir John Rawlings-Reese⁸.»

Em *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, o Dr. John Coleman explica: «Uma rede de grupo secretos, a Mont Pelerin Society, a Comissão Trilateral, a Ditchley Foundation e o Clube de Roma é a via de transmissão de instruções à rede de Tavistock.»

A edição de Fevereiro de 1971 de uma revista russa com sede em Moscovo, *International Affairs*, num artigo intitulado «Ways and Means of US Ideological Expansion», explicava o significado destas operações: «As operações psicopolíticas subdividem-se em *operações psicopolíticas estratégicas*, que se dirigem à propaganda a pequenos grupos de pessoas, como académicos ou peritos, capazes de influenciar a opinião pública e *operações psicopolíticas tácticas*, que dirigem a propaganda às massas através de meios de comunicação de massas (isto é, jornais, rádio, televisão, manuais, material educativo, arte, diversão, etc.)⁹.» «Ambas as formas de propaganda são usadas para manipular a opinião pública de modo a atingir, num determinado período, objectivos de política externa», escreve um grupo de peritos, num panfleto intitulado *The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application*, volume I, publicado, em 1976, pelo Departamento de Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos¹⁰.

Thomas R. Dye, um dos mais prolíficos autores americanos no que se refere ao funcionamento secreto da América moderna, escreve em *Who's Running America? Institutional Leadership in the United States*, que «esta opinião é formulada pelos membros dominantes do Council on Foreign Relations que pertencem a um núcleo chamado 'Grupo Especial', que planeia e coordena as operações psicopolíticas utilizadas para manipular o público americano, e através de uma grande estrutura secreta intergovernamental chamada 'Equipa Secreta', que abrange os ramos legislativo, executivo e judicial do governo, tais como o secretário de Estado, o secretário da Defesa, o secretário do Tesouro e o director da CIA; aqueles que controlam as empresas de televisão, rádio e jornalísticas; que estão à frente das maiores sociedades de advogados; que dirigem as maiores e mais prestigiadas universidades e grupos de reflexão; que dirigem as maiores fundações privadas e dirigem as maiores empresas públicas¹¹».

A «Equipa Secreta» do Council on Foreign Relations segue o modelo de liderança de todas as sociedades secretas. O organigrama da organização está estruturado como círculos dentro de círculos, com a camada exterior «<Equipa Secreta>» a proteger sempre os membros mais dominantes do núcleo «<Grupo Especial>» que coordenam as operações psicopolíticas. Ao manterem os objectivos, as identidades e os papéis desempenhados pelos membros de uma «Equipa Secreta» escondidos de outros membros da equipa, o «Grupo Especial» do CFR protege-se de uma hipotética perseguição negando a sua participação na operação. Para se proteger ainda mais de uma possível perseguição, o CFR não revela a todos os membros do Council quais as operações psicopolíticas que estão a ser planeadas nem qual será o seu papel exacto da operação. O Clube Bilderberg, mais exclusivo, funciona segundo critérios idênticos.

O CFR está convencido de que «o controlo total do comportamento está iminente... sem que a humanidade se aperceba de que está perto de uma crise»¹². The Association for Supervision and Curriculum Development da National Education Association liberal aponta para a eficácia da versão sofisticada actual do velho processo dialéctico hegeliano - o coração do sistema de lavagem ao cérebro soviético. Há três regras básicas para influenciar o comportamento: primeira, a impostura, cuidadosamente elaborada, deverá conter uma réstia de verdade; segunda, tem de ser suficientemente retorcida, tornando impossível a mera

averiguação dos factos. Isso pode ser conseguido não comunicando ao público informações fundamentais. «A facção que se espera que venha a perder retém informações fundamentais que fariam com que a opinião pública se opusesse aos planos do Council. Na operação psicopolítica do Plano Marshall, Kennan era a favor do Plano e Lippmann, contra. O lado de Kennan ganhou. Alguns anos mais tarde, nas suas memórias, Kennan viria a dizer que, pensando bem, Lippmann tinha razão», escreve Dale Keiger, um redactor principal da *Johns Hopkins Magazine* que cobre humanidades, assuntos internacionais e questões de política pública, em «A Different Form of Capitalisffi»; e terceira, a utilização do logro não deveria desacreditar uma fonte que possa ter um potencial futuro valioso, o que significa que os meios de comunicação social, em grande medida propriedade de empresas controladas pelo C~ devem jogar a cartada da credibilidade. Com a ajuda dos meios de comunicação social, por exemplo, o CFR já conven- ceu pessoas de todo o mundo de que «o ressurgimento do nacionalismo, o crescimento dos fundamentalismos e da intolerância religiosa» constituem uma ameaça mundial¹³.

O Council on Foreign Relations cria e executa operações psicossociais manipulando a realidade das pessoas por meio da «Táctica de Embuste», colocando membros seus em ambas as facções de um assunto. O embuste é total quando o público é levado a crer que estão a ser atendidos os seus interesses, quando, na verdade, é a política do CFR que está a ser levada a cabo.

Dado que o CFR controla os sistemas jurídico, legislativo e judicial, não tem nada a temer de um «inquérito oficial». Logo, é livre de criar a percepção, no público em geral - incapaz de se aperceber da extensão do embuste -, de que as leis estão a ser cumpridas. Advogados, legisladores e juízes eleitos, apoiados e protegidos pelo Council estão a cometer ilegalidades descaradas para fazer avançar os objectivos do Council on Foreign Relations ou para esconder indecências que, se reveladas, provocariam grande indignação pública que poderia conduzir a que informações comprometedoras fossem facultadas ao público, contrariando os desejos do CFR De acordo com o *Executive Summary of the Iran-Contra Investigation of the United States Government*, que pode ser obtido na US National Archives & Records Administration, relativo aos anos 1986-1993, «em Outubro e Novembro de 1986, foram denunciadas publicamente duas operações secretas do Governo norte-americano que implicavam funcionários da Administração Reagan em actividades ilegais: a prestação de assistência às actividades militares dos rebeldes contra da Nicarágua, durante uma proibição dessa ajuda entre Outubro de 1984 e Outubro de 1986, e a venda de armas norte-americanas ao Irão, infringindo a política que os Estados Unidos afirmavam seguir e em possível violação dos controlos de exportação de armas. Estas operações tornaram-se conhecidas pelo nome Caso Irão-Contras. A operação Irão envolveu acções, em 1985 e 1986, para obter a libertação dos americanos mantidos como reféns no Médio Oriente, mediante a venda de armas norte-americanas ao Irão, apesar de haver um embargo a essas vendas. A operação Contras, entre 1984 e a maior parte de 1986, envolveu apoio governamental secreto às actividades militares e paramilitares dos Contras na Nicarágua, apesar de haver uma proibição do Congresso relativamente a esse apoio. As operações no Irão e na Nicarágua foram fundidas quando os fundos gerados pela venda de armas ao Irão foram desviados para a actividade dos Contras, na Nicarágua. Embora este «desvio» possa ser o aspecto mais espectacular do Irão/Contras, é importante sublinhar que tanto a operação Irão como a Contras, separadamente, violavam a política e as leis dos Estados Unidos, isto é, a Lei de Controlo das Exportações de Armas. No final de Novembro de 1986, funcionários da administração Reagan anunciaram

que «alguns dos lucros da venda de armas ao Irão haviam sido desviados para os Contras». Segundo a informação disponível publicamente da US National Archives & Records Administration, para os anos 1986-1993, o relatório do Gabinete do Procurador Independente (responsável pela investigação) afirma «é importante sublinhar que tanto a operação Irão como a Contras, separadamente, violavam a política e as leis dos Estados Unidos».

A 26 de Novembro de 1986, o procurador-geral ordenou ao Federal Bureau of Investigation que iniciasse a investigação do episódio Irão/Contras. A 19 de Dezembro de 1986, Lawrence Walsh foi nomeado procurador independente para levar a cabo a investigação. Lawrence Walsh desempenhou um papel definido constitucionalmente como procurador independente, ou foi, também ele, parte de uma conspiração muito maior? Em 1969, Walsh integrou a equipa de Kissinger, em Paris, durante as conversações sobre o Vietname. Em 1981, Walsh trabalhava para uma das mais antigas sociedades de advogados do Oklahoma, Crowe and Dunley, fundada em 1902 e que representava companhias petrolíferas e de seguros dirigidas por membros do CFR.

Os membros do «Grupo Especial» do CFR George H. W. Bush (vice-presidente), Donald T. Regan (chefe de gabinete do presidente), Elliot Abrams (secretário de Estado adjunto para os Assuntos da Organização Internacional), John Poindexter (conselheiro para a Segurança Nacional), Casper Weinberger (secretário da Defesa), Robert M. Gates (vice-director da CIA), William J. Casey (director da CIA) e Robert McFarlane (assessor do presidente para os Assuntos de Segurança Nacional) aconselharam Reagan a avançar com o Irão-Contras. A 24 de Dezembro de 1992, noticia a Associated Press, seis anos depois de ter sido revelado o caso Irão-Contras, e aproveitando o Natal e a subsequente falta de atenção dos meios de comunicação social, o presidente George H. Bush perdoou os seus colegas membros do CFR Weinberger, McFarlane, Abrams e três chefes da CIA chamados Fiers, George e Clarridge. Será que ninguém compreende que há um conflito de interesses neste perdão e que os membros do CFR pertencentes ao Departamento de Segurança Nacional e à comunidade dos serviços de informações influenciaram a tomada de decisões do presidente dos Estados Unidos da América para ignorarem despidoradamente a lei penal do país tendo em vista a execução do plano secreto do CFR, através de uma vasta infra-estrutura secreta intergovernamental chamada a «Equipa Secreta»? Porque é que a «imprensa livre» não levou esta mascarada de justiça aos lares da América? A não ser que, como estamos a ver, a imprensa faça parte da operação e do sistema que é o governo-sombra.

Como aparte, após uma investigação de sete anos que custou milhões de dólares aos contribuintes americanos, só uma pessoa, um zé-ninguém de segunda categoria, foi condenado e metido na cadeia... por não ter pago o imposto sobre os rendimentos.

Uma terceira «Táctica de Embuste» utilizada para atingir os objectivos do Council on Foreign Relations é financiar e «supervisionar» um estudo legítimo, por uma organização respeitada, com o objectivo expresso de manipular a opinião pública por meio da utilização inteligente da linguagem adequada.

O Council on Foreign Relations utiliza fundações isentas de impostos como principal canal para instilar dinheiro em processos de decisão política favoráveis. Através do livro de Thomas R. Dye, *Who's Running America?*, ficamos a saber que quase 40 % do capital de todas as fundações são controlados pelas 10-11 maiores

fundações, que, por sua vez, são controladas pelo Council on Foreign Relations¹⁴. E continua, «os directores e curadores têm uma grande latitude na determinação de como serão usados os dinheiros da fundação - para financiar a pesquisa, investigar problemas sociais, criar ou prestar assistência a universidades, criar 'grupos de reflexão', financiar museus, etc.¹⁵».

Uma quarta «Táctica de Embuste» é a utilização orwelliana de uma linguagem dupla.

Rene Wormser escreveu, em *Foundations: Their Power and Influence*, que «o RAND National Defense Research Institute é um grupo de reflexão, com financiamento federal, do Council on Foreign Relations, patrocinado pelo gabinete do secretário da Defesa e chefiado pelo membro do Council on Foreign Relations Michael D. Rich. Entre os seus clientes, contam-se o Pentágono, a AT&T, o Chase Manhattan Bank, a IBM, o Partido Republicano, a Força Aérea dos Estados Unidos, o Departamento de Energia dos Estados Unidos e a NASA. A liderança interligada entre os curadores do RAND e as fundações Ford, Rockefeller e Carnegie é um caso clássico do *modus operandi* do CFR/Bilderberg. A fundação Ford deu um milhão de dólares ao RAND, em 1952, numa época em que o presidente da Ford Foundation era simultaneamente o presidente do RAND». Dois terços da investigação do RAND estão relacionados com questões de segurança nacional e, consequentemente, são considerados secretos. O outro terço da investigação da Rand Corporation é dedicado a estudos de controlo populacional (demografia aplicada). Uma das principais áreas de especialização do RAND relaciona-se com estudos sobre como desinformar e manipular grandes grupos de pessoas.

Em Julho de 1992, influenciado pela incerteza da dissolução da União Soviética e alarmado com as mudanças iminentes na Europa Oriental, o RAND reuniu os principais peritos mundiais para analisar os problemas no novo ambiente mundial. O documento resultante foi «revisto», isto é, moldado aos objectivos do RAND, e publicado como um Summer Institute Report, intitulado «Peacekeeping and Peacemaking after the Cold War». De acordo com o relatório, o secretário-geral da ONU «define a consolidação da paz como uma acção pós-conflito... O secretário-geral ligou a diplomacia preventiva à colocação no terreno, preventivamente, de forças militares». O RAND faz notar que «o secretário-geral, na sua Agenda para a paz [...] sublinha a necessidade de os governos partilharem informações sobre situações políticas ou militares e, ao fazê-lo, está a pedir uma expansão da partilha de informações [...]» Uma vez mais, tenho de sublinhar que uma das qualidades mais importantes da RAND é a sua capacidade para desinformar e manipular grandes grupos de pessoas.

Em «A Different Form of Capitalism», Dale Keiger, redactor principal da *Johns Hopkins Magazine* que cobre humanidades, assuntos internacionais e questões de política pública, escreveu: «Em 1947, os membros do CFR George Kennan,¹⁷ Paul Nitze¹⁸ e Dean Acheson¹⁹ participaram numa operação psicopolítica destinada a impor o Plano Marshall ao público americano. A PSYOP [Operação Psicológica] incluía uma carta «anónima» atribuída ao Sr. x, que foi publicada na revista *Foreign Affairs*, do Council on Foreign Relations. A carta abriu a porta para a administração Truman, controlada pelo CFR, assumir uma linha dura contra a ameaça da expansão soviética. Sem que o grande público soubesse, George Kennan era o autor da carta. O Plano Marshall deveria ter-se chamado Plano Council on Foreign Relations.

O chamado Plano Marshall e a NATO, que se lhe seguiu, definiram o papel dos Estados Unidos na política mundial, durante o resto do século.»

O CFR E o PLANO MARSHALL

O Plano Marshall retira o seu nome do discurso proferido, a 5 de Junho de 1947, pelo secretário de Estado norte-americano, general Marshall, na Universidade de Harvard, em que propunha uma solução para as condições económicas e sociais em desintegração que os Europeus enfrentavam, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Nos termos do programa, os Estados Unidos forneciam ajuda para evitar a fome nas zonas de guerra mais importantes, reparar a devastação dessas zonas o mais rapidamente possível e convidavam as nações europeias a unirem-se num plano de cooperação para a reconstrução económica.

Segundo a brochura que se encontra à disposição do público na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, «a América beneficiava também com o plano fazendo valiosas parcerias comerciais e aliados fiáveis entre as nações da Europa Ocidental. Ainda mais importantes eram os muitos vínculos de amizade individual e colectiva que se gerariam entre os Estados Unidos e a Europa». O que é menos conhecido é que o Plano impunha algumas condições - a exigência específica, por parte dos Americanos, de liberalização do comércio e aumentos de produtividade, «garantindo a americanização da Europa à medida que as elites políticas e económicas europeias iam ficando ligadas às suas homólogas americanas sem que nenhum desenvolvimento significativo, em termos económicos ou políticos, ocorresse sem a aprovação dos Estados Unidos», explica o escritor político inglês Richard Greaves, no seu ensaio *Who really runs the world?*

A Lei de Ajuda Externa, que surgiu em 1948, criou a Economic Cooperation Agency (ECA) para administrar o Programa de Recuperação Europeia (ERP). Entre os anos 1948-1951, em que o Plano Marshall esteve formalmente em execução, o Congresso atribuiu 13,3 mil milhões de dólares de ajuda a 16 Estados da Europa Ocidental.

O comentador político Mike Peters, num artigo publicado na revista *Lobster* 32, «The Bilderberg Group and the project of European Unification», escreve: «Este exercício sem precedentes de generosidade internacional (a que Churchill chamou 'o acto mais nobre da História') satisfazia objectivos económicos directos das empresas norte-americanas orientadas para o exterior que o promoviam. William Clayton (CFR), por exemplo, o secretário adjunto para os Assuntos Económicos, cuja digressão pela Europa, bem como as cartas enviadas para Washington, desempenharam um papel fundamental na preparação do plano e que conseguiram a sua aprovação pelo Congresso, lucrou pessoalmente uma quantia de 700 000 dólares por ano; e a sua empresa, a Anderson, Clayton & Co., obteve 10 milhões de dólares em encomendas do Plano Marshall até ao Verão de 1949 (Schuman 1954, p. 240). A General Motors obteve também encomendas no valor de 5,5 milhões de dólares, entre Julho de 1950 e 1951 (14,7 % do total) e a Ford Motor Company obteve um milhão (4,2 % do total).»

Kai Bird, editor e colunista de assuntos internacionais da célebre revista *The Nation*, em *The Color of Truth: McGeorge Bundy and William Bundy: Brothers in Arms*, descreveu os aspectos ocultos do Plano. «[Em 1949] McGeorge Bundy, ex-

presidente da Ford Foundation, empreendeu um projecto com o Council on Foreign Affairs, de Nova Iorque, para estudar a ajuda do Plano Marshall à Europa [...] O grupo de estudos do conselho sobre a ajuda à Europa incluía algumas das principais figuras do domínio da política externa. A trabalhar com o jovem Bundy no projecto estavam Allen Dulles, David Lilienthal, Dwight Eisenhower, Will Clayton, George Kennan, Richard M. Bissell e Franklin A.

Lindsay. Dulles, Bissell e Lindsay [...] viriam a ser, em breve, altos funcionários da recém-criada Central Intelligence Agency [...] As suas reuniões foram consideradas tão delicadas que a habitual transcrição privada não foi distribuída aos membros do conselho. Havia boas razões para o secretismo. Estes eram provavelmente os únicos particulares que tinham conhecimento do facto altamente secreto de que havia uma face oculta do Plano Marshall. Especificamente, a CIA [controlada pelo CFR] estava a utilizar os 200 milhões de dólares anuais, em divisas locais, dos fundos de contrapartida alimentados pelos receptores de ajuda do Plano Marshall. Esses fundos confidenciais estavam a ser utilizados pela CIA para financiar actividades eleitorais anticomunistas em França e Itália e para apoiar jornalistas, sindicalistas e políticos que concordavam com os seus pontos de vista.»

ORIGENS DO PLANO MARSHALL

Na realidade, as origens do Plano Marshall encontram-se nas redes de formação de políticas criadas pelo Council on Foreign Relations (CFR) antes da II Guerra Mundial, em 1939. Michio Kaku e Daniel Axelrod, em *To Win the Nuclear War. The Pentagon's Secret War Plans*, explicam que «as actas das reuniões confidenciais realizadas entre o Departamento de Estado e o CFR, no início de 1939, mencionam explicitamente o papel dos EUA como força de agregação e substituto do Império Britânico»²⁰. Mike Peters, num dos poucos livros que referem o terrível Clube Bilderberg no título, *The Bilderberg Group and the Project of European Unification*, escreveu: «O plano que Marshall apresentou no seu discurso de Harvard fora esboçado previamente, em 1946, nas propostas de um grupo de estudo do CFR, presidido pelo advogado Charles M. Spofford e David Rockefeller, intitulado 'Reconstruction in Western Europe'²¹.»

Foi levada a cabo outra iniciativa, através da Comissão para o Plano Marshall, constituída em 1947, explica G. William Domhoff em *The Powers that Be*, publicado pela Vintage Books, em 1978, «para combater os isolacionistas de direita americanos. A comissão era presidida por Henry L. Stimson, antigo secretário da Guerra e secretário de Estado e que era membro do CFR desde a década de 1920». Cinco dos sete membros da comissão executiva estavam ligados ao CFR.

O movimento para criar uma Europa unida inseria-se num plano mais amplo para criar um governo mundial. Carroll Quigley, professor de História na Foreign Service School da Universidade de Georgetown, em *Tragedy and Hope*, onde segue a evolução do Sistema, também conhecido como Nova Ordem Mundial, no século xx, afirmou que «a integração da Europa Ocidental começou em 1948 e foi desencadeada pelo Plano Marshall [...] Os Estados Unidos haviam concedido a ajuda do Plano Marshall, sob condição de a reconstrução da Europa ser edificada numa base de cooperação. Isso conduziu à Convenção para a Cooperação

Económica Europeia [...] assinada em Abril de 1948, e ao Congresso de Haia para a União Europeia, que se realizou no mês seguinte».

O Congresso de Haia exortou a uma Europa unida e emitiu sete resoluções sobre aspectos da união política. A número sete afirmava: «A criação de uma Europa Unida deve ser considerada um passo essencial para a criação de um Mundo Unido», escreve Dennis Behreandt, no número de 6 de Setembro de 2004 de *The New American*, num artigo intitulado «*Abolishing Our Nation - Step by Step*». Behreandt explica também que «o Plano Marshall, para além de ajudar a pôr de novo de pé a Europa, conduziu ao Plano Schuman, em 1950, quando o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, propôs que toda a produção de carvão e aço de França e da Alemanha fosse colocada sob a autoridade de um órgão supranacional», que, por sua vez, conduziu à Comunidade do Carvão e do Aço e, depois, à Euratom e ao Mercado Comum.

O professor Quigley afirmou que «era uma organização verdadeiramente revolucionária dado que tinha poderes soberanos, nomeadamente a autoridade de recolher fundos fora do poder de qualquer Estado existente, controlar preços, canalizar investimentos, recolher fundos, distribuir carvão e aço durante períodos de escassez e determinar a produção em épocas de excedentes». Em resumo, «a CECA era um governo rudimentar». Fundada em 1951, a entidade (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço) juntava os recursos, em termos de carvão e aço, de seis nações (França, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica, Luxemburgo e Países Baixos) sob uma única autoridade, levantando as restrições às importações e exportações, criando um mercado de trabalho unificado, adoptando uma política económica conjunta e harmonizando o padrão de vida nos Estados-membros, impedindo assim uma nova guerra.

Oculto pelo general Marshall e pelo pessoal do CFR estava o facto de a CECA ser o primeiro passo concreto para a unificação política, a primeira pedra do edifício do Império, sendo este o Governo Mundial Único. Com a assinatura do Tratado de Roma, que abriu caminho à Comunidade Económica Europeia, em 1957, estava dado o próximo passo para um futuro governo mundial. O Tratado de Roma entrou em vigor a 1 de Janeiro de 1958.

Uma vez mais, Dennis Beherandt escreve no artigo publicado no número de Setembro de 2004 da revista *The New American*: «As organizações intergovernamentais regionais e os órgãos reguladores a nível mundial são o produto do planeamento e esforço a longo prazo de um grupo dedicado de internacionalistas»... o que se liga perfeitamente com os pensamentos de Ambrose Evans-Pritchard, num artigo publicado no número de Setembro de 2000 do *Telegraph of London*: «[...] decidido a corroer enganosamente a soberania nacional» sendo «grande parte do financiamento e do apoio ao movimento em prol da união europeia proveniente das fontes dos serviços secretos norte-americanos». Em parte alguma isso é mais evidente do que no caso da União Europeia, escreveu Ambrose Evans-Pritchard para o *Telegraph of London*, em Setembro de 2000, em que «a comunidade dos serviços secretos norte-americanos [Allen Dulles (CIA, delegado de Rockefeller) e o general Walter Bedell Smith (CIA), ambos membros influentes do CFR] conduziram uma campanha, nas décadas de 50 e 60, para criar ímpeto para uma Europa unida. Financiou e orientou o movimento federalista europeu». Não seria exagerado dizer que o actual governo europeu foi preparado pelo Council on Foreign Relations através do comité Americano para uma Europa Unida, dirigido por William Donovan, antigo director da OSS, precursora da CIA.

Porque é que o papel do Council on Foreign Relations na História está a ser deliberadamente escondido e substituído gradualmente por uma versão completamente falsa dos acontecimentos? Porque é que não há nenhuma universidade, sendo as universidades o centro de difusão do liberalismo americano, que atribua créditos a cursos sobre uma das mais influentes organizações privadas americanas que trabalha em tão estreita colaboração com o Governo dos Estados Unidos moldando a política externa do país aos seus objectivos privados? Porque é que os jornalistas de investigação que ganharam o Prémio Pulitzer, os professores universitários, os historiadores, os escritores, os estadistas, os políticos e os investigadores não se aperceberam de que existe um plano?

FIM

No que se refere ao CFR, uma singularidade bastante estranha tem que ver com o facto de as pessoas considerarem difícil acreditar que uma organização secreta como o CFR disponibilize um exemplar do seu relatório anual, que contém uma lista dos seus membros. Será possível que haja exagero nas minhas afirmações sobre o seu secretismo, impiedade e objectivos a longo prazo?

O CFR deixa que o leitor veja o seu relatório anual, folheie a lista dos seus membros, leia a sua página Web e assine a sua publicação *Foreign Affairs*. Ao contrário do Clube Bilderberg, têm inclusive um secretário que responde educadamente à maior parte das suas perguntas. Todavia, é tudo um embuste. A tradução literal das suas verdadeiras intenções pode ser encontrada nas páginas do mesmo relatório anual que, tão gentilmente, distribuem ao público. A tradução, tal como no caso do Clube Bilderberg, é: «É melhor que não contem a estranhos o que fazemos ou dizemos.»

No Relatório Anual de 1992 do Council on Foreign Relations, afirmam vigorosamente, em 20 lugares diferentes e em termos variáveis, que é melhor os membros não contarem o que se passa lá²².

Ao Conselho Consultivo Internacional do CFR, de acordo com a página Web do próprio CFR, «é pedido que comente programas institucionais e orientações estratégicas, bem como oportunidades práticas de colaboração entre o Conselho e instituições estrangeiras». É formado por 44 membros escolhidos na Europa, América do Norte e do Sul, África, Ásia, Médio Oriente. «Surpreendentemente», 90 % pertencem à CT, ao CFR ou ao Clube Bilderberg, controlados pelos Rockefeller. Se não se trata de uma organização secreta, por que razão insistem tanto e afirmam de 20 maneiras diferentes que a não atribuição (é melhor não contarem) é tão importante, no seu próprio relatório anual?

O título 50 do artigo 783 sobre a Defesa Nacional dos Estados Unidos diz: «É ilegal qualquer pessoa associar-se, conspirar ou acordar com qualquer outra pessoa para realizar qualquer acto que contribua substancialmente para a instauração, dentro dos Estados Unidos, de uma ditadura totalitária, cuja direcção e controlo venha a ser atribuído, ou exercido por qualquer governo estrangeiro ou sob o domínio do controlo do mesmo.»

O Council on Foreign Relations, ao manipular secretamente o processo eleitoral na América, ao conspirar para entregar a soberania da América ao

governo mundial, ao usar grupos de análise e grupos de estudo especiais para fazer avançar as suas políticas diabólicas de conquista mundial e escravatura, ao planejar desarmar a América contrariando os desejos expressos dos Pais Fundadores, aos quais o vendedor do globalismo Bill Clinton chamava radicais, ao colocar, voluntária e deliberadamente, as forças militares sob o comando da ONU, o que é contrário à Constituição dos EUA, e pela utilização subversiva de operações psicopolíticas concebidas para criar tensões permanentes e para manipular diferentes grupos de pessoas para que aceitem a visão que o CFR tem da ordem mundial, é culpado de todas essas acusações.

CAPÍTULO III - A conspiração Rockefeller e a Comissão Trilateral

«Independentemente do preço, a Revolução Chinesa foi obviamente bem-sucedida, não só no que se refere à criação de uma administração mais eficiente e dedicada, mas também na promoção de um elevado moral e da comunidade de intenções... A experiência social na China, sob a liderança do presidente Mao, é uma das mais importantes e bem-sucedidas da história humana.»

DAVID ROCKEFELLER, 1973

Toronto, onde residem mais de 5 milhões de pessoas, é o maior centro financeiro do Canadá e o quarto maior da América do Norte. Em termos financeiros, só Nova Iorque, Chicago e Los Angeles são maiores. É aqui que se encontra a Bolsa de Toronto. É a terceira maior da América do Norte em volume de transacções, a nona do mundo em valor de mercado cotado e tem o único sistema de transacções totalmente informatizado da América do Norte. As leis de Toronto e do Canadá baseiam-se no direito britânico e no sistema de governo parlamentar inglês. A uma hora de viagem de Toronto, encontra-se a maior concentração de indústrias e fabricantes de automóveis do Canadá. Toronto tem o único castelo verdadeiro de toda a América do Norte, uma criação magnífica no alto da colina com vista para a Baixa da cidade, chamado Castelo de Casa Loma.

A Canada Trust Tower, no coração da zona financeira de Toronto, no número 161, da Bay Street, a versão mais diminuta, em Toronto, da famosa Wall Street de Nova Iorque, é um dos arranha-céus que identificam a cidade, com os seus 53 andares e uma estrutura de 261 metros construída, em 1990, pelo famoso arquitecto espanhol Santiago Calatrava.

Trinta a cinco quilómetros a nor-noroeste da Baixa de Toronto situa-se o Leadership Centre do CIBC, no valor de 60 milhões de dólares, na cidade bem conservada de King City, o local onde se realizou a Conferência Bilderberg de 1996. O centro turístico do CIBC está situado, na verdade, fora de King City, em King Township - uma zona de grandes e caras quintas de criação de cavalos, onde os membros da Família Real britânica ficam hospedados, durante as suas visitas privadas ao Canadá. Este maravilhoso centro, que é propriedade particular de um dos principais bancos canadianos - o Canadian Imperial Bank of Commerce - estende-se por mais de cinco quilómetros de caminhos naturais através de terreno florestado e suaves colinas. Não admira que os bilderbergers tenham escolhido este local requintado.

Os meios de comunicação social e serviços noticiosos de Toronto foram alertados pela primeira vez para esta reunião por uma série de faxes, telefonemas e memorandos de Jim Tucker e meus, sobretudo depois de me ter sido dado saber, através de fontes secretas presentes na reunião, que a conferência de 1996 deveria ser usada como palco para a iminente desintegração do Canadá, através de uma Declaração Unilateral de Independência do Quebeque, no início de 1997, destinada a fragmentar o Canadá para que fosse realizada uma União Continental com os Estados Unidos em 2000, projecto adiado para 2005 e, actualmente, para 2007. Regra geral, as reuniões de Bilderberg nunca são referidas nos meios de comunicação social, dado que a imprensa de referência é propriedade total dos bilderbergers. O véu de secretismo foi rasgado, em 30 de Maio de 1996, o primeiro dia da conferência, por um artigo de primeira página num dos mais lidos e influentes jornais canadianos, o *Toronto Star*.

Sob o título «Black Desempenha o Papel de Anfitrião dos Líderes Mundiais», John Deverell, um repórter da secção de negócios do jornal, referia que o editor canadiano [Lorde] Conrad Black não só oferecera 295 milhões de dólares para adquirir o controlo da maior cadeia de jornais do Canadá e resistira à subsequente reunião anual da sua Hollinger Inc., como -' para coroar a semana - «[...] é agora o anfitrião de um encontro, altamente guardado, dos líderes mundiais e membros da realeza, a norte de Toronto». Deverell referiu alguns dos mais de 100 convidados escolhidos, em todo o mundo, constantes da lista que lhe havíamos enviado. Esta foi a primeira vez, na história das Conferências de Bilderberg, que um jornal importante as investigou desta forma. Normalmente, as reuniões de Bilderberg nem sequer são referidas nos jornais de referência. Os bilderbergers não estão habituados a ter de fornecer explicações a quem quer que seja, sobretudo dado que alguns dos seus membros são proprietários ou controlam os mais importantes jornais das metrópoles, as cadeias de jornais e as agências noticiosas. No entanto, a conferência de 1996 não foi como as outras e o Canadá não é um país como os outros. Quando as principais empresas noticiosas começaram a confirmar as suas informações através das suas fontes governamentais e privadas, tomou-se claro que o Canadá, um dos países mais ricos e belos do mundo, estava prestes a ser implacavelmente dividido pelos bilderbergers e a Nova Ordem Mundial. Os bilderbergers deveriam saber que, quando está em jogo a nossa liberdade, o facto de serem donos da imprensa não iria impedir os editores, revisores, redactores, secretários e jornalistas de investigação da televisão, da rádio e da imprensa escrita canadianas de divulgarem a verdade para consumo público. Aquilo que os bilderbergers pensavam ser um fio de água tomou-se em breve uma enxurrada e uma avalanche que os derrubou todos. Foi apenas na Conferência de Bilderberg de 1999, em Sintra, Portugal, que os bilderbergers abrandaram as extraordinárias medidas de segurança que se seguiram à sua pior derrota, a conferência de 1996, em Toronto, Canadá. Às 7:45 da manhã de 30 de Maio de 1996, o lendário repórter de rádio Dick Smythe, da 680-NEWS, que tinha a maior audiência metropolitana de Toronto, deu a seguinte notícia, que foi reposta no ar a intervalos regulares, inserida no seu serviço noticioso:

Dick Smythe: «Bom, isto parece o enredo de um filme de conspirações, enquanto os padrões do mundo se reúnem em segredo. Conrad Black está a realizar a sua Conferência anual de Bilderberg. Eis a reportagem de Karen Parsons, pata a 680: 'Cerca de cem notáveis, nomeadamente os reis dos Países

Baixos e de Espanha, bem como Henry Kissinger, o secretário da Defesa norte-americano, William Perry, e o nosso primeiro-ministro, reuniram-se para a conferência. Também presentes, os presidentes da Ford Motor Company, da Xerox, do Bank of Commerce e da Reuters. Black afirma que os repórteres foram proibidos para que a discussão seja íntima e franca. 'As trocas de impressões podem, frequentemente, ser acesas', assevera. É exigido um voto de silêncio aos participantes. A conferência do ano passado realizou-se em três hotéis de luxo nos cumes das montanhas suíças. Este ano, numa estância turística de 60 milhões de dólares, em King City.» A Canadian Press distribuiu também uma breve notícia sobre a reunião até agora secreta, e que foi publicada por, entre outros jornais, o *Toronto Sun*, que tem mais de 350 000 assinantes.

A liberdade e a sua perda... Raramente penso nela, nos intervalos do nosso destino. Que estou a fazer, perseguindo estas pessoas por todo o mundo? Com que objectivo? Tem de haver uma maneira mais simples de ganhar a vida. Só que devo isso ao meu pai...

Dezanove de Abril de 1975. Foi a última vez que vi o meu pai vivo, um homem grande com um casaco de quarto e chinelos, a olhar para mim da fotografia, os meus olhos desesperados, os olhos de uma criança de nove anos, assustada, incapaz de imaginar, de compreender, sem idade suficiente para me pôr no lugar daquele homem de barba, que há apenas algumas horas me cerrava entre os seus braços, mas que agora desapareceu.

O meu pai foi declarado clinicamente morto, pela primeira vez, dezassete dias mais tarde, isto é, a 6 de Maio de 1975. Como cientista famoso e homem de uma grande dignidade e honra pessoais, passara toda a sua vida a lutar pelo direito de os homens dizerem o que pensavam. Isso talvez não seja uma coisa muito extraordinária num país onde a liberdade de expressão faça parte da fibra básica da sociedade. No entanto, não era esse o caso na velha ditadura do meu país, a União Soviética. Sobreviveu a dezassete dias de tortura brutal, dezanove horas de dor por dia multiplicadas por dezassete dias. Trezentas e vinte e três horas de sofrimento desumano, que lhe foi infligido pela polícia secreta soviética. Os seus testículos foram esmagados; a mão direita, quebrada em oito lugares, um dos pulmões estava perfurado pelas pancadas recebidas de cinco bestas que o estavam a agredir sem qualquer sentido. Gostaria de vos dizer que se manteve firme, que nem um som lhe ouviram, que riu na cara dos seus agressores, que...

Poderia a minha obsessão ser um esforço infundo mas inútil, a impossibilidade de tentar inverter a direcção de nós próprios no tempo, de tentar caminhar - não em frente para o futuro que se vai abrindo, mas sim para trás, em direcção ao passado barricado; tudo isto com o objectivo de libertar o homem do seu sofrimento indevido? Mas, por mais que tente, nunca consigo chegar até ele.

A 1 de Junho, «Big» Jim Tucker e eu, juntamente com um pequeno grupo de caçadores em *part-time* do Clube Bilderberg, festejámos o que estava a transformar-se num grande êxito. Todos os jornais importantes do país queriam uma entrevista, as televisões estavam constantemente à procura de actualizações, e as estações de rádio seguiam-nos por toda a cidade. Encontrámo-nos na Horseshoe Tavern, em Queen Street.

Mais cedo, nesse mesmo dia, recebera um telefonema de uma das minhas fontes que queria ver-me urgentemente antes do final das conferências, no dia seguinte. Combinámos encontrar-nos na Gallery de Calatrava junto à Canada Trust Tower, um dos locais menos conspícuos de Toronto, precisamente por causa

das suas grandes dimensões com chusmas de turistas que percorrem as galerias, de boca aberta, fotografando e gravando em vídeo as imagens e os sons da principal atracção arquitectónica de Toronto.

Para lá chegar, decidi atravessar a pé o Kensington Market, uma versão de Toronto do Rastro de Madrid. Ao virar a esquina, vi o meu contacto a observar o quiosque de jornais, com um saco de plástico na mão esquerda e segurando, com a mão livre, uma revista enrolada.

Após um contacto visual casual e sem darmos a entender que nos havíamos visto, desloquei-me silenciosamente para a porta giratória que dava acesso à Torre, onde um amigo meu, que trabalhava para o agente imobiliário, me arranjava um quarto num dos andares mais altos do edifício, com vista sobre os telhados da cidade. Entrei num elevador, olhando nervosamente para trás de mim. O meu contacto deveria seguir-me, cinco minutos depois. Nos últimos dias, tínhamos conseguido muita coisa. Pela primeira vez, estávamos a bater os bilderbergers. A cobertura mediática era tremenda; Kissinger estava possesso, o que constituía um bom sinal. Os planos de uma fragmentação iminente do meu país de adopção estavam, temporariamente, adiados. Que mais se poderia esperar conseguir num tão curto espaço de tempo? Apesar de tudo, sabia que se tratava de um adiamento temporário. Que essas pessoas iriam voltar, com a lição aprendida e os apontamentos tirados. Queriam esmagar toda e qualquer resistência, governar o mundo com ou sem o seu consentimento, por meio das armas ou das blandícias. Vista de 240 metros acima do solo, a cidade estava imóvel. Estava separado do bulício e dos ruídos desta grande metrópole por caixilhos com isolamento acústico. Nesse momento, uma vez mais, senti-me no exterior a olhar para dentro. Seria que tudo aquilo mudaria alguma coisa? As pessoas iriam abrir os olhos e ver o perigo iminente?

Os meus pensamentos foram interrompidos por uma pancada discreta na pesada porta de madeira.

- Entre - respondi, elevando apenas um pouco a minha voz. A minha fonte, calçando umas luvas de pele, atravessou lentamente a soleira que separava o corredor despido da pesada decoração *art deco* da suíte. Intuitivamente, a minha fonte avançou até à janela, contemplando por momentos a extraordinária vista da zona do Harbour, rodeada por alamedas junto ao lago e caminhos que percorrem o cais, o ponto onde a Baixa de Toronto se encontra com o lago.

- Desta vez, fê-los parar - disseca minha fonte, pesando cada sílaba como se a menor alteração de registo pudesse transmitir um significado diferente. - A desagregação do Canadá irá em frente, como previsto. É apenas uma questão de tempo...

- Talvez... - retorqui. - De momento, está tudo bem, até ao próximo encontro imediato. Daqui até lá, alguns terão morrido de velhice, doença e acidentes fortuitos.

- Fortuitos? Para quem? - retrucou a minha fonte. Tirou da revista, que agarrava fortemente com a mão direita, umas anotações manuscritas, ou melhor, uns gatafunhos que eu dificilmente teria conseguido decifrar sozinho.

- Julgava que não era permitido tirar notas - graciejei, sorrindo-lhe abertamente. - Tirar notas é apenas desaconselhado, meu amigo - corrigiu-me ele.

Olhei de relance para a página. A caligrafia regular, com caneta de tinta permanente, que me era familiar, deixara aqui e ali um ou outro borrão, mas, em termos gerais, conseguia perceber tudo. Conhecia demasiado bem a caligrafia da minha fonte, os seus *tt* pouco firmes e os *rr* retorcidos, diligentemente desenhados dentro dos limites de um papel pautado. Por momentos, pensei no risco que aquela pessoa corajosa corria para se encontrar comigo e me entregar aquelas informações preciosas. Porque é que não havia mais pessoas assim neste mundo? Talvez haja, só que não as conhecemos ou a luta pessoal silenciosa que estão a travar a milhares de quilómetros de distância.

- Tenho de me ir embora - disse a minha fonte, calmamente, sem erguer os olhos.

Estendi mecanicamente a mão na sua direcção. Quando a palma da sua mão estava prestes a tocar na minha, precipitei-me para ele e dei-lhe um forte abraço.

- Não vou desperdiçar o seu tempo a agradecer-lhe, porque não há agradecimentos bastantes para o que tem feito por nós.

A minha fonte levantou os olhos: - Tenho de me ir embora.

- Sairemos tal como entrámos - disse-lhe -, com intervalos de cinco minutos. Eu desço primeiro.

- Não se preocupe. Deixei o meu carro no parque subterrâneo. Podemos descer juntos no elevador - retrucou a minha fonte:

A minha fonte calçou de novo as luvas e premiu o botão do sofisticado elevador metálico. A luz azul brilhou através da sua superfície transparente. Ouvia o silvo do elevador hidráulico que subia até nós, velozmente, vindo das entranhas do edifício, a seis andares por segundo.

- Quando é que nos voltamos a ver? - Ao som da campainha, as portas abriram-se. Dei um passo em frente.

- Cuidado!!!! - gritou a minha fonte, agarrando-me no braço e puxando-me violentamente para si. Mecanicamente, olhei para o elevador. A minha frente, o espectáculo arrepiante de um poço de elevador vazio com uma morte certa que me esperava 200 metros mais abaixo, se a minha fonte não tivesse tido os reflexos para me afastar do abismo. Todo eu tremia. Arrepios gelados subiam e desciam pela minha espinha.

- O chão - murmurei -, onde está o chão?

- Temos de sair daqui, já - disse a minha fonte - alguém sabotou o sistema. Eles têm estado à sua espera! Oiça, não tome o elevador. Não é seguro. Desça as escadas e chame a polícia. Quando eles cá chegarem, aproveite a oportunidade e tome o elevador para a garagem. Vá! Agora!

Desci os degraus a dois e dois, dando as curvas com a ajuda de ligeiros toques de pulso. O meu coração galopava, em virtude de ter estado perto da morte e de tentar percorrer 200 metros de altura no mais curto espaço de tempo possível. Num dos andares mais baixos, ouvia a voz ofegante de um guarda de segurança estrangeiro que subia a escada ao meu encontro.

- ...or, ...nhor, ... senhor, está bem? Que aconteceu? Chamaram-me ao intercomunicador, do segundo andar... alguém para eu parar manualmente o elevador... só posso fazer isso numa emergência.

Agarrei o braço do homem. - Pode chamar a polícia, o mais rapidamente possível? - disse, recuperando o fôlego entre cada palavra. O homem pegou no seu *walkie-talkie*. Ouvia uma voz aguda que vinha do outro extremo da linha. Continuei a correr. Cinco, quatro, três, dois, um, rés-do-chão. Abri as pesadas portas de metal que davam para o *hall* de entrada. Dois carros da polícia já estavam estacionados do lado de fora. Os primeiros basbaques começavam a juntar-se do outro lado das portas de entrada giratórias.

- É o homem que ficou preso no elevador? - perguntou o agente da polícia de Toronto, apontando para mim com os seus gordos dedos indicador e médio.

- Não é bem isso - murmurei, abanando a minha cabeça de incredulidade. - Estive prestes a entrar num elevador a que faltava o componente principal, isto é, o chão.

O polícia deu um grito. O seu companheiro, baixo, com feições angulosas, um bigode aparado e pulsos peludos, ergueu o olhar.

- Sabes, meu filho, tens muita sorte em estar vivo. - O polícia estava de pé, com os joelhos ligeiramente abertos, com as pontas dos pés viradas para fora e agarrando o cotovelo entre o polegar e o indicador. - Só os cegos é que sobrevivem a situações destas. Um cego nunca entraria num elevador sem verificar se o chão lá estava. No entanto, nós partimos do princípio de que está. É por isso que é um milagre teres sobrevivido. Quando a máfia quer limpar o sebo a alguém, este é um dos métodos preferidos.

Um de Junho de 1996. Ia fazer trinta anos. Novo de mais para morrer. Transmisi as informações pertinentes ao polícia, que continuava a olhar para mim, incrédulo, de vez em quando... fixando os seus olhos na parte inferior do meu rosto como se estivesse a ler nos meus lábios. Algumas pessoas que se encontravam no passeio lembravam-se de ter visto um homem atarracado, de cerca de quarenta anos, sair do edifício cerca de cinco minutos antes da chegada da polícia. Chegaram uma carrinha e dois motociclistas da polícia. Sim, sim, o espectáculo começara.

* * *

Não existe a menor dúvida de que o Clube Bilderberg é o primeiro fórum oculto que age nas sombras do poder, mas uma entidade pouco conhecida como a Comissão Trilateral desempenha um papel vital no esquema de conquista do globo pela Nova Ordem Mundial, como irei explicar neste capítulo.

A Comissão Trilateral foi criada em 1973. O seu fundador e principal impulsionador foi o financeiro internacional David Rockefeller, há muito presidente do Chase Manhattan Bank, controlado pela família Rockefeller. A primeira reunião realizou-se em Tóquio, entre 21 e 23 de Outubro de 1973. Sessenta e cinco

peças pertenciam ao grupo norte-americano. Dessas, trinta e cinco estavam também ligadas ao Council on Foreign Relations.

REGRESSO AO FUTURO

No primeiro ano e meio, seis propostas (estes documentos tornaram-se a marca registada da CT, para além de desempenharem o papel principal na promoção do programa da comissão [CI1 sendo o órgão de sondagem do grupo e a antena para avaliar o estado de espírito do público em geral], chamados «The Triangle Papers», haviam sido emitidas pela Comissão: duas delas na reunião de Tóquio, em Outubro de 1973, três numa reunião de Bruxelas, em Junho de 1974, e uma numa reunião em Washington, nc., em Dezembro de 1974. Gary Allen, em *The Rockefeller File* [publicado em 1975], escreveu o seguinte: «Se os *Triangle Papers* podem ser considerados como uma indicação, poderemos esperar investidas importantes tendo em vista controlos económicos mundiais: a primeira, em direcção a um sistema monetário mundial renovado» (atingido: Bilderberg-CFR-CT criaram três blocos económicos regionais - a Comunidade Europeia, a União das Américas e a União Monetária Asiática que está a ser instituída hoje); «a segunda, que envolve o saque dos nossos recursos para uma maior radicalização das nações pobres» (atingido: Rockefeller e Cia. enviaram tecnologia americana, no valor de milhares de milhões de dólares, aos Soviéticos e aos Chineses, como pré-requisito do futuro Monopólio orquestrado e do Governo Mundial Único); «a terceira, para um aumento do comércio com os comunistas (atingido: desanuviamento com os Chineses e os Russos); e «a quarta, para aproveitar a crise energética para maiores controlos internacionais (atingido: a crise energética de 1973 e todos os sobressaltos energéticos subsequentes, os movimentos ambientalistas, a guerra do Iraque)¹.

A Comissão Trilateral (dedicada exclusivamente à visão que David Rockefeller tem da ordem mundial, à sua uniformidade ideológica e ao seu compromisso para com o internacionalismo liberal) é composta por três regiões fundamentais em termos de comércio e influência no mundo: a América do Norte, o Japão e a Europa Ocidental. A qualquer momento, tem cerca de 325 membros, cumprindo cada um «mandato» de 3 anos. Holly Sklar, em *Trilateralism: The Trilateral Commission and Elite Planning for World Management*, afirma que «o seu objectivo é gerir a interdependência global entre estes Três Grandes de uma forma que permita que os ricos salvaguardem os interesses do capitalismo ocidental num mundo explosivo - provavelmente, desincentivando o protecçãoismo, o nacionalismo ou qualquer outra reacção que pusesse as elites de um contra as elites de outro. As pressões económicas esperadas serão desviadas para baixo e não lateralmente»². O trilateralista e antigo presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, define as coisas mais abertamente: «O nível [de vida] do americano médio tem de descer.» A propósito, Paul A. Volcker é originário do Chase Manhattan Bank, propriedade dos Rockefeller³.

Rockefeller introduziu pela primeira vez a ideia da Comissão Trilateral numa reunião anual do Clube Bilderberg, realizada em Knokke, Bélgica, na Primavera de

1972, depois de ter lido um livro intitulado *Between Two Ages*, escrito pelo Prof. Zbigniew Brzezinski, da Universidade de Colúmbia, e que coincidia com a sua (de Rockefeller) ideia muito cara de que «os povos, governos e economias de todas as nações devem satisfazer as necessidades dos bancos e empresas multinacionais».

Dois meses mais tarde, em Julho de 1972, David Rockefeller, membro de Bilderberg e presidente do CFR, emprestou a sua famosa propriedade de Pontico Hills, perto de Nova Iorque, para sede das primeiras reuniões constitutivas da Comissão Trilateral. Desde o seu início, o objectivo visível da CT foi «gerar uma parceria duradoura entre as classes dirigentes da América do Norte, da Europa Ocidental e do Japão» - donde, trilateral, porque, segundo os sábios que dirigem a CT, «o público e os líderes de muitos países continuam a viver num universo mental que já não existe - um mundo de nações isoladas - e têm [...] dificuldade em pensar em [...] perspectivas mundiais...»

A Comissão Trilateral é composta por actuais e antigos presidentes, embaixadores, secretários de Estado, investidores da Wall Street, banqueiros internacionais, executivos de fundações, executivos de grupos de reflexão, advogados de grupos de pressão, líderes militares da NATO e do Pentágono, ricos industriais, líderes sindicais, magnatas da comunicação social, presidentes e professores importantes de universidades, senadores e congressistas escolhidos, bem como ricos empresários. Holly Sklar, em *Trilateralism: The Trilateral Commission and Elite Planning for World Management*, acrescenta que «uma componente trabalhista ajuda a controlar o isolacionismo popular e a reduzir a distância que separa os membros da Trilateral das massas constituídas pelos cidadãos comuns»⁴. A diferença entre os bilderbergers e a CT é que o Clube Bilderberg, muito mais antigo, tem a sua participação limitada aos membros da NATO, isto é, a Europa Ocidental, os EUA e o Canadá. Com a ampliação tanto da UE como da NATO, os representantes de nações do antigo Pacto de Varsóvia estão a ser admitidos no Clube.

Como anedota, no jantar do 25.º aniversário da Comissão Trilateral, em 1998, Henry Kissinger revelou como foi criada a CT e por quem: «Em 1973, quando eu ocupava o cargo de secretário de Estado, David Rockefeller apareceu um dia no meu gabinete para me dizer que *pensava que eu precisava de alguma ajuda. Tenho de confessar que, na altura, não me pareceu assim tão evidente*. Propôs formar um grupo de americanos, europeus e japoneses que iriam olhar para o futuro. E perguntei-lhe: 'Quem é que o vai dirigir em teu nome, David?' E ele respondeu: 'Zbig Brzezinski.' *Percebi que Rockefeller estava a ser sincero*. Descobri algo que era importante. *Quando pensei, vi que havia realmente uma necessidade.*»

No entanto, nas suas *Memoirs*, Rockefeller não menciona os seus objectivos principais ao constituir a Comissão Trilateral (para além do óbvio que Kissinger não refere no seu discurso - um novo órgão mundial que se pudesse sobrepor ao CFR, muito enfraquecido pelos seus próprios membros devido a divisões internas relacionadas com a guerra do Vietname) tais como «controlar a Administração Nixon, que aproveitara as divisões do Sistema para repudiar o programa internacionalista liberal; e, finalmente, incentivar a unidade entre as potências industrializadas como alternativa temporária às Nações Unidas cada vez mais dominadas por Estados radicalizados do Terceiro Mundo, de modo que, juntas, pudessem atingir o seu objectivo de 'uma estrutura económica e política mundial mais integrada'», segundo o artigo de Will Banyon, publicado na revista «Rockefeller Internationalism»⁶.

Rockefeller estava furioso com a «Nova Política Económica» (NEP) de Nixon, em 1971, que levou o presidente a impor a gestão dos governos sobre os elementos mais básicos do mercado por meio de controlos dos salários e preços e um aumento das tarifas. (Temporariamente - durante um período de 90 dias -, a NEP congelou os salários e os preços para controlar a inflação.) A posição de Nixon chocava com a de Rockefeller, que ele sublinha nas suas *Memoirs*, e é sublinhada também por John B. Judis, que escreveu, em *The Wilson Quarterly*, que o governo deve «per- mitir que os mercados tenham rédea livre»⁷. Segundo os escritores Daniel Yergin e Joseph Stanislaw afirmam em *The Commanding Heights*, o Sistema representado pela CT, o CFR e a elite de Bilderberg, ficou furioso por os «funcionários governamentais se dedicarem agora a determinar preços e salários»⁸. Entretanto, as tentativas de Rockefeller de colocar de novo o «transviado» Nixon na rota certa, por meio de um encontro privado para analisarem «o quadro monetário e comercial internacional», foram recusadas pelo chefe de gabinete de Nixon, H. R. Haldeman. Joan Hoff, em *Nixon Reconsidered* explica que, depois de finalmente ter conseguido obter o encontro com o presidente, os pontos de vista de Rockefeller foram repudiados por um dos funcionários presentes no encontro como «não especialmente inovadores»⁹. Esta deve ter sido a humilhação suprema e a gota de água final. Nixon e os seus bobos da corte estavam de saída. A maior parte do sistema da NEP foi abolida finalmente em Abril de 1974, 17 meses depois de ter ganho o segundo mandato e quatro meses antes da demissão de Nixon da Presidência.

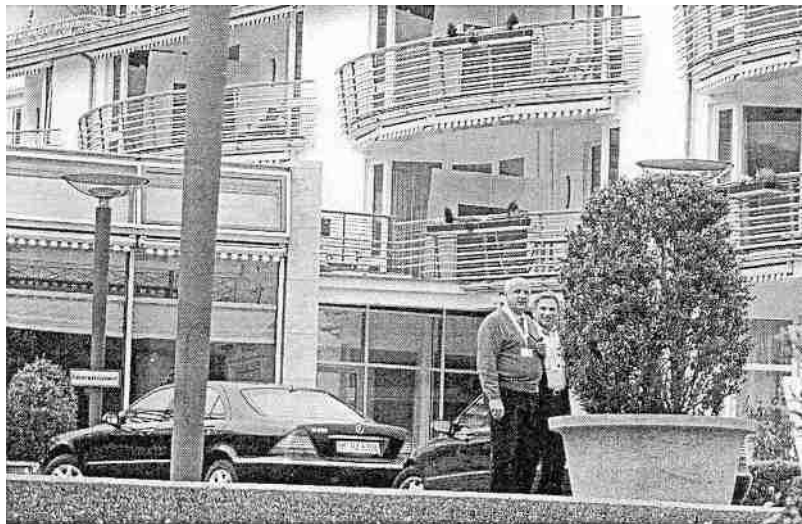
COMISSÃO TRILATERAL: SOFISTICAÇÃO E DIFERENÇA

«Como se explica a interdependência subtil entre o Norte industrial e o Terceiro Mundo?», pergunta Holly Sklar¹⁰. Em 1991, o economista Doug Henwood [colaborador de uma importante publicação americana, *The Nation*] tentou fazê-lo, no *Left Business Observer* um boletim informativo que fundou em 1986: «[...] cada membro da Tríade reuniu sob o seu mando um punhado de países pobres que funcionam como fornecedores de mão-de-obra barata, plantações e minas: os Estados Unidos têm a América Latina; a UE, a Europa Oriental e Meridional e a África; e o Japão, o Sudoeste Asiático. Em alguns casos, dois membros da Tríade partilham um país - Taiwan e Singapura estão divididos entre o Japão e os EUA; a Argentina, entre os EUA e a UE; a Malásia, entre a UE e o Japão; e a Índia é partilhada pelos três [...]»

Em «Rockefeller Internationalism», Will Banyon, escrevendo para o jornal de investigação australiano *Nexus*, afirma que «a estratégia de Rockefeller revela também algo fundamental relativamente à riqueza e poder: não importa quanto dinheiro se tem; caso não seja utilizado para captar e controlar aquelas organizações que produzem as ideias e as políticas que guiam os governos e as pessoas que possam fazer parte deles, o verdadeiro poder de uma grande fortuna nunca se concretizará»¹¹.



Em primeiro plano, Richard N. Haass, presidente do Council on Foreign Relations; em segundo plano, Franco Bernabé, conselheiro-delegado da Rothschild Europa e representante da família mais poderosa do mundo; à sua esquerda, Henry Kravis, investidor multimilionário americano da KKR&Co; ao fundo, com um copo na mão, Richard C. Holbrooke, «pai» do Plano Dayton de paz para a Bósnia



Étienne Davignon, presidente do Clube Bilderberg e proprietário de quase todos os bancos e empresas eléctricas da Bélgica, grande impulsionador da construção europeia, com Paul Wolfowitz, o novo presidente do Banco Mundial



John Edwards em Stresa, 2004, onde foi «designado» candidato à vice-presidência do Partido Democrata, com o senador Jon S. Corzine, presidente do conselho de administração da Goldman Sachs



Marie-Josée Kravis (à esquerda), mulher do multimilionário Henry Kravis e directora do Instituto Hudson, entidade encarregada de moldar a reacção dos Norte-Americanos aos acontecimentos políticos e sociais; Donald E. Graham, conselheiro-delegado do *Washington Post*, e Indra K. Nooy, presidente da Coca-Cola



Henry Kissinger, laçao de David Rockefeller e um dos principais impulsionadores da Nova Ordem Mundial



O ex-comissário europeu da concorrência Mário Monti



Jurgen e. Schrempp, conselheiro-delegado da DaimlerChrysler, recebido pela organizadora das conferências Bilderberg, Marion Strubel, em Stresa. 2004



O príncipe Filipe da Bélgica



A rainha Beatriz dos Países Baixos, a mulher forte do Clube Bilderberg e filha do seu fundador, o príncipe Bernhard



David Rockefeller com o guarda-costas. Ele é o autêntico dinossauro do Bilderberg, um dos seus fundadores e o mais voraz globalista do mundo



Schrempp e o chanceler alemão Gerhard Schröder à sua chegada ao luxuoso hotel onde se realizou a reunião de 2005



Descansando entre actos. Vários bilderbergers apanham ar: à esquerda, António Guterres, ex-primeiro-ministro português, presidente da Internacional Socialista e alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados; à sua esquerda, Jaap G. de Hoop Scheffer, secretário-geral da NATO; de costas, o príncipe Filipe da Bélgica; à direita, Jeroen van der Veer, conselheiro-delegado da Royal Dutch Shell, fala com Peter D. Sutherland (à direita da foto), conselheiro da BP e da Goldman Sachs



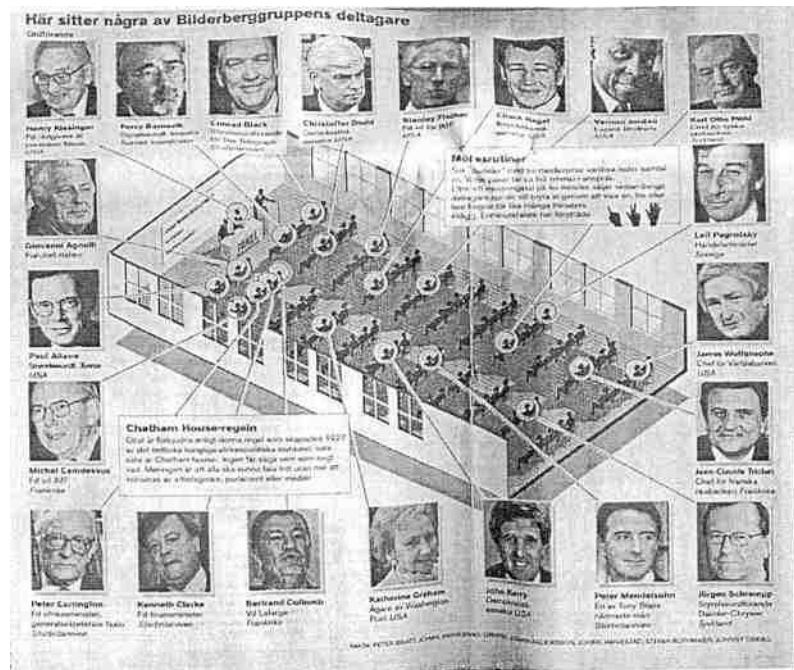
Os meios de comunicação assistem à reunião sob a promessa solene de nunca revelarem os seus conteúdos. Da esquerda para a direita: Adrian Wooldridge, do *The Economist*,. Robert Kagan, da Fundação Carnegie para a paz Internacional; Richard N. Haass, presidente do Council on Foreign Relations, e Martin H. Wolf, do *Financial Times*



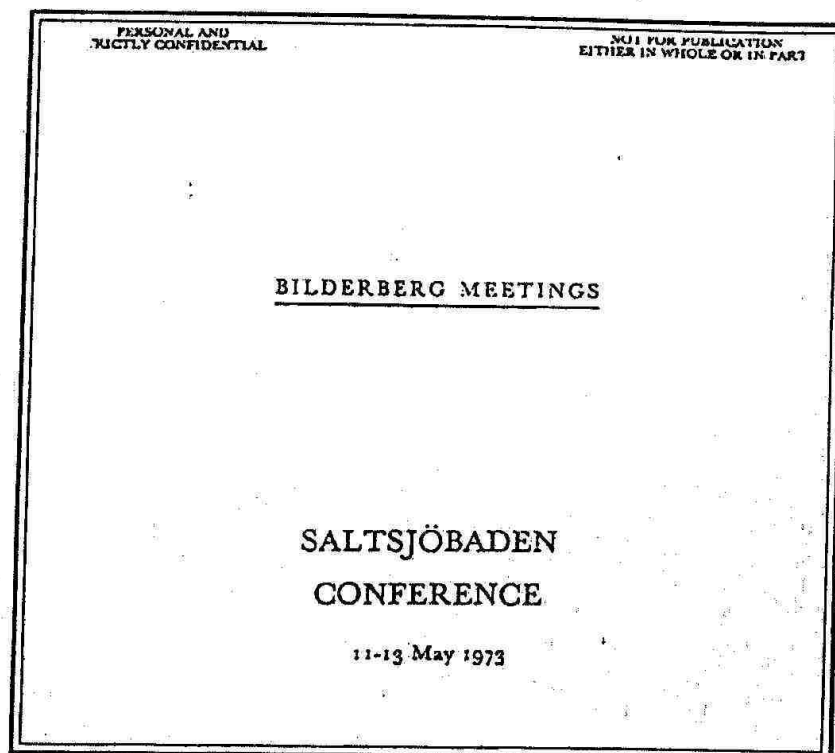
Hotel Dorint Sofitel Seehotel Überfahrt, em Rottach-Egern, uma das localidades mais ricas do mundo, onde se realizou a reunião do Clube Bilderberg do ano 2005. Com uma população de 6000 habitantes, esta localidade conta com 12 multimilionários



Cinco de Maio de 2005, primeiro dia da reunião. Os *Mercedes* pretos descarregam os convidados. As medidas de segurança são extremas. A polícia nacional alemã vigia o recinto



Esquema publicado num jornal sueco no qual se mostram as fotografias de alguns dos presentes e a sua localização na sala de reuniões de 2001, em Gotemburgo, Suécia. Entre os presentes podemos ver John Kerry, candidato democrata à presidência em 2004. Os bilderbergers controlam todos os candidatos dos partidos. Desta maneira, têm sempre a garantia de ganhar



Frontispício das actas em que se reúnem os assuntos de debate da reunião de Bilderberg de 1973 em Salsjöbaden, Suécia. Na referida reunião, decidiu-se aumentar o preço do petróleo em 350 %



MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR
DE LA SÉCURITÉ INTÉRIEURE ET DES LIBERTÉS LOCALES

DIRECTION GÉNÉRALE
DE LA POLICE NATIONALE

SERVICE DE PROTECTION
DES HAUTES PERSONNALITÉS

SECRÉTARIAT DE DIRECTION
M 4718

SPHP 2003/M 4718

PARIS, le 15 mai 2003

L'Inspecteur Général,
Chef du Service de Protection
des hautes Personnalités

Monsieur le Directeur Général
de la Police Nationale

OBJET : Conférence de BILDEBERG au Trianon Palace de Versailles.

Du 15 au 18 Mai 2003, se tiendra la Conférence informelle annuelle regroupant à titre privé des hommes d'affaires et des personnalités politiques, européens et américains.

Le Service de Protection des Hautes Personnalités n'a pas été saisi au préalable pour assurer le déroulement de cette manifestation. Toutefois, des personnalités de haut rang y participant, la protection de certaines d'entre elles qui le souhaitent a été organisée par le S.P.H.P. en accord avec le Préfet de Versailles selon le dispositif suivant :

Le S.P.H.P. assurera la protection rapprochée des Reines d'Espagne, et des Pays-Bas, du Premier ministre Danois et du Ministre de l'Intérieur Allemand, M. Schilly (saisine confirmée par le Chef de Cabinet de Monsieur le Ministre de l'Intérieur).

Par ailleurs, une escorte moto de la C.R.S. n°1 sera fournie ponctuellement en fonction des besoins au profit d'autres personnalités notamment de nationalité américaine, qui n'ont pas souhaité d'autre dispositif d'accompagnement.

Le Chef de mission en charge de la coordination des équipes de protection et des escortes motos C.R.S. n°1 sera le Lieutenant MARTIN. Les dispositions ont été portées à la connaissance de Madame la Directrice de Cabinet du Préfet des Yvelines à laquelle cet officier rendra compte du déroulement de cette conférence « Privée ».

Le Contrôleur Patrick BARDEY
Adjoint au Chef du Service de Protection
des Hautes Personnalités

Ashley JONES

ADRESSE POSTALE : PLACE BEAUVAU - 75000 PARIS CEDEX 06 - STANDARD TEL : 49 27 49 27 - 49 97 90 90

Documento secreto escrito pela divisão especial da polícia francesa encarregada da protecção dos VIP, relacionado com a reunião Bilderberg de Versalhes em 2003. Estavam furiosos porque os bilderbergers não os haviam informado da reunião, o que significa que toda a protecção oficial foi confiada pelo Clube Bilderberg a mercenários

terms of trade.

An American speaker pointed out that one official US estimate of the future delivered price had been as high as \$5 a barrel – which was now perhaps on the low side – but that certain cost factors would reduce the net return to the producing countries by around \$1. Two other American participants reported that the author of the estimate just referred to – Mr. James Akins – had subsequently said that the \$5 figure would prove to be too low, and might indeed range up to \$10-12.50 a barrel.

He said that his own analysis had confirmed the broad

Extracto das actas da reunião de Bilderberg de 1973. No texto pode ver-se como os bilderbergers comentaram que o preço do barril de petróleo subiria de 3,50 dólares em Junho de 1973 para entre 10 e 12 dólares. Em Dezembro de 1973, o barril subiu milagrosamente para os 11,65 dólares

January 6, 1973

BILDERBERG MEETINGS

Names of Americans Proposed For Participation
In The Salsjobaden Conference, May 12-13, 1973

(There will be room for 20 Americans at Salsjobaden, not including the authors of the papers and me. There are ten Steering Committee Members. This makes only ten places free.)

The following individuals have been proposed by one person or another - including in two cases themselves. In considering possible participants we must remember the importance of having some younger people and some women. It is also desirable to have one or two persons connected with the press and one labor leader if possible.

U.S. Government - Executive Branch

Henry Kissinger (Alternate: Under Secretary of State Rush)
George Schultz (Alternate: Donald Rumsfeld; Ambassador Eberle)
James Akins (Energy Expert in White House and State Department)

U.S. Government - Congressional

Senator John Tower (Alternates: Senators Brock, Percy and Scott)
Senator Jackson (Alternates: Senators Mondale or Proxmire)
Congressman John Culver

Journalism

Donald Cook
Osborn Elliott
Katherine Graham
Andrew Heiskell
Max Frankel
Flora Lewis
Tom Wicker

Others

Graham Allison
Robert Anderson
Robert Bowie
Harvey Brooks
Zbig Brzezinski
William Bundy
Miriam Camps
Patricia Harris
Stanley Hoffman

Richard Holbrooke
Robert Hunter
General G. A. Lincoln
Dean Robison of Bowdoin
College
Robert Schachtel
Carroll Wilson.

Lista dos delegados norte-americanos propostos para a reunião de 1973. Nela podemos ver os nomes de Henry Kissinger e, como alternativa a George Schultz, Donald Rumsfeld, actual secretário de Defesa de Bush

From: The Rt. Hon. Kenneth Clarke, QC, MP



HOUSE OF COMMONS
LONDON SW1A 0AA

24th March, 2003

Dear Mr. Martin,

Thank you very much for your recent letter. This year's Bilderberg Meeting is being held at Versailles in France, but I am afraid it is not open to the public. The whole point of the meetings is that they are informal and relaxed exchanges of views between politicians and businessmen, who can talk to each other without being on the record or reported publicly. Some of the people are very well known and, if they were talking in public, they would have to speak in the language of a press release, which does inhibit the flow of argument.

Yours sincerely,

K.C.

Mr. F. M. Martin,

Imverbervie,
Montrose,
SCOTLAND DD10 0PX

Resposta ao pedido de informação de um cidadão relativamente à presença de Kenneth Clarke, membro do Parlamento inglês, na reunião do Bilderberg em Versalhes

THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

March 11, 1955.

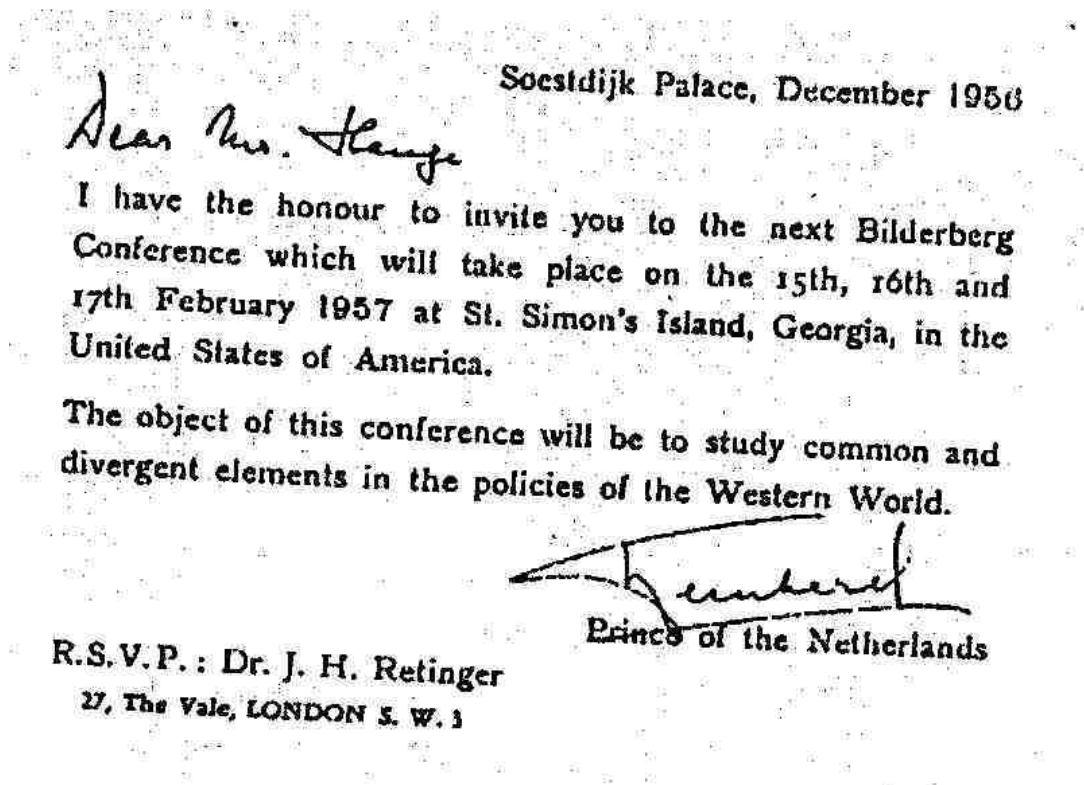
MEMORANDUM FOR
GABRIEL HAUGE

I understand that next week Prince Bernhard is having a meeting at Barbizon, continuing his exploration looking toward improving European and American relations.

If personally you can fit such a trip into your schedule, I suggest you find the money and go to France. (gnd)


D. D. E.

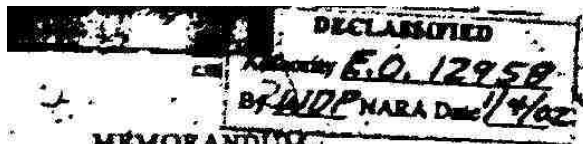
Memorando com a anotação de DDE (Dwight David Eisenhower), presidente dos EUA, em que se recomenda a Gabriel Hauge, assessor do presidente em assuntos económicos, assistir à reunião do Clube Bilderberg. Os bilderbergers sempre mantiveram que os membros assistem às suas reuniões como cidadãos privados e não como membros do Governo. Como tantas outras coisas, esta afirmação também é falsa.



Convite do príncipe Bernhard a Gabriel Hauge para assistir à reunião da ilha de St. Simon. Cópia anexa a Joseph Rettinger, um dos fundadores do Clube Bilderberg



Campanha "Põe um Chip" da *Telefónica*. Este é o tipo de anúncio com que os bilderbergers pretendem fomentar o implante de *chips* na juventude



MEMORANDUM

THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

INFORMATION

ca 9/12/70

TOP SECRET/SENSITIVE
EXCLUSIVELY EYES ONLY

MEMORANDUM FOR THE PRESIDENT

FROM: Henry A. Kissinger /K
SUBJECT: Contact with the Chinese

In response to an item on Communist Chinese activity in the September 9 Daily Brief, you asked whether we should not try again through our channel in Paris to contact the Chinese.

As suggested in your note, we do have an offer outstanding to the Chinese. Attached is a copy of a message that we gave General Walters on June 16, but which he has not yet delivered. (You, of course, approved this message but we left it purposely unsigned. Walters would not hand over the text, but rather would read from it literally.) Several weeks ago he found an opportunity to tell his Chinese contact that he had an important message from our government to their government. The man said that he would inform his government that we had a message, but Walters received no response. This past Monday, September 7, Walters again told his contact, at a Pakistani reception, that he had a message. The man again said that he would tell his government.

We have also been trying since the beginning of the year to open a channel through the Dutch, but I believe if we are to have any success it will be through Paris.

I agree that it would be useful to establish contact with the Chinese at this time. However, we have made clear signals, and I think we have no choice but to wait and see if they are willing to respond.

Attachment

TOP SECRET/SENSITIVE
EXCLUSIVELY EYES ONLY

Memorando de Henry Kissinger dirigido ao presidente Nixon. Nele se fala das tentativas de abrir canais de comunicação com os Chineses. Esta proposta de aproximação fora apresentada pela primeira vez na reunião Bilderberg somente uns meses antes

Escrevendo para as Cartas ao Director, do *New York Times*, em 20 de Agosto de 1980, David Rockefeller, presidente do Chase Manhattan Bank, explicou que «a Comissão Trilateral é, na verdade, um grupo de cidadãos empenhados que estão interessados em fomentar uma maior compreensão e cooperação entre aliados internacionais».

No entanto, não seria essa a impressão que se teria se o leitor ouvisse as palavras do senador norte-americano Barry Goldwater, que expôs o caso de uma forma menos piedosa. No seu livro *With No Apologies*, chamou à Comissão Trilateral «a mais recente cabala internacional de David Rockefeller» e afirmou, «destina-se a ser o veículo da consolidação multinacional dos interesses comerciais e da banca, assumindo o controlo do governo político dos Estados Unidos».

O senador Barry Goldwater escreveu:

«David Rockefeller e Zbigniew Brzezinski acharam que Jimmy Carter seria o seu candidato ideal. Ajudaram-no a obter a nomeação e a presidência.» O candidato Carter deixou, de um dia para o outro, de ser um candidato que tinha o apoio de quatro por cento dos apoiantes dos democráticos para passar a ser o candidato escolhido. «Para atingir esse objectivo, mobilizaram o poder do dinheiro dos banqueiros da Wall Street, a influência intelectual da comunidade académica - que é subserviente em relação à riqueza das grandes fundações isentas de impostos - e os controladores dos meios de comunicação social representados entre os membros do CFR e da Trilateral.»

Os acontecimentos reais desenrolaram-se da seguinte forma. Em 1973, Carter foi convidado para a propriedade de David Rockefeller, Tarrytown, em Nova Iorque. Zbigniew Brzezinski, desempenhando o papel de um agente de Hollywood encarregado de distribuir os papéis, estava a ajudar Rockefeller a analisar potenciais candidatos para a Comissão Trilateral, e foi-lhe pedido que estivesse presente. O encanto sulista de Carter causou uma impressão positiva nos dois «cavalheiros», Tanto Brzezinski como Rockefeller «ficaram impressionados por Carter ter aberto escritórios comerciais do Estado da Geórgia em Bruxelas e Tóquio. Isso parecia inserir-se perfeitamente no conceito da Trilateral)¹². Jimmy Carter tomou-se membro fundador da Comissão (trilateral) e, pouco depois, o próximo presidente dos Estados Unidos.

Como anedota, o tema da campanha e dos discursos nos comícios, nas eleições presidenciais de 1976, era que «chegara: a hora de [trocar] a política do equilíbrio de poder pela *política da ordem mundial*) e de «procurar uma parceria entre a América do Norte, a Europa Ocidental e o Japão»¹³. Parece familiar, não é?

O facto de Jimmy Carter ter sido escolhido para o cargo de presidente é um dos melhores exemplos do grande poder escondido do Clube Bilderberg, da Comissão Trilateral e do Council on Foreign Relations, fora do controlo e do conhecimento da maior parte do mundo. Estes grupos supersecretos e interligados detentores de um grande poder podem fabricar ou destruir qualquer presidente ou candidato à presidência. Logo, não será de surpreender que todos os presidentes e todos os candidatos presidenciais «pertencam», ou melhor, sejam propriedade das sociedades secretas que os promovem. Criaram Jirnmy Carter (tal como criaram Ford, Mitterrand, Felipe González, Clinton, Karzai, etc.) e destruíram o senador Barry Goldwater (e Margaret Thatcher), um antiglobalista confesso, na sua

tentativa malograda de vir a ser presidente. Tanto John Kerry como George W. Bush são propriedade dos mesmos conluíus de elites - o Council on Foreign Relations e o Clube Bilderberg. Não tem a menor importância quem irá ganhar. O verdadeiro poder continua a estar nas mãos dos globalistas, que têm como farol um programa de Governo Mundial Único.

Não deveria de modo algum surpreender-nos - tendo em vista as provas reunidas, até agora, neste livro - que, desde a sua criação, a Comissão Trilateral (uma tríade globalista) tenha exortado ao fim da soberania dos Estados Unidos. A selecção seguinte de citações de *Between Two Ages* mostra quão perto está o pensamento de Brzezinski, no seu livro, do do fundador do CFR e marxista, Edward Mandell House.

Na p. 72, Brzezinski escreve: «O marxismo é, simultaneamente, uma vitória do homem exterior e activo sobre o homem interior e passivo, e a vitória da razão sobre a crença.» Na p. 83, afirma: «O marxismo difundido, a nível popular, sob a forma de comunismo, representou um progresso importante em termos da capacidade de o homem conceptualizar a sua relação com o mundo.» E, na p. 123, encontramos: «O marxismo forneceu a melhor explicação actual da realidade contemporânea.»

Na primeira parte da sua obra, *The Insiders: 1979 - The Carter years*, John McManus, de The John Birch Society (uma organização dedicada a restabelecer e preservar a liberdade nos termos da Constituição dos Estados Unidos), escreve: «Em parte alguma o Sr. Brzezinski diz aos seus leitores que o marxismo 'sob a forma de comunismo', que louva, foi responsável pelo assassinio de cerca de 100 milhões de seres humanos, no século xx, provocou a escravidão de mais de mil milhões e a pobreza, as privações e o desespero de toda uma população, exceptuando o punhado de criminosos que dirigem as nações dominadas pelo comunismo¹⁴.»

A convergência total entre os planos da Comissão Trilateral (de pôr fim à soberania dos Estados Unidos) e a administração do presidente Carter (que a CT dominava completamente por todos os cargos da administração serem ocupados por membros seus) está ainda mais patente no seguinte conjunto incriminador de citações.

Na página 260 do seu livro, Brzezinski propõe uma «gestão deliberada do futuro americano [...] com o [...] responsável pelo planeamento como o legislador e manipulador social fundamental». Controlo das massas e MONOPÓLIO, as tradicionais práticas empresariais da família Rockefeller. John D. Rockefeller, o pai de David, odiava a concorrência. Ensinou que a única concorrência que vale a pena ter é aquela em que se controlam os dois lados da equação. Assim, o amor que John e, subsequentemente, David têm pelo MONOPÓLIO que abrange tudo, como, por exemplo, os planos de Rockefeller para, através da CT, unir os blocos económicos da Comissão Europeia, da América do Norte e do Sul e da Ásia sob o tecto de um governo mundial que Rockefeller e Cia. possam controlar.

Finalmente, na penúltima página do livro, Brzezinski diz-nos o que tudo aquilo quer dizer. Os objectivos da Comissão Trilateral (os objectivos de Rockefeller) são «a meta do governo mundial».

No entanto, embora muitos biógrafos, recorrendo a alterações, meias verdades e mentiras puras e simples, tenham falado sobre a fabulosa riqueza e o poder político e económico praticamente ilimitado da família - a qual, segundo a

propaganda oficial, é gasta a alimentar os que morrem de fome nos países "do Terceiro Mundo, a ensinar os pobres por meio de uma miríade de fundações e sociedades benéficas e a construir as infra-estruturas das nações subdesenvolvidas e dilaceradas pela guerra - poucos abordaram o aspecto mais notável da família - a sua intenção coerente de destruírem os Estados Unidos (e, simultaneamente, aumentar o poder dos Soviéticos. Oximoro? Continuem a ler) como país independente, tal como é explicado numa espantosa exposição de factos elaborada por Eustace Mullins e chamada *Murder By Injection: The Medical Conspiracy' Against America*, através do «seu esquema dissimulado de conseguir um monopólio, mediante a atribuição às fundações da capacidade de obterem poder sobre os cidadãos americanos»¹⁵, e, finalmente, subjugar os povos de todo o mundo aos poderes da ditadura mundial e unirem o mundo sob a bandeira do Governo Mundial.

Com efeito, embora os paralelismos entre os Rockefeller e os Soviéticos tenham sido, em grande medida, suprimidos, o maior segredo de todos - que o financiamento da revolução bolchevista proveio de supercapitalistas americanos - continua enterrado porque a família Rockefeller, através dos seus lacaios, o CFR, a CT, o Clube Bilderberg, etc., é proprietária da imprensa de referência e das principais editoras. O Dr. Anthony Sutton, em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, explica: «Não foi escrito praticamente nada sobre a estreita relação que, ao longo do último século, os Rockefeller tiveram com os seus pretensos arqui-inimigos, os comunistas. Tem havido uma aliança continuada, embora escondida, entre os capitalistas políticos internacionais e os socialistas revolucionários internacionais [em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, Sutton faz um trabalho notável documentando a traição insidiosa da riquíssima elite americana, formada por John D. Rockefeller e os banqueiros da Wall Street que, literalmente, financiaram a Revolução e o mais brutal governo comunista de todos os tempos. Se alguma vez se perguntou por que razão os muito ricos pareciam ter tanta simpatia pelo comunismo, aí está a resposta] - para benefício mútuo¹⁶.» Gary Allen, no seu *best-seller* internacional, *The Rockefeller File*, faz eco da descoberta e dos sentimentos de Sutton: «o que já consta dos registos públicos é espantoso.»

Por que razão é que multimilionários como os Rockefeller iriam cooperar e financiar os mesmos comunistas e marxistas que, pretensamente, juraram enterrá-los?, pergunta o jornalista de investigação Gary Allen, em *The Rockefeller File*. As vantagens para os comunistas são óbvias. Mas como é que o Ocidente, paladino do capitalismo e da liberdade, beneficia de uma tal união?

A palavra mágica é MONOPÓLIO, «um monopólio que abranja tudo - não só o controlo do governo, do sistema monetário e de todos os bens, mas também um monopólio que, como as empresas que emula, se autoperpetue e se tome eterno»¹⁷.

Gary Allen, em *The Rockefeller File*, fala em «indícios de influências poderosas» por detrás dos comunistas, afirmando: «Embora o controlo monopolista das indústrias tivesse sido, outrora, o objectivo de J. P. Morgan [do Morgan Bank] e J. D. Rockefeller, no final do século XIX os círculos mais estritos de Wall Street compreenderam que a forma mais eficaz de obterem um monopólio incontestado era por meio da 'geopolítica' - e fazer com que a sociedade trabalhasse para os monopolistas - sob o nome do bem público e do interesse público.»

Frederick C. Howe, em *Confessions of a Monopolist* [1906] explicou como é que a estratégia funciona, na prática:

«As regras de um grande negócio: obtém um monopólio; deixa que a Sociedade trabalhe para ti. Enquanto virmos todos os revolucionários internacionais e todos os capitalistas internacionais como inimigos implacáveis uns dos outros, estamos a perder um ponto crucial - [...] uma parceria entre o capitalismo monopolista internacional e o socialismo revolucionário internacional para benefício mútuo.»

O PLANO MARBURGO

O Plano Marburgo - o plano diabólico para o socialismo internacional ser controlado, nos bastidores, pelos banqueiros -, elaborado nos primeiros anos do século XX, foi financiado por Andrew Carnegie, da Carnegie Foundation - hoje em dia sob controlo de Bilderberg. Os apolíticos e amorais financeiros internacionais, explica o Dr. Anthony Sutton em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, «queriam mercados que pudessem ser explorados monopolisticamente sem medo de concorrência»¹⁸. Sutton põe tudo a nu quando afirma que, em, 1917, os banqueiros se viraram para a Rússia, «o seu mercado cativo favorito».

O objectivo do Plano, escreve Jennings C. Wise em *Woodrow Wilson: Disciple of Revolution*, era unir os «financeiros internacionais e os socialistas num movimento para forçar a formação de uma liga [a Sociedade das Nações, a precursora da ONU] para impor a paz... e controlar os seus órgãos... [e, assim,] proporcionar um remédio para todos os males da humanidade»¹⁹. Isto coincide perfeitamente com as palavras de Zbigniew Brzezinski: «Gestão deliberada do futuro americano [...] com o [...] responsável pelo planeamento como o legislador e manipulador social fundamental.» Quantos milhões morreram para o realizar? Lembre-se, leitor de que a palavra-chave é «monopólio»! Pense na velha União Soviética, onde o Estado controlava e vigiava tudo. Como responsáveis pelo planeamento social, os Soviéticos quase não tinham problemas laborais uma vez que a legislação social era controlada pelo Estado centralizado. É isso precisamente com que sonham Rockefeller e, por extensão, o seu cachorrinho, Brzezinski.

Escusado será dizer que, para «impor a paz», tem de se criar a guerra como pré-requisito necessário. (Agora já sabe porque é que os globalistas precisavam da revolução russa.) Como explica o Dr. Sutton, em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*: «A Rússia era então - e continua a ser hoje em dia - o maior mercado virgem do mundo. Além disso, a Rússia, então tal como agora, constituía a maior ameaça potencial, em termos concorrenciais, à supremacia industrial e financeira americana. A Wall Street deve sentir arrepios quando vê a Rússia como um segundo supergigante industrial americano. Mas para quê permitir que a Rússia se tome um concorrente e uma ameaça à supremacia dos Estados Unidos? No final do século XIX, Morgan/Rockefeller e Guggenheim tinham demonstrado a sua propensão monopolística. Em *Railroads and Regulation 1877-1916*, Gabriel Kolko demonstrou como os donos das empresas ferroviárias, e não os agricultores, queriam o controlo estatal dos caminhos-de-ferro para preservarem o seu monopólio e abolirem a concorrência. Por isso, a explicação mais simples para os

nossos indícios é que um grupo de financeiros da Wall Street ampliou as suas ambições monopolísticas e alargou os horizontes a uma escala mundial. O *gigantesco mercado russo iria ser transformado num mercado cativo e numa colónia técnica a ser explorada por um punhado de financeiros americanos de grande poder e pelas empresas sob o seu controlo*. Aquilo que a Comissão Interestadual de Comércio e a Comissão Federal de Comércio, sob a tutela da indústria americana, podiam obter para essa indústria, a nível interno, podia ser obtido, para ela, no estrangeiro, por um governo socialista de economia planificada - desde que lhe fossem proporcionados o apoio e os incentivos adequados pela Wall Street e Washington, DC.»

A REVOLUÇÃO NA RÚSSIA

De acordo com o testemunho perante o Congresso norte-americano, em Outubro de 1919, o apoio financeiro de John D. Rockefeller (a Lenine e Trotsky) provocou a (malograda) Revolução Comunista de 1905. A biografia de Rockefeller omite (estou certo de que por lapso e não intencionalmente) um pormenor «insignificante» de que o banqueiro de investimentos da família e presidente da sociedade de investimentos nova-iorquina Kuhn, Loeb & Co., o jesuíta Jacob Schiff, que também foi um dos fundadores da US Federal Reserve, anunciou, de facto, publicamente que, se não fosse a sua influência financeira, a revolução russa nunca teria sido bem-sucedida. Foi graças aos documentos do Congresso descobertos pelo Dr. Sutton que soubemos que, na Primavera de 1917, Jacob Schiff começou a [manear Trotsky para que levasse a cabo uma revolução social na Rússia. O que é incrível é como é que o Dr. Sutton conseguiu localizar informações tão incríveis! Esses documentos inestimáveis foram encontrados no U. S. State Department Decimal File (861.00/5339). O documento central está datado de 13 de Novembro de 1918. No entanto, o que é ainda mais inacreditável é que, na verdade, Schiff, em privado, era *contra* o apoio ao regime bolchevique, como foi demonstrado pela descoberta, uma vez mais levada a cabo pelo Dr. Sutton, de documentos adicionais dos arquivos do Governo norte-americano, como o «DOCUMENT NO. 3 Jacob Schiff of Kuhn, Loeb & Co and his position on the Kerensky and Bolshevik regimes of November 1918». E financiara secretamente os Japoneses na sua guerra contra a Rússia. Outro facto «insignificante» é que o emissário pessoal de John D. Rockefeller, George Kennan, passou vinte anos a promover a actividade revolucionária contra o czar, na Rússia, segundo o livro de Gyeorgos C. Hatonn, *Rape of the Constitution; Death of Freedom*. Quem financiou Kennan e porquê? Quanto custou? Para além do supracitado programa de um monopólio mundial, teria John D. Rockefeller uma razão especial para procurar derrubar o czar e apoiar a Revolução? Ao fim e ao cabo, Rockefeller não era um adolescente ingénuo.

A resposta é tão comum agora como era há cem anos: PETRÓLEO! Antes da revolução bolchevista, a Rússia sucedera aos Estados Unidos como primeiro produtor de petróleo do mundo²¹. Em 1900, os campos de Baku, na Rússia, saturados de petróleo, estavam a produzir mais crude do que os Estados Unidos e, em 1902, eram responsáveis por mais de metade de toda a produção mundial.

O caos e a destruição da revolução arruinaram a indústria petrolífera russa. Em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, o Dr. Sutton escreve: «Em 1922,

metade dos poços estavam inactivos»²² e a outra metade mal funcionava, devido à falta de tecnologia que os tornasse operacionais.

A outra razão, não referida na biografia de Rockefeller, tem que ver com a concorrência. Gary Allen afirma categoricamente em *The Rockefeller File*, «a Revolução eliminou eficazmente a concorrência à Standard Oil por parte da Rússia, até a Standard poder avançar e obter uma parte do negócio do petróleo russo»²³.

MOVENDO AS PEÇAS DO XADREZ

Quando a revolução de 1905 se malogrou, os banqueiros reagiram. Em *Rape of the Constitution, Death of Freedom*, Gyeorgos C. Hatonn explica como «Lenine foi colocado 'em entreposto' na Suíça até 1907 para que nada lhe acontecesse. Trotsky foi trazido para os Estados Unidos, onde viveu sem pagar renda na propriedade da Standard Oil em Bayonne, Nova Jérsey, o campo dos depósitos.»²⁴ Como anedota, o Dr. Antony Sutton explica, em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, que Leon Trotsky «visitou» Espanha, depois de ter sido expulso de França (em Setembro de 1916), por escrever artigos «inflamatórios» para um jornal de língua russa em Paris. Foi, continua Sutton, «cortesmente escoltado através da fronteira espanhola pela polícia francesa. Alguns dias depois, a polícia de Madrid prendeu-o e instalou-o numa 'cela de primeira classe' que custava uma peseta e meia por dia. Posteriormente, Trotsky foi levado para Cádiz, depois, para Barcelona e, finalmente, foi colocado a bordo do navio da Spanish Transatlantic Company, *Monserat*. Trotsky e a família atravessaram o oceano Atlântico e desembarcaram em Nova Iorque, a 13 de Janeiro de 1917».

Quando o czar abdicou, em 1916, Trotsky (com 10.000 dólares de Rockefeller para despesas de viagem) foi colocado no *S. S. Kristianiafiord* (que partiu de Nova Iorque a 26 de Março de 1917) com trezentos revolucionários comunistas de Nova Iorque. Onde é que Trotsky arranjou um passaporte? Quem o pagou? Como foi arranjado e porquê? Foi o próprio Rockefeller que obteve um passaporte especial para Trotsky, através de Woodrow Wilson, o presidente dos Estados Unidos (porque é que o presidente dos Estados Unidos arranjou um passaporte para um conhecido revolucionário a pedido de um cidadão rico, mas comum? A não ser que, como já sabemos, John D. Rockefeller e o resto da quadrilha de Wall Street, isto é, os cidadãos «comuns» e pilares da comunidade empresarial norte-americana, controlassem o governo dos Estados Unidos) e enviou Lincoln Steffens, um comunista americano ao serviço dos Rockefeller, «com ele para se certificar de que regressaria em segurança à Rússia»²⁵.

De acordo com documentos libertados para consulta provenientes dos arquivos do Governo canadiano, a 13 de Abril de 1917, quando o navio fez escala em Halifax, agentes dos Serviços Secretos canadianos e pessoal naval britânico fizeram desembarcar de imediato Trotsky (seguindo instruções oficiais recebidas por telegrama, de Londres, a 29 de Março de 1917), e detiveram-no em Arnherst, Nova Escócia, classificando-o como prisioneiro de guerra alemão. O telegrama alertava para a presença de Trotsky no «*Kristianiafiord* [e deveria ser] retirado e detido até novas instruções [dado que] estes são socialistas russos que estão a caminho com a intenção de iniciar a revolução contra o governo russo actual, revolução essa para a qual se diz que Trotsky recebeu 10 000 dólares entregues por socialistas».

Porque é que foi preso? «Porque os Serviços Secretos haviam recebido a informação de que Trotsky estava a caminho para fazer sair a Rússia da guerra, libertando mais soldados alemães para atacarem as tropas canadianas, na Frente Ocidental», explica Eustace Mullins²⁶.

O que aconteceu a seguir espelha o clima político dos nossos dias no incorrectamente chamado «país livre» do Canadá. Tal como no Canadá dos dias de hoje - a influência dos Rockefeller está por detrás dos movimentos separatistas do Quebec - os políticos de então estavam sob a influência da família Rockefeller. Gyeorgos C. Hatonn, em *Rape of the Constitution, Death of Freedom*, explica: «O primeiro-ministro, Loyd George, apressou-se a telegrafar ordens, de Londres, para os Serviços Secretos canadianos para que libertassem Trotsky imediatamente - estes ignoraram-no. Trotsky foi libertado finalmente pela intervenção de um dos mais fiéis ajudantes dos Rockefeller, o ministro canadiano Mackenzie King, que fora durante muitos anos 'especialista de mão-de-obra' dos Rockefeller. King obteve pessoalmente a libertação de Trotsky e fê-lo seguir viagem como emissário dos Rockefeller, encarregado de fazer triunfar a Revolução Bolchevique. Assim, o Dr. Armand Hammer, que proclamava alto e bom som a sua influência na Rússia como amigo de Lenine, tem uma importância insignificante em comparação com o papel dos Rockefeller como apoiantes do comunismo mundial.»

Porque é que o implacável John D. Rockefeller apoiou Trotsky? Porque Trotsky, o revolucionário bolchevique, tal como John D. (David e todos os outros Rockefeller) era a favor da «revolução mundial e a favor da ditadura mundial; da sua uniformidade ideológica e do seu empenhamento para com o internacionalismo liberal. Logo, os bolchevistas e os banqueiros têm este campo comum significativo - o internacionalismo», explica, repetidamente, Anthony Sutton. Tanto Allen como o Dr. Sutton chegam à mesma conclusão; a revolução e a finança internacional partilham objectivos - a erradicação de um poder descentralizado que é muito mais difícil de controlar (o que implica também que se tenham de partilhar os rendimentos com os outros, reduzindo assim os ganhos e lucros) e a criação de um Governo Mundial Único (Autoridade Universal, Monopólio) que se auto-perpetua e é eterno.

Graças ao trabalho heróico das outras obras pioneiras do Dr. Sutton, as provas do envolvimento dos Rockefeller na «organização, patrocínio e apoio à Revolução Russa são tantas e tão esmagadoras que, pura e simplesmente, não merecem discussão»²⁷.

Talvez pudesse resumir a extensão da desumanidade com este exemplo retirado do livro de Gary Allen, *The Rockefeller File*: «Para os Rockefeller, o socialismo não é um sistema para redistribuir a riqueza - sobretudo para redistribuir a riqueza deles - mas um sistema para controlar as pessoas e os concorrentes. a socialismo põe o poder nas mãos do governo. E, uma vez que os Rockefeller controlam o governo, o controlo por parte do governo significa controlo dos Rockefeller. a leitor podia não saber isto, mas pode estar certo de que eles sabem!»²⁸

Como comentário marginal e anedótico, Trotsky, mais tarde, casou com a filha de um dos ricos banqueiros que financiaram a Revolução Bolchevique, Jivotovsky.

TECNOLOGIA NORTE-AMERICANA NAS MÃOS DOS COMUNISTAS

Em 1926, a Standard Oil of New York, dos Rockefeller, e a sua subsidiária, Vacuum Oil Company, através do Chase National Bank²⁹, «assinaram um acordo para comercializar o petróleo soviético nos países europeus», segundo Gary Allen³⁰. Na altura, foi noticiado que John D. Rockefeller autorizara um empréstimo de 75 000 000 de dólares aos bolcheviques como «parte do preço do negócio». Em virtude do acordo, continua Allen, «em 1927, o sócio secreto da Rússia, a Standard Oil of New York, construiu uma refinaria de petróleo na Rússia». Assim, o paladino do capitalismo, conclui o autor atrás referido, John D. Rockefeller, ajudou a «reerguer a economia bolchevique». O governo dos Estados Unidos só reconheceu oficialmente o Estado soviético em 1933. Como é possível que cidadãos privados norte-americanos, embora muito ricos e influentes, colaborassem com o regime assassino da Rússia soviética quando este fora explicitamente ilegalizado pelo Congresso dos Estados Unidos? Além disso, cidadãos privados não só colaboraram na criação do monopólio soviético como o próprio presidente Wilson autorizou essa colaboração. O Dr. Sutton acrescentou, no seu livro: «Foi o primeiro investimento dos Estados Unidos na Rússia, desde a Revolução.»

Eis o que o congressista norte-americano Louis McPadden, presidente da Comissão Bancária da Câmara dos Representantes, que se opôs corajosamente aos manipuladores do Federal Reserve System, nas décadas de 1920 e 1930, disse, num discurso, aos seus colegas da Câmara, a 10 de Junho de 1932: «Abram os livros da Amtorg, a organização comercial do governo soviético em Nova Iorque, e da Gostorg, o escritório geral da Organização de Comércio Soviética, e do Banco Estatal da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e ficarão pasmados ao ver quanto dinheiro americano foi retirado do Tesouro dos Estados Unidos em benefício da Rússia. Descubram que negócios foram feitos para o banco Estatal da Rússia Soviética pelo seu correspondente, o Chase Bank, de Nova Iorque.» Como comentário à margem, devido à sua oposição contínua à Federal Reserve, uma entidade ilegal que controla o tesouro dos Estados Unidos, McPadden foi alvo de três tentativas de homicídio. Morreu misteriosamente.

Como é que se sentiria se lhe dissessem que os Estados Unidos financiaram e ajudaram a construir o espantoso poder dos Soviéticos, aquele Estado comunista que assassinou cerca de 70 milhões dos seus cidadãos? E que o poder-sombra responsável por isso era também uma importante família de banqueiros americanos que representava o idealismo da sociedade capitalista? Que os Estados Unidos transferiram secretamente a mais sofisticada e cara tecnologia americana, primeiro, para a Rússia (um inimigo visível, para justificar os novos poderes amplos de coerção e poder) e, agora, para a China, tudo isso a expensas dos seus próprios concidadãos?

Infelizmente, tudo isso faz parte do Grande Desígnio da Nova Ordem Mundial. Para se obter um governo Único Mundial que os globalistas controlem, têm de se unir diferentes nações. Para o público em geral aceitar, inicialmente, os «benefícios» de uma UE/Governo Mundial Único, tem de lhe ser vendida a ideia das vantagens e benefícios de uma tal união, apenas uma zona de comércio livre que de modo algum poderia conduzir a uma perda de soberania. Só que, hoje em dia, perdemos a nossa soberania. A UE imiscuiu-se em todos os aspectos da nossa

vida prendendo-nos com tratados, leis e regulamentos que muitos desconhecem. O Tratado de Maastricht é muito complexo e, para fazer sentido, tem de ser lido em conjugação com o Tratado de Amesterdão, o Tratado de Roma e o Acto Único Europeu. Como anedota, em Inglaterra, durante o debate parlamentar sobre os tratados vinculativos atrás referidos e que, se aprovados, iriam retirar as liberdades de todos os cidadãos e transferi-las para um órgão europeu, foi fornecido aos deputados do parlamento britânico um resumo dos tratados, *com uma extensão de duas páginas (!)*, que pretensamente os ajudaria a tomarem a decisão correcta! Como é que se cria esta alardeada igualdade entre as nações do mundo e, ao mesmo tempo, se transformam os Estados Unidos em apenas mais uma província da Nova Ordem Mundial? Em primeiro lugar, usando o dinheiro dos contribuintes norte-americanos, o seu *know-how* tecnológico e, como explica Gary Allen, «equipamento que não pode ser obtido em qualquer outra parte do mundo para reforçar os concorrentes e, ao mesmo tempo, usando todas as estratégias tortuosas que se podem conceber para enfraquecer e empobrecer o país»³¹. E, ao mesmo tempo que se está a reforçar o inimigo, continuando a assustar a população dizendo-lhe que a cooperação é necessária porque, sem acordos bilaterais, desanuviamentos, etc., o inimigo as atacará. Agora o leitor sabe por que razão, desde a Revolução Russa - e lembre-se de que não foi uma insurreição espontânea³² -, os sequazes da Ordem Mundial defenderam e levaram a cabo políticas destinadas a aumentar o poder da União Soviética. Essencialmente, a Comissão Trilateral de Rockefeller foi criada para permitir que o objectivo globalista fosse atingido a um ritmo mais rápido. O professor Anthony Sutton, o principal perito mundial no que se refere à utilização de tecnologia ocidental na criação do Estado soviético, apresenta provas irrefutáveis³³ de que as capacidades industriais e militares soviéticas, tais como «camiões, aeronaves, petróleo, aço, produtos petroquímicos, alumínio, computadores foram construídas a expensas dos contribuintes norte-americanos, na União Soviética, o país que jurara destruir os Estados Unidos [...] Tudo para reforçar o inimigo e criar a paridade que, finalmente, iria permitir que os iguais da Terra se fundissem num Superestado, conhecido como Governo Mundial Único [...] Ninguém tentou sequer refutar as obras quase excessivamente académicas de Sutton»³⁴.

Em *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, publicado em 1975, Sutton escreve: «Aquilo a que se chama tecnologia soviética não existia. Entre 90 % e 95 % eram provenientes, directa ou indirectamente, dos Estados Unidos e dos seus aliados.» Quantos milhares de milhões de dólares é que os Estados Unidos estão a gastar na defesa para se protegerem de um inimigo fantasma que cria-ram, alimentaram, apoiaram e reforçaram? Será que os custos justificam os meios? Claro que sim! Lembrem-se de que a Grande Fusão será controlada pela mesma conjura Bilderberg-CFR-CT que está a orquestrar, nos bastidores, os blocos regionais e as uniões monetárias «temporárias».

«O que é ainda mais estranho», reflecte Sutton, «os Estados Unidos, aparentemente, pretendem garantir que este inimigo continue a ser inimigo.» Lembrem-se de que, sem um inimigo justificável e visível, nenhuma nação ou população, por mais enganada que seja, abdicará voluntariamente dos seus direitos e liberdades individuais. Seguidamente, apresenta milhares de provas documentadas das suas descobertas. Por exemplo, a marinha mercante soviética, à data em que a obra foi escrita, era a maior do mundo, contando com cerca de 6000 navios. Anthony Sutton testemunhou perante a Subcomissão VII da Comissão do Programa de Governo do Partido Republicano, afirmando o seguinte: «Cerca de dois terços foram construídos fora da União Soviética. Cerca de quatro

quintos dos motores desses navios foram construídos também fora da União Soviética³⁵.»

E Sutton continua, «toda a tecnologia soviética no domínio dos automóveis, camiões, [canhões, tanques, aeronaves] e motores provém do Ocidente. A organização Gorki, criada pelas empresas Ford e Austin, produziu a maior parte dos camiões utilizados no transporte do equipamento militar fornecido pelos Soviéticos, ao longo da rota de Ho Chi Minh [Guerra do Vietname]. As fábricas de automóveis também podem ser utilizadas para produzir tanques. A mesma organização Gorki, sob o disfarce de um 'comércio pacífico', produziu, em 1964, a primeiro sistema antitanque soviético guiado por rádio. Os Soviéticos têm a maior unidade fabril de ferro e aço do mundo. Foi construída pela McKee Corporation. É uma cópia da fábrica da US Steel em Indiana»³⁶.

Sutton responsabiliza directamente o governo dos Estados Unidos pelo assassinio de 100000 militares mortos com tecnologia americana, ao afirmar categoricamente: «A única resposta de Washington e da Administração [norte-americana] é o esforço para abafar o escândalo»³⁷.»

Nada do que afirmo fará sentido se acreditarmos nas mentiras disseminadas pelo Sistema sobre os «malévolos» comunistas. A não ser, é claro, que o comunismo seja uma negaça necessária, um instrumento de uma conspiração muito maior para «controlar o mundo por parte de multimilionários sedentos de poder [e então] tudo se torna perfeitamente lógico»³⁸.

No entanto, Rockefeller não é, de modo algum, um poder independente. Como explica Eustace Mullins, em *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, «os Rockefeller actuam segundo esferas de influência claramente definidas. As organizações 'de caridade', as empresas comerciais e os grupos de política combinam-se sempre no funcionamento de uma operação. Nenhum departamento do Grupo pode atacar por sua própria iniciativa ou formular uma política independente, seja qual for a sua justificação, porque opera sob o controlo da estrutura financeira mundial, o que significa que, num determinado dia, todos os seus activos poderiam ser reduzidos praticamente a nada por meio de uma hábil manipulação financeira. Este é o controlo final, que garante que ninguém pode abandonar a organização. Não só seria despojado de todos os seus bens, como seria imediatamente alvo de um contrato de assassinio»³⁹.

O congressista Larry McDonald, na sua introdução ao livro *The Rockefeller File*, escreveu: «Trata-se de uma apresentação compacta, vigorosa e assustadora da que pode ser a história mais importante da nossa vida - a campanha dos Rockefeller e dos seus aliados para criarem um governo único mundial que junte o supercapitalismo e o comunismo sob a mesma tenda, tudo sob o seu controlo. Os Rockefeller e os seus aliados têm, ao longo de pelo menos cinquenta anos, estado a seguir cuidadosamente um plano de utilização do seu poder económico para obterem o controlo político da América e, em seguida, do resto do mundo.» A 31 de Agosto de 1983, McDonald estava a bordo do avião das Korean Airlines abatido em voo, por ter penetrado «acidentalmente» no espaço aéreo soviético.

MEMBROS DA COMISSÃO TRILATERAL EM 2004

Quando a Comissão Trilateral foi lançada, estava planeado um número igual de membros de cada uma das três regiões. Os números em breve começaram a aumentar e foram impostos tectos cerca de 1980. Esses tectos foram aumentados um pouco, de então para cá, à medida que novos países vieram a ser representados no grupo. O grupo europeu tem actualmente um tecto de 150 membros. O tecto para o grupo da América do Norte é de 110, incluindo 15 membros canadianos, 15 membros mexicanos e 85 membros dos Estados Unidos. Em 2000, o grupo japonês, com 85 membros, foi alargado e tornou-se o grupo Asia-Pacífico com 117 membros, e inclui 75 membros do Japão, 11 da Coreia, 7 da Austrália e Nova Zelândia, 15 dos países originais da ASEAN (Filipinas, Indonésia, Malásia, Singapura e Tailândia). O novo grupo Asia-Pacífico inclui também participantes da República Popular da China, Hong Kong e Taiwan.

Há pelo menos 8 antigos presidentes mundiais na Comissão Trilateral de 2004 e dois antigos directores da CIA. Todos fazem parte das mais altas esferas da elite política, económica e mediática.

. *Chief executive officers* - 135

- . Membros do Congresso americano e de parlamentos europeus - 35
- . Membros da Comissão Europeia - 11
- . Embaixadores - 17
- . Vice-presidentes - 7
- . Presidentes de empresas - 14
- . Antigos presidentes europeus, presidentes americanos e primeiros-ministros canadianos - 8
- . Ministros e secretários de Estado de governos europeus e americanos - 51
- . Ex-directores da CIA (Central Intelligence Agency) - 2
- . Directores dos principais periódicos e revistas - 11

Como nota final, 200 membros da Comissão Trilateral reuniram-se, no final de Março de 1993, durante vários dias, em Washington, para discutirem e acordarem a necessidade de (adivinhem?) um Novo Exército Mundial e do controlo soberano, por parte da ONU, das políticas e decisões de Estados relativamente à imigração. Na noite de 28 de Março, os seus representantes jantaram com altos funcionários do Governo americano a quem apresentaram essas «recomendações» e, depois, fizeram o mesmo ao pequeno-almoço, na manhã seguinte, com Clinton, de acordo com as informações publicadas numa excelente página de investigação sediada em Toronto, a *New World Order Intelligence Update*⁴⁰. Esta reunião fundamental preparou o caminho para as manobras subsequentes, durante e depois da Cimeira do Milénio, das Nações Unidas, em Setembro de 2000, a qual (surpreendentemente?) não foi alvo de uma grande cobertura mediática.

Uma das propostas mais sinistras que deveria fazer levantar-se e prestar atenção a qualquer ser humano amigo da liberdade foram os planos para um papel mais importante para um exército permanente da ONU, instalações de treino para as suas forças bem como um aumento da capacidade de recolha de informações. Segundo o artigo de Richard Greaves, «Who really runs the world?», a imprensa de referência também não noticiou uma proposta nos termos da qual a ONU «deveria poder intervir com todo o poderio militar quando um governo nacional não tratasse o seu povo de acordo com os critérios, definidos pela ONU, em termos de *direitos humanos e justiça social*».

«Direitos humanos» e «justiça social» são palavras de código, no programa globalista, para menos liberdades individuais e um maior controlo por parte das Nações Unidas. Nenhuma nação poderá atacar por iniciativa própria, permanecer independente porque a independência será vista e vendida às massas como «a incapacidade», por parte do governo nacional, de tratar o seu povo de acordo com os critérios da ONU. A lógica não é um oxímoro. Quando uma nação resiste ao ataque da ONU tendo em vista apoderar-se da sua liberdade e independência em nome do Governo Mundial e da interdependência, a ONU imporá sanções debilitantes para vencer a resistência. Estas sanções podem ser impostas sob a forma de cortes de crédito, fornecimentos, estatuto de parceiro comercial privilegiado, etc. Quando, como consequência directa das sanções impostas pela ONU, as dificuldades que os cidadãos sentem aumentam, como aconteceu no Kosovo, em 1999, os promotores do poder mundial - os que mexem os cordelinhos - agirão de uma forma implacável contra aqueles que não se submeterem, como o Iraque, o Afeganistão, a Jugoslávia e outros descobriram. A ONU intervirá em nome de uma «missão humanitária» por meio da NATO ou de uma Força de Reacção Europeia, no seu esforço de eliminar todos os vestígios de resistência e todas as barreiras. O plano discutido pelo Clube Bilderberg foi posto em prática em 1999, quando a NATO declarou que tinha o direito de intervir no Kosovo por ter sido «considerado» pela Comunidade Internacional que o Estado jugoslavo não respeitava os direitos humanos. Há muito que os bilderbergers defendem um maior papel militar para a ONU, planeando com eficácia transformá-la num polícia mundial, segundo o artigo de Jim Tucker publicado na velha e já defunta revista *Spotlight*.

Os bilderbergers planeiam usar a ONU como força de polícia mundial, como um passo intermédio para desgastar ainda mais as fronteiras e a independência das nações na Europa. A panorâmica da acção promocional pode ser encontrada em www.european-defence.co.uk. Em essência, trata-se do seguinte: a utilização da Austria, Suécia, Finlândia e Irlanda, Estados neutros e não-alinhados, como participantes numa intervenção da força da UE, reveste-se de uma importância primordial para os globalistas porque permitirá que transcendam o seu estatuto de observadores da UE ou de membros do programa Parcerias para a Paz, da NATO, sem se empenharem plenamente na defesa colectiva e porem em risco o seu estatuto neutro.

Em segundo lugar, porque cria um enquadramento que, posteriormente, será usado para promover os acordos mais amplos e complexos, para que sejam transformados em políticas com pouco ou nenhum debate público. Trata-se, uma vez mais, de mais um passo em direcção ao Governo Mundial Único. A Áustria destinou cerca de 2000 soldados, a Finlândia, 2000, a Suécia, 1500 e a Irlanda, 1000, às missões de manutenção de paz das Nações Unidas⁴².

Creio que é adequado acabar este capítulo dedicado a descrever a Comissão Trilateral e o seu amplexo mortal sobre o mundo e a visão sinistra da globalização de David Rockefeller com a seguinte citação do clérigo do século XIX Edwin H. Chapin: «Nenhum exército e nenhuma nação fizeram avançar a raça; mas aqui e além, no decurso do tempo, sempre houve um indivíduo que se levanta e projecta a sua sombra sobre o mundo.»

CAPÍTULO IV - A sociedade sem dinheiro

O conceito fantasmagórico de Mundo Futurista, transmitido através de uma miríade de livros e filmes de ficção científica, em que os seres humanos foram transformados em escravos, gravou com a marca da besta a sua dignidade, humanidade e honra, confiscadas em nome da Nova Ordem Mundial; «o seu forte individualismo sacrificado por uma harmonia universal anestesiada»¹, ainda não há muito tempo era considerado insondável tanto por filósofos como por leigos.

Depois, nos anos 60, os globalistas compreenderam que o mundo não estava a transformar-se tão depressa como eles gostavam e resolveram actuar. Em 1962, Nelson Rockefeller apelou à criação de uma Nova Ordem Mundial: «Os actuais acontecimentos exigem inequivocamente uma nova ordem mundial, dado que a velha ordem está a esboroar-se, e há uma nova ordem que tenta nascer... Talvez mais cedo do que julgamos, criar-se-ão as bases para uma estrutura federal do mundo livre.»

Se as informações dos capítulos anteriores eram alarmantes, o que o leitor vai encontrar nas próximas páginas provocar-lhe-á um arrepio na espinha, à medida que nos aproximarmos das fases finais da Escravização Total.

A sociedade sem dinheiro não é um conceito «novo»; é um velho conceito recuperado para assegurar o controlo total da Elite globalista sobre todos os seres humanos. O senador americano

Frank Church afirmou em Agosto de 1975 que «o governo tem capacidade tecnológica para impor a 'tirania total' se um ditador subir ao poder. Este não teria nenhum sítio onde se esconder».

O dinheiro vivo garante-nos privacidade e anonimato, ou seja, liberdade. Também nos garante independência. Nós, o povo, ainda conseguimos destruir todas as instituições bancárias do mundo se levantarmos ao mesmo tempo o dinheiro que depositámos nos bancos. O dinheiro também é sinónimo de descentralização. O Estado sabe que o acompanhamento e o controlo total do dinheiro da população tem de ser eliminado. Nos anos 60, segundo o meu bisavô, um agente de contra-espionagem do KGB tinha concebido um plano para introduzir um cartão de crédito no sistema para que fosse mais fácil acompanhar o trajecto das pessoas e do dinheiro. Infelizmente para eles, e felizmente para o resto da população, houve um retrocesso bastante considerável em tudo isto. Os estabelecimentos russos eram conhecidos por terem falta de mercadoria. Mesmo que todos os cidadãos russos possuíssem um cartão de crédito sofisticado, o Estado conseguiria apenas controlar um pequeno grupo de compradores, em geral os poucos que se limitavam a ter conhecimentos, que conheciam alguém algures e conseguiam trocar os seus bens e favores pelos dos seus amigos. Recordo um episódio da minha juventude. Uma vez, num Inverno extraordinariamente frio, eu

e o meu pai regressávamos a casa depois de passarmos duas horas à espera num supermercado local, quando encontrámos um amigo da nossa família. O mais engraçado é que, quando nos separámos, o meu pai tinha trocado 12 rolos de papel higiénico soviético por um par de sapatos que estavam apertados ao nosso amigo. Como o meu pai explicou mais tarde, as pessoas traziam sempre consigo qualquer coisa que podiam usar mas que também podiam trocar por outro objecto mais útil.

Como afirmei no capítulo III - A Conspiração Rockefeller e a Comissão Trilateral - «os objectivos da Nova Ordem Mundial são a erradicação dos poderes descentralizados (os países independentes têm de ser eliminados. Assim se justifica a criação de uma Comunidade Europeia dependente). cujo controlo é muito mais difícil, e a criação de um Governo Mundial Único (a Autoridade Universal, o Monopólio), que se autoperpetua e é eterno».

Nos anos 80, o professor B. A. Hodson, director do Computer Centre da Universidade de Manitoba, recomendou que se apusesse uma marca identificadora na testa de todas as pessoas. A princípio, a ideia era fazer uma tatuagem com um liquido não tóxico invisível mas permanente, que podia ser visto através de raios infravermelhos ou ultravioletas².

Na capa do número de 20 de Setembro de 1973 da *Senior Scholastics*, uma publicação (hoje extinta) cujo público-alvo eram os estudantes do ensino secundário de todas as idades, via-se um grupo de crianças com números tatuados na testa e lia-se em título: «Public Needs and Private Rights - Who Is Watching You?» (Necessidades Públicas e Direitos Privados - Quem Anda a Observar-nos?) O artigo especulava: «Nem moeda em circulação, nem trocos, nem cheques. No programa, as pessoas receberiam um número que lhes fora atribuído e seria tatuado no pulso ou na testa. Todos os bens de consumo serão marcados por computador. O terminal do estabelecimento que recolhe o número dos produtos recolherá também o número gravado no corpo da pessoa, fará automaticamente a soma e retirará a quantia da conta de 'Direitos Especiais de Saque' dessa pessoa.»

Linus Pauling, galardoado com o Prémio Nobel da Química em 1954, sugeriu que fosse tatuada na testa de todos os jovens uma marca com o seu genótipo.

Em 1974, um professor da Washington State University, o Dr. R. Keith, inventou uma pistola a *laser*, utilizada para numerar peixes em menos de um segundo. Parrell afirmou que uma pistola igual a esta poderia servir para apor números em seres humanos.

No *McAlvany Intelligence Advisor*; lê-se que «a época do dinheiro de papel e da moeda está a chegar rapidamente ao fim e que a nova era de uma sociedade sem dinheiro vivo está a despontar. Se os modernos cartões electrónicos de crédito e de débito podem ser substituídos por dinheiro, então todas as transacções financeiras da nossa vida podem ser catalogadas e armazenadas para o futuro, e aqueles que tiverem o poder de nos vedar o acesso ao dinheiro electrónico podem estrangular-nos num abrir e fechar de olhos. O potencial de chantagem e controlo totalitários é inacreditável, mas parece que a maioria das pessoas nem sequer se apercebe disso»³. No *Michael Journal* do Canadá, fez-se este terrível aviso a respeito dos perigos dos cartões de crédito: «Enquanto pudermos levantar dinheiro de papel das caixas automáticas com estes cartões, eles parecer-nos-ão muito úteis, porque eliminam a necessidade de trazermos dinheiro connosco. Neste caso, o sistema de cartões de débito tornar-se-á um

instrumento de controlo absoluto sobre os seres humanos. O objectivo é criar uma sociedade sem dinheiro, onde todas as transacções sejam efectuadas forçosamente através de uma sistema bancário. Por exemplo, se, por qualquer motivo, formos considerados 'indivíduos indesejáveis'.» Considere-se o autor deste livro. Na sua opinião, durante quanto tempo é que a Nova Ordem Mundial me deixará manter o meu dinheiro electrónico na minha conta electrónica 'só com números no ecrã', antes de resolver eliminar todos os dólares que tanto me custaram a ganhar, limitando-se para tal a carregar no *delete*? Ou o leitor acredita mesmo que, depois de lerem este livro, eles me deixarão continuar a fazer a minha vida? Tomados 'inimigos do Estado' pelo governo, eles só terão de apagar o nosso número no computador central, e nós nunca mais poderemos comprar nem vender nada e ficaremos condenados a desaparecer em pouco tempo. Boris Illinietz, um dissidente soviético exilado no Ocidente nos anos 70 e que hoje vive em Paris, viu o seu dinheiro confiscado pelo Estado antes de ser enviado para o exílio permanente no estrangeiro, acusado de actividades anti-soviéticas, um termo codificado que significa «indivíduo indesejável».

O aparecimento sistemático das notícias na imprensa mundial nos anos 70 e 80 suscitou perguntas inquietantes sobre as implicações da tecnologia do Big Brother debaixo da nossa pele.

Em 1980, o *US News and World Report* referiu-se a relatórios anónimos segundo os quais o Governo Federal estaria a encarar a hipótese de criar «Cartões de Identidade Nacionais sem os quais ninguém poderia trabalhar nem efectuar transacções».

Em 1981, *The Denver Post Sun* perguntou em voz alta o que aconteceria se um dia os bilhetes de identidade fossem substituídos por implantes de *microchips*. No artigo de 21 de Junho de 1981, lia-se: «O *chip*, com um diâmetro igual ao da ponta de chumbo de um lápis [...] é inserido numa agulha espetada numa seringa com uma solução antibacteriana [...] Pode ser injectado com uma seringa simples para insulina num ser humano (ou num animal) [...] É uma hóstia codificada com um único número de 12 dígitos. A agulha é protegida com uma cápsula e fica preparada, para sempre, para identificar alguma coisa, ou alguém.»

Numa edição do *London Daily Mail* de 1993, numa ilustração de uma página inteira, vêem-se donas de casa na Europa a fazer compras, pousando a mão num ecrã de computador ao chegarem à caixa. A título de comparação histórica, quando Sylvian Goldman inventou o primeiro carrinho de compras em 1937, teve de contratar os serviços de modelos para mostrar como funcionavam as novas engenhocas. Os seus clientes da cidade de Oklahoma estavam habituados ao velhos e pesados cestos metálicos e não sabiam o que fazer com o estranho carrinho. As revistas de 1937 estavam cheias de fotografias de donas de casa sorridentes a empurrar os novos e «confortáveis» carrinhos nos corredores. Hoje em dia, há outro tipo de imagens que enchem as páginas dos jornais, as das donas de casa com um «confortável» *microchip* inserido na pele. Como alguém afirmou, a História só se repete para os que não conhecem os factos.

Em 7 de Maio, o *Chicago Tribune* levantou questões preocupantes quanto às implicações da tecnologia do Big Brother debaixo da nossa pele.

Em Agosto de 1998, a BBC fez a cobertura da primeira implantação de um *microchip* num ser humano.

O *Sunday Oregonian* juntou-se à lista cada vez maior de órgãos de informação preocupados com as tecnologias alfanuméricas de identificação, capazes de controlar indivíduos que «sofreriam o desgaste das liberdades individuais e dos direitos de privacidade». O artigo principal do jornal mostrava seres humanos com códigos de barras na testa.

A INTRUSÃO DO BIG BROTHER

Enquanto conversamos e como irei demonstrar neste capítulo, está a ser criado um perigoso sistema universal de «bases de dados interligadas internacionalmente» que consegue armazenar toda a nossa vida em sofisticados ficheiros informáticos, contribuindo para a substituição do nosso dinheiro real por dinheiro electrónico ou virtual, e que é representado por uma série de números num ecrã de computador.

E, o que é pior, a utilização de dinheiro e de cartões electrónicos está a tornar-se obrigatória na maioria dos grandes países do mundo, como o Canadá, Estados Unidos, Austrália, França e Alemanha, para transacções que envolvam mais do que uns milhares de dólares. A desculpa apresentada pelos bancos é que, ao exigirem que não passem pelo sistema grandes quantidades de dinheiro, os bancos estão a cumprir o seu dever, evitando que o dinheiro da droga seja lavado no interior do sistema. É escusado dizer que só um idiota acreditaria nesta lógica.

Infelizmente, quase todos nós já sofremos lavagens ao cérebro e somos induzidos a acreditar nisto. Nem erguemos o sobrolho em sinal de protesto quando os bancos nos pedem que justifiquemos uma transacção em dinheiro de vários milhares de euros. John Coleman explica que, no Comité dos 300, os verdadeiros multimilionários canalizam o seu dinheiro através de um sistema CHIPS, um acrónimo de Clearing House International Payments System. Doze dos maiores bancos usam este sistema. É graças à combinação com o sistema SWIFT (acrónimo de System World- wide International Financial Transactions, criado pela comunidade financeira internacional em 1973 para garantir a transmissão segura, rápida e eficaz de dinheiro), sediado na Virgínia, que o dinheiro sujo da droga se torna invisível. Só o descuido ou a irreflexão dão umas alegrias ao FBI de vez em quando, se e quando os agentes não recebem ordens para olhar para outro lado. Só os traficantes de droga de baixo nível são apanhados com dinheiro na mão. A elite, Drexel Burnham, Credit Suisse, Hong Kong and Shanghai Bank, escapam à detecção. É por isso que o facto de os bancos pedirem aos seus clientes que justifiquem uma transacção de milhares de dólares ou euros é uma encenação, um jogo para conservar os clientes honestos (nós), tal como a encenação montada nos aeroportos onde, desde o 11 de Setembro, já não podemos entrar no avião com os objectos mais vulgares e inofensivos, não vão eles comprometer a segurança dos passageiros, apesar de o 11 de Setembro ter sido uma operação do Governo dos Estados Unidos. Há vários livros excelentes sobre este tema, designadamente *Crossing the Rubicon*, de Michael Ruppert, no qual se demonstra inequivocamente que a culpa pelo 11 de Setembro recai inteiramente nos ombros de Bush e do seu vice-presidente, Dick Cheney. Mas todo este «espectáculo» é bom para a televisão.

MICROCHIPS

Para preencher o vazio criado pela «sociedade sem dinheiro», os globalistas terão de inventar um sistema de compras paralelo. Por outras palavras, como é que eles conseguem que as pessoas autorizem a implantação dos *chips*? Recorrendo ao controlo dos média, para que estes levem até nossa casa uma conclusão do Tavistock Institute for Behaviour Analysis - convencendo as pessoas de que isso é necessário. O cenário, que está a ser testado nos Estados Unidos, será o seguinte.

«Primeiro», escreve Texe Marrs em *Millenium: Peace Promises and the Day They Take our Money Away*, «o mundo será obrigado a usar um novo sistema de identificação internacional computerizado, com dados pessoais digitalizados de acesso imediato, como informações bancárias, classificações de crédito e situação profissional. Pouco depois, todos os bilhetes de identidade existentes, cartões de débito, cartas de condução e cartões de crédito serão consolidados num único cartão inteligente multifuncional e tecnologicamente avançado, equipado com um *chip* de circuitos integrados que é capaz de armazenar tanto o dinheiro electrónico como os dados de identificação pessoal. Quase ao mesmo tempo, o mundo terá ficado sem dinheiro, e todas as moedas serão ilegalizadas para que sejamos obrigados a comprar tudo por via informática - apenas uma série de números a flutuar no ciberespaço⁴.»

Assim que o dinheiro desaparecer, os cartões inteligentes forem aceites pela população em geral e o sistema electrónico de *chips* estiver consolidado, todos os problemas podem ser fabricados no seio do sistema NWO de cartões inteligentes. Por exemplo, de vez em quando, as pessoas poderão verificar que o seu dinheiro desaparece no ar, devido a lamentáveis mas inevitáveis erros informáticos. Que se podem registar erros informáticos é um dado adquirido. Que podem ser provocados, também é um dado adquirido. Se acreditarmos que tudo isto conduz inevitavelmente ao objectivo final, que é implantar o *microchip*, então o cenário que acabo de descrever é bastante plausível. Após vários meses de atraso, telefonemas e processos judiciais, os bancos «devolverão» com a mesma rapidez o dinheiro encontrado ao seu dono. Informar-nos-ão que os nossos novos cartões se podem perder ou ser roubados com facilidade e, se tal acontecer, não conseguiremos funcionar nem efectuar as nossas transacções com segurança.

De acordo com um estudo de mercado Ipsos-Reid, mais de um terço (35 %) dos canadianos têm as suas informações pessoais *online* comprometidas desde Março de 2003. Em Junho de 2001, este número correspondia a 21 %. Em Dezembro de 2000, era apenas de 18 %. Das pessoas cujos dados estão comprometidos, 95 % tinham assinado inadvertidamente e 29 % afirmaram que os seus dados pessoais foram vendidos ou transferidos para uma terceira parte. Quarenta e três por cento dos participantes no estudo dizem acreditar que as informações estão protegidas.

A Allied Business Intelligence, uma empresa de estudos de mercado, calcula que o valor global de mercado dos *microchips* destinados a cartões inteligentes ultrapasse 3,1 mil milhões de dólares em 2008.

Actualmente, em França, há 850 000 consumidores que usam regularmente cartões inteligentes. No Japão, encontram-se em circulação 650 000 porta-moedas electrónicos, os chamados cartões «Edy». O cartão francês Moneo (o cartão

inteligente que pode ser carregado com dinheiro electrónico e usado para pagar em parquímetros, máquinas de venda automática e estabelecimentos. Protocolos criptográficos protegem a troca de dinheiro entre o cartão inteligente e a máquina de aceitação) pode ser incorporado nos cartões já existentes, algo que nunca foi tentado excepto em França. Aliás, já foi automaticamente integrado em 25 milhões de cartões de crédito aquando da sua renovação, o que nem sempre é do conhecimento dos titulares⁵.

Por último, o Big Brother dir-nos-á que tem a solução perfeita para estes problemas: ligar as pessoas individualmente ao seu cartão. Então, ser-nos-á injectado debaixo da pele das mãos um *biochip* identificador que substituirá os nossos bilhetes de identidade. Ninguém poderá comprar ou vender seja o que for sem ele⁶.

E aqui está: o *chip* de um microcomputador pode ser implantado debaixo da nossa pele, e as estatísticas vitais podem ser lidas por um *scanner* electrónico. Estará tudo a postos para um governo que quer controlar os movimentos de toda a gente, visto que saberá tudo a nosso respeito⁷.

O PLANO PARA IMPLANTAR *MICROCHIPS* NA HUMANIDADE

Actualmente, a implantação de um *microchip* é apresentada como se fosse um processo voluntário. Mas num relatório elaborado por Elaine M. Ramish para o Franklin Pierce Law Centre⁸ lê-se: «Um sistema nacional de identificação [obrigatório] através da implantação de *microchips* poderia ser implementado em duas fases: na fase de apresentação, como um sistema voluntário, já em curso no rastreio de animais, a implantação do *microchip* parecerá agradável. Depois de se criar uma familiaridade com o processo e de se conhecer as suas vantagens, a implantação seria obrigatória.»

Escrevendo para WorldNetDaily.com⁹, Jon E. Dougherty cita, George Getz, o director de comunicações do Partido Libertário Americano: «No fim de contas, o Estado nunca obrigou ninguém a ter carta de condução [nem a ter um número de Segurança Social. Hoje é obrigatório], mas se tentarmos circular sem este documento, quando toda a gente - o gerente local do nosso banco, o funcionário da agência de aluguer de automóveis, o telefonista do hotel, o merceiro - precisa dele para que possamos tirar partido dos seus serviços, isto corresponde de facto a uma obrigação. Se o Estado nos pode obrigar a ceder a nossa impressão digital para conseguirmos a carta de condução (obrigatória em Espanha para todos os bilhetes de identidade. No passado, só os criminosos eram obrigados a dá-la), porque não há-de poder forçar-nos a receber um implante de um *chip*?»

O objectivo final seria criar uma grelha de controlo da sociedade sem dinheiro que rastreasse todas as nossas compras, controlada por um governo mundial, policiada por um exército das Nações Unidas, financeiramente regulada por um banco mundial através de uma única moeda global e constituída por uma população desorientada, devastada e com implantes de *microchips*, ligada a um computador global.

Isto não é um ensaio geral para o apocalipse. Isto não é um teste. Esta é a realidade dos tempos modernos tal como foi desenhada pelo Clube Bilderberg, preparada por Tavistock e executada pelos média, num esforço de colaboração

com as empresas multinacionais (as quais, «por motivos de segurança», optam por utilizar cartões inteligentes para controlar os empregados no seu local de trabalho).

Por agora, para tornar o produto apetecível aos olhos da população em geral, há literalmente grupos inteiros na sociedade que estão na mira deste sistema. Pedófilos, assassinos, violadores, traficantes de droga, criminosos de delito comum, doentes mentais, maridos violentos, pessoal militar, agentes dos serviços secretos.

«Paedophiles may be fitted with electronic tags» (pedófilos podem ser equipados com etiquetas electrónicas), *Sunday Times* de Londres, 17 de Novembro de 2002. <http://www.timeonline.co.uk/article/0,2087-483510,00.html>. Esperanza Aguirre unveils a bracelet against wife abusers» (Esperanza Aguirre mostra uma pulseira contra maridos violentos), *El Mundo* de 29 de Junho de 2004.

A presidente da Comunidade de Madrid, Esperanza Aguirre, mostrou o primeiro protótipo de pulseira electrónica concebido em Espanha para ajudar a controlar agressores violentos. Como curiosidade, Esperanza Aguirre pertence ao Clube Bilderberg.

«Chip Implanted in Mexico Judicial Workers» (*Chip* implantado em funcionários judiciais no México), Associated Press, 14 de Julho de 2004. No México, 160 procuradores e investigadores federais começaram a receber implantes de *chips* no braço em Novembro, o que lhes permite ter acesso a áreas restritas nas instalações do procurador-geral. (A informação disponível no *site* da Web VeriChip inflaciona muito o número de implantes de *microchips*. Segundo a entrevista que descrevi da 'TELEVISA, só 18 oficiais de justiça é que receberam implantes de *microchips*. Segundo o *Washington Post*, *USA Today*, *AP*, *NBC*, *CNN*, *Business Week* e 37 outros importantes órgãos de informação, o número de implantes é de 160.)

Podemos perguntar que mal há nisto. Podemos até sentir-nos mais seguros pelo facto de um criminoso estar a ser vigiado. Mas, o processo não ficará por aqui. A Elite, o Governo Único Mundial, não pode implantar um *microchip* só em nós, não pode tomar este processo obrigatório senão quando toda a população mundial a aceitar como progressão natural para um futuro «melhor», como irei demonstrar ao longo deste capítulo. Não esqueçamos que nenhuma ditadura pode funcionar sem controlar totalmente todos os indivíduos do planeta. Ora, se o leitor fosse ditador por um dia, como poderia controlar toda a gente ao mesmo tempo? O artigo que se segue foi publicado no jornal britânico *Independent*:

«Satellites will track 5000 of the worst criminals in Britain» (Satélites vão controlar os 5000 maiores criminosos na Grã-Bretanha).

«A nova tecnologia radical, que foi desenvolvida nos Estados Unidos, vai permitir que as forças de autoridade localizem com precisão os criminosos que saíram mais cedo da prisão e estão equipados com etiquetas electrónicas.»

Num futuro muito, muito próximo, os implantes de *chips* serão apresentados como *socialmente positivos* através de uma multiplicidade de

técnicas mediáticas. Atentemos no caso da AMENA, o operador de telefones móveis espanhol, cujo principal director é um assíduo das reuniões de Bilderberg e que utiliza uma publicidade agressiva para seduzir a juventude espanhola, o público a que principalmente se destinam os seus produtos. Posteriormente e com pequenos ajustamentos, a publicidade a que a empresa recorre para «atrair» os jovens clientes para os seus telefones celulares será utilizada - para convencer esses mesmos jovens a permitir que lhes seja injectado no corpo um novo e «atraente» *microchip*. Isto é um exagero? Basta olharmos à nossa volta. Afinal, os *piercings* na face e na língua tomaram-se muito populares para os *teenagers*, porque eles sentem-se «diferentes». O que aparentemente estes jovens não percebem é que não têm uma identidade própria e, pelo contrário, são «diferentes em conjunto», enquanto grupo. O plano publicitário Bilderberg/Tavistock será direccionado com a mesma eficácia para os mesmos jovens, quando chegar o momento de lhes «mostrar» (ou seja, de eles se pressionarem uns aos outros) as vantagens de lhes ser implantado um *chip*. Afinal, se todos os amigos e os amigos dos amigos tiverem um *chip* debaixo da pele, como será possível resistir-lhe? O implante será encarado como uma coisa «fixe» e irá atrair membros do sexo oposto, já para não falarmos da vasta série de *chips* com características diferentes. Por exemplo, lê-se no *USA Today*:

«Está a ser levada a cabo uma experiência importante e de profundo significado científico entre os clientes sumariamente vestidos do Baja Beach Club de Barcelona. Estão a ser-lhes implantados cartões de crédito electrónicos debaixo da pele. As beldades que frequentam o clube têm um problema: se o vestuário se resumir a um *top* reduzido e a uma mini-saia, não há muito espaço onde guardar uma carteira. E quem quer andar com uma carteira quando vai dançar? Felizmente, uma empresa chamada VeryChip apresentou este ano uma solução baseada na tecnologia de identificação por frequências de rádio (RFID). No interior de uma cápsula de vidro esguia, cujo comprimento não é superior ao diâmetro de uma moeda de dois cêntimos, está um *chip* de computador com um código único que pode identificar um indivíduo - uma espécie de cartão electrónico da Segurança Social. Dentro da cápsula encontra-se igualmente uma antena minúscula, que pode transmitir esse código via rádio para um receptor a muitos metros de distância. No Baja Beach Club, as implantações de *chips* VeriChip fazem-se às terças-feiras. Entra-se e uma 'enfermeira' - o 'rosto' do clube - injecta-lhe uma cápsula VeriChip debaixo da pele, com uma seringa¹¹.»

A NewScientist.com, na sua edição de Maio de 2004, escreve: «o Baja Beach Club de Barcelona propõe aos seus membros VIP que escolham entre um *chip* RFID e um cartão normal. Os membros VIP podem evitar as filas de entrada, reservar uma mesa e frequentar o clube nocturno VIP¹².»

É assim que a VeriChip promove o seu novo e «maravilhoso» produto. Um dos gerentes do Baja Beach (um amigo meu que vive em Stidges desde os anos 60), falou-me do público-alvo do clube.

Público-alvo: jovens adultos, estudantes universitários, *yuppies* em fase de ascensão de carreira e adolescentes.

SEJA PORTADOR DE UM CHIP™ PROGRAMA DE PRÉ-INSCRIÇÃO DO VERICHIP™

O VeriChip, a primeira tecnologia subcutânea de verificação pessoal do mundo, anuncia um programa especial de pré-inscrição. Inscreva-se hoje e seja uma das primeiras pessoas no mundo a ser «portador de um *chip*».

Convidamo-lo a preencher o formulário de pré-inscrição que se segue e a habilitar-se a esta oferta especial de lançamento destinada aos primeiros 100 000 candidatos e a todos os accionistas da ADS.

Desconto de 50 % - Todos os accionistas da ADSX beneficiarão de um desconto de 50 % no acto de implantação do *chip*.

Desconto de 50 % - Os primeiros 100 000 inscritos beneficiarão de um desconto de 50 % no acto de implantação do *chip*.

Inscreva-se hoje!!!

Por coincidência, a IBM, a empresa que está por trás do VeriChip, a maior retalhista de *chips* implantáveis, também produziu o sistema de catalogação utilizado pelos nazis para armazenar informação sobre os judeus na Alemanha hitleriana.

A descrição horripilante que se segue encontra-se no *sife* da empresa.

VERICHIP™ - ESTA LA QUANDO VOCÊ PRECISA DELE

Informação de Carácter Geral

O Rádio Frequency Identification Device (RFDI) VeriChip está no centro de todas as aplicações VeriChip. Com o tamanho aproximado de um grão de arroz, cada VeriChip contém um número de identificação único, que pode ser utilizado para aceder a uma base de dados que fornece dados pessoais, mediante o pagamento de uma assinatura. E, ao contrário de outras formas de identificação convencionais, o VeriChip não se perde e não pode ser roubado, deslocado ou contrafeito.

Processo

Depois de implantado debaixo da pele, através de um processo rápido, indolor e que não exige internamento (muito parecido com uma injeção), o VeriChip pode ser verificado, sempre que for necessário, com um *scanner* VeriChip adequado.

O Número de Assinante do VeriChip permite o acesso instantâneo ao Global VeriChip Subscriber (GVS) Register - através de um processo seguro de acesso via Internet, protegido por uma palavra-passe, às informações fornecidas pelos assinantes. Estes dados são permanentemente actualizados pelos Centros Operacionais de Assinatura de GVS, localizados em Riverside, Califórnia, e em Owings, Maryland.

Futuro

Graças à utilização da tecnologia avançada VeriChip, o risco de roubo, perda, duplicação ou contrafacção de dados é substancialmente reduzido ou eliminado. Os produtos VeriChip estão a ser desenvolvidos com vista à sua aplicação em diversas áreas, como a segurança, a defesa, a segurança nacional e a segurança de acesso, nomeadamente o controlo do acesso autorizado a organismos estatais ou do sector privado, laboratórios de investigação e meios de transporte sensíveis, incluindo as zonas de segurança dos aeroportos.

No domínio financeiro, o VeriChip tem um enorme potencial como tecnologia de verificação pessoal que pode ajudar a reduzir o roubo e a evitar o acesso fraudulento a contas bancárias e de cartões de crédito.

O VeriChip garante tudo isto sem pilhas nem qualquer outra fonte interna de energia. Mantém-se adormecido debaixo da sua pele até ser reactivado por um leitor VeriChip adequado. Em seguida, o VeriChip transmite o seu número de verificação pessoal em milésimos de segundo ao leitor exterior.

MÉDIA (NÍVEL DE SUCESSO, NORMALIDADE E ACEITAÇÃO COM BASE NA COBERTURA EFECTUADA PELA IMPRENSA DOS ESTADOS UNIDOS)

Desde que foi anunciado em 19 de Dezembro de 2001, o VeriChip atraiu a atenção dos média nos Estados Unidos e em todo o mundo. Surgiram vários artigos sobre a tecnologia utilizada em órgãos de referência, nomeadamente: revista *Time*, revista *People*, *The Washington Post*, *The Los Angeles Times*, *The Chicago Tribune*, Associated Press e Reuters.

Os executivos de várias empresas discutiram esta tecnologia e pronunciaram-se sobre ela em: *Today Show* da NBC, *Good Morning America* da ABC, *Early Show* da CBS, *Evening News* da CBS, *World News Tonight* da ABC, *Eye on America* da CBS, *The View*, CNN with Paula Zahn, CNN Headline News, ABC Family/CBN, *The O'Reilly Factor on Fox News*, National Public Radio, BBC, CBS Rádio, ABC, CBS e filiais da NBC em todo o mundo.

Note-se que todos os representantes destes órgãos de informação pertencem ao Clube Bilderberg, à Comissão Trilateral e ao Council on Foreign Relations.

O outro segmento da população que o VeriChip quer atingir é o das crianças americanas. Disseram-me que o Clube Bilderberg tenciona trazer a lume (com o necessário frenesim mediático) o tema horrível dos raptos de crianças. Não é que o fenómeno seja novo. Segundo os números do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, só no ano passado foram raptadas 358 000 crianças na América. Mas os média querem poupar-nos a este facto aterrador... Por agora.

Para implantar *microchips* nas crianças, será necessário convencer os pais de que este crime execrável atingiu proporções epidémicas. Quando os raptos se banalizarem quem é que a sociedade e os pais acusarão? O governo, por não fazer nada? Os criminosos? Mas quem são eles e onde estão? O Clube Bilderberg serve-se dos média como veículo para criar agitação.

E quando cenas horríveis de assassinios e de outras tragédias se desenrolarem perante todo o mundo, a sociedade sentirá que é necessário reagir. Em *Committee of 300*, John Coleman escreve:

«Há três fases distintas na resposta e na reacção ao *stress* manifestado por grandes grupos sociais. A primeira é a da superficialidade; a população alvo do ataque defender-se-á com *slogans* (do género 'Basta de crimes!', 'Queremos mais protecção policial, já!', 'Graças a Deus que isto não acontece no nosso bairro!') isto não identifica a fonte da crise e, como não contribui em nada para combatê-la, ela subsiste. A segunda fase é a da fragmentação. Ela ocorre quando a crise continua e a ordem social é interrompida. (Nesta fase, os cidadãos organizam-se, nomeiam vigilantes de bairro para defender o seu território, sem saberem que é o inimigo.) Depois, vem a terceira fase, em que a população em geral entra em 'auto-realização' e se afasta da crise induzida; segue-se uma reacção deficiente em termos de adaptação, acompanhada de um idealismo sinóptico activo e de dissociação.» (Ou seja, combatendo o resultado e não a causa, como parar e perguntar a si próprios se um árabe isolado com um *walkie-talkie* poderia dirigir uma operação logística tão complicada a partir do seu esconderijo nas montanhas do Afeganistão. E se não fosse, quem seria e porquê.) O Tavistock Institute for Human Behaviour, o primeiro organismo de lavagens ao cérebro da Nova Ordem Mundial, chama-lhe «penetração de longo alcance».

Os membros do Clube Bilderberg, através de Tavistock e da sua «jóia» americana - o Stanford Research Institute - induziram o trauma de penetração de longo alcance e a lavagem na nossa sociedade durante mais de meio século. Coleman explica que «os conspiradores podem criar e manipular qualquer tipo de elementos desestabilizadores, sejam estes quais forem»¹³. Como exemplo, ele cita «as misteriosas lutas de *gang*» que estalaram em Nova Iorque, Los Angeles, Filadélfia e Chicago nos anos 50... «Cuidadosamente planeadas em Stanford, deliberadamente criadas para escandalizar a sociedade e provocar vagas de distúrbios.» Só na década de 80 é que alguns investigadores sérios «desmascararam os controladores secretos que dirigiram os chamados fenómenos sociais». Os controladores pertenciam (trabalhando na retaguarda da sua fonte) a Stanford- Tavistock-Clube Bilderberg. Depois de atingirem o objectivo pretendido, como elementos desestabilizadores numa sociedade, os *gangs* desapareceram subitamente em 1966. A pergunta que fica no ar é a seguinte: o que andava a fazer a Polícia de Los Angeles (LAPD), conhecida por contar com alguns dos agentes mais brilhantes na sua equipa, a Polícia de Chicago, uma das mais implacáveis da América, famosa pelo modo como enfrentou Al Capone e outros *gangsters*, a Polícia de Filadélfia, cujos agentes estavam habituados a combater criminosos e traficantes de droga nos guetos da cidade que faziam lembrar Dresden após os bombardeamentos de 1945, e a lendária Polícia de Nova Iorque quando os *gangs* apareceram e rapidamente se espalharam e multiplicaram? Porque é que o aparato de segurança e as forças de defesa civis dos Estados Unidos controlam sem esforço meio milhão de pessoas durante uma manifestação e não são capazes de lutar com um pequeno *gang* de arruaceiros? Porque é que as Forças Armadas não avançam com os seus tanques, helicópteros, exército,

fuzileiros e comandos para ajudar a dar a volta nas lutas de *gangs* e a proteger os cidadãos assustados de tal ameaça? A menos que toda a operação tenha sido encenada pelas mesmas pessoas que encenaram o 11 de Setembro e que estão a manipular a nossa marcha firme em direcção às trevas da ditadura da Ordem Mundial Única.

Veremos o que acontece com os casos de rapto na América, ao mesmo tempo que as suas consequências aterradoras (violação e assassinio de inocentes com todos os pormenores gráficos, para levar a casa de todos a mensagem de que a sociedade NAO É SEGURA) são exibidas nos média controlados pelo Clube Bilderberg. Os acontecimentos irão desenrolar-se exactamente da mesma maneira como durante os quase dez anos de violência de *gangs* que o Clube Bilderberg impôs à sociedade aturdida na década de 60.

Depois da reunião secreta do Clube Bilderberg na Suécia, em 2001, uma fonte extremamente segura dos serviços secretos confidenciou-me que os membros do Grupo estavam a planear um «ensaio geral para a Primavera e o Verão [de 2002]» daquilo que dentro de pouco tempo será uma tragédia de proporções epidémicas (raptos de crianças). Infelizmente, a minha fonte (94 % de taxa de sucesso nas previsões) estava certa.

Os casos recentes abalaram os pais, porque a maioria das vítimas foram raptadas no interior ou à porta das suas casas. Poucas horas depois de o desaparecimento de Cassandra Williamson de casa de um vizinho nos arredores de St. Louis ter sido comunicado, a busca foi transmitida ao vivo nos noticiários dos canais de televisão por cabo em toda a América. Eis alguns dos títulos desse ano fatídico de 2002:

«Elizabeth Smart, de catorze anos, natural de Utah, desapareceu do seu quarto no dia 5 de Junho e ainda não foi encontrada.» *The Oregonian*, 5 de Junho de 2002.

«Uma 'menina perdida' foi encontrada morta... Após várias semanas de buscas, Danielle van Dam, de 7 anos, foi encontrada assassinada.» CNN.com, Fevereiro de 2002.

«Samantha Runnion, de 5 anos foi raptada perto de casa.» PRWeb.com, 15 de Julho de 2002.

«Samantha Runnion, de 5 anos, foi encontrada morta em Riverside, Califórnia.» CNN.com, 16 de Julho de 2002.

«Percepção do Perigo: Raptos feitos por desconhecidos considerados raros, apesar da publicidade.» Os raptos recentes foram descarados e ultrapassaram os limites sociais e económicos o *San Francisco Chronicle*, 28 de Julho de 2002.

«Erica Pratt, de 7 anos, raptada num passeio num bairro pobre de Filadélfia», *San Francisco Chronicle*, 24 de Julho de 2002.

«Cassandra Williamson desaparece da cozinha em casa de um vizinho e é encontrada morta.» Fox News, CBS News, 26 de Julho de 2002.

Mais uma vez, depois de servirem os seus desígnios, os raptos desapareceram subitamente do mapa em 2003.

Tal como no caso das lutas de *gangs*, «o público teve a reacção padronizada que Stanford esperava (indignando-se com o resultado visível e não com a causa invisível»); como a sociedade no seu todo não reconheceu os sintomas de um caso encenado, reagiu mal em termos de adaptação. (Ou seja, tal como os especialistas em perfis psicológicos esperavam.) A cooperação dos média com Stanford chamou a atenção de milhões de americanos para casos inquietantes de rapto, seguido de violação e desmembramento, que deixaram a população petrificada, pela intensidade, sadismo e severidade de que se revestiram.

Tudo isto foi uma cópia fiel das lutas de *gangs* nos anos 60, encenadas por Stanford. Como John Coleman escreve em *Committee of 300*, o grande grupo da população visado por Stanford começou a defender-se com *slogans*. Foi a isto que Tavistock chamou a primeira fase; o grupo-alvo não conseguiu identificar a origem da crise. A segunda fase da crise das lutas de *gangs* foi a «fragmentação». As pessoas que não viviam em zonas frequentadas por *gangs* disseram: «Ainda bem que eles não estão no nosso bairro.» Deste modo, ignoraram o facto de a crise continuar com ou sem reconhecimento e de a ordem social em Los Angeles ter começado a desmoronar-se. Segundo os perfis de Tavistock, os grupos que não foram afectados pelas lutas de *gangs* «dispersaram-se para se defenderem», porque a origem da crise não foi identificada - o chamado processo de «Inadaptação e a fase de dissociação».

Qual foi o objectivo das lutas de *gangs* e da onda de raptos com grande visibilidade nos Estados Unidos, em 2002? Enviar a mensagem de que a SOCIEDADE, em geral, não é segura. (Ou seja, a ordem social está a desmoronar-se. Estamos indefesos. Graças a Deus que não foi o nosso filho! O que havemos de fazer? Temos de procurar protecção! Podemos garantir essa protecção a cem por cento? Só nos podemos sentir seguros se soubermos onde estão os nossos filhos a todas as horas do dia. Como?)

RAPTOS NA AMÉRICA: QUEM QUER UM *CHIP* IMPLANTADO DEBAIXO DA PELE?

Qual será o cenário desta vez, naquilo que se esperava que fosse uma campanha de terror muito mais longa? As crianças de pouca idade continuarão a desaparecer em casos com grande visibilidade nos noticiários e a ser encontradas «porque alguns pais tiveram visão suficiente para mandar implantar um *chip* nos filhos».

«Parents look to microchip children» (pais admitem a hipótese de mandar implantar *microchips* nos filhos) - CNN.com, 3 de Setembro de 2002 (Este título apareceu na CNN na fase mais crucial dos raptos de crianças nos Estados Unidos).

«Would a microchip keep your child safe?» (Um *microchip* garantiria a segurança do seu filho?) Um mês depois de os corpos de Holly Wells e Jessica Chapman terem sido encontrados numa vala distante (o caso chocante de duas meninas de Manchester que apareceram mortas e que deixou o país inteiro destruído), um professor de Cibernética criou um plano para implantar *microchips* em crianças com o objectivo de evitar que elas fossem raptadas. *BBC News Online Magazine*, 18 de Dezembro de 2003.

Os média controlados pelo Clube Bilderberg vão começar a insistir freneticamente nos *chips* pessoais. A CNN, a CBS, a ABC, a NBC e a FaX sabem agora o que esperam delas. O Clube Bilderberg decide sobre o QuÊ - o plano director; e a imprensa deverá encarregar-se do COMO - a implementação do plano. As televisões não se pouparão a esforços para entrevistar os «ditosos» pais e os seus filhos. Os *talk shows* acentuarão as maravilhas da tecnologia e os políticos destacarão a necessidade de implantar *microchips* em parcelas cada vez maiores da população, num esforço concertado para «proteger» os cidadãos dos males do terrorismo internacional.

Inicialmente, haverá um grande mercado negro de inconformistas, anarquistas, revolucionários, *hippies*, etc., ou seja, dos que se opõem a ser perseguidos e controlados pelo governo mundial, agindo à margem da lei e subsistindo à custa da transacção de uma grande variedade de produtos que já não se adquirem com dinheiro de papel. A princípio, a Nova Ordem Mundial deixará em paz este segmento da população. Mas, à medida que a implantação de *chips* for sendo encarada como um fenómeno natural (como a campanha actual para erradicar o tabagismo. As pessoas que se atrevem a fumar são denegridas e olhadas com sobranceria), o governo irá executando a segunda fase - a erradicação da actividade ilícita. Com o apoio da população que já tem implantes de *microchips* e foi convencida por métodos subtis (ou seja, a chamada «Maioria Moral». Actualmente, nos Estados Unidos, mais de 50 % da população, segundo algumas sondagens, ainda culpa Saddam Hussein pelo 11 de Setembro; na Alemanha nazi, os cidadãos «simpáticos e bem-educados» consideravam que a insanidade de Hitler era um exemplo), e com os membros do Clube Bilderberg a puxarem os cordelinhos nos bastidores, quem se recusar a ser tratado como gado será cada vez mais marginalizado, impedido de ganhar a vida e de ter amigos, evitado pela família e perseguido pela «população indignada». Lembra-se da Rússia estalinista? (Um dos meus tios foi assassinado pela Cheka, posteriormente a KGB, depois de ter sido denunciado pela família quando disse uma piada acerca de Estaline.) Mas a Nova Ordem Mundial não dará um passo contra os inconformistas. Convencerá subtilmente a população a persegui-los e a entregá-los. Mais uma vez, atentemos na campanha antitabágica. Cidadãos «preocupados» sentem que é seu dever meter o nariz na vida dos outros e, no metropolitano de Madrid ou em locais públicos, pregam «sermões» sobre os perigos do tabagismo.

Falando no jantar dos embaixadores das Nações Unidas, David Rockefeller afirmou: «*Esta actual janela de oportunidade, durante a qual será possível construir uma ordem mundial verdadeiramente pacífica e independente, não se manterá aberta durante muito mais tempo.* Estamos à beira de uma transformação global. Só precisamos da crise adequada e que as nações aceitem a Nova Ordem Mundial.»

Ora diga-me o leitor, queremos ser os guardas da prisão, os prisioneiros ou queremos encontrar uma saída? Lembre-se que só está na prisão quem nunca tentou abrir a porta.

OS BANCOS, A AMEAÇA SECURITARIA E OS MICROCHIPS

No *Michae Journal* do Canadá, lê-se o seguinte: «Actualmente, os bancos estão a lançar uma campanha destinada a amedrontar as pessoas com os ladrões

e a dar-lhes todo o tipo de conselhos para que elas protejam os seus cartões de débito... Mas os bancos pretendem que este medo dos ladrões não esmoreça por um motivo: querem que a opinião pública aceite a injeção de *microchips* para que esta substitua os cartões de crédito que hoje integram *microchips* ¹⁴.

Há muitos analistas financeiros que antevêm um *crash* do mercado financeiro global¹⁵. Uma das vantagens de uma crise financeira global é o facto de ela permitir a eliminação do dinheiro vivo e a criação de uma ordem económica mundial mais escravizante. O que suporta o dólar americano não são reservas de ouro ou prata, mas a convicção das pessoas de que se trata de uma moeda estável e fiável. Se e quando as pessoas perderem a confiança no dólar, registar-se-á o colapso financeiro. A Nova Ordem Mundial *quer* assistir a esse colapso, mas quando os seus adeptos estiverem prontos e não quando as pessoas quiserem. John Zajak, no seu livro *Delicate Balance: Coming catastrophic changes on Planet Earth*, explica que «o colapso do sistema financeiro mundial corresponde à percepção de que o dinheiro de papel é só PAPEL», que não vale nada nem é suportado por garantias fiáveis. Se se registar um *crash* do mercado bolsista global, ele será fabricado nos bastidores pelas mesmas organizações e pelos seus representantes que estão na vanguarda da Nova Ordem Mundial: os membros do Clube Bilderberg, da Comissão Trilateral e do Council on Foreign Relations. E potencialmente tudo o que possuímos e todos os nossos bens, vantagens e direitos podem ser-nos «retirados» se forem accionados alguns botões no Departamento do Tesouro, na Fazenda, ou sabe-se lá onde¹⁶.

«Após vários anos de planeamento, investigação e desenvolvimento, as instituições financeiras mundiais anunciam a tão antecipada SOCIEDADE GLOBAL SEM DINHEIRO. A capacidade de fazer toda a espécie de trocas monetárias é substituída pela tecnologia do *microchip* e pela moeda electrónico», explica Chris Berad em [www/geocities.com](http://www.geocities.com), em 25 de Setembro de 2004¹⁷.

E agora uma empresa multinacional sedeadada em Londres, Inglaterra, aposta em força que os Canadianos estão prontos para acolher a sociedade sem dinheiro, como iremos ver¹⁸.

A Mondex International é uma empresa de pagamentos à escala global, detida em 51 % pela MasterCard International e em 49 % por 27 empresas da América do Norte, Europa, Sudeste Asiático, Austrália e Nova Zelândia, que fornece este sistema sem dinheiro e já está franchisada em 20 grandes países. Este sistema, baseado na tecnologia do CARTÃO INTELIGENTE, que utiliza *microchips* ocultos num cartão de plástico, foi criado em 1993 pelos banqueiros londrinos Tiro Jones e Graham Higgins, do National Westminster Bank/Courts, o banco pessoal da rainha Isabel II¹⁹.

Nota: Mondex é uma amálgama de duas palavras: *monetary* (monetário) e *dexter* (dextro) que, segundo o dicionário Webster, significam respectivamente «relativo a dinheiro» e «respeitante à mão direita».

De acordo com a página do MasterCard na Web, ele evita que o seu titular tenha de manusear notas e moedas e permite-lhe efectuar pagamentos em novos ambientes de *aceitação*. Comporta-se exactamente como o dinheiro. Como tal, o Mondex constitui uma oportunidade nova e poderosa para que a sua instituição *reclame a parcela a que tem direito no mercado global do dinheiro*. Repare o leitor como, com uma linguagem futurista, os média controlados pelo Clube Bilderberg convencem as pessoas, induzindo-as a aceitar o cartão inteligente como solução

para o futuro, ao mesmo tempo que ocultam totalmente os verdadeiros perigos da sua utilização.

Este sistema que dispensa o dinheiro foi profusamente testado na cidade de Guelph, Ontário, e em Sherbrooke, Quebec, no Canadá, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Todos os bancos canadianos adoptaram e promoveram largamente o Mondex. A opção do Canadá é curiosa. Os Canadianos são os segundos maiores utilizadores de cartões de plástico do mundo, com mais de 30 milhões de cartões de crédito em circulação para 30 milhões de habitantes. Já em 1997, os Canadianos efectuavam tantas transacções com cartões de débito como os Americanos²⁰. E isto em termos absolutos.

Segundo os cálculos da Canadian Bankers Association (CBA), no ano fiscal findo em 30 de Junho de 2003, mais de 85 % das transacções bancárias dos consumidores eram efectuadas por via electrónica²¹.

As estatísticas do IDP (Interact Direct Payment) dão a entender que uma sociedade sem dinheiro é uma realidade inevitável.

Um estudo recente revela que 71 % dos canadianos usam o IDP como método de pagamento, contra 27 % que usam dinheiro para efectuar as suas transacções²².

Mais de 250 empresas em 20 países estão apostadas em apresentar o Mondex ao mundo, e muitos outros já o utilizam em sistema de *franchising*, designadamente o Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Israel, Hong Kong, China, Indonésia, Macau, Malásia Filipinas, Singapura, Tailândia, Índia, Taiwan, Sri Lanka, Costa Rica, Guatemala, Nicarágua, Panamá, Honduras, El Salvador e Belize²³.

ENTÃO, O QUE É EXACTAMENTE UM CARTÃO INTELIGENTE MONDEX?

Barbara Brown, que escreve no *Hamilton Spectator* explica que o cartão «tem um aspecto exactamente igual ao de um cartão de crédito de plástico vulgar, mas com uma diferença importante. Em vez de ter uma banda magnética no verso, tem lá dentro um pequeno *chip* de computador, de ouro, capaz de armazenar informação. (Armazena dinheiro electrónico, dados de identificação e outras informações e faz cálculos.) Os clientes podem transferir dinheiro das suas contas bancárias para os seus cartões inteligentes numa máquina ATM (Automatic Teller Machine). Esse dinheiro electrónico pode ser utilizado em estabelecimentos e restaurantes aderentes ou em telefones públicos e autocarros urbanos»²⁴.

O problema é que as transacções efectuadas com o Mondex não são anónimas, porque a identidade do titular está codificada no documento. Cada cartão tem o seu número único de identificação, que está ligado ao indivíduo em nome do qual foi emitido pelo banco. Ao contrário dos cartões telefónicos pré-pagos, que também se baseiam em cartões inteligentes, não é possível adquirirmos um cartão Mondex sem revelarmos a nossa identidade²⁵. (O que não acontece com o cartão Octopus, o primeiro cartão anónimo do mundo que não exige a identificação do titular, como explicarei nos parágrafos seguintes. Se o seu titular o perder, só se perde o dinheiro que lá está armazenado. Não há informações pessoais, contas bancárias nem cartões de crédito armazenados no Octopus.)

Passemos à nova geração de cartões inteligentes, desde o Dexit (32000 utilizadores), de Toronto, ao superavancado cartão inteligente francês Moneo (actualmente, 850 000 consumidores utilizam com regularidade cartões em 80 000 mercearias, parques de estacionamento ou máquinas de venda automática. As características de um cartão inteligente foram incorporadas secreta e automaticamente em 25 milhões de cartões de crédito durante a sua renovação, nem sempre com o conhecimento dos titulares) e aos cartões japoneses Edy (650 000 porta-moedas electrónicos em circulação que podem ser usados em 2100 estabelecimentos)²⁶.

Até agora, o campeão mundial é indiscutivelmente o cartão inteligente Octopus de Hong Kong, criado em 1997 e o sistema mais bem-sucedido no seu género do mundo, com mais de 12 milhões de cartões em circulação (quase o dobro da população de Hong Kong) e mais de 8 milhões de transacções por dia²⁷. O cartão Octopus utiliza o *chip* de identificação por frequência de rádio (RFID) Sony PeliCa de 13,56 MHz. Os dados podem ser transmitidos à velocidade de 212 kbits/segundo (a velocidade máxima dos *chips* Sony PeliCa), contra 9,6 kbits/segundo no caso do Mondex e do Visa Cash. O Octopus foi criado especificamente para que as transacções por cartão sejam retransmitidas para compensação numa base de armazenamento e expedição, sem que seja necessário que as unidades de leitura efectuem comunicações de ida e volta em tempo real com uma base de dados ou computador central. A partir de 2005, os sistemas de bases de dados são fornecidos pela empresa Grade. A título de curiosidade, o Mondex retirou-se do lucrativo mercado de Hong Kong alegadamente devido à popularidade e à excelente aceitação do Octopus. Além disso, o cartão Mondex levava 5 segundos a processar uma operação, contra 0,3 segundos no caso do Octopus²⁸.

Espera-se que a União Europeia adopte o sistema de CARTÃO INTELIGENTE como solução monetária unificada em 2005. Não é de admirar. Em geral, estas decisões são tomadas na reunião anual do Clube Bilderberg e, depois, publicamente legitimadas em fóruns internacionais como as reuniões do G8 ou o Fórum Económico Mundial em Davos. Os comissários da União Europeia e vários membros influentes do Parlamento Europeu pertencem ao Clube Bilderberg, à Comissão Trilateral ou a outros grupos de reflexão influentes e interligados. Em seguida, os membros do Clube Bilderberg ditam à imprensa (que controlam) a necessária propaganda destinada a influenciar a opinião e as decisões do público em geral.

Como o leitor já deve ter reparado, os membros do Clube Bilderberg têm contribuído para que a sociedade se habitue a pouco e pouco à ideia de um sistema que dispense o dinheiro. Primeiro, tivemos os cheques, depois os cartões de crédito, em seguida os cartões de débito com acesso às máquinas Mutibanco. Seguiram-se os cartões inteligentes e por último os cartões inteligentes com «transmissor-receptor implantável» (ou um mecanismo semelhante). O texto que se segue foi extraído da página do MasterCard na web: «Você já não precisa de manusear notas nem moedas, e ao mesmo tempo pode efectuar pagamentos em novos ambientes de *aceitação*. Ele *comporta-se* exactamente como o dinheiro. Como tal, o Mondex constitui uma *oportunidade* nova e *poderosa* para que a sua instituição *reclame a parcela a que tem direito no mercado global do dinheiro*²⁹.»

«O *microchip* da marca *Infotep* é injectado sem dor no pescoço do animal, mesmo debaixo da pele, antes da adopção. O número do *chip* figura a seguir ao nome, endereço e número de telefone do dono. Estas informações são registadas

na base de dados e enviadas também para a sede da Infotep, onde existe uma lista informatizada ao nível nacional. Todos os animais que transpõem as nossas portas, mortos ou vivos, são controlados com um bastão manual que lê o *chip* e revela o número de identificação.»

O sistema Infotep permite efectuar a vigilância cerrada de mais de mil milhões de animais simultaneamente por satélites e torres celulares. Emite um sinal localizador digital em intervalos específicos e fornece informações fundamentais sobre o animal. Há algum motivo que impeça que nos seja feito o mesmo a nós, gado humano?

Esta história tem um lado positivo. A Motorola desenvolveu os *biochips* BT952000, implantáveis em seres humanos, baseados na tecnologia médica e implantados em seres humanos por motivos clínicos, como a doença de Alzheimer, por exemplo. Estes *biochips* transmitem permanentemente dados a satélites, através de impulsos curtos de altíssima frequência. No entanto, se esta tecnologia pode servir para acompanhar doentes com Alzheimer, porque não pode servir para controlar criminosos, pedófilos, forças especiais em missões governamentais secretas, toxicodependentes, violadores, maridos violentos e aqueles elementos indesejáveis da sociedade capazes de induzir as boas pessoas a tentar derrubar a ameaça crescente da Ditadura Mundial Única?

O *biochip* da Motorola mede 7 mm de comprimento e 0,75 mm de largura, tem mais ou menos o tamanho de um grão de arroz e contém um transmissor-receptor e uma bateria de lítio recarregável. O carregamento da bateria faz-se através de um circuito de termopar com 250 000 componentes electrónicos que produz voltagem a partir das flutuações térmicas do corpo.

A bateria de lítio mantém-se carregada durante a vida inteira através de uma variação máxima da temperatura do corpo. A título de curiosidade, os investigadores gastaram 1,5 milhões de dólares do dinheiro dos contribuintes para analisar as duas partes do corpo mais adequadas para receber o implante, com o propósito de tirar partido das variações máximas de temperatura. Após vários meses de estudo, concluíram que os dois melhores sítios eram, primeiro, a mão direita, e, na falta desta, a testa.

De acordo com as minhas fontes no Departamento da Defesa americano, o *microchip* a implantar nos seres humanos integrará nove elementos: nome e fotografia digital, impressão digital em dígitos, descrição física, endereço actual e anteriores, historial da família, profissão actual e rendimento, informações fiscais e dívidas, cadastro, se existir, e o *novo* número da Segurança Social com 18 dígitos. Os primeiros cinco são os mesmos do código postal (5), mais os quatro depois do hífen e, por fim, o número da segurança social (9). $5 + 4 + 9 = 18$. Estes 18 dígitos serão agrupados em três secções de seis dígitos cada uma.

O nome de código original era «TESSERA». A *tessera* era a insígnia que os escravos romanos usavam para identificar os seus proprietários; se a retirassem, seria gravada uma marca no seu corpo.

O que se segue foi retirado directamente do Registo de Patentes dos Estados Unidos (<http://www.uspto.gov>).

Patente (EUA) n.º 5629678 - Rastreio pessoal e sistema de recuperação. Patente para um *chip* GPS «suficientemente pequeno para ser implantado num ser humano» (citação directa). (permite localizar uma pessoa por satélite GPS em

qualquer parte do mundo). Registo: 10 de Janeiro de 1995. Inventor: Paul A. Galgano, Belmont, Massachusetts.

Patente n.º 5 878 155, registada em 2 de Março de 1999 - Código de barras tatuado num indivíduo. «<Método para verificar a identidade humana durante transacções de venda electrónica>»). Concedida ao inventor Thomas w. Heeter e considerada uma patente «abstracta»:

«Trata-se de um método para facilitar as transacções de venda por via electrónica. É tatuado um código de barras ou um desenho no indivíduo. Antes de a venda ser consumada, a tatuagem é analisada com um *scanner*. As características da tatuagem são comparadas com as de outras tatuagens armazenadas numa base de dados informatizada para verificar a identidade do comprador. Após a verificação, o vendedor pode ser autorizado a debitar a conta bancária electrónica do comprador para consumir a transacção. A conta bancária electrónica do vendedor também pode ser actualizada.»

O invento de Heeter é dirigido ao comércio electrónico via Internet. Lê-se em WorldNet Daily: «[...] o comércio electrónico via Internet sobe em flecha, e espera-se que o mercado europeu ultrapasse a comunidade *online* dos Estados Unidos dentro de dois anos. Calcula-se que as vendas *online* tenham atingido cerca de 1 bilião de dólares em 200330.»

Recordemos a experiência do Baja Beach Club. A empresa que fornece os *chips* implantáveis chama-se VeriChip.

Por coincidência, a IBM, a empresa que está por trás do VeriChip, é a mesma que forneceu o sistema de catalogação utilizado pelos nazis para armazenar informação sobre os judeus na Alemanha de Hitler. E sabemos bem o que aconteceu.

Os executivos da Applied Digital, a empresa que produz o *microchip*, consideram que o «mercado para estes dispositivos pode vir a ser enorme e atingir até os 100 mil milhões de dólares anuais, se o Verichip também for usado em *pacemakers* implantáveis, desfibrilhadores e articulações artificiais, como 'meio de identificar as partes'». Visite o *site* deles para ver o que futuro lhe reserva, em www.adxs.com.

TRANSPORTES PÚBLICOS DE LONDRES

A BBC News Online refere que «com o novo sistema (cartão inteligente Oyster), a Transport for London conseguirá seguir os movimentos dos utentes, além de recolher informação sobre as viagens efectuadas durante 'alguns anos'. Cada cartão tem um número de identificação único, ligado ao nome do proprietário registado, o qual é gravado junto do local e da hora da operação sempre que o cartão é utilizado».

Segundo a Transport for London, como refere a BBC, «os dados, retidos para fins empresariais, podem ser cedidos às autoridades em determinadas circunstâncias. Quem quiser utilizar um bilhete sazonal mensal ou anual terá de fornecer os seus dados pessoais à Transport for London».

COMO FUNCIONA

«É armazenado um pequeno número de dados sobre o utente e titular do cartão, designadamente um número de identificação *único*. Quando o cartão é apresentado numa estação de metropolitano ou num autocarro) o número de identificação) e a informação sobre o local e a hora da transacção são enviados do leitor do cartão para uma base de dados central. Dentro de algum tempo) a Transport for London terá uma base de dados com os movimentos exactos de um número significativo de pessoas que vivem ou trabalham em Londres.»

Segundo o director de Informação da Transport for London) «as autoridades podem ter acesso aos dados electrónicos armazenados desta natureza) e admito que as informações pudessem ser usadas como prova em tribuna¹». No entanto) quem nos diz que as autoridades não usariam as mesmas informações contra aqueles de nós que se opõem à Escravização Total? Se a LEI tivesse acesso à nossa base de dados) às nossas compras) aos nossos telefonemas) números de contas) ligações familiares e história clínica) quem nos garante que, para chegarem até nós) para nos eliminarem) eles não usariam estas informações confidenciais em seu benefício? Assim que alguém for apontado como um criminoso pelo Clube Bilderberg) a imprensa obediente gastará rios de tinta a transformar essa pessoa no *Inimigo Número Um*. Os «carneiros») que são a maioria) essa gente obediente e trabalhadora que nem pára para pensar se o que lhe dizem é verdade ou uma poderosa simulação orquestrada pela Nova Ordem Mundial) avançarão e oferecer-se-ão para dar uma ajuda. A título de exemplo) a minha ex-sogra) uma executiva de sucesso de uma das maiores empresas do mundo) no calor de uma discussão travada há vários anos) respondeu que aquilo que eu estava a dizer-lhe não podia ser verdade porque ela não vira nada a esse respeito no noticiário da noite na televisão.

SISTEMA DE TRANSPORTES PÚBLICOS DE WASHINGTON

A partir de 28 de Junho de 2004) o cartão Smartrips é a única forma de pagamento aceite no metropolitano e nos parques de estacionamento do metropolitano de Washington³¹.

No anúncio, lê-se: «Compre *online* com o seu cartão Visa, MasterCard ou Discover. Se comprar *online* gasta 25 dólares. Isto porque o seu cartão de 'fidelidade' Smartrip ser-lhe-á enviado pelo correio já com um carregamento de 20 dólares.»

O CARTÃO DE FIDELIDADE

Um cartão de fidelidade destina-se a ajudar um retalhista a «recompensar os nossos *estimados clientes* com melhores preços». Não há nada de mal nisto. O problema é que nunca ninguém disse que este não é o principal motivo pelo qual os retalhistas emitem estes cartões. O termo «estimados clientes» é o nome de código para «clientes que gastam a maioria do dinheiro nas nossas lojas».

COM QUE FINS É UTILIZADO?

Os cartões de fidelidade destinam-se a recolher grandes quantidades de informação acerca dos nossos hábitos de compras. Assim que os dados são acumulados e os hábitos do cliente são identificados, os retalhistas usam estas informações para aumentar estrategicamente os preços e fazer subir os lucros. Eis como funciona o sistema:

Quando compramos um objecto, o caixa faz passar o cartão num *scanner*, que regista a informação da compra num ficheiro informático onde se encontram dados sobre o modo como aplicamos o nosso cartão.

Como os cartões de fidelidade se destinam a recompensar os clientes «fiéis» e que são compradores assíduos, o sistema fornece em pormenor os nossos hábitos de compras e as características da nossa vida doméstica. Além disso, todos os corredores estão equipados com uma câmara de vídeo de segurança que permite que os retalhistas sigam todos os nossos passos no interior do estabelecimento.

O objectivo último dos retalhistas é convencer-nos a comprar. Como? Apresentam-nos um novo refrigerante, vendem-no a um bom preço e acompanham os nossos hábitos de compras semanalmente; depois, se nós continuarmos a comprar, eles vão subindo o preço a pouco e pouco. Se continuarmos a comprar, eles sabem que fomos «apanhados»). Acompanharam-nos e vigiaram-nos. É um método semelhante ao utilizado pelos traficantes de droga... Interessante, não acha?

O FUTURO

Nos programas-piloto ultra-secretos; os retalhistas estão a introduzir novos cartões inteligentes com um *chip* incorporado que pode ser «examinado») automaticamente e sem que nós saibamos, quando entramos no supermercado.

Em Maio de 2004, a Wal-Mart, a maior empresa de retalho do mundo, efectuou testes-piloto de etiquetas de Identificação por Prequência de Rádio (RFID) no seu centro de distribuição em Sanger, no Texas, e em vários estabelecimentos de venda a retalho em todo o território dos Estados Unidos. Devido ao êxito alcançado, a Wal-Mart obrigou os seus 100 maiores fornecedores a equiparem todas as suas caixas e paletes com etiquetas RFID (com *chips*) a partir de 1 de Janeiro de 2005.

Os *chips* também estão a ser utilizados pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos e por alguns dos maiores retalhistas do mundo, como a Carrefour, Tesco e Ahold. A Gillette, a empresa norte-americana que produz lâminas de barbear e outros bens de consumo, encomendou 500 milhões de etiquetas identificadoras³². A Marks & Spencer, a cadeia britânica de pronto-a-vestir, fez uma experiência secreta em seis lojas na época natalícia de 2004.

Mas, aparentemente, há outras empresas a recuar. A Benetton, a gigantesca empresa italiana de vestuário, ponderou a hipótese de equipar os seus'

produtos com *chips* RFID que pudessem ser lidos à distância e permitissem controlar as pessoas que os usassem.

Mas só até ao momento em que Jim Krane, especialista da Associated Press em questões tecnológicas, divulgou a história dos planos secretos da Benetton, a qual foi notícia de primeira página em vários jornais internacionais, em 11 de Março de 2003.

«Benetton clothing to carry tiny tracking transmitters» (As roupas da Benetton vão ser equipadas com pequenos transmissores), Associated Press, Jim Krane, 11 de Março de 2003.

Dentro de pouco tempo, as peças de vestuário vendidas nos estabelecimentos Benetton serão equipadas com *microchips*, os quais permitirão que o retalhista italiano controle as suas peças desde o local da produção até ao momento em que são vendidas em qualquer dos seus 5000 estabelecimentos.

Perante a eventualidade de um boicote que seria efectuado por grupos de particulares, a empresa anunciou que iria abandonar os planos para equipar 100 milhões de peças de vestuário com pequenos *chips* de controlo remoto, de acordo com um comunicado à imprensa divulgado em 4 de Abril de 2003. (Se quiser ler o comunicado da Benetton, veja «Benetton: Não há *microchips* nas roupas à venda; ainda não foi tornada nenhuma decisão ao nível industrial».
www.benetton.com/press/sito_media/press_releases/rfiding.pdf)

«Benetton considers chip plans. The clothing maker is still considering the use of radio frequency identity chips in its products» «A Benetton reconsidera quanto aos *chips*. O fabricante de vestuário continua a ponderar a hipótese de equipar os seus produtos com *chips* de identificação por frequência de rádio», Winston Chai, CNET Asia e Richard Shim, 7 de Abril de 2003.

O fabricante de vestuário Benetton, face às notícias que circulam e segundo as quais a empresa se prepara para usar milhões de *chips* nos seus produtos com o propósito de acompanhar o percurso destes, esclareceu a sua posição. Na segunda-feira, o porta-voz da empresa afirmou que a Benetton só adquiriu 200 *chips* RFID até à data e que ainda está a estudar se aplicará ou não a controversa tecnologia para controlar os seus produtos. O porta-voz Federico Sartor explicou que houve um mal-entendido quanto ao uso de RFID e que, apesar de a empresa não considerar que isto fosse uma prioridade, a agitação que se registou nos mercados financeiros quanto ao custo da tecnologia e às suas vantagens levou a empresa a clarificar a sua posição. «Não estamos a usar *chips* nos mais de 100 milhões de peças de vestuário que produzimos actualmente», afirmou ele.

No relatório de Novembro de 2003, a A. T. Kearney revelou que os custos estimados para a implementação de um sistema de RFID seriam de 100 000 dólares por estabelecimento e de 400 000 por centro de distribuição. A integração dos sistemas ao nível da empresa custaria mais 30 a 40 milhões de dólares. Segundo o mesmo relatório, a redução dos artigos fora de *stock* renderá às empresas 700 milhões de dólares anuais por cada bilião de dólares de vendas no mesmo período 33.

Ora, se a Wal-Mart consegue localizar uma embalagem quando ela está no armazém ou nas suas prateleiras, e se a Comunidade Europeia consegue saber onde está o nosso dinheiro, o que impediria o ditador do mundo ou a própria Wal-Mart, a Carrefour, a Benetton ou as Nações Unidas de nos controlar permanentemente, a nós, o gado humano?

Segundo um artigo publicado no periódico norueguês [www;digi.no](http://www.digi.no) de 13 de Dezembro de 2004, os mapas de Marauder (em *Harry Potter*, são mapas mágicos que indicam o paradeiro das pessoas à medida que uns pontinhos se deslocam sobre um pergaminho encantado) equipados com *chips* RFID estão a chegar.

A empresa norueguesa Wavedancer (www.wave.dancer.no) está a desenvolver um sistema de segurança baseado em cartões/ etiquetas equipados com *chips* RFID e num mapa desenhado no chão e destinado a controlar as entradas e saídas nos recintos.

O objectivo último do sistema RFID é criar «um mundo ligado fisicamente, no qual todos os objectos do planeta sejam numerados, identificados, catalogados e controlados». E, como podemos ver na página da Wavedancer na Web, a tecnologia existe para que isto se tome uma realidade. A criação de um sistema global, «mais um problema político do que tecnológico», «implicaria negociações e consenso entre vários países»³⁴. Não é verdade que tudo seria muito mais simples se os diversos países estivessem sob a asa «protectora» do Governo Único Mundial?

O CARTÃO PARA A CARTA DE CONDUÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

A intromissão da Nova Ordem Mundial através do seu programa de Vigilância Total atingiu proporções epidémicas. A vítima mais recente é a carta de condução nos Estados Unidos, que irá integrar códigos de barras e faixas magnéticas realçados e aperfeiçoados. Lembrem-se do Lobo Mau na história do Capuchinho Vermelho? «Porque tens uns olhos tão grandes, avozinha?», perguntou a menina. «Para te ver melhor», respondeu o Lobo antes de a devorar. Para que precisamos nós de um código de barras e de uma faixa magnética na carta de condução? Para o Estado poder controlar todos os nossos movimentos, armazenando uma quantidade considerável de dados respeitantes à nossa vida! Em *A Number; Not A Name: Big Brother By Stealth*, Claire Wolfe, ex-responsável pelas comunicações de uma empresa e autora de textos publicitários para a *Fortune 100*, que se tornou uma escritora dissidente, defensora da liberdade e atenta aos perigos da Nova Ordem Mundial, explica: «O cartão transforma-se num banco de dados em miniatura, com informações legíveis por via electrónica como o nosso cadastro de condução, situação profissional, idade, sexo, raça, número da Segurança Social e registo criminal. Os cartões mais sofisticados (depois de toda a tecnologia ter sido aplicada e de o *chip* se justificar em termos de custos) poderão receber maiores quantidades de informação, a qual pode incluir o nosso historial clínico, a formação académica, o currículo profissional, exames de ADN e virtualmente tudo o mais que o governo resolva integrar na carta de condução ou que um burocrata (não eleito) decida regulamentar»³⁵.

Seja bem-Vindo ao pesadelo! As leis seguintes foram aprovadas na 104.ª sessão do Congresso dos Estados Unidos (1995-1996).

Lei de Interesse Público n.º 104-208 e Lei de Interesse Público n.º 104-193 {A Lei da Reforma da Previdência Social de 1996, desconhecida de todos, mas a mais perseverante e tenaz. Perguntei a vários congressistas se poderiam situar a lei. Nenhum deles sabia do que eu estava a falar, apesar de terem votado nela! Isto não é surpreendente? Com a quantidade cada vez maior de legislação, ninguém tem tempo para ler milhares de páginas de leis aparentemente

insignificantes que afectam uma pequena faixa transversal da população. Mas esta é extremamente importante.) A lei contempla a criação de cartões de segurança social legíveis por *scanner*. Para compreendermos totalmente a importância do elemento oculto na Lei 104-208, devemos lê-la em conjunto com a Divisão C, Título ~ Subtítulo A, Secções 401-404, também aprovados na 104.ª sessão do Congresso em 1995-1996.

A Divisão C, Título IV Subtítulo A, Secções 401-404 consagra a criação de programas-piloto nos quais as pessoas que procuram emprego necessitarão da autorização do governo federal para trabalhar. É aqui que entram os cartões de segurança social legíveis por *scanner*! Estas leis «insignificantes», votadas e aprovadas por congressistas sonolentos, serão usadas para transmitir a identificação do potencial trabalhador a Washington e para receber a aprovação da Administração da Segurança Social.

Por outras palavras, nos Estados Unidos, o número da segurança social que nunca foi imposto a ninguém é hoje obrigatório. A pouco e pouco, está a transformar-se num número de identificação oficioso que, com as alterações mais recentes, pode armazenar uma quantidade impensável de dados pessoais. E para testar completamente estas modificações, o Governo americano contratou duas personagens muito pouco auspiciosas...

A LIGAÇÃO KGB/STASI*

O comandante da Marinha americana na reserva, Al Martin, informou em 17 de Março de 2003 que o ex-director da KGB, general Yevgeni Primakov (o último general da KGB antes do desmantelamento da União Soviética) foi contratado como consultor pelo Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos. Em 6 de Dezembro de 2004, a PrisonPlanet.com fez saber que, além de Primakov; o Departamento de Segurança Interna tinha contratado o ex-director da Stasi, Markus Wolf, o homem que construiu de facto o aparelho dos serviços secretos estatais da Alemanha Oriental. O cúmulo da ironia é que os ex-membros da KGB e da Stasi estão a ser pagos com o dinheiro dos contribuintes americanos. Porque haviam os Estados Unidos de contratar os ex-chefes dos serviços secretos soviéticos e leste- alemães?

Tanto Al Martin como Alex Jones, da PrisonPlanet.com (a par de outras fontes de informação de grande audiência), informaram que os dois antigos espões foram contratados como consultores pelo Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos para implementar o CAPPs 11 (ou seja, o Sistema de Vigilância do Estado através do Perfil dos Passageiros) e o sistema nacional do cartão de identidade pessoal ao qual Primakov chamou «passaporte interno». O ex-agente de contra-espionagem da KGB, general Oleg Kalugin, filho de um membro da polícia secreta de Estaline e hoje a trabalhar para a Fox News como comentador, também confirmou as nomeações. (A existência de uma pretensa ligação dos dois espões com o Departamento de Segurança Interna (DHS) é uma

* Nome popular da Staatssicherheitsdienst (Serviço de Segurança do Estado) da República Democrática Alemã.

mentira de Bush, uma desinformação muito eficaz para ocultar o facto de tanto Primakov como Wolf terem sido contratados pelo Office of Information Awareness (OIA) do almirante John Poindexter, que foi criado para espiar os americanos.)

Segundo o general Primakov, o CAPPS 11, a par do NEW IDENTITY UPGRADE, vão ser aplicados à CARTA DE CONDUÇÃO dos americanos. O objectivo do exercício é conseguir que as pessoas se habituem a «novos tipos de documentação e a serem portadoras de novos tipos de cartões de identidade depois de os Estados Unidos instituírem uma política oficial de PASSAPORTES INTERNOS) (as palavras em caixa alta correspondem às palavras exactas do general Primakov) O *New York Times* de 11 de Outubro de 2004 cita James C. Plumer, um analista de estratégia do *Consumer Aferi*, que utiliza exactamente as mesmas palavras para descrever as cartas de condução: «Basicamente, estamos perante um sistema de *passaportes internos*.»

O artigo foi publicado no *New York Times* de 11 de Outubro de 2004. «Congress close to establishing rules for Driver's Licenses» (Congresso prestes a definir normas para as cartas de condução). A Câmara dos Representantes e o Senado preparam-se para definir normas para todos os Estados, as quais uniformizariam a documentação necessária para obter a carta de condução e os dados que ela teria de incluir.

Al Martin explica como funcionaria o sistema. «Nos entregamos-lhes (às autoridades) o nosso cartão de crédito e eles passam-no por um aparelho de leitura, tal como num supermercado, depois carregam num botão e aparece no monitor o seguinte: CAPPS 11, SS CTF. SS CTF quer dizer 'State CITIZEN THREAT File'. As informações seguem directamente para um novo departamento que se situa entre o FBI, o Departamento de Segurança Interna, a CIA e outros organismos federais, o chamado Office of Internal Security (Gabinete de Segurança Interna), que coordena a criação de ficheiros CITIZEN THREAT para todos os cidadãos americanos. (Desde Janeiro de 2005 que os membros do Governo dos Estados Unidos têm recusado pronunciar-se sobre o tipo de informação a que o cartão dará acesso, a quantidade de dados e o tipo de elementos que serão incluídos no THREAT FILE DE CADA CIDADAO). Será uma enorme base de dados que incluirá informações de crédito, fichas clínicas, filiação política e RELIGIOSA, situação militar, participação em comícios contra o governo, etc³⁶.»

Mas, isto não é tudo. Porque havia o Governo americano de contratar um superes pião da Alemanha de Leste? Martin afirmou que «Wolf transformou metade da população em informadores. É esta a sua verdadeira especialidade, organizar as várias secções e mecanismos de controlo estatais, com o propósito de criar informadores no seio da população». E é precisamente para isto que Wolf foi contratado, como Primakov insinuou numa entrevista à BBC Radio que desapareceu «misteriosamente» do ficheiro da BBC na Internet. O regime sabe que assim que todo o conteúdo do Patriot II (o qual aumentaria consideravelmente a vigilância do Estado e os poderes de detenção, concedendo-lhe poderes para proceder a detenções em segredo, recolher amostras de ADN de certos indivíduos que pudessem ajudar nas investigações sobre terrorismo, aumentar os períodos de autorização para efectuar escutas telefónicas e levar a cabo operações de vigilância na Internet, limitar as restrições ao uso de provas secretas) estiver consagrado na Lei e eles comecem a trabalhar no Patriot III. Entre os elementos em estudo, figura a utilização em larga escala da tortura.

Embora Bush e Companhia não defendam publicamente a tortura, a ideia foi aproveitada e desenvolvida na imprensa «fidedigna» e obediente. Assim, segundo uma sondagem da CNN, 45 % dos americanos não levantariam objecções ao uso da tortura se tal contribuísse para obter informações sobre o terrorismo. Ora, como é que estes simpáticos cidadãos se sentiriam se um dos seus entes queridos fosse um «terrorista», fosse apresentado pelo Estado como um «terrorista»? O seu crime... fora recusar-se a denunciar aqueles que o rodeiam. Estaline foi mestre na arte de virar um membro de uma família contra outro. Deste modo, controlava os dois e podia confiar nas preciosas informações das duas fontes a partir daqui começarão a criar o mecanismo interno de coordenação, como se se tratasse de uma função oficial do Estado, um sistema de informadores. A especialidade de Wolf foi transformar a Alemanha Oriental no maior e mais eficiente Estado informador que alguma vez existiu.

Fontes próximas de Al Martin confidenciaram a Alex Jones, o produtor executivo e anfitrião de PrisonPlanet.Com, que a nomeação de Wolf também foi confirmada, a título individual, por um congressista americano.

Entrevistado no Alex Jones Show, Martin traçou os contornos da agenda imediata. «As restantes recomendações saídas da Comissão do 11 de Setembro, dos serviços secretos, que incluem a criação de cartão nacional de identidade, seriam aprovadas e passar-se-ia ao '3.º Acto do Patriot', que incluiria a criação oficial de uma organização de espionagem interna decalcada da Stasi e cujo âmbito seria idêntico ao programa do FIPS (ferrorism Information and Prevention System).»

O Terrorismo Information and Prevention System (FIPS) visa recrutar milhões de cidadãos dos Estados Unidos como informadores internos. Na primeira fase do programa, o Estado utilizará 1 milhão de pessoas como informadores internos «organizados», cujas profissões lhes permitirão ter acesso a residências particulares, como mensageiros, funcionários públicos, assistentes sociais, etc. O programa recorrerá a um mínimo de 4 % dos americanos para denunciar «actividades suspeitas». A Operação FIPS faz parte do novo programa de voluntários Citizen Corps, do presidente Bush, que insta os Americanos a estarem atentos ao «terrorismo». A palavra «terrorista» é um eufemismo - refere-se a alguém que esteja contra a Nova Ordem Mundial. O programa encontra-se no *site* do governo na Web www.citizencorps.gov;

«US planning to recruit one in 24 americans as citizen spies» (Os Estados Unidos planeiam recrutar 1 em cada 24 cidadãos americanos como espiões internos), *The Sunday Morning Herald* (Austrália), 15 de Julho de 2002.

«Ashcroft [Attorney General] Wants You in 'Citizen Spy Army?'» (Ashcroft [procurador-Geral] quer que você faça parte do 'Exército de Cidadãos Espiões'). *American Free Press*, 12 de Abril de 2004.

«The Spy Who Reads Your Meter» (O espião que lhe lê o contador), TomPaine.com, 26 de Agosto de 2002.

Com a Aprovação da Lei Patriot III, o que é literalmente uma questão de tempo, Wolf e Primakov aplicariam os seus conhecimentos preciosos e transformariam a América numa sociedade vigiada.

O artigo estarrecedor publicado em *American Free Press* (em 21 de Abril de 2002, intitulado «Preparem-se para a Sovietização da América») inclui muitas citações de Primakov, nomeadamente que «tinha sido contratado como consultor e estava a examinar outras questões de 'segurança', uma acção constante em vários organismos governamentais (alguns dos quais ainda nem sequer foram criados) para, de uma forma consistente, REDUZIR OS DIREITOS do povo americano e aumentar o poder do Estado. Confessou que não sabia qual era a razão de tudo isto, mas admitiu QUE NÃO TEM MUITO A VER COM O COMBATE AO TERRORISMO».

O VERDADEIRO PERIGO

Porque nos preocupamos? Porque considerados em conjunto, estas bases de dados, este sistema de controlo dos cidadãos por intermédio de um cartão identificador e estas leis não auguram nada de bom para qualquer ser humano que preze a liberdade. Ainda existe algum? Estas medidas implicam que o Estado ficará a saber tudo sobre a nossa vida, que seremos tratados como gado, e não como seres humanos iguais e independentes. Que seremos tratados como escravos, e não como pessoas livres.

Claire Wolf escreve em *A Number; Not a Name: Big Brother by Stealth*: «Devemos preocupar-nos, porque os erros inocentes ou a corrupção deliberada podem custar-nos tudo aquilo para que trabalhamos. Por exemplo, quando os programas-pilotos foram adoptados como política nacional, se o nosso cartão da Segurança Social não puder ser 'lido', talvez não consigamos arranjar emprego em parte nenhuma», nem em Espanha, nem na Comunidade Europeia, nem no mundo, quando este for transformado numa parceria global. Na velha e totalitária União Soviética, houve muitos dissidentes que foram confrontados com o mesmo problema. Quando foram banidos pelo Estado como inimigos do povo e agentes a soldo do «Ocidente decadente» (o seu crime foi lutar por direitos elementares como a liberdade de expressão), nunca mais conseguiram arranjar emprego nem sustentar a família. Carentes e sem dinheiro, estes indivíduos corajosos (Vladimir A. Kozlov, Sergei v: Mironenko ou Boris Illinietz) foram marginalizados, tal como as mulheres e os filhos, porque os amigos tinham medo de ajudá-las, com receio de ser perseguidos pelo Estado; as famílias de cinco e seis membros, que muitas vezes partilhavam com outras uns escassos 60 metros quadrados, não podiam recebê-las durante mais de 2 ou 3 dias de cada vez. (Ou seja, os que tinham a felicidade de ter o seu próprio apartamento. Na sociedade socialista, nada nos pertence; partilhamos tudo com todos. A Nova Ordem Mundial tem planos semelhantes para nós.) Ao meu pai e à minha mãe, que também defenderam a liberdade de expressão, o Estado obrigou-os a viver em 47 (!) casas diferentes num período de dois anos (1964-1966). O que Claire Wolf descreve em *A Number; Not a Name: Big Brother by Stealth* provoca-me uma sensação terrível de déjà vu..

Se alguém quisesse deliberadamente tornar o sistema «inoperável» para forçar o aparecimento da fase seguinte da Escravização Total, como isso seria difícil, se nos lembramos que o sistema de controlo está montado há muito tempo e que ele «representa apenas uma janela de oportunidade, durante a qual seria possível construir uma ordem mundial verdadeiramente pacífica e interdependente; no entanto, ela não se manterá aberta durante muito tempo.

Estamos à beira de uma transformação global. Só precisamos da crise adequada e que os países aceitem a Nova Ordem Mundiab>. Obrigado, Mr. David Rockefeller!

Como curiosidade, no fim de 2004, há apenas oito países no mundo que utilizam um sistema de licenciamento por cartões inteligentes: Argentina, China, El Salvador, Gana, Guatemala, Índia, Malásia e México. E nenhum destes países é aquilo a que poderíamos chamar um «baluarte da democracia».

CARTAO DE IDENTIDADE UNIVERSAL

O jornal britânico *The Telegraph*, reconhecendo os perigos do cartão de identidade universal, fez soar o alarme num artigo de 29 de Setembro de 2001.

«Isto é inevitável porque o moderno cartão de identidade não é um simples objecto de plástico. É a parte visível de uma teia de tecnologia interactiva que mistura as características mais íntimas do indivíduo com a máquina do Estado.» (*The Telegraph*, 29 de Setembro de 2001)

É o meio através do qual os poderes do Estado serão desenvolvidos e aumentados. Quase todos os sistemas de cartões de identidade nacionais criados nos últimos quinze anos possuem três características que podem destruir a liberdade pessoal e a privacidade.

Primeiro, todos os cidadãos são obrigados a ceder uma impressão digital ou da retina a uma base de dados nacional. Esta informação é combinada com outros dados pessoais, como a raça, idade e local de residência. Uma fotografia completa o dossiê.

Além disso, a introdução deste sistema tem de ser acompanhada de um aumento substancial do poder policial. Afinal, as autoridades quererão dispor de meios para exigir o cartão em muitas circunstâncias, e as pessoas serão obrigadas a obedecer.

A característica mais importante, mas mais subtil, é que o cartão e O respectivo sistema de numeração permitirão que a informação circule entre todos os departamentos do Estado. Em última análise, o número é o elemento mais poderoso do sistema.

As autoridades podem ter acesso a mais informações pessoais armazenadas no *chip* para confirmar a identidade do titular do cartão. Este processo de validação pode ser feito em qualquer local - nas ruas, nos aeroportos, nas escolas, nos bancos, nas piscinas ou nos escritórios.

Nenhum governo realçará publicamente estas características. Pelo contrário, os novos sistemas de identificação serão promovidos como «cartões de cidadania» que garantem o direito a benefícios e serviços.

Há cinco anos, o Governo britânico meteu discretamente na gaveta algumas propostas de cartões de identidade, quando descobriu que eles custariam milhares de milhões de libras a mais do que era esperado, seriam pouco eficazes na prevenção do crime e poderiam tornar-se terrivelmente impopulares.

Até onde chegará essa impopularidade quando as pessoas souberem que será necessário sondar uma parte do seu corpo?

Se um cartão de identidade era inexecutável há cinco anos, porque seria executável agora? A resposta é que não seria, excepto se fosse acrescentada a componente biométrica e todo o sistema fosse verificado através de uma base de dados nacional. Isto não é um cartão, é uma infra-estrutura de vigilância nacional.

Se um sistema deste tipo for apresentado nas circunstâncias actuais, há três consequências que são inevitáveis. Primeiro, um cartão de alta segurança transformar-se-á num passaporte interno, exigido em inúmeras situações. (Não saia de casa sem ele!)

Segundo, milhões de pessoas serão gravemente prejudicadas todos os anos, devido a cartões perdidos, roubados ou danificados, a falhas dos sistemas informáticos ou a erros dos sistemas de leitura biométrica.

Por fim, os cartões serão inevitavelmente utilizados abusivamente por funcionários que se servirão deles para prejudicar, discriminar ou assediar os seus titulares.

Ninguém conseguiu identificar um país em que os cartões tenham dissuadido os terroristas. (*The Telegraph*, 26 de Setembro de 2001). Para tal seria necessário que o governo adoptasse medidas impensáveis numa sociedade livre³⁷.

BIOMETRIA

A biometria, a tecnologia securitária na qual se baseiam os cartões inteligentes, foi desenvolvida pela Keyware Technologies³⁸.

A tecnologia biométrica foi combinada com a tecnologia dos cartões inteligentes da Keyware para lançar o porta-moedas electrónico baseado no sistema CEPS (*common e/ectronic purse specifcation*), segundo afirmaram as empresas. «A biografia do titular do cartão é armazenada no *chip* do cartão inteligente, o qual garante o maior nível de segurança tanto no *home banking* como no comércio electrónico³⁹.»

Desde tã da Superbowl Gogo do campeonato de futebol americano) ruja cara é passada ao *scanner*, até crianças que têm de passar o polegar por um *scanner* para pagar o almoço na cantina da escola, as pessoas estão a ser obrigadas a desistir da sua privacidade e independência, em troca da «segurança» das tecnologias biométricas.⁴⁰

Imaginemos as crianças do ensino básico a serem obrigadas a ceder a sua impressão digital para poderem almoçar! Isto é uma realidade! Aconteceu na Pensilvânia com crianças de 7 anos que frequentam as escolas do distrito de Lakeside⁴¹.

Todavia, segundo um lóbi canadiano de utentes de cartões bancários, «os programas-piloto demonstraram que os resultados mais prometedores desta aplicação provieram de valores armazenados em ambiente fechados, como identificação em residências para estudantes universitários, valores armazenados, máquinas de venda automática, acesso físico e de dados a bibliotecas, zonas de refeições, zonas de compras e aeroportos»⁴².

De uma assentada, os governos dos Estados Unidos e do Canadá montaram a grelha de segurança da sociedade sem dinheiro e estão a treinar as crianças para que não possam comprar um hambúrguer com dinheiro vivo⁴³.

Alex Jones, da PrisonPlanet.com, apresenta um argumento extremamente válido. Em primeiro lugar, as crianças estão a ser treinadas para aceitar uma sociedade sem dinheiro, na qual todas as suas transacções ficam registadas e - o que é mais importante - são armazenadas em bases de dados federais e nacionais. A Indivios, sediada em Oakland, conseguiu uma patente em Agosto de 2002 para processar transacções financeiras por via electrónica, como dívidas *online*, utilizando as impressões digitais dos clientes como forma de autenticação. A Indivios, que antes se chamava Veristar Corporation, permite que os consumidores tenham acesso a contas-correntes, de crédito e de fidelidade sem o recurso a cartões de plástico, papel, palavras-passe ou PIN⁴⁴.

Mas há pior. Os estabelecimentos de produtos alimentares Kroger e HEB no Texas estão a destruir os «antiquados» balcões e substituí-los por sistemas de *scanning* em *self-service*⁴⁵.

A Wells Fargo instalou câmaras de reconhecimento facial nos seus bancos em Dallas⁴⁶. A Wells Fargo detinha 50 % de uma empresa chamada Inno Ventry, hoje extinta, nos arredores de San Francisco, a qual recorria à tecnologia de reconhecimento facial para pagar cheques. Segundo o antigo *site* da Inno Ventry na Web, «a empresa possui mais de 850 máquinas em grandes estabelecimentos de vinte Estados. Mais de 1 milhão de clientes aderiram a este sistema e levantaram cheques num total superior a 3,5 milhões de dólares. As máquinas RPM utilizam tecnologia biométrica avançada de reconhecimento racial para identificar um cliente, a qual dispensa a existência de cartões ou de números de identificação pessoal (PIN)»⁴⁷,

No entanto, para que as impressões faciais e digitais condigam com os nomes e os números da Segurança Social, é necessária uma base de dados tão sofisticada? Como é que uma empresa privada interfere num sistema nacional de base de dados a que só devem ter acesso os empregados do Estado devidamente autorizados? Comprando-o, evidentemente! Nos últimos oito anos, 38 Estados americanos recolheram fotografias digitais, impressões digitais e assinaturas de ingénuos titulares de cartas de condução. E isto não fica por aqui. Em Agosto de 2001, o *mayor* de Washington DC tinha anunciado que todas as crianças em idade escolar seriam sujeitas a técnicas de reconhecimento facial por *scanner* que seriam recolhidas as suas impressões digitais e que em seguida estas informações seriam transferidas para a base de dados do organismo responsável pela emissão de cartas de condução⁴⁸. Bem-vindos a MATRIX!

A Microsoft comprometeu-se a utilizar a biometria numa futura versão do Windows. A Compaq Computer construiu um computador pessoal com um *scanner* de impressões digitais incorporado no teclado. A Visa, a MasterCard e a Discover estão a elaborar projectos-piloto em que a nossa impressão digital é inserida no código de barras. O comerciante passa o cartão pela máquina de leitura, nós pomos o dedo num *scanner* e ele sabe que o cartão é nosso⁴⁹.

Devemos, pois, admirar-nos por a Microsoft, a Compaq e a Oracle serem membros regulares do Clube Bilderberg? Em 2004, a Microsoft fez-se representar na reunião anual do Grupo por Craig Mundie (director técnico, Estratégias e Políticas Avançadas).

Larry Ellison, presidente da Oracle, e Eckhard Pfeiffer, administrador executivo da Compaq, compareceram numa reunião em Sintra, Portugal, em 1999, assim como Bill Gates, da Microsoft, e Lou Gerstner, administrador executivo da IBM. Por acaso, a biometria fazia parte da agenda da reunião supersecreta.

Como nota à margem, a Oracle está a trabalhar na implantação de um sistema (em conjunto com a CIA e o FBI) destinado a criar uma base de dados, primeiro nos Estados Unidos e depois à escala planetária. Nela serão incluídos todos os dados de qualquer pessoa, desde o número do passaporte ou da Segurança Social até às referências bancárias, etc.

TECNOLOGIA NÃO FIÁVEL

A tecnologia biométrica, porém, é muito menos eficaz do que geralmente se crê⁵⁰.

Um matemático japonês (não um engenheiro, um programador ou um perito em falsificações, mas um matemático) conseguiu enganar onze leitores de impressões digitais investindo menos de dez dólares em material de fácil obtenção.

Tsutomu Matsumoto duplicou uma impressão digital ressaltando a sua impressão sobre vidro (por exemplo, um copo ou uma janela) mediante adesivo de cianoacrilato (comercialmente distribuído por marcas tão conhecidas como a Super Glue) e fotografando o resultado com uma câmara digital. A imagem obtida foi melhorada com o programa PhotoShop e foi imprimida numa folha de papel transparente.

Matsumoto utilizou este papel como máscara para gerar um circuito impresso com a imagem da impressão digital (para produzir «relevo»). O referido circuito impresso, o material para a fixação e a revelação e as instruções pormenorizadas do processo podem adquirir-se em qualquer loja de electrónica por menos de 3 euros.

Seguidamente, obteve um dedo de «gelatina» usando o circuito impresso para proporcionar-lhe o relevo que imita a impressão digital original.

No total, menos de 10 euros em despesas e uma hora de trabalho. a resultado: um «dedo» que passa a prova de um *scanner* digital com uma eficácia de 80 %.

Proibirão os Estados Unidos o fabrico e a venda de gelatina alimentar pelo seu possível uso como ferramenta para enganar os leitores de impressões digitais? Qual será o impacto de divulgar estes problemas nas iniciativas para poder realizar pagamentos electrónicos com uma simples autenticação biométrica?⁵¹

A BIOMETRIA É NOTÍCIA

Talvez o leitor leigo nesta matéria julgue que a biometria é um tema misterioso que raramente aparece nas notícias. Contudo, basta olhar para a lista

que se segue para convencer qualquer crítico de que a biometria gera notícias suficientes para fazer um pequeno livro. Segue-se uma pálida amostra do que a biometria é capaz de suscitar.

O projecto de lei para a alteração do Visa em preparação. Pretende introduzir informação biométrica em «cartões inteligentes» para controlar visitantes estrangeiros ⁵².

Controlam-nos como ratos - que sistema maravilhoso! Querem comida? Querem água? Querem ir ao fundo da rua? Têm de passar pelo *scanner*!!! Ah, a propósito, entreguem-nos as vossas armas - gostamos muito de vocês!!! Cartão de identidade num abrir e fechar de olhos.

INTERVENÇÕES POLICIAIS E GOVERNAMENTAIS COM BIOMETRIA

Contudo, tão preocupante como a tecnologia biométrica pode ser a utilização que a polícia faça dessa tecnologia para usurpar as nossas liberdades; é suficiente para nos arrepiar. O que encontrará a seguir é apenas uma lista parcial e muito concisa sobre os usos governamentais desta tecnologia.

DIGITAL ANGEL

Também digna de referência, a tecnologia biónica está a tentar criar organismos que integrem matéria orgânica (células humanas) e *chips* biométricos para serem implantados em seres humanos. Os cientistas também estão a trabalhar em *chips* que sejam metade humanos e metade em silicone⁵³.

Entretanto, no momento em que escrevo este livro, decorre o quinto ano do terceiro milénio. O choque de civilizações, do terrorismo às guerras, ao extremismo, ao racismo e à intolerância, ajudado pelas catástrofes naturais levou muita gente a aceitar sacrificar algumas liberdades. Entra em cena o Digital Angel.

A Applied Digital Solutions, Inc., uma empresa representada pela NASDAQ, apresentou finalmente o seu altamente controverso e há muito aguardado «Digital Angel», um sofisticado mecanismo de controlo em miniatura [*Nota do autor: semelhante ao que foi apresentado por Esperanza Aguirre em Junho de 2004 e cujo objectivo era proteger as mulheres de maridos violentos*], destinado a ser implantado debaixo da pele num grande número de seres humanos⁵⁴. Devido à pressão crescente de organizações que defendem a privacidade e de associações cristãs preocupadas com a «marca da besta» profetizada na Bíblia, todas as referências à implantação subcutânea foram retiradas do *site* da empresa na Web (www.adxs.com). Aliás, a empresa declarou publicamente que o mecanismo de controlo não seria implantado debaixo da pele, mas inserido num relógio de pulso ou numa pulseira.

O que é ainda mais inquietante é o facto de a Applied Digital Solutions ter adquirido em 1999 o direito de sublicenciar o desenvolvimento de aplicações específicas a outras entidades e de procurar parceiros de *joint ventures* para

desenvolver, expandir e comercializar as tecnologias⁵⁵. A *joint venture* da Applied Digital Solutions pode até, sem demasiadas adaptações, ser usada para controlar cidadãos e criminosos (existe alguma diferença? Ou talvez só sejamos cidadãos até nos insurgirmos contra a desumanidade que a Nova Ordem Mundial representa. É então que ganhamos o rótulo de criminosos e de *inimigos do Estado*, a expressão usada na América de hoje para designar aqueles que se opõem ao governo de Bush júnior. Os Sovietes usaram a mesma tática na época áurea do comunismo, tal como os Chineses usam hoje) e personagens indesejáveis que têm o hábito de investigar, como nós. A ADS prevê «Um mercado global potencial [...] que ultrapasse 100 mil milhões de dólares» e recebeu até um prémio especial, «Technology Pioneers», atribuído pelo Fórum Económico Mundial (em 31 de Janeiro de 2000) pelo seu contributo para «o desenvolvimento económico e o progresso social em todo o mundo através do progresso tecnológico»⁵⁶.

Uau! «Um mercado global potencial [...] que ultrapasse 100 mil milhões de dólares». Bem-vindos ao mundo da Vigilância Total! Ora, se pensarmos nisto, para atingir somas tão astronómicas, seria necessário implantar *chips* em todos os seres humanos do planeta e em alguns animais de companhia. Um sonho tomado realidade para o Governo Único Mundial!

Segundo a página do Fórum Económico Mundial na Web, a organização é «independente e está empenhada em aperfeiçoar a situação mundial [...] e proporciona uma estrutura de cooperação que permite que os líderes mundiais se ocupem de problemas globais, envolvendo particularmente os seus membros na cidadania global». E fá-lo «criando a maior parceria global de líderes empresariais, políticos, intelectuais e outros da sociedade, os quais definem e discutem temas fundamentais que fazem parte da agenda global».

Porque há-de uma organização que trabalha lado a lado com organismos como o FMI, o Banco Mundial, a Fundação Rockefeller e com indivíduos como George Soros, Bill Gates, Bill Clinton e companhia - que trabalham todos para a convergência e não para a divergência, para uma base de poder centralizado, para o governo global - atribuir um prémio a uma empresa recente à qual acaba de ser concedida uma patente para construir um sofisticado *microchip* implantável? Vou dizer um segredinho ao leitor. O principal objectivo do Fórum Económico Mundial é a VACINAÇÃO de todos os «carneiros» humanos do planeta.

Ora, imagine que, por um lado, há uma tecnologia implantável que pretendemos «entregar» aos 6 mil milhões de pessoas do mundo e com a qual ganharemos rios de dinheiro. Por outro, temos uma organização que quer controlar esses 6 mil milhões de pessoas. Como é que estes dois objectivos se transformam num único objectivo comum? Implantando um *microchip* em todos os seres humanos do mundo. E como é que isto é possível? Através da vacinação, evidentemente.

O texto que se segue provém da reunião anual do Fórum Económico Mundial de 2000.

«Foi lançada em Davos uma nova e ambiciosa iniciativa, que liga os sectores público e privado, para imunizar todas as crianças do mundo. A GAVI, Global Alliance for Vaccines and Immunization, propõe-se salvar a vida de três milhões de crianças por ano em todo o mundo, garantindo que elas serão vacinadas contra doenças susceptíveis de ser evitadas. O início da campanha de vacinação, denominada 'The Children's Challenge', foi financiado pela Fundação Bill

e Melinda Gates, que doou 750 milhões de dólares. *[Nota do autor: Melinda Gates participou na reunião secreta do Clube Bilderberg que se realizou em Stresa, Itália, em 2004.]* A presidente da GAVI, Gro Harlem Brundtland, secretária-geral da Organização Mundial de Saúde, realçou que há 30 milhões de crianças que ainda não têm acesso às vacinas básicas.»

E entra o presidente Clinton, o globalista por excelência. No seu discurso sobre o Estado da União de 2000, o presidente Clinton apelou à acção internacional concertada no sentido de se combaterem «as doenças infecciosas nos países em vias de desenvolvimento [...] e de se construírem sistemas de prestação de outros cuidados de saúde básicos».

«O presidente Clinton anuncia a iniciativa do milénio, que consiste em promover o envio das vacinas existentes para os países em vias de desenvolvimento e acelerar a criação de novas vacinas», Casa Branca, Comunicado à Imprensa do Gabinete do assessor de Imprensa, 28 de Janeiro de 2000.

Era isto que o comunicado à imprensa da Casa Branca tinha a dizer:

«A administração Clinton propõe 1 dólar de crédito fiscal por cada dólar de vacinas doadas por uma empresa farmacêutica a um país em vias de desenvolvimento. A proposta orçamental da administração Clinton - conceder créditos fiscais às empresas farmacêuticas que doem vacinas a países em vias de desenvolvimento - é uma iniciativa suficiente [...] para que possamos assegurar um mercado futuro (para toda a gente) para essas vacinas tão necessárias.»

«Campanha de vacinação para todas as crianças do mundo lançada no Fórum Económico Mundial, Fórum Económico Mundial, Reunião Anual, 31 de Janeiro de 2000.

Portanto, aqui está. O primeiro passo: eliminação do dinheiro de papel e das moedas. A Nova Ordem Mundial só poderá controlar-nos totalmente quando a última moeda e a última nota forem eliminadas da face da Terra. Primeiro, tínhamos países independentes que pagavam bens e serviços com a sua moeda. Para aproximar mais o mundo de uma ordem mundial única, esses países juntaram-se e formaram uma União dependente. As suas moedas, que eram um símbolo de independência, foram eliminadas e substituídas por uma moeda única. É a fase em que hoje nos encontramos, em meados do ano de 2005. O passo seguinte consiste em eliminar esta moeda e substituí-la por cartões inteligentes. É o que acontecerá antes do ano de 2010, de acordo com várias fontes do Council on Foreign Relations e do Clube Bilderberg. O passo seguinte será a adopção de «cartões inteligentes» e, por último, de «pessoas inteligentes» - com implantes de *microchips*, para fins de verificação. Os membros do Clube Bilderberg estão a ficar impacientes; os patriotas americanos estão a dificultar-lhes muito a vida, a Inglaterra ainda não foi conquistada, e a União Canadiana e Americana é um ideal improvável e visionário, graças às iniciativas de pessoas como Jim Tucker, John Whitley, Michael Chossudovsky, o que significa que os outros planos do grupo têm de ser adiados. O Clube Bilderberg terá o seu Governo Mundial Único, como David Rockefeller afirmou em tantas ocasiões. Só não se sabe se ele será alcançado por

meios pacíficos ou através de uma violência abjecta. No entanto, para ter «pessoas inteligentes», a Nova Ordem Mundial será obrigada a eliminar o dinheiro, a adoptar cartões inteligentes como método viável de compra, a eliminar os cartões inteligentes, convencendo a população que eles não são fiáveis e a substituí-lo por um *microchip* fiável e permanente, que se tomará tão aceitável para nós como é hoje a Internet. (Ora, recuemos a 1992. Quantos de nós imaginariam que a Internet se iria tomar um modo de vida? Trabalho a mais para tão pouco tempo? Não, quando falamos de David Rockefeller e companhia. Desde 1989, esta gente já criou o North American Free Trade Agreement (NAFTA) e o General Agreement on Tariffs and Trade (GATT) - acordos que conseguiram destruir a independência dos países, como já expliquei e demonstro na parte do livro em que falo da minha investigação sobre a reunião secreta em Stresa, Itália, no ano passado. Eles fabricaram uma falsa queda do Muro de Berlim, a qual aproximou mais as facções da Guerra Fria de um objectivo final: um monopólio global controlado pela Nova Ordem Mundial. Criaram uma União Europeia, destruindo na prática a independência dos países que a integram. Tiraram o dinheiro das mãos de países independentes e transformaram-no numa moeda dependente de muitos. Estão em vias de criar os três blocos regionais, o penúltimo passo para o Governo Mundial Único: a União Europeia, o bloco comercial da América do Norte e do Sul (Mercosur), que será a União Americana num futuro próximo, e uma União Asiática liderada pelo Japão. Esta é apenas a ponta do icebergue, a parte mais visível daquilo que o Clube Bilderberg e companhia são capazes de fazer.

Ora, o leitor ainda acredita que cinco anos são pouco tempo para esta gente?

O texto que se segue foi retirado da página da Applied Digital Solutions na Web (www.digitalangelcorp.com):

«A Digital Angel Corporation (AMEX:DOC, uma empresa de tecnologia avançada no domínio da identificação rápida e rigorosa, controlo de localização e acompanhamento de bens de elevado valor, anunciou hoje (24 de Maio de 2004) que está bem posicionada para participar no programa de passaportes para animais de companhia mandatado pela União Europeia e cuja implementação está prevista para 1 de Outubro de 2004.»

«As normas aprovadas pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da União Europeia em 26 de Maio de 2003, em que se definem as técnicas de identificação obrigatórias para cães, gatos e furões que circulem no espaço europeu, estipulam que durante um período transitório de oito anos, os animais só estarão devidamente identificados se usarem uma tatuagem bem visível ou um sistema electrónico de identificação (transmissor-receptor).»

«Consequentemente, embora alguns cidadãos de Estados-membros da União Europeia possam hoje viajar entre alguns países da EU sem controlo de passaportes, os seus animais de companhia terão de possuir um passaporte em que figure o número do *microchip* ou da tatuagem do animal, o registo de vacinas, tratamentos antiparasitas, exames médicos e outros dados.»

O que a Digital Angel Corporation não disse foi que a tecnologia utilizada no passaporte dos animais de companhia pode adaptar-se facilmente aos seres

humanos. A WorldNetDaily, uma das principais fontes de informação sobre avanços tecnológicos (consta que esta publicação da Internet é financiada secretamente por um elemento renegado da CIA empenhado em divulgar os planos secretos da Nova Ordem Mundial. É muito possível, porque às vezes as informações disponíveis são demasiado boas para serem provenientes de fontes não verificáveis), informou, num comunicado exclusivo de 1 de Novembro de 2000, que «uma empresa representada pela NASDAQ apresentou finalmente o seu altamente controverso e há muito aguardado 'Digital Angel' - um implante subcutâneo com um *microchip*, destinado não só a assegurar a vigilância de animais de companhia, como também a controlar seres humanos em todo o mundo».

Mas que o leitor não se iluda. O problema não está na Digital Angel Corporation nem na sua tecnologia. O problema está em vigiar esta tecnologia e tirá-la das mãos da elite que se encontra actualmente no poder. Seguem-se títulos de alguns artigos sobre esta tecnologia de vigilância e o seu possível uso indevido:

. «Digital Angel unveiled: Human-tracking sub-dermmal implant technology makes debut» (Apresentação do Digital Angel: a tecnologia de implantes subcutâneos para controlo de seres humanos faz a sua estreia.)

. «'Digital Angel' Set to Fly Tomorrow - Implant Technology to be beta tested on humans» «Digital Angel» pronto para levantar voo amanhã - a tecnologia dos implantes deve ser testada nos seres humanos)⁵⁷.

. «Applied Digital Solutions is running a special promotion, urging Americans to 'get chipped'. (The first 100000 people to sign up will receive a \$50 discount»> (A Applied Digital Solutions está a fazer uma promoção especial, para convencer os Americanos a receberem um implante com um *microchip*.) (Os primeiros 100.000 aderentes beneficiarão de um desconto de 50 dólares.)⁵⁸

. «Presenting a microchip that can be either implanted in or closely bonded to the body. \$200 billion market expected» (Apresentação de um *microchip* que pode ser implantado ou ligado ao corpo. Espera-se um mercado de 200 mil milhões de dólares.)⁵⁹

. «Experiências em seres humanos com a tecnologia Angel Digital Beta. A partir de 15 de Julho de 2001, a Applied Digital Solutions começará a ensaiar em seres humanos implantes tecnológicos capazes de permitir aos seus utilizadores emitir luz pesquisadora, e que tem funções vitais no corpo que supervisionam e confirmam a identidade nas transacções de comércio electrónico⁶⁰.»

. «A Unidade da Angel Digital da Applied Digital Solutions aprovou um programa-piloto que durará um ano para controlar em directo os presos em liberdade condicional no condado de Los Angeles», Applied Digital Solutions, Inc., 7 de Novembro de 2001.

. «Implante Electronic Tag Can Track Terrorist Suspects» (Etiqueta electrónica implantada pode controar suspeitos de terrorismo).

. Um pequeno *chip*, implantado debaixo da pele, que pode indicar a localização de suspeitos de actividades terroristas; o mecanismo *Big Brother* levanta graves questões no que respeita às liberdades cívicas, dado que os governos podem usá-lo para controlar pessoas inocentes. *American Free Press*, 21 de Setembro de 2001.

. «Um professor disposto a ligar um *chip* no seu sistema nervoso, conduzindo-nos um passo mais no caminho da conversão num *cyborg* - parte humano, parte computador - implantando um *chip* de silicone que comunica com o seu cérebro» (CNN, 7 de Dezembro de 2004).

. «*Injectable Chip opens door to 'human bar code*» (*Chip* injectável abre a porta a código de barras humano). *Electronic Engineering Times*, 7 de Janeiro de 2002.

. «Holland to catalogue its population under 'citizen service number'» (Holanda cataloga a sua população mediante plano de «número de serviço do cidadão»). (Dmeurope.com, 24 de Maio de 2004)

. «US Company Launches Sale of Microchip in México That Can Be Implanted in People» (Empresa norte-americana põe à venda no México um *microchip* que pode ser implantado em pessoas).⁶¹

. Em 14 de Fevereiro de 2003, a Digital Angel Corporation anunciou que recebeu duas encomendas para a compra de 6000 dos seus GPS pessoais Digital Angel, unidades móveis de conectividade, do seu distribuidor exclusivo no México, Corporativo S.C.M. d/b/a Guardian Digital. Evitou firmemente afirmar que os *microchips* seriam implantados em forças policiais e de segurança mexicanas.

. «Barcoding humans - The era of implanting chips is up on Us» (Códigos de Barras em seres humanos - está a chegar a era em que as pessoas receberão implantes de *chips* identificadores). «o processo indolor nem durou 15 minutos. No seu consultório no Sul da Florida, o Dr. Harvey Kleiner aplicou uma anestesia local sobre o triceps do meu braço direito e depois espetou uma agulha grossa bem fundo»⁶².

. «Chipping Kids: Girl to get tracker implant to ease parents's fears» (Crianças com *chips* no corpo: Menina recebe implante para acalmar receios dos pais)⁶³.

. «911 Gives Green Light for Chip Implants» (911 dá luz verde para implantes de *Chips*)⁶⁴.

. «The police will get the power to 'stop and scan' suspects for biometric data under the proposals» (A polícia terá o poder de 'mandar parar e examinar' os suspeitos para recolher dados biométricos). «O Governo terá de desenvolver uma gigantesca base de dados computadorizada para os cartões, os quais deverão assegurar o acesso a uma gama de serviços públicos, como o NHS (Serviço Nacional de Saúde) e os benefícios sociais. A base irá chamar-se National Identity Register e conterá pormenores dos 60 milhões de pessoas que vivem no Reino Unido⁶⁵.»

As minhas conclusões

Caro leitor, daquilo que leu neste livro, poderá parecer, àqueles que porventura acreditarão que existe uma migalha de verdade naquilo que afirmo, que tudo está perdido, que se trata apenas de uma questão de tempo, até sermos escravizados e enviados para um campo de concentração

Contudo, isto está longe de ser a realidade. O movimento para nos livrarmos das garras opressoras da Nova Ordem Mundial toma-se mais forte a cada dia que passa. Eu não estou sozinho. Se fosse o único, ou houvesse apenas um punhado como eu, a Nova Ordem Mundial já nos teria destruído há muito. Não o fizeram e nunca conseguirão fazê-lo. Os planos mundialistas de uma Conquista Total e Escravidão Total deparam-se com uma enorme resistência. Em 1996, tentaram destruir o Canadá, como o leitor viu ao longo dos capítulos, reunindo os restos dos Estados Unidos e do Canadá num enorme Estado norte-americano. Impedimo-los. A estupefacção unânime e revolta pública de todo o Canadá fizeram os globalistas alterar a data planeada da destruição para o ano 2000. O que não se concretizou. Os Canadianos não lhes deram tréguas. Estamos agora no ano de 2005 e o Clube Bilderberg prevê a desintegração do Canadá no ano de 2007. Mas espera-os uma decepção, uma vez mais.

Em França e nos Países Baixos, os membros sagrados da Comunidade Europeia, os cidadãos repeliram de forma desassombrada a Constituição Europeia, um passo mais para a criação do Governo Mundial. A Inglaterra é o farol da esperança de todos nós, europeus livres. Por violentamente que os elementos do Clube Bilderberg, os políticos, os jornais e as grandes empresas britânicas tenham vindo a empurrar a Inglaterra na direcção de uma Comunidade Europeia, referendo após referendo, sondagem após sondagem, o país mostra claramente que não deseja fazer parte da ameaça mundial invasora. O reino do absurdo levou mesmo o primeiro-ministro escravizado da Grã-Bretanha, Tony Blair, a declarar publicamente que «é patriótico entregar a independência»!

Nos Estados Unidos, as notícias são ainda piores, para os elementos do Clube Bilderberg. Essencial para a destruição dos Estados Unidos é a iniciativa conduzida pelos membros do Clube Bilderberg que visa o desarmamento do povo americano, algo que está em total desacordo com a Constituição norte-americana e a Declaração dos Direitos, que concede aos cidadãos dos Estados Unidos o direito a possuir armas. Sem resistência armada, será muito fácil prender e matar aqueles que se oponham aos planos orquestrados pelos membros do Clube Bilderberg para a criação de um Estado Mundial. Isto pode parecer um oxímoro. O objectivo, dirá o leitor, não é viver num mundo isento de violência? Não quando os

elementos do Clube Bilderberg pretendem escravizar todo o mundo, como demonstrei à saciedade ao longo do livro. A nossa esperança reside nas milícias norte-americanas. Sim, é verdade. Rockefeller afirmou há uns anos que a oportunidade para a criação de uma Nova Ordem Mundial não duraria muito tempo. E ele devia saber do que falava. O que ele queria dizer era que convencer o mundo a entregar a sua liberdade através de meios pacíficos tornava-se cada vez mais difícil, pois a cada dia que passava havia milhares de pessoas que despertavam para a ameaça terrível do Estado Mundial. Se os elementos do Clube Bilderberg não conseguirem instaurar o governo mundial através de meios pacíficos, lutarão para o conquistar pela violência. É por isso que as milícias norte-americanas e canadianas são a nossa esperança de salvação! Enquanto estes homens e mulheres corajosos se mostrarem dispostos a defender os direitos que lhes foram concedidos pelos seus antepassados, enquanto se mostrarem dispostos a morrer por essa liberdade preciosa, esta- remos a salvo. Uma estimativa prudente do número de integrantes das milícias e seus seguidores situa-se na ordem dos milhões, segundo um estudo secreto conduzido pelo Governo norte-americano e que nos foi imediata e devidamente comunicado, a nós, patriotas que lutam contra esta ameaça mundial.

Os elementos do Clube Bilderberg tinham planeado inicialmente ter o Estado Mundial instaurado no ano 2000. Agora, em 2005, lutam cada vez em mais frentes contra uma população não disposta a desistir do seu direito fundamental a ser livre. O Canadá ainda não foi subjugado, nem a Inglaterra. Embora o presidente dos Estados Unidos, a maioria da sua equipa e uma grande parte do poder legislativo se encontrem nas mãos dos membros do Clube Bilderberg, nunca encontraram tanta resistência fora do seu círculo! A oportunidade de resolver a questão pacificamente está a esgotar-se. E os elementos do Clube Bilderberg temem um confronto violento porque nós somos milhões, com GRANDES armas, do lado oposto ao deles! É por essa razão que pretendem desarmar as milícias.

Estão desesperados. Agentes secretos, divisões do exército, forças policiais - a todos está a ser perguntado secretamente se, em caso de confronto armado, ou seja, GUERRA CIVIL, eles, os responsáveis que juraram proteger os seus concidadãos, estarão dispostos a disparar contra estes. A maioria deles não estará, pois, entre os concidadãos que lutam pelo direito à liberdade, contam-se os seus familiares e amigos, amigos de amigos e familiares de amigos. Portanto, os membros do Clube Bilderberg recorreram à sua arma secreta: o seu representante de emergência e lacão que se tomou o realizador Michael Moore. Moore não está do nosso lado; é um deles. O seu filme sobre a Associação Nacional do Rifle, *Bowling for Columbine*, é uma paródia de justiça. Se fosse um verdadeiro herói americano, Michael Moore teria defendido as milícias e a Associação do Rifle. As armas não matam. Os membros do Clube Bilderberg, sim.

Encostem o ouvido ao chão. Ouçam a insatisfação genuína. As cidades mergulhadas em criminalidade, em prostituição e drogas. O suicídio nunca foi tão elevado. O comportamento desviante é louvado como arte da Nova Era. Mas os elementos do Clube Bilderberg nunca estiveram em tão maus lençóis. Não estamos sós, e nada está perdido! Vão à Internet, a qualquer dos motores de busca. Digitem ECHELON, BILDERBERG, HAARP, AREA 51, NEW WORLD ORDER. Há dezenas de milhões de sítios dedicados a estes assuntos. O que significa que existem dezenas de milhões de pessoas contra a Nova Ordem Mundial. Loucos, dizem eles Teorias da conspiração! A maioria das páginas, na verdade, não passa de uma repetição de material já publicado. Mas contemo-los, em números, como

peçoas que se opõem aos planos conduzidos pelos membros do Clube Bilderberg para a Escravidão Mundial. É por isso que estes números são tão importantes. Temos milhões, dezenas de milhões de aliados, entre as pessoas comuns. Mas não é tudo. Temos espiões em todo o lado. A maioria das pessoas associadas ao Clube Bilderberg em segundo ou terceiro nível são os nossos olhos e ouvidos. A maioria dos agentes secretos e dos serviços secretos de segundo ou terceiro nível, como o MI6, CIA, FBI, RCMP, CNI, KGB, também está do nosso lado. Sabemos o que os membros do Clube Bilderberg pensam e o que andam a tramar. É por isso que, por medidas extraordinárias que tomem no sentido de se protegerem e esconderem a informação incriminadora atrás de um véu de segredo, **NÓS SABEREMOS IMEDIATAMENTE O QUE ANDAM A TRAMAR!** E eles sabem-no e não conseguem impedi-lo.

Caro leitor, a situação é extremamente grave. Tivemos de combater um esforço conjunto de algumas das pessoas mais brilhantes da História do mundo com o intuito de nos possuir, a uma escala mundial. Mas a vontade humana é imortal. Os ditadores mataram milhões de pessoas e, ainda assim, há sempre quem lute e reconquiste a liberdade. Durante os últimos 200 anos, desde a criação dos Illuminati no ano de 1776, os mais poderosos do mundo andaram a engendrar a nossa ruína. Controlam a União Europeia, as Nações Unidas, o Governo norte-americano, todas as principais instituições bancárias do mundo...

O facto de o Clube Bilderberg, uma organização secreta que conta, em cada reunião anual, com 120 convidados, entre os quais todos os presidentes europeus, norte-americanos e canadianos, todos os comissários europeus, os principais banqueiros europeus, o presidente do FMI, do Banco Mundial, do Banco Central Europeu, do secretário-geral da NATO é estatisticamente impossível numa sociedade que consiste em quase 1000 milhões de pessoas.

A liberdade agita o coração humano, e o medo imobiliza-o. Entre a cacofonia ensurdecidora do silêncio patriótico, as vozes revoltosas exigem atenção. A democracia tem a sua base moral na verdade, na tolerância, na liberdade e no respeito pela dignidade humana. Os membros do Clube Bilderberg desprezam o patriotismo porque este é a antítese da servidão.

Mas isso não basta. As políticas do Clube Bilderberg têm de ser aplicadas na sociedade civil e nas instituições em que se infiltraram: pequenas cidades e vilas, escolas do ensino básico, organizações culturais, grupos de jovens, associações profissionais. Isto não pode ser feito por partidos que não passam de máquinas eleitorais. A moral humana deve estar na base da segurança mundial e o impulso para esta nova moral tem de emanar de agentes não públicos.

Tem de haver um *movimento*, através da sociedade e na política, baseado na cooperação entre partidos progressistas, organizações da sociedade civil e a camada intelectual de cada país. Isto será um trabalho de grande fôlego. O mundialismo é uma ameaça *histórica*. Visa destruir a herança do Patriotismo e da própria modernidade. Só pode ser combatido exaustivamente, sem atalhos.

Através de mentiras e obscurecimentos, a Nova Ordem Mundial introduziu fraudulentamente junto da população mundial um governo único totalitário e mundial, uma moeda única mundial e uma religião universal sincrética.

Numa sociedade que se desintegra gradualmente, há uns quantos elementos que podem sublinhar aquilo que partilhamos, aquilo que temos em comum, e fazê-lo directamente, com intensidade dramática. A dignidade humana e a diversidade cultural, que são imediatamente compreendidas em toda a parte e não necessitam

de tradução, constituem um dos aspectos mais valiosos da tradição universal. Merecem que lhes dêmos todo o nosso apoio possível. Merecem que lutemos e morramos por elas.

ANEXO I - Conferências do Clube Bilderberg

TURNBURY, ESCÓCIA, 14-17 DE MAIO DE 1998*

Foram registadas as seguintes conversas mantidas entre delegados do Clube Bilderberg nas conferências da Escócia e divulgadas em primeira mão por James P. Tucker Jr. num semanário independente condenado pelos tribunais, a revista *Spotlight*, em Maio de 1998. As conversas havidas em Toronto, no Canadá, em 1996, e em Sintra, Portugal, em 1999, foram noticiadas pelo autor do presente livro. Constituem uma oportunidade única para compreender como o Clube Bilderberg consegue alcançar o consenso na tomada de decisões sensíveis.

[Havia muita discussão e optimismo entre os participantes do Clube Bilderberg em relação à reunião das Nações Unidas em Roma, para esboçar um tratado que estabelecesse a criação de um Tribunal Penal Internacional. Diversamente do actual Tribunal Mundial, o Tribunal Penal Internacional terá poder para fazer cumprir a lei e poderá impor as suas decisões universalmente.]**

DELEGADO EUROPEU - «OS nacionalistas americanos dificultarão a missão dos elementos do Clube Bilderberg relativamente ao tratado sobre o tribunal?»

DELEGADO AMERICANO - «Creio que não», respondeu um americano, segundo se crê, não identificado inequivocamente como Casimer Yost, director do Instituto para o Estudo da Diplomacia, Escola de Serviço Estrangeiro, na Universidade de Georgetown, em Washington.

O americano sublinhou que, em 1994, o Senado americano votara 55-45 para encorajar a criação do TPI sob os auspícios das Nações Unidas. O Senado fê-lo, disse ele, sabendo perfeitamente que o tribunal mundial, com juízes oriundos da China (Vermelha) e outros Estados-pária, poderá julgar os Estados Unidos e os seus cidadãos individualmente.

DELEGADO AMERICANO - «Houve algumas objecções colocadas pelo povo americano, mas não muitas. A maioria das pessoas não sabe nada sobre o assunto, e provavelmente nunca saberá.»

DELEGADO EUROPEU - «A menos que uma delas seja mandada para a prisão pelo TPI!»

DELEGADO AMERICANO - «Pois, creio que assim saberia!»

* Publicado por James P. Tucker Jr.

** Os textos entre parêntesis rectos são da responsabilidade do autor.

[Esta troca de impressões fez-se em tom jocoso e desdenhoso.]

O congresso contraria

[Os participantes do Clube Bilderberg estavam claramente a afirmar que as Nações Unidas deveriam constituir-se como um governo mundial com o seu próprio exército a patrulhar o mundo e a cumprir a sua vontade. As luminárias do Bilderberg exprimiram a sua indignação quando o Congresso dos Estados Unidos não aprovou a concessão de 18 mil milhões de dólares ao Fundo Monetário Internacional para resgatar os grandes bancos, um ano antes.]

DELEGADO EUROPEU - «Como podem permitir que o vosso Congresso saia tanto do vosso controlo?», perguntou um francês a um americano durante um beberete informal. «Nunca tinha colocado entraves.»

DELEGADO AMERICANO - «o nosso Congresso tem um problema chamado eleitores», foi a resposta.

DELEGADO EUROPEU - «Isso é porque temos menos comunicação directa», disse o francês.

DELEGADO EUROPEU - «Os líderes do vosso Congresso já não aceitam os nossos convites para as reuniões do Clube Bilderberg.»

DELEGADO AMERICANO - «Novamente, o problema são os eleitores. Durante anos e anos, gozámos de privacidade quase total. Agora, os extremistas da direita agitam os eleitores e os congressistas recebem muitas perguntas deles.»

IDurante décadas, líderes do Congresso como o antigo porta-voz da Câmara dos Representantes, Tom Foley (democrata, Washington), o antigo presidente do Banco do Senado, Uoyd Bentsen (democrata, Texas) e outros compareciam nas reuniões dos Bilderberg. Bentsen continuou como secretário do Tesouro de Bill Clinton, mas não figurava entre os participantes desse ano.

Nos últimos anos, os únicos legisladores que participaram foram o senador Sam Nunn (democrata, Geórgia) e um membro da Câmara dos Representantes, mas só depois de terem anunciado as respectivas reformas.]

DELEGADO EUROPEU - «Precisamos que eles regressem, como demonstra o problema do FMI», disse o francês.

Os participantes Bilderberg revelam impaciência pelo alargamento da NATO

[O caminho mais curto para a paz permanente é convencer todos a incluir a Rússia, tão rapidamente quanto os procedimentos o permitam», afirmou um orador europeu cujo comentário mereceu a aprovação geral.

Colocou-se a questão dos custos.

«Custos, perguntam?», respondeu o orador. «Quanto custaram duas guerras mundiais, a da Coreia, a do Vietname e a do Golfo aos Americanos? A paz é muito menos dispendiosa.»

Para se assegurar «a paz permanente em todo o mundo é necessário um mecanismo forte de implementação da lei, o que significa continuar a manter a NATO alargada intacta mas sob direcção das Nações Unidas, para o que existe um precedente a que ninguém, com excepção dos nacionalistas ferrenhos, colocará objecções», disse o orador.

O «precedente» referido foi a presença de militares das Nações Unidas na Bósnia, onde os soldados americanos usaram fardas das Nações Unidas e obedeceram às ordens de comandantes estrangeiros que prestavam contas directamente ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, sendo que o presidente norte-americano e o Congresso não desempenhavam aí qualquer papel.]

KING CITY, TORONTO, CANADA, 30 DE MAIO-1 DE JUNHO DE 1996*

Sobre a disputa entre a Grécia e a Turquia a respeito de Chipre

[A elite mundialista planeava uma guerra balcânica que se transformaria no «Vietname dos anos 90»; e, se não conseguissem desencadear tal guerra inflamando os Sérvios através do uso dos «esquadrões de rapto» da NATO para prender suspeitos de crimes de guerra para serem julgados em Haia, o plano alternativo consistia em utilizar o Kosovo como rastilho para incendiar um conflito regional que acabaria por arrastar a Federação Jugoslava, a Bósnia, a Rússia, a Grécia, a Turquia, a Albânia, a Macedónia, as potências militares da Europa Ocidental, os Estados Unidos, e, por extensão - enquanto aliados da Turquia e da Grécia - Israel e a Síria.]

DELEGADO EUROPEU 1 - «Os Russos estão a preparar a entrega de mísseis aos Cipriotas Gregos.»

DELEGADO EUROPEU 2 - «Essa é uma boa forma de criar um conflito entre a Turquia e a Grécia [por causa de Chipre], e de fazer alastrar a guerra [para a zona dos Balcãs] a partir daí.»

DELEGADO AMERICANO - «Podemos fazer o general [nome não compreendido, de um general russo] antecipar a entrega para Agosto deste ano?»

DELEGADO EUROPEU 1 - *[rindo]* «Este não é um bom Verão para planear as férias nas ilhas gregas!»

DELEGADO AMERICANO - «Nem se pense em conseguir a ajuda da Força Aérea grega, se se estiver em Chipre - eles mal conseguem transportar combustível suficiente para chegar à ilha, sobrevoá-la e regressar em segurança às suas bases continentais!»

* Publicado por Daniel Estulin.

DELEGADO EUROPEU 3 - «Pangalos [ministro grego dos Negócios Estrangeiros, Theodoros Pangalos] tem andado a cuspir insultos a estes tipos [aos Turcos] há tanto tempo que não me surpreenderia nada se eles [os Turcos] aproveitassem a oportunidade que isto lhes dá de se vingarem.»

[Theodoros Pangalos, ministro grego dos Negócios Estrangeiros, participou na Conferência Bilderberg de Toronto, no Canadá, em 1996, e parece que a sua política de insultar e ofender publicamente os Turcos começou realmente a sério após essa data. Ter-lhe-iam dito nessa conferência que a exacerbação das tensões entre os dois países através dessas declarações regulares e grosseiras seria uma das suas principais responsabilidades futuras?]

Nova conversa sobre o contrato de mísseis russos e os israelitas

DELEGADO AMERICANO - «Os Russos estão prestes a assinar um acordo de mais de 300 milhões de dólares para fornecer mísseis 5300 também aos Sírios.»

DELEGADO AMERICANO 2 - «Temos de ter cuidado com isso.

Uma vez instalados, não reconhecerão a superioridade aérea israelita na região, exactamente do mesmo modo que acontecerá com a sua instalação em Chipre, no que diz respeito aos Turcos.»

DELEGADO EUROPEU - «Pasuvalyuk [vice-primeiro-ministro russo Victor Posavalyuk, iria a Israel em visita de trabalho, a 18 de Maio] vai ouvir das boas dos Israelitas.»

DELEGADO AMERICANO 2 - «É pouco provável que os Russos se deixem convencer por isto.»

Entrada da Turquia na União Europeia

DELEGADO CANADIANO, que se julga ser Conrad Black, mas não foi identificado inequivocamente - «Os Turcos estão completamente lixados com os adiamentos da discussão da questão [referência à última recusa da União Europeia de os admitir].»

DELEGADO AMERICANO - «Os Gregos podem muito bem ter feito planos de emergência para fazer raides aéreos militares com F16 a partir de bases aéreas sírias [na eventualidade de os Turcos conseguirem destruir as instalações de mísseis 5300 cipriotas num ataque aéreo arrasador].»

DELEGADO BRITÂNICO - «Os políticos gregos são uma classe famosamente corrupta.»

DELEGADO AMERICANO - «Apostava que eles estão desejosos de lançar o medo de uma guerra com a Turquia para desviar a atenção interna da sua própria má gestão económica e incompetência geral.»

[Este refinamento do conflito sem dúvida agrada ainda mais aos membros do Clube Bilderberg, uma vez que, não apenas ataca um Estado cristão ortodoxo contra um Estado tecnicamente secular mas muçulmano, como também arrasta os Acabes e os Israelitas, por omissão, para papéis secundários inimigos.

Provocação do Exército Jugoslavo colocando um contingente pequeno e inadequadamente armado da NATO na fronteira entre a Jugoslávia e a Albânia.]

DELEGADO CANADIANO - «O Jean [Jean Chrétien, primeiro-ministro canadiano] ofereceu-se para ajudar.»

DELEGADO AMERICANO - «O Mitchell (Mitchell Sharp, membro sénior da Comissão Trilateral] pensa que se conseguirmos que as Nações Unidas peçam ajuda, o Governo canadiano não terá outra 'escolha' senão aceitar»

DELEGADO AMERICANO 2 - «Temos de agir com enorme cautela. Esta coisa pode explodir-nos na cara.» DELEGADO CANADIANO - «Vou passar palavra ao primeiro-ministro através dos nossos canais para o fazer visitar as tropas [1200 soldados estacionados na Bósnia] e, depois, anunciar a promessa do Canadá em mantê-las no local após a actual comissão ter expirado, a 1 de Julho.»

Impostos mundiais

DELEGADO PORTUGUÊS - «O Vito é bom rapaz.»

REPRESENTANTE DE UMA COMUNIDADE INTERNACIONAL - «Isto [a proposta de criação de impostos mundiais] foi oficialmente agendado para 13 de Maio, no Centro Interamericano [32.ª Assembleia Geral do Centro Interamericano para a Administração Fiscal em S. Paulo, no Brasil, por Vito Tanzt, especialista em assuntos fiscais e director do FMI].»

DELEGADO AMERICANO - «Penso que *isso* [referindo-se ao facto de Tanzt ter proposto a criação de uma Organização Mundial dos Impostos no prazo de dez anos com, entre outras coisas, poder para reter «Um imposto de 20 % na fonte» sobre todas as transferências internacionais] e a ideia de Paul Martin podem fazer andar esta coisa bastante bem [recomendações públicas do ministro das Finanças canadiano, Paul Martin, de que fosse dado ao FMI mais poder sobre as economias nacionais individuais].»

SINTRA, PORTUGAL, 3-6 JUNHO DE 1999*

Guerra no Kosovo

DELEGADO EUROPEU, supostamente Dominique Molsi, vice-director do IFRI (Instituto Francês de Relações Internacionais)

- «Foi um erro deixar acontecer a guerra no Kosovo. Destruímos a região que tentávamos salvar apenas para evitarmos nós próprios sofrer baixas. Duvido que possa ser restabelecida a estabilidade na região sem um investimento considerável- talvez até aos 50 mil milhões de dólares.»

DELEGADO BRITÂNICO - «Pergunto-me se a aliança poderia permanecer unida, após o final das hostilidades. Haverá pouco entusiasmo popular pela

* Publicado por Daniel Estulin.

atribuição de recursos consideráveis à resolução dos problemas gigantescos da região.»

DELEGADO AMERICANO, supostamente Charles G. Boyd, director executivo, Grupo de Estudo da Segurança Nacional, EUA- «Uma guerra que conduz à destruição da região que se destinava a salvar não pode ser considerada um triunfo da diplomacia. Teria sido melhor aproveitar o acordo de Setembro último entre os negociadores e Milosevic. Permitimos que a ordem de trabalhos fosse determinada por grupos internos de pressão, tornando difícil o final da guerra. E estabelecemos um princípio que o resto do mundo não aceita.»

DELEGADO DINAMARQUÊS, identificado inequivocamente como Toger Seidenfaden, editor-chefe de *Politiken* - «Isto incluía o ressentimento sentido na Rússia - combinado com um sentimento de que a Rússia tem carta branca para intervir na Chechénia - e a possibilidade de o próximo regime da Sérvia ser ainda pior.»

DELEGADO EUROPEU, supostamente Dominique Molsi, vice-director do IFRI - «Em 1995, fora prometido ao povo americano que as suas tropas só permaneceriam um ano na Bósnia - e ainda lá estão, cinco anos depois. Podem ficar facilmente um quarto de século no Kosovo.»

DELEGADO BRITÂNICO - «O Kosovo é agora uma terra devastada, um desastre humanitário comparável ao Camboja; a região à sua volta foi profundamente desestabilizada e a Sérvia corre o risco de implodir.»

DELEGADO EUROPEU, supostamente Dominique Molsi, vice- -director do IFRI - «Não podemos resolver o problema dos Balcãs sem a ajuda da Sérvia, que obscurece a região de modo muito semelhante àquele em que a Alemanha obscurece a Europa.»

DELEGADO BRITANICO - Os problemas de manutenção da paz vão ser enormes. A guerra está longe de estar terminada, nas cabeças dos que nela participaram. Desarmar o KLA (Exército de Libertação do Kosovo] será praticamente impossível.»

Impactes sociais e políticos dos recentes acontecimentos económicos sobre os mercados emergentes

[Um dos primeiros temas da discussão era o destino da globalização enquanto ideologia. O problema da Rússia suscitou muitos comentários. Registou-se um consenso geral relativamente à razão por que os países consideram difícil a transição para a economia de mercado. Não se prende muito com razões ideológicas - a ideologia contrária ao mercado está a desaparecer em grande parte do mundo e desapareceu quase por completo na América Latina - mas com falta de competência, especialmente na criação de um sistema financeiro e jurídico que funcione. Entre os delegados, alguns defendiam a ideia de que o Ocidente tinha o direito de exigir padrões mais elevados.]

DELEGADO SUECO, que se crê ser Percy Barnevik - «A con- fiança é a chave. Na maioria dos países, há muito capital privado disponível. Mas ninguém investirá o seu capital se não tiver confiança no quadro institucional dos países nos quais estão a investir.»

DELEGADO FRANCÊS - «O Ocidente tem grande responsabilidade pela situação da Rússia. Encorajou a Rússia a saltar para um sistema de mercado livre a que a Europa Ocidental levou quarenta anos a adaptar-se. Talvez devêssemos reconhecer que não precisamos de um mundo perfeito para fazermos bons negócios.»

DELEGADO SUECO, que se crê ser Percy Bamevik - «A maior parte do dinheiro enviado à Rússia foi esbanjado. O estado da indústria do caryão, por exemplo, não constitui principalmente um problema social, mas um problema de crime organizado.»

DELEGADO AMERICANO - «Haverá alguma altura em que o Ocidente decida deixar de emprestar dinheiro à Rússia.»

DELEGADO FRANCÊS - «O Ocidente já disse basta, em Agosto de 1998; mas o Ocidente tem um interesse contínuo em atar a Rússia ao sistema financeiro internacional.»

DELEGADO FINLANDÊS, identificado indubitavelmente como Matti Vanhala, presidente do conselho de administração do Banco da Finlândia - «Tem constituído prática corrente na comunidade académica, já há anos, tomar em consideração factores sociais e políticos.

DELEGADO SUECO, que se crê ser Tom C. Hedelius, presidente da Svenska Handelsbanken - «Na minha profissão, o estado do sistema legal constituía simplesmente parte do risco do crédito.»

A política externa russa

[A reunião realizou-se quando as relações entre a Rússia e o Ocidente estavam muito tensas devido ao conflito no Kosovo. Todos estavam de acordo sobre o facto de que ocupar-se da Rússia pressupunha enormes problemas. A sua política externa é errática, reflexo das suas dificuldades no momento de adaptar-se à perda do seu estatuto de superpotência; certamente, já não existe uma política externa russa, apenas políticas de grupos políticos rivais e blocos regionais. Um grupo de participantes exprimiu um certo optimismo, indicando que algumas reformas funcionam e que as relações com a União Europeia são melhores que com os Estados Unidos. Mas ninguém acreditava que «o problema russo» fosse resolver-se num futuro imediato.]

ANEXO II - A sombra do governo mundial

As minhas reportagens, exclusivos mundiais, de Stresa, Itália, 2004, e Rottach-Egem, Alemanha, 2005, sobre o conteúdo da reunião do Clube Bilderberg.

GRAND HOTEL DES ILES BORROMÉES,
STRESA, MILÃO, ITALIA, 3-6 DE JUNHO

Dado os tumultuosos acontecimentos no Médio Oriente e as graves tensões nas relações franco-americanas, seria de esperar que os acontecimentos em Stresa, onde uma manada de oficiais americanos e europeus reunidos com os presidentes e os conselheiros-delegados do mundo financeiro e empresarial atraíram uma considerável atenção dos meios de comunicação. Todavia, enquanto Bilderberg 2004 era uma reunião extraordinária da elite mundial, passou quase despercebido, com apenas meia palavra nos principais jornais do mundo.

No histórico Grand Hotel Des Iles Borromées, os indivíduos que estão à frente das principais empresas petrolíferas e financeiras do mundo marcaram encontro durante quatro dias, de forma totalmente hermética, com os líderes políticos eleitos e os proprietários dos principais meios de comunicação.

Que continha a agenda de Bilderberg em 2004?

A zona de comércio livre

Um dos principais assuntos da reunião de Bilderberg em 2004 estava relacionado com a iniciativa da ampliação da zona americana de comércio livre. A Zona de Livre Comércio das Américas, moldada segundo o padrão da CE, tornar-se-á lei e incluirá completamente o Hemisfério Ocidental, com excepção de Cuba até que Fidel Castro morra.

A criação de uma grande área económica americana esteve presente na política do Clube Bilderberg desde os anos 70. O primeiro passo foi a criação do Tratado de Livre Comércio (TLC, ou NAFTA, nas siglas em inglês) entre os EUA, México e Canadá, pelo qual as três nações constituem uma união aduaneira à imagem e semelhança do que foi a Comunidade Económica Europeia durante as suas três primeiras décadas de existência. Uma vez alcançado o acordo, o então presidente norte-americano, Bill Clinton, pôs na sua agenda o que denominou Iniciativa pelas Américas, cujo fim era, nas palavras de Rockefeller, «constituir uma união económica que abarcasse do Alasca à Terra do Fogo».

O objectivo secreto de Bilderberg é o de unir os países através de intrincados tratados económicos como o GATT e o TLC (este último promovido pelo US Business Roundtable conjuntamente com os seus homólogos canadianos do Business Council on National Issues).

O GATT, o acordo mais ambicioso do comércio livre da História, destrói subtilmente as economias nacionais submetendo-as aos imperativos do comércio mundial e ao controlo da elite plutocrata.

Com o GATT, por exemplo, os Estados-membros não podem aplicar multas ou impostos sobre os bens importados, mesmo que tenham sido produzidos sob condições desesperadas de trabalho escravo ou produzidas causando dano ao meio ambiente de terceiros países. Outro aspecto é que o preço do produto e o que «sabe» ou «deseja» o consumidor está desenhado pela elite empresarial cujos CEO e conselheiros-delegados fazem parte do ultra-secreto Clube Bilderberg.

Organizações como o GATT, OMC, 'Il..C podem ser vistas como protoministérios do Comércio, Finanças e Desenvolvimento para o mundo globalizado. Os assuntos internos de qualquer país livre e independente no passado estiveram «fora do alcance» da comunidade mundial. Agora, os princípios de «intervenção humanitária» que nos venderam os meios de comunicação mundiais controlados pelos bilderbergers estão a tornar-se realidade e a ganhar adeptos. Devemos ter em conta que organizações como a Associação Mundial de Federalistas estão há décadas a defender-nos como fundamento do futuro Governo Mundial. O presidente da Associação Mundial de Federalistas, John Anderson, participou como candidato à presidência americana em 1980 e é um dos fundadores da Comissão Trilateral, a irmã mais nova dos bilderbergers.

TRÊS MOEDAS UNIVERSAIS

Os bilderbergers já estão há algum tempo a apostar nas três moedas universais - o euro para a Europa, o dólar para a futura União das Américas e a outra moeda, ainda por determinar, para a União Pacífico-Asiática, que será um dos assuntos da reunião de Bilderberg em 2005. A possibilidade de que no mundo apenas existam três moedas - o dólar, o euro e o iene - foi avançada nas últimas décadas por vários teóricos monetários, como C. Fred Bergsten, um economista de Washington com estreitas relações com a Casa Branca, ou Victor Halberstadt, professor de Economia na Universidade de Leiden, ou Michael H. Armacost da Universidade de Stanford. Todos pertencem ao Bilderberg, à Comissão Trilateral (TC) ou ao Council on Foreign Relations (CFR), as três organizações secretas que controlam as alavancas da política mundial. Estes professores universitários consideravam que, inevitavelmente, o mundo acabaria dividido em três áreas monetárias como consequência de um processo natural de integração, planificado há vários anos pela elite globalista, em que os investimentos internacionais desempenhariam um importante papel catalisador.

No final da década de 90, o FMI tratou de passar da teoria à prática. A desculpa foi-lhe proporcionada pela crise financeira asiática de 1997, considerada por muitos como a primeira crise financeira global, que se viu reforçada pela crise da dívida da Rússia do Verão de 1998. No Outono deste ano, na assembleia anual conjunta do FMI e do Banco Mundial, ambos membros venerados de Bilderberg, o Fundo Monetário Internacional apresentou um documento sobre as crises financeiras internacionais no mundo da globalização e as vias para erradicá-las ou minimizar os seus efeitos, em que advogava pela criação de três grandes áreas monetárias em volta do dólar, do euro e do iene.

Coincidindo com as declarações públicas do FMI, Kenneth Clarke, anterior ministro das Finanças britânico, reconheceu na reunião do Clube Bilderberg de 1999 em Sintra que a consolidação das moedas é uma estratégia idónea para a comodidade administrativa da elite bancária e empresarial.

OS BRITÂNICOS E A CE

É o terceiro ano em que a aura de comunhão absoluta entre os bilderbergers europeus, britânicos e americanos foi dissolvida por tensões e hostilidades. Os bilderbergers, contudo, permanecem unidos nos seus planos de fortalecer a longo prazo o papel da Polícia Mundial que desempenha a ONU na regulação das relações e dos conflitos globais.

Além disso, na reunião de Stresa, em 2004, os britânicos foram severamente criticados por apoiarem a invasão do Iraque. Além disso, censurou-se-lhes com veemência por fracassarem ao adoptar o euro, apesar da promessa de Tony Blair de fazê-lo na reunião de 1998 de Bilderberg em Turnbury, Escócia. Os bilderbergers expressaram ainda o seu mal-estar e frustração pela crescente e insistente procura dos cidadãos ingleses de deixar a Comunidade Europeia, como obstáculo à sua consolidação como supra-Estado.

Os bilderbergers europeus disseram aos seus homólogos britânicos que tinham de perseverar na CE, apesar da crescente oposição interna.

De modo que não deve surpreender-nos que Tony Blair tenha nomeado o seu homem de confiança, Peter Mandelson, como próximo comissário europeu britânico. Como comissário, Mandelson «ajudará a preparar as minutas de propostas, a converter em lei as leis europeias» e representará um papel-chave na apresentação da nova e controversa Constituição Europeia. (Ou seja, Mandelson é um bilderberger, cuja verdadeira missão será promover a integração britânica na CE contra a vontade da grande maioria dos ingleses e a substituição da libra britânica pelo euro.)

Segundo a informação que o *EI Pais* divulga no dia 14 de Agosto de 2004, «José Manuel Durão Barroso mostrou grande capacidade na formação de uma equipa eficiente nas áreas de Concorrência, Mercado Interno, Comércio e Economia que ocuparão, respectivamente, a holandesa Neelie Kroes, o irlandês Charlie McCreevy, o britânico Peter Mandelson e o espanhol Joaquín Almunia».

Este diário sugeria também, no mesmo artigo, que Javier Solana estaria preparado para juntar-se à equipa de Barroso em 2007 como vice-presidente da Comissão Europeia.

Barroso, Solana, Almunia e Mandelson são bilderbergers. Prevejo que Kroes, considerada na Holanda a mulher mais poderosa, e o irlandês McCreevy ambos globalistas entusiastas, serão os convidados privilegiados na reunião do Clube Bilderberg em 2005.

A HARMONIZAÇÃO TRIBUTARIA

Segundo Cecilia Moretti, coordenadora da conferência Bilderberg em Stresa, que nos facilitou com tanto carinho a seguinte informação: «Este ano, fez-se sentir os Americanos culpados por não gastarem suficientes dólares dos obtidos nos seus impostos no mundo. Isto reflecte o compromisso singular dos bilderbergers europeus de envergonhar os Americanos pelo seu alto nível de vida em vez de elevar o nível do resto da população mundial até que todos sejam iguais no terreno mundial.»

Bilderberg quer a «harmonização tributária» para que os países com um alto nível de impostos possam competir com os países nos quais a tributação é muito menor - como é o caso dos Estados Unidos - pelos investimentos estrangeiros. Os bilderbergers têm como objectivo «harmonizar» a fiscalidade, forçando que o nível tributário nos EUA e noutros países se incremente para permitir que a taxa de 58 % na Suécia socialista seja «competitiva».

Com o controlo da opinião pública assegurado através dos meios de comunicação, a estratégia dos bilderbergers é criar tensões entre nações precavidas em quanto a não perder a identidade nacional, costumes e cultura, que conduzem a estados de guerra e hostilidades perpétuas que os amos utilizam para justificar medidas de emergência nacional nos tempos de paz e monstruosos orçamentos militares. Um dos principais objectivos do Clube Bilderberg consiste em maximizar os lucros industriais dos seus membros vendendo ao mesmo tempo as armas e a manteiga.

Aceites as petições dos bilderbergers europeus, a campanha nos meios de comunicação americanos para convencer os seus cidadãos a aceitar mais impostos pelo bem das Nações Unidas começará antes do Verão e prolongar-se-á até às eleições americanas em Novembro de 2004. Como todos os principais meios de comunicação fazem parte do Clube Bilderberg, não será muito complicado orquestrar a pressão mediática contra a cidadania.

A arma que se utilizou na reunião «impenetrável» detrás das portas fechadas e guardadas do Grand Hotel des Iles Borromées foi o relatório realizado pelo Centro para o Desenvolvimento Mundial. O seu «Compromisso para o Índice de Desenvolvimento» mede o comportamento dos principais 21 países ricos com os seus homólogos pobres e não desenvolvidos.

O Centro para o Desenvolvimento Mundial está dotado de funcionários, ex-banqueiros e globalistas e recebe a maioria dos seus membros da Fundação Rockefeller, do Citigroup, do Banco Mundial e da ONU. Tanto a Fundação Rockefeller como o Citigroup, o Banco Mundial e a ONU estão muito bem representados nas reuniões anuais dos bilderbergers.

O referido relatório saiu na recente edição da *Revista Política Exterior*, que a Fundação Carnegie, uma organização que sempre assiste às reuniões secretas do Clube Bilderberg, para a paz Internacional publica. Este ano, a Carnegie esteve representada em Stresa pelos americanos Jessica T. Mathews, a sua presidente, e Robert Kagan, associado sénior e editor do *The Weekly Standard* que, além do mais, é o director do Projecto do Novo Século Americano (*Project for New American Century* - PNAC). O objectivo final do PNAC é estabelecer o império universal americano para poder vergar a vontade de todas as nações.

Ao longo do tempo, segundo Rockefeller, os meios empresariais cooperaram com este «plano para o mundo» com a «discrição» do silêncio público, pelo que lhes está muito grato: «Teria sido impossível desenvolvermos um plano para o mundo se tivéssemos estado submetidos às luzes da publicidade durante todos estes anos.»

Estas são as palavras arrepiantes para aqueles de nós que amamos a democracia e o nosso país. Contudo, quantos há que se preocupem com estas trivialidades?

David Rockefeller é o cérebro do Chase Manhattan, o banco norte-americano que está disposto, de forma sub-reptícia, a utilizar o poderio de 350 mil milhões de dólares para fins políticos. Um memorando do Chase, objecto de fuga de informação, demonstra que eles utilizaram o endividamento mexicano para persuadir o governo a «eliminar» os zapatistas em vez de negociar com eles.

O Chase Manhattan Bank despediu Riordan Roett, o autor do famoso memorando de 13 de Janeiro de 1995, que continha este alarmante parágrafo: «Ainda que Chiapas, em nossa opinião, não pressuponha uma ameaça fundamental para a estabilidade política do México, muitos no seio da comunidade financeira sentem que sim. O governo precisará de eliminar os zapatistas para poder demonstrar o seu controlo eficaz do território nacional e da política de segurança.»

Desde o seu nascimento, os bilderbergers são ensinados a orientar-se para o poder e o enriquecimento, pedagogia pouco habitual no público em geral, que, pela sua natureza humana, tem bom coração: as pessoas que de forma alguma provocaria uma guerra sangrenta para tirar partido dela.

Transparência das contas bancárias e cartões de crédito

Uma parte da agenda do Clube Bilderberg clama pela «transparência» das contas bancárias e cartões de crédito e a sua vinculação a uma agência da ONU ainda por determinar. Esta «transparência» suporia que um organismo internacional, com um simples pressionar do botão do computador, poderia examinar as nossas contas bancárias, cartões de crédito e qualquer outra informação financeira. As finanças também teriam acesso directo a esta informação.

Em Fevereiro de 2004, Larry Ellison, presidente da Oracle e membro do Bilderberg, visitou a Espanha. Numa conferência em Madrid propugnou pela implantação de um sistema em que estava a trabalhar a sua companhia juntamente com a CIA e o FBI) para criar uma base de dados, primeiro a nível nacional nos Estados Unidos, e posteriormente à escala planetária, para incluir nela todos os dados de qualquer pessoa, desde o seu número de passaporte ou da Segurança Social até às suas referências bancárias, etc.

Economias internacionais

A agenda das reuniões cobre os assuntos considerados de interesse vital para a segurança estratégica e económica do mundo ocidental.

A ênfase dos bilderbergers na economia internacional não é completamente desinteressada. O problema recente para os países pobres endividados, em dólares, é que a subida das taxas de juro nos Estados Unidos encarece o pagamento do capital e os juros destas dívidas, que estão contratadas maioritariamente a taxas variáveis. Além do mais, o novo financiamento externo que consigam faz-se a taxas mais elevadas que no ano passado.

O FMI tem sido a via favorita dos bilderbergers para enviar arrepiantes quantidades de dinheiro, maioritariamente dos contribuintes americanos, para os países pobres, para que possam encarregar-se dos exagerados pagamentos de juros às principais entidades bancárias, cujos membros também fazem parte do Clube Bilderberg.

Em 1998, o Governo americano aprovou uma medida para fornecer 18 mil milhões de dólares ao FMI. Esta medida pressupõe, por inerência, «reformas» macroeconómicas na nação receptora (como a redução da inflação e do défice público, que permitem a queda das taxas de juro, a melhoria do funcionamento da economia e a possibilidade de enfrentar melhor a dívida externa), e acrescenta outras exigências «políticas» como a privatização de empresas públicas, a abertura dos seus mercados às empresas estrangeiras, etc., como modo de reduzir a soberania nacional, a pedra angular dos objectivos do Domínio Mundial de Bilderberg.

Imposto da ONU

Um assunto muito debatido foi o de impor aos cidadãos do mundo um imposto para a ONU através da fiscalidade das gasolinas. Será a primeira vez que uma agência não governamental beneficiará directamente da tributação dos cidadãos do mundo.

Como no caso do imposto sobre o rendimento nos EUA, um imposto da ONU seria tão pequeno que no início o consumidor mal se daria conta. Mas estabelecer a norma de que a ONU pode agravar directamente os cidadãos do mundo é imprescindível para os bilderbergers. É outro grande passo no sentido de estabelecer o Governo Mundial. Os bilderbergers sabem que promover publicamente um imposto a favor da ONU seria recebido com fúria. Contudo, a sua virtude é a paciência: propuseram pela primeira vez um imposto directo há muitos anos e actualmente celebram o facto de que já faz parte do diálogo público com pouca atenção ou preocupação por parte da cidadania.

Este ano, os bilderbergers ditarão artigos aos meios de comunicação mundial acerca de como «um cêntimo» pago nos postos de combustíveis alimentará os esfomeados do Terceiro Mundo, como o pão e os peixes do milagre de Cristo há dois mil anos.

DORINT SOFITEL SEEHOTEL ÜBERFAHRT,
ROTTACH-EGERN, MUNIQUE, BAVIERA, 5-8 DE MAIO

A reunião secreta anual do Clube Bilderberg determina muitos dos títulos de caixa alta e as notícias que irá ler, nos meses imediatos. Mas os meios de comunicação do sistema mais importantes escondem essa informação. Com excepção de meia dúzia de membros que são altos quadros da comunicação social que juraram manter o segredo, pouca gente ouviu falar deste clube secreto e exclusivo chamado Bilderberg.

As agências noticiosas mais conhecidas, que se afirmam de independentes nas investigações que fazem, curiosamente mostraram-se pouco dispostas a revelar um acontecimento de grande importância: a reunião anual secreta do

Clube Bilderberg, na qual participam as personagens mais poderosas do mundo das finanças, da indústria e da política.

O ano de 2005 foi mau para Bilderberg e o seu futuro apresenta-se pouco lisonjeiro. Os ingentes esforços para manter o segredo das reuniões em Rottach-Egern fracassaram estrepitosamente. A desgraça de Bilderberg é a glória do mundo livre, e a esperança de controlar as garras do poder no dealbar do novo milénio.

Embora seja certo que o Clube Bilderberg tenha perdido algum do seu antigo esplendor, celebra reuniões com o seu habitual secretismo, que faz com que a franco-maçonaria pareça uma brincadeira de crianças. O pessoal do hotel é fotografado e controlado de forma exaustiva. Dos porteiros aos gerentes, os empregados são avisados (sob a ameaça de não voltarem a trabalhar no país) das consequências de revelar à imprensa qualquer pormenor sobre os convidados.

Os meios de comunicação nacionais e internacionais apenas são bem-vindos quando tenham prestado um juramento de silêncio e se responsabilizam os redactores se algum dos seus jornalistas «se distrai» e informa sobre o que está a decorrer.

Enquanto Schröder, Blair, Chirac, Berlusconi e companhia assistiam às cimeiras do G8 dos principais líderes do mundo eleitos democraticamente, estavam acompanhados por numerosos jornalistas dos meios de comunicação mundiais. Em contrapartida, as idas e vindas nas reuniões de Bilderberg realizam-se sob a protecção de um verdadeiro pacto de silêncio.

Os temas que se discutam este ano, decidir como deveria ocupar-se o mundo das relações euro-americanas, o caos no Médio Oriente, a guerra do Iraque, a economia global ou como prevenir a guerra no Irão e os acordos que se alcancem terão influência no curso da civilização ocidental e no futuro do planeta. Esta reunião celebra-se à porta fechada em segredo total, protegida por uma falange de guardas armados.

Que temas estavam na agenda de Bilderberg para 2005?

Depois de três anos de hostilidades e tensão entre os membros europeus, britânicos e norte-americanos do Bilderberg causadas pela guerra no Iraque, recuperou-se a auréola de completo entendimento entre eles. Os membros do Bilderberg reafirmaram as suas posições e permanecem unidos no seu objectivo a longo prazo de reforçar o papel das Nações Unidas na regulação dos conflitos e das relações globais.

Contudo, é importante entender que os Americanos não estão mais a favor da guerra que os membros do Bilderberg europeus. Os europeus apoiaram a invasão do Iraque em 1991 por parte do presidente Bush pai e celebraram o final da «Síndrome do Vietname dos Estados Unidos». Os europeus também apoiaram a invasão da Jugoslávia do ex-presidente Bill Clinton, envolvendo a NA TO na operação.

Um assunto muito discutido em 2005 em Rottach-Egern foi o conceito de impor um imposto directo à população mundial a favor das Nações Unidas agravando directamente o preço do petróleo à saída do poço. Será a primeira vez que um organismo não governamental beneficiará directamente de um imposto sobre os cidadãos das nações livres e escravizadas.

Como o imposto federal sobre o rendimento dos Estados Unidos, uma exacção das Nações Unidas seria tão pequena no início que o consumidor mal a notaria. Mas estabelecer o princípio de que as Nações Unidas possam cobrar directamente os impostos aos cidadãos do mundo é importante para Bilderberg. Este é outro passo gigantesco para o estabelecimento de um Governo Mundial. Os membros do Bilderberg sabem que defender publicamente um imposto das Nações Unidas sobre toda a gente da Terra geraria uma grande oposição, mas são pacientes; há anos propuseram pela primeira vez a criação de um imposto directo mundial e celebram o facto de que este assunto faça parte das discussões públicas sem que gere demasiada atenção ou preocupação.

Bilderberg quer uma «harmonização fiscal», de maneira que os países com impostos elevados possam competir com os que agravam menos os seus cidadãos, incluindo os Estados Unidos, pelo investimento estrangeiro. Pretende «harmonizar» os impostos obrigando a aumentar a taxa impositiva nos Estados Unidos e noutros países, de modo a que a taxa de 58 % da Suécia socialista seja «competitivo».

As ONG

O aumento da importância das organizações não governamentais é um facto que o ex-presidente norte-americano Bill Clinton referiu subitamente (um dia depois de ter sido analisado em Rottach-Egern) que se contava entre «as coisas mais notáveis que aconteceram desde a queda do Muro de Berlim». Ironicamente, a afirmação de Clinton foi reproduzida pelo *Wall Street Journal*, um jornal representado nas reuniões de Bilderberg pelo seu vice-presidente, Robert L. Bartley, até à sua morte em Dezembro de 2003, e pelo editor da página de opinião, Paul Gigot.

Os Bilderbergers debateram energicamente, pela primeira vez, a necessidade de ter activistas ambientais automeados e não eleitos numa posição de autoridade nos órgãos directivos das agências que controlam o uso da atmosfera, o espaço exterior, os oceanos e, na prática, a biodiversidade. Este convite para que a «sociedade civil» participe no governo global apresenta-se como uma democracia em expansão.

Segundo fontes no seio do Clube Bilderberg, o estatuto das ONG será avaliado mais pormenorizadamente no futuro. A actividade das ONG incluiria a agitação a nível local, a formação de grupos de pressão a nível nacional e a elaboração de estudos para justificar a tributação mundial através de organismos da ONU como o Plano Global, um dos projectos preferidos do Clube Bilderberg há mais de uma década. A estratégia de promoção da governação mundial inclui especificamente programas para desacreditar indivíduos e organizações que gerem «pressões políticas internas» ou «actos populistas» que não apoiem a nova ética mundial. O objectivo último, segundo as fontes, é suprimir a democracia.

Se o plano for em frente, o UNEP, com todos os tratados ambientais sob a sua jurisdição, acabaria por ser governado por um corpo de activistas ambientais escolhidos apenas entre ONG acreditadas e nomeados por delegados da Assembleia Geral que, por sua vez, são nomeados pelo presidente dos Estados Unidos, também ele controlado pela liderança interligada Rockefeller, Council on Foreign Relations (CFR) e Bilderberg.

Este novo mecanismo proporcionaria um caminho directo desde as ONG locais, «no terreno», filiadas nas ONG nacionais e internacionais até aos níveis mais elevados da governação mundial. Por exemplo, a Greater Yellowstone Coalition, um grupo de ONG filiadas, apresentou recentemente um requerimento à Comissão do Património Mundial da UNESCO pedindo a sua intervenção nos planos de uma empresa privada de extrair ouro em terrenos privados perto do Parque de Yellowstone. A Comissão da Unesco interveio e classificou de imediato Yellowstone como «Património da Humanidade em Risco». Nos termos da Convenção sobre o Património Mundial, é exigido aos Estados Unidos que protejam o parque, inclusive para além dos seus limites e, se necessário, entrando em terrenos privados.

As ideias que estão a ser discutidas, se postas em execução, inseririam todos os povos do mundo numa aldeia global, gerida por uma burocracia que abrangeria todo o mundo sob a autoridade directa de um diminuto punhado de indivíduos nomeados e policiada por milhares de indivíduos, pagos por ONG acreditadas, e tudo isto destinado a apoiar um sistema de crenças que, para muitos, é inacreditável e inaceitável.

Eleições na Grã-Bretanha

Os Bilderbergers estão a festejar o resultado que queriam: o regresso de um Tony Blair muito mais humilde ao número 10 de Downing Street, com uma maioria parlamentar muito reduzida. Os bilderbergers europeus continuam furiosos com ele por apoiar a guerra dos Americanos no Iraque. Embora dêem a Blair uma lição útil de política internacional, os bilderbergers pensam que é um candidato muito mais seguro no que se refere a continuar no caminho para a integração europeia do que o seu rival conservador, Michael Howard.

Planos neoconservadores

Uma facção estava em toda a sua força: os chamados «neoconservadores», que decidiram que a segurança de Israel deveria ser obtida em detrimento da defesa dos Estados Unidos e estar no cerne de todas as decisões no domínio da política externa norte-americana.

O mais notável de entre eles é Richard Perle, que foi investigado pelo FBI por espiar a favor de Israel. Perle desempenhou um papel crucial no empurrar dos Estados Unidos para a guerra no Iraque. A 27 de Março de 2003, foi obrigado a demitir-se do Conselho de Política de Defesa do Pentágono, depois de se ter sabido que assessorara a Goldman Sachs International, uma presença habitual nas reuniões de Bilderberg, quanto ao modo de lucrar com a guerra no Iraque.

Outra figura neoconservadora presente era Michael A. Ledeen, um «intelectual entre os intelectuais». Ledeen trabalha para o American Enterprise Institute (AEI), um grupo de reflexão fundado em 1943 e a que Richard Perle há muito se encontra ligado. O AEI e a Brooks Institution dirigem um Joint Center for Regulatory Studies (JCIRS), que tem como finalidade fazer que os legisladores e regulamentadores sejam «responsabilizados pelas suas decisões, fazendo análises profundas e objectivas dos programas de regulamentação existentes e apresentando novas propostas de regulamentação». O JCIRS defende uma análise

da regulamentação em termos de custos-benefícios, o que se coaduna com o objectivo último do AEI (e dos bilderbergers) que é a desregulamentação.

O American Enterprise Institute é uma espécie de Cominform da Nova Ordem Mundial. Os seus «cientistas» são os inquisidores de um regime global. Os grupos de peritos de Washington não promovem o pluralismo, mas sim o dogmatismo de estilo estalinista com conformistas encomiados e hereges excomungados. Esta ideia de funcionar às claras não é surpreendente, já que o American Enterprise Institute reúne sucessores ideológicos de McCarthy e os esquerdistas renegados com emigrantes educados no bloco soviético, enquanto o Departamento de Estado e a CIA executam os seus veredictos.

A estes neoconservadores juntou-se este ano, na reunião de Bilderberg, um punhado de antigos altos decisores políticos de Washington e publicistas conhecidos pelas suas simpatias por Ismel, nomeadamente: Richard N. Haass; Richard Holbrooke, antigo secretário de Estado adjunto; Dennis Ross, do Washington Institute for Near East Policy, pró-Ismel, que, em termos práticos, é uma ramificação do American Ismel Public Affairs Committee (AIPAC) e do Jewish Institute for National Security Affairs (JINSA); e Paul Wolfowitz, recém-eleito presidente do Banco Mundial.

Dennis Ross, Richard Perle e companhia pressionam para a «transferência» - isto é, limpeza étnica - de tantos palestinos da Cisjordânia e de Gaza quanto seja possível. Israel levá-la-á a cabo enquanto os Estados Unidos se entretêm matando iraquianos. «Israel deveria ter aproveitado a repressão das manifestações na China, quando a atenção mundial estava focada naquele país, para proceder às expulsões maciças de árabes dos territórios», disse o anterior primeiro-ministro Netanyahu a estudantes da Universidade de Barrman, em 1989. Os residentes da Comunidade Europeia podem não fazer a mínima ideia das intenções dos sionistas relativamente aos Palestinos, mas em Israel a limpeza étnica é um assunto de discussão popular. Cinquenta por cento ou mais dos Israelitas pensa que a limpeza étnica é uma boa ideia. Numa nação que supostamente recorda o Holocausto.

Ledeen e outros neoconservadores americanos há muito que defendem que qualquer crítica a Israel ou ao sionismo, ainda que seja a crítica mais banal, é equivalente ao anti-semitismo.

Segundo a definição israelita, as críticas a Israel, aos sionistas ou a qualquer judeu em qualquer lugar do mundo podem ser consideradas um delito se um judeu em qualquer lugar do mundo afirmar que tais afirmações lhe causaram, por exemplo, um transtorno emocional ou problemas mentais. Toda esta matéria está prevista na SeCo 13(b) (2) do Código Penal israelita, aprovado em 1994, que reclama a jurisdição extraterritorial dos tribunais israelitas no caso de delitos perpetrados contra judeus em qualquer lugar do mundo.

Até ao momento, há algo que fez parar este instrumento que poderia ser muito eficaz para silenciar os críticos da política israelita e do sionismo no mundo inteiro: a carência de «dualidade penal». Para que os tribunais israelitas possam solicitar a extradição de críticos de outros países, devem primeiro tipificar-se como delito estas acções nos demais países. Da mesma maneira, se a crítica dos crimes de guerra israelitas nos territórios ocupados ou de Ariel Sharon supostamente leva à comissão de um delito contra um judeu, ou mesmo entristece um judeu, poder-se-ia abrir a porta à extradição. Assim, por ter escrito este artigo, num futuro próximo posso encontrar-me encarcerado numa prisão israelita.

Energia

Um bilderberger americano expressou a sua preocupação com a subida em flecha do preço do petróleo. Um membro pertencente à indústria petrolífera afirmou que o crescimento não é possível sem energia e que, segundo todos os indicadores, a oferta mundial de energia está a chegar ao fim mais depressa do que os líderes mundiais haviam previsto. Segundo algumas fontes, os bilderbergers calculam que as reservas mundiais de petróleo que podem ser extraídos durarão no máximo 35 anos, nas condições actuais de desenvolvimento e população. No entanto, um dos representantes de um cartel do petróleo observou que têm de ser considerados, nessa equação, a explosão populacional e o crescimento económico, bem como a procura de petróleo por parte da China e da Índia. De acordo com as condições revistas, existe aparentemente apenas petróleo suficiente para os próximos 20 anos. A falta de petróleo significa o fim do sistema financeiro mundial - o que já foi reconhecido pelo *Wall Street Journal* e o *Pinandal Times*, dois jornais que estão regularmente representados na conferência anual de Bilderberg.

A conclusão: esperem um grave abrandamento da economia mundial durante os próximos dois anos, enquanto os bilderbergers tentam salvaguardar as reservas restantes de petróleo tirando o dinheiro das mãos das pessoas. Numa recessão ou, na pior das hipóteses, uma depressão, a população será forçada a reduzir dramaticamente os seus hábitos de consumo, garantindo assim uma oferta mais longa de petróleo aos ricos do mundo, enquanto estes tentam descobrir o que fazer.

Durante os *cocktails*, uma tarde, um bilderberger europeu referiu que não existe uma alternativa plausível à energia dos hidrocarbonetos. Um americano referiu que, actualmente, o mundo usa entre quatro e seis barris de petróleo por cada novo barril que encontra e que as perspectivas de uma solução milagrosa a curto prazo são, na melhor das hipóteses, escassas.

Um convidado pediu uma estimativa das reservas convencionais de petróleo acessíveis. A quantidade foi avaliada em cerca de um bilião de barris. Como nota à margem com algum interesse, o planeta consome mil milhões de barris de petróleo a cada 11,5 dias.

Outro bilderberg inquiriu sobre o hidrogénio como alternativa ao petróleo. O funcionário do Governo dos Estados Unidos confirmou, soturnamente, que a salvação, pelo hidrogénio, da crise iminente da energia é uma fantasia.

Isto confirma uma afirmação pública feita, em 2003, pela IHS Energy, a mais respeitada empresa mundial de consultadoria que cataloga as reservas e descobertas de petróleo, de que, pela primeira vez desde 1920, não foi descoberto um único campo petrolífero com mais de 500 milhões de barris.

Na conferência de Bilderberg 2005, a indústria petrolífera esteve representada por: John Browne, CEO da BP; Sir John Kerr, director da Royal Dutch Shell; Peter D. Sutherland, presidente da BP; e Jeroen van der Veer, presidente do conselho de directores executivos da Royal Dutch Shell.

De referir que, no final de 2003, o gigante do gás e do petróleo Royal Dutch Shell anunciou que sobrestimara as suas reservas em 20 %. A rainha Beatriz dos Países Baixos, principal accionista da Royal Dutch Shell, é membro de pleno direito do Clube Bilderberg. O seu pai, o príncipe Bernhard, foi um dos fundadores do grupo, em 1954. O *Los Angeles Times* (18 de Janeiro de 2005) noticiou: «Para as

empresas petrolíferas, as reservas são 'o valor da empresa'.» De facto, A Shell reduziu as estimativas das suas reservas não apenas uma, mas sim três vezes, o que levou à demissão do seu vice-presidente. Em Rottach-Egem, em Maio de 2005, os principais executivos da indústria tentaram descobrir a forma de evitar que a verdade sobre o declínio das reservas de petróleo chegasse aos ouvidos do público. O conhecimento público do declínio das reservas traduz-se directamente em cotações mais baixas das acções que poderiam destruir os mercados financeiros, conduzindo a um colapso da economia mundial.

O referendo da UE em França

O primeiro dia das reuniões secretas de Bilderberg 2005 foi dominado pelas conversas sobre o referendo da UE em França e sobre se o presidente Chirac poderia convencer os Franceses a votarem «Sim», a 29 de Maio. Um voto no «Sim», segundo fontes no seio do Clube Bilderberg, iria pôr uma enorme pressão sobre Tony Blair para conduzir finalmente a Grã-Bretanha para os braços expectantes da Nova Ordem Mundial, através do seu próprio referendo sobre o tratado, previsto para 2006. Mathias Nass, director adjunto do *Die Zeit*, reflectiu em voz alta que um voto no «Não», em França, poderia indubitavelmente gerar agitação política na Europa e ensombrar os seis meses da presidência britânica da UE, a partir de 1 de Julho. Os bilderbergers esperam que Blair e Chirac - ruja animosidade, por vezes aberta, já transpareceu na arena pública mais de uma vez - possam trabalhar em conjunto para benefício mútuo e sobrevivência política. Outro bilderberger europeu acrescentou que os dois líderes têm de pôr para trás das costas, o mais rapidamente possível, todas as discórdias do passado em temas como o Iraque, a liberalização da economia europeia e o futuro do cheque orçamental que a Grã-Bretanha recebe da UE. e trabalhar para uma plena integração europeia - que poderá desintegrar-se se a população francesa, frequentemente «teimosa e obstinada», segundo as palavras de um bilderberger britânico, não fizer o que é certo, isto é, abdicar voluntariamente da sua independência em prol do «bem maior» de um superestado federal europeu!

Um bilderberger alemão com acesso a informações confidenciais afirmou que o voto no «Sim». em França. está comprometido em virtude do recurso a «trabalhadores externos». «Os postos de trabalho em França e na Alemanha estão a ir para a Ásia e a Letónia» (para tirar vantagem da mão-de-obra barata). A Letónia é uma das antigas repúblicas soviéticas que aderiram à União Europeia. elevando o número total de membros para 25 nações. Um político alemão perguntou como é que Tony Blair irá convencer os Britânicos a aceitarem a Constituição Europeia quando, devido ao recurso à mão-de-obra externa, tanto a Alemanha como a França apresentam uma taxa de desemprego de 10 %, enquanto a Grã-Bretanha se está a sair bem, em termos económicos.

Criminosos americanos

Nos Estados .Unidos. a Lei Logan afirma explicitamente que constitui uma infracção à lei funcionários federais participarem em reuniões secretas com particulares para elaborarem políticas públicas. Embora Bilderberg 2005 não tenha contado com uma das suas luminárias - o funcionário do Departamento de Estado

norte-americano John Bolton, que estava a testemunhar perante a Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado - o Governo norte-americano esteve bem representado em Rottach-Egern por: Allan E. Hubbard, assessor do presidente para a Política Económica e director do Conselho Económico Nacional; Williani Luti, subsecretário adjunto da Defesa; James Wolfensohn, presidente cessante do Banco Mundial; e Paul Wolfowitz, secretário de Estado adjunto, ideólogo da guerra do Iraque e novo presidente do Banco Mundial. Ao participarem na reunião de Bilderberg de 2005, estes indivíduos infringiram as leis federais dos Estados Unidos.

Auna Telecomunicações

Num *cocktail* num sábado à noite (7 de Maio) no luxuoso Dorint Sofitel Seehotel Überfahrt em Rottach-Egern, na Baviera, Munique, vários membros do Bilderberg que partilhavam o balcão com a rainha Beatriz da Holanda e com Donald Graham, director do *Washington POSI*, falavam da futura venda da Auna, o gigante espanhol das telecomunicações e do cabo. A Auna controla serviços de telefone fixo, uma rede de telefones móveis, um sistema de televisão por cabo e também proporciona conexão à Internet. Um dos membros de Bilderberg que conhece o tema (que se julga poder ser Henry Kravis, segundo a descrição física da fonte presente na reunião) declarou que as operações de telecomunicações móveis da Auna podiam gerar aproximadamente mil milhões de euros, incluindo a dívida, enquanto outro membro de Bilderberg, um homem alto com entradas na fronte, acrescentou que os seus activos de telecomunicações fixas podiam gerar 2600 milhões de euros, aproximadamente. Fontes próximas dos membros do Clube Bilderberg declararam oficiosamente que a Kohlberg Kravis Roberts & Co, uma empresa de capital privado, está interessada em comprar a Auna. Uma abundância de créditos baratos e taxas de juro baixas tomaram a Auna um objectivo apetitoso para os compradores de capital privado.

A Kohlberg Kravis Roberts & Co estava representada nas reuniões de Bilderberg pelo multimilionário Henry Kravis e pela sua mulher, Marie-Josée Kravis, nascida numa localidade do Quebec e membro importante da organização neoconservadora Instituto Hudson.

Conclusões: É de esperar uma cobertura Favorável e apoio à Kohlberg Kravis Roberts & Co por parte do Grupo Frisa, cujo conselheiro-delegado, Juan Luis Cebrián, assiste sempre às reuniões super secretas do Bilderberg. No caso de Kravis não conseguir apresentar uma oferta competitiva, é de esperar a mesma publicidade a favor da Goldman Sachs Group, cujo membro, Martin Taylor, é o secretário-geral honorário do Clube Bilderberg e cujo presidente, Peter Sutherland, é membro do Clube Bilderberg e presidente da Comissão Trilateral Europeia. No passado, a revelação do que fora discutido nas reuniões de Bilderberg permitiu conhecer de antemão - meses antes de aparecerem nos meios de comunicação maioritários - temas como a invasão norte-americana do Iraque, os aumentos da pressão fiscal e a queda de Margaret Thatcher como primeira-ministra da Grã-Bretanha.

O Confronto Indonésia-Malásia

Um confronto político e militar entre a Indonésia e a Malásia, no mar de Sulawesi, rico em petróleo (ambas reclamam direitos territoriais sobre a área de Ambalat) foi o tema de uma discussão muito animada entre vários bilderbergers americanos e europeus, durante os *cocktails*, na tarde de sexta-feira. Um bilderberger americano, gesticulando com o seu charuto, sugeriu que se utilizassem as Nações Unidas para «fazer avançar uma política de paz na região». Com efeito, os bilderbergers que se encontravam sentados à mesa do salão concordaram todos que um conflito desse tipo poderia dar-lhes uma boa desculpa para guarnecerem a área em conflito com «Forças de Manutenção de Paz» da ONU e, desse modo, garantir o seu controlo final sobre a exploração desse tesouro, a saber, reservas de petróleo não exploradas.

China

Os bilderbergers europeus e americanos, compreendendo a urgentíssima necessidade de se expandirem para os mercados em desenvolvimento de modo a manterem a ilusão de um crescimento sem fim, chegaram a acordo quanto à nomeação de Pascal Lamy, um socialista francês apoiante fanático de um superestado europeu, para próximo presidente da Organização Mundial de Comércio (OMC). Temos de lembrar que Washington deu apoio condicional à nomeação de Lamy em troca do apoio europeu a Paul Wolfowitz como chefe do Banco Mundial. Segundo fontes no seio do Clube Bilderberg, Lamy foi escolhido para ajudar a conduzir o sistema do comércio mundial numa época de crescente sentimento proteccionista em países ricos como a França e a Alemanha, ambos a braços com um elevado desemprego e reticentes quanto a aceitar as exigências cada vez mais musculadas de acesso ao mercado pelas economias emergentes. Os Estados do Terceiro Mundo, por exemplo, estão a insistir nos cortes aos subsídios agrícolas por parte da UE e dos EUA. O esforço de liberalização da OMC fracassou com acrimónia em Seattle, em 1999, e novamente em Cancun, em 2003.

Os bilderbergers acordaram secretamente quanto à necessidade de obrigar os países pobres a entrarem num mercado global de produtos baratos e, simultaneamente, obrigando os pobres a tornarem-se consumidores. O actual diferendo com a China é um bom exemplo, uma vez que os Chineses inundaram o mundo ocidental com produtos baratos, nomeadamente têxteis, fazendo descer os preços. Como moeda de troca, os bilderbergers penetraram num mercado emergente propício e vulnerável ao *know-how* ocidental, muito superior. Como é o caso do Haiti, por exemplo, que viu os seus campos de arroz domésticos arruinados pelas exportações americanas. Quando os agricultores haitianos não puderam competir com o arroz americano nos mercados haitianos, abandonaram a terra e foram engrossar o número da população urbana desempregada. Então, os Americanos aumentaram o preço do arroz para níveis insustentáveis. O Haiti e a China são pois mercados cativos, mas ao fim e ao cabo mercados. Outros países em desenvolvimento estão a adquirir mais poder de compra e o mundo ocidental está a ganhar domínio sobre as suas economias internas, escolhendo-os como alvo de exportações baratas.

ANEXO III - Lista de participantes na reunião do Clube Bilderberg em 2005

(A primeira letra denota a nacionalidade do participante. Seguimos a convenção proposta pelo gabinete de comunicação da União Europeia. No caso da Autoridade Nacional Palestina, que não tem código atribuído, seguimos a proposta ISO. As siglas «!NT) assinalam representação de organizações internacionais.)

PRESIDENTE HONORARIO

B, Davignon, Étienne, vice-presidente da Suez Tractebel

SECRETARIO-GERAL HONORARIO

UK, Taylor, J. Martin, conselheiro internacional da Goldman Sachs.

NL, Aartsen, Jozias J. van, líder parlamentar do partido Liberal (VVD) .

PISO, Abu-Arn, Ziad, membro do Conselho Legislativo Palestino; presidente do conselho Palestino de Relações Externas; professor de Ciências Políticas na Universidade Birzeit.

D, Ackermann, Josef, presidente do comité executivo do grupo Deutsche Bank AG.

INT, Almunia, Joaquín, comissário europeu.

EL, Alogoskoufis, George, ministro da Economia e Finanças.

TR, Babacan, Ali, ministro dos Assuntos Económicos.

P, Balsemão, Francisco Pinto, presidente e director-geral da Impresa, SGPS; antigo primeiro-ministro.

INT, Barroso, José M. Durão, presidente da Comissão Europeia.

S, Belfrage, Erik, primeiro vice-presidente do Skandinaviska Enskilda Bank (SEB).

I, Bernabé, Franco, vice-presidente da Rothschild Europa. F, Beytout, Nicolas, redactor-chefe do *Le Figaro*.

A, Bronner, Oscar, editor e redactor do *Der Standard*. UK, Browne, John, presidente do grupo BP PLC.

D, Burda, Hubert, presidente do conselho de administração da Hubert Burda Media.

IRL, Byrne, David, enviado especial da OMS para a revisão do Regulamento Sanitário Internacional; antigo comissário europeu.

F, Camus, Philippe, presidente da European Aeronautic Defence and Space Company (EADS).

F, Castties, Henri de, presidente do conselho da AXA.

E, Cebrián, Juan Luis, presidente do grupo Frisa.

US, Collins, Timothy C., director administrativo e presidente da Ripplewood Holdings, LLC.

F, Collomb, Berttand, presidente do grupo Lafarge.

CH, Couchepin, Pascal, ministro federal da Administração Interna. GR, David, George A., presidente da Coca-Cola HBC, SA.

F, Delpech, Thérèse, directora de estudos estratégicos da Comissão de Energia Atómica.

GR, Diamantopoulou, Anna, deputada.

NL, Docters van Leeuwen, Arthur w: H., presidente do conselho executivo da Comissão do Mercado de Valores holandesa.

US, Donilon, Thomas E., sócio da O'Melveny & Myers.

D, Döpfner, Mathias, presidente da Axel Springer AG. DK, Eldrup, Anders, presidente da Dong, A/S.

I, Elkann, John, vice-presidente da Fiat, SpA. E, Espanha, rainha Sofia de.

Us, Feldstein, Martin S., presidente e director-geral do Gabinete Nacional de Investigação Económica.

Us, Ford, Jr., William C., presidente e director-geral da Ford Motor Company.

Us, Geithner, Timothy F., presidente do Banco da Reserva Federal de Nova Iorque.

TR, Gencer, Imregul, membro do conselho da Global Investment Holding.

IL, Gilady, Eival, conselheiro do primeiro-ministro Sharon.

IRL, Gleeson, Dermot, presidente do grupo AIB.

US, Graham, Donald E., presidente e director-geral da The Washington Post Company.

NO, Grydeland, Björn T., embaixador na União Europeia.

P, Guterres, António, antigo primeiro-ministro; presidente da Internacional Socialista.

Us, Haass, Richard N., presidente do Conselho de Relações Exteriores.

NL, Halberstadt, Victor, professor de Economia na Universidade de Leiden.

B, Hansen, Jean- Pierre, presidente da Suez Tractebel, SA.

A, Haselsteiner, Hans Peter, presidente da Bauholding Strabag SE (Societas Europeia).

DK, Hedegaard, Connie, ministra do Meio Ambiente.

Us, Holbrooke, Richard C., vice-presidente da Perseus.

INT, Hoop Scheffer, Jaap G., secretário-geral da NATO.

Us, Hubbard, Allan B., assessor do presidente para a política económica e director do Conselho Económico Nacional.

B, Huyghebaert, Jan, presidente da junta directiva do Grupo

KBC.

Us, Johnson, James A., vice-presidente da Perseus, lic.

INT, Jones, James L., comandante supremo aliado na Europa do Quartel-General Militar da NATO.

Us, Jordan, Jr., Vernon E., director-geral administrativo da Lazard Freres & Co., liC.

Us, Keane, John M., presidente da GSI, liC; general na reserva do Exército norte-americano.

Uf, Kerr, John, director da Shell, Río Tinto e da Scottish Investment Trust.

US, Kissinger, Henry A., presidente da Kissinger Associates, Inc.

D, Kleinfeld, Klaus, presidente e director-geral da Siemens AG.

TR, Koç, Mustafa V.; presidente da Koç Holding AS.

D, Kopper, Hilmar, presidente do conselho de supervisão do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM).

F, Kouchner, Bernard, cátedra «Santé et développement» do Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM).

US, Kravis, Henry R., sócio fundador da Kohlberg Kravis Roberts & Co.

US, Kravis, Marie-Josée, conselheira sénior do Hudson Institute, Inc.

INT, Kroes, Neelie, comissária europeia.

CH, Kudelski, André, presidente do conselho e director-geral do Grupo Kudelski.

F, Lamy, Pascal, presidente da Notre Europe; antigo comissário europeu.

US, Ledeen, Michael A., American Enterprise Institute.

FL, Lukanen, Erkki, governador e presidente do conselho do Banco da Finlândia.

NO, Lundestad, Geir, director do Instituto Nobel norueguês; secretário do Comité Nobel norueguês.

US, Luti, William J., vice-secretário da Defesa para o Médio Oriente e do Sudeste Asiático.

DK, Lykketoft, Mogens, presidente do Partido Social-Democrata.

CA, Manji, Irshad, autoral fundadora do «Project Ijtihad».

US, Mathews, Jessica T., presidente da Carnegie Endowment for International Peace.

CA, Mau, Bruce, Bruce Mau Design.

CA, McKenna, Frank, embaixador nos Estados Unidos.

US, Medish, Mark C., Akin Gump Su-auss Hauer & Feld, LLP.

US, Meh1man, Kenneth B., presidente do Comité Nacional Republicano.

D, Merkel, Angela, presidente da Christlich Demokratische Union (CDU);
presidente da CDU/CSU Fraktion.

SK, Miklos, Ivan, vice-primeiro-ministro e ministro das Finanças.

F, Montbrial, Thierry de, presidente do Instituto Francês de Relações
Internacionais (IFRI).

INT, Monti, Mario, presidente da Universidade Bocconi; antigo comissário europeu
da Concorrência.

CA, Munroe-Blum, Headter, reitora e vice-conselheira da Universidade McGill.

NO, Myklebust, Egil, presidente da junta directiva da SAS.

D, Nass, Matthias, vice-redactor do *Die Zeit*.

RU, Nemirovskaya, Elena, fundadora e directora da Escola de Moscovo de Estudos
Políticos.

PL, Olechowski, Andrzej, líder da Civic Platform.

FI, Ollila, Jorma, presidente do conselho e director-geral da Nokia Corporation.

INT, Padoa-Schioppa, Tommaso, membro do conselho executivo do Banco Central
Europeu.

NL, Países Baixos, SM a rainha dos.

E, Palacio, Loyola de, presidente do Conselho de Relações Exteriores, Partido
Popular.

GR, Papandreou, George A., presidente do Movimento Socialista Pan-Helénico
(pASOK).

Os, Pearl, Frank H., presidente e director-geral da Perseus, u..C.

Os, Pearlstine, Norman, redactor-chefe da Time Inc.

FI, Pentikainen, Mikael, presidente da Sanoma Corporation.

OS, Perle, Richard N., professor convidado na American Enterprise Institute for
Public Policy Research.

D, Pflüger, Friedbert, deputado da Christlich Demokratische Union/CSU Fraktion.

B, Filipe, SAR o príncipe.

CA, Prichard, J. Robert S., presidente da Torstar Media Group e
director-geral da Torstar Corporation.

INT, Rato y Figaredo, Rodrigo de, director gerente do FMI.

CA, Reisman, Brezo, presidente e director-geral da Indigo Books & Music Inc.

Os, Rockefeller, David, membro do Conselho Internacional da JP Morgan.

US, Rodin, Judith, presidente da Fundação Rockefeller.

E, Rodríguez Inciarte, Matías, vice-presidente executivo do Grupo Santander.

US, Ross, Dennis B., director do The Washington Institute for Near East Policy.

F, Roy, Olivier, investigador sénior do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

P, Sarmento, Nuno Morais, antigo ministro de Estado e da Presidência; deputado.

I, Scaroni, Paolo, director-geral e director gerente da Enel, SpA.

D, Schily, Otto, ministro da Administração Interna.

A, Scholten, Rudolf, membro do conselho de directores executivos do Oesterreichische Kontrollbank AG.

D, Schrempp, Jürgen E., presidente do conselho de administração da DaimlerChrysler AG.

D, Schulz, Ekkehard D., presidente do conselho executivo da ThyssenKrupp AG.

E, Sebastián Gascón, Miguel, conselheiro económico do presidente do Governo.

IL, Sharansky, Natan, antigo ministro responsável de Jerusalém e da Diáspora.

I, Siniscalco, Domenico, ministro da Economia e Finanças.

UK, Skidelsky, Robert, professor de Economia Política da Universidade de Warwick.

IRL, Sutherland, Peter D., presidente da Goldman Sachs International; presidente da BP PLC.

PL, Szwajcowski, Jacek, presidente do Polska Grupa Farmaceutyczna.

FI, Tiilikainen, Teija H., director da Rede de Estudos Europeus da Universidade de Helsínquia.

NL, Tilmant, Michel, presidente do banco ING N. v:

INT, Trichet, Jean-Claude, governador do Banco Central Europeu.

TR, Ülsever, Cüneyt, colunista do jornal *Hürriyet*.

CH, Vasella, Daniel L., presidente e director-geral da Novartis AG.

NL, Veer, Jeroen van der, presidente do comité de directores gerentes do Royal Dutch Shell Group.

US, Vinocur, John, correspondente sénior do *International Herald Tribune*.

S, Walienberg, Jacob, presidente do conselho e investidor da AB; vice-presidente da SEB.

US, Warner, Mark R., governador do Estado da Virgínia.

UK, Weinberg, Peter, presidente da Goldman Sachs International. D, Wissmann, Matthias, deputado da Christlich Demokratische

Union/CSU Fraktion.

UK, Wolf, Martin H., redactor associado e comentador de economia do *Financial Times*.

INT, Wolfowitz, Paul, presidente do Banco Mundial.

INT/US, Wolfensohn, James D., antigo presidente do Banco Mundial.

Us, Zacaria, Fareed, redactor da *Newsweek International*

D, Zumwinkel, Klaus, presidente do conselho de administração da Deutsche Post AG.

RELATORES

UK, Micklethwait, R. John, redactor nos Estados Unidos do *The Economist*.

UK, Wooldridge, Adrian D., correspondente no estrangeiro do *The Economist*.

Você teve o privilégio de ler um livro fantástico mas assustador. Melhor que ele, só a Bíblia.

Se não acreditava em Deus está no tempo de passar a acreditar. Só com a ajuda Dele se pode lutar contra esta gente corruta e ruim. Reze a Ele e peça para que Ele o ajude porque você e todo o mundo vai precisar. Estou falando sério. Só Deus nos pode ajudar mesmo.

Como você viu, a situação está muito má mas vai ficar pior se ninguém fizer nada.

Você pensa que não pode fazer nada mas pode. Para além de se voltar para Deus, você pode também tomar atitudes práticas como por exemplo, falar deste livro ou emprestar a seus amigos.

Organize ou participe em grupos de discussão destes assuntos.

Para complemento de informação, veja os seguintes sítios:

www.infowars.com

www.prisonplanet.com

www.danielestulin.com

www.bilderberg.org

www.resistente.org

Notas

CAPÍTULO I

1 Will Hutton, *The Observer*, 1 de Fevereiro de 1998.

2 Ver o artigo de Richard Creasy e Pete Sawyer «The World's Most Powerful Secret Society», em que os autores descrevem, em toda a sua glória, a sua primeira experiência cara a cara com os bilderbergers, na reunião de 1998, na

Escócia. publicado no *Punch* - n.º 55, 23 de Maio-5 de Junho de 1998.

3 *The Old Stables: Who runs the World?* de Richard Greaves.

4 Will Hutton, *The Observer*, 1 de Fevereiro de 1998.

5 *Guardian Unlimited*, sábado, 10 de Março de 2001.

6 Jim McBeth, *Scolsmon*, 15 de Maio de 1998.

7 www.borromees.it. 8 Denis Healy (antigo ministro da Defesa britânico), Manlio Brosio (secre-tário da NATO), Wilfred S. Baumgartner (antigo governador do Banco de França e antigo alto funcionário da grande multinacional francesa Rhône-Poulenc), Guido Carli (Banco de Itália), Thomas L. Hughes (presidente do Carnegie Endowment for International Peace), William P. Bundy (antigo presidente da Ford Foundation e director da revista *Foreign Affairs* do CFR), John J. McCloy (antigo presidente do Chase Manhattan Bank), Lester Pearson (antigo primeiro-ministro do Canadá), Pierre Trudeau (antigo primeiro-ministro do Canadá), Jean Chrétien (antigo primeiro-ministro do Canadá), Dirk U. Stikker (secretário-geral da NATO), George F. Kennan (antigo embaixador norte- americano da União Soviética), Paul H. Nitze (representante do Schroeder Bank. Nitze desempenhou um papel muito importante em questões dos acordos de Controlo de Armamentos, que estiveram SEMPRE sob a direcção da RIIA), Robert O. Anderson (presidente da Atlantic-Richfield Co. e chefe do Aspen Institute of Humanistic Studies), Donald S. MacDonald (ministro canadiano da Defesa Nacional), príncipe Claus dos Países Baixos, Marcus Wallenberg (presidente do Skandinaviska Enskilda Banken, de Estocolmo), John D. Rockefeller IV (governador de West Virginia, agora senador), Cyrus Vance (secretário de Estado na administração Carter), Eugene Black (antigo presidente do Banco Mundial), Joseph Johnson (presidente do Carnegie Endowment for International Peace), Hannes Androsch (ministro austríaco das Finanças), Paul van Zeeland (primeiro-ministro da Bélgica), Pierre Commin (secretário do Partido Socialista Francês), Imbriani Longo (director-geral do Banco Nazionale del Lavoro, de Itália), visconde Étienne Davignon (ministro belga dos Negócios Estrangeiros), Gen. Andrew J. Goodpaster (antigo Comandante Supremo Aliado na Europa e, mais tarde, superintendente da Academia de West Point), Zbigniew Brzezinski, Gen. Alexander Haig (comandante europeu da NATO, antigo assistente de Kissinger, veio a ser mais tarde secretário de Estado na administração Reagan), barão Edmond de Rothschild, Pierce Paul Schweitzer (director executivo do Fundo Monetário Internacional da ONU), Otto Wolff (industrial alemão muito importante).

9 John Williams, «Atlanticism: The Achille's Heel of European Security, Self-Identity and Collective Will».

10 Ver o apêndice 3 para uma lista de conversações secretas entre as diferentes facções no seio dos bilderbergers, que nunca havia sido publicada.

11 A revista *Spotlight* foi morta nos tribunais pelo governo por se ter tornado um perigo sério para os planos globalistas. Das cinzas da velha *Spotlight* surgiu a *American me Press*.

12 Tony Gosling, crítico de Bilderberg e ex-jornalista da BBC.

13 Gary Allen, em *The «Rockefeller File»*.

14 Gary Allen, em *The «Rockefeller File»*.

15 Outros convidados importantes são: Donald E. Graham - director,

Washington Post, o Jim Hoagland (frequente) e Charles Krauthammer, colunistas do *Washington Post*, o Andrew Knight, News Corporation, director do Knight Rider; Osborn Eliot, antigo director da

Newsweek,. Robert L. Bartley, vice-presidente do *Wall Street Journal* e membro do Council on Foreign Relations e da Comissão Trilateral; Jean de Belot, de França, director de *Le Figaro*,. R John Micklethwait, do *Economist*,. Sharon Percy Rockefeller, presidente e CEO da WETA-TV; John Bernder, da Noruega, director-geral da Norwegian Broadcasting Corp.; Paul Gigot, editor da página de editorial do «conservador» *Wall Street Journal*,. Gianni Riotta, vice-director, *IA Stampo*,. Anatole Kaletsky do *The Times of London*,. Peter Job, director da *Reliters*, ' Eric le Boucher, chefe de redacção do *Le Monde*,. Hedley Donovan, Henry Grunwald e Ralph Davidson, da *Time*,. Joseph C. Harsch, antigo comentador da NBC e membro do Council on Foreign Relations; Toger Seidenfanden, da Dinamarca, chefe de redacção de *Politiken* e Kenneth Whyte, do Canadá, director do *The National Post*,o Conrad Black, dono de uma cadeia de jornais em todo o mundo, que está presente regularmente; Mathias Nass, vice-director, *Die Zeit*, ' Henry Anatole Grunwald, ex-chefe de redacção da *Time* e membro do Council on Foreign Relations; Mortimer B. Zuckerman, presidente e chefe de redacção do *US News and World Report*, *New York Daily News* e *Atlantic Monthly*, e também membro do Council on Foreign Relations; Will Hutton, director do *Observer*; de Londres; William F. Buckley, Jr., chefe de redacção da *National Review* apresentador do programa *Firing Line*, da PBS, e membro do Council on Foreign Relations; os importantes colunistas políticos Joseph Kraft, James Reston, Joseph Harsch, George Will e Flora Lewis; Donald C. Cook, antigo correspondente diplomático europeu do *Los Angeles Times* e membro do Council on Foreign Relations; Albert J. Wohlstetter, correspondente do *Wall Street Journal* e membro do Council on Foreign Relations; Bill Moyers, director executivo da Public Affairs TV e antigo director do Council on Foreign Relations; Gerald PieI, antigo presidente da *Scientific American* e membro do Council on Foreign Relations; William Kristol, director e editor da revista inglesa *Weekfy Standard*.

16 Rep. Bernie Sanders, boletim informativo Sander's Scoop, Verão de 2002.

17 Rep. Bernie Sanders, boletim informativo Sander's Scoop, Verão de 2002. 18 Rep. Bernie Sanders, boletim informativo Sander's Scoop, Verão de 2002. 19 Roswell Gilpatric (CFR, Bilderberg), da sociedade de advogados Kuhn, Loeb (Rothschild), da Crnvath, Swaine e Moore, e ex-director do Federal Reserve Bank de Nova Iorque; Henry R. Schnacht, director do Chase Manhattan Bank (Rockefeller/Rothschild), do Council on Foreign Relations, da Brookings Institution e do Comité para o Desenvolvimento Económico; James D. Wolfensohn (CFR, CT, Bilderberg), antigo presidente do J. Henry Schroder Bank, que tem estreitas ligações com os Rothschild e os Rockefeller, e que, em 1995, foi nomeado presidente do Banco Mundial por Bill Clinton; Franklin A. Thomas (CFR), director da Fundação Rockefeller:

20 William Shannon, «Plans to destroy America are exposed!», www.bankindex.com, 11 de Agosto de 2002.

21 Dr. John Coleman, *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, America West Publishers, 1992.

22 *Ibid*

23 *Ibid*

24 *Ibid*

25 *Ibid*

26 Citado, entre outros, por <http://freedomlaw.com/coffe.html> que conta, entre os seus patrocinadores, com o Cato Institute, o Heritage e o Mackinac Centre for Public Policy, todas elas instituições de direita, ultraconservadoras e pró-Israel.

CAPITULO II

1 (*Whose Who of the Elite*, Robert Gaylon Ross Sr.) Como comentário à margem com muito interesse, Robert Gaylon Ross Sr., perito no domínio da análise criptográfica (a decifração de códigos), serviu como primeiro-tenente na Army Security Agency (ASA), um ramo da National Security Agency (NSA), que é uma irmã mais velha da Central Intelligence Agency (CIA). Entre 1956 e 1957, prestou serviço como comandante de companhia de uma unidade de espionagem na Zona Desmilitarizada do vale de Chorwan, na Coreia do Sul. Depois de ter terminado o manuscrito do seu primeiro livro, *Who is Who of the Elite*, contactou vários editores para avaliar o seu interesse por este material. Todos recusam devido ao tema tratado e, por isso, fundou a sua própria editora, a RIE, e publicou o primeiro dos catorze livros em publicação. A propósito, este livro fala da tentativa, por parte da Nova

Ordem Mundial, de dominar todo o mundo, tanto política como economicamente, por meio dos homens que formaram diversas organizações secretas para levarem a cabo a sua missão.

2 Apresentamos a seguir uma lista parcial das organizações dos Estados Unidos que são financiadas e/ou dirigidas pelo conluio Rockefeller-CFR e que estão a promover activamente a entrega voluntária da independência americana.

- . American Association for the United Nations
- . Atlantic Union
- . General Education Board
- . Council on Foreign Relations
- . Federation of World Governments . Population Council
- . Institute for World Order . The Trilateral Commission . United World Federalists

Tomemos a United World Federalists, uma das organizações norte-americanas financiadas/ dirigidas pelo conluio Rockefeller-CFR que promovem activamente a entrega voluntária da independência dos Estados Unidos, como um exemplo de grande interligação entre os seus membros e o da CFR, desde o início. A UWF foi constituída, em 1947, por Norman Cousins, que acreditava que uma paz mundial duradoura só poderia ser atingida por meio de um governo mundial eficaz. A sua plataforma primordial para promover o seu ponto de vista foi um editor da *Saturday Review* que sendo uma pequena revista literária acabou por se transformar num semanário importante com uma circulação de mais de 600 000 exemplares, e contou também com a ajuda de James P. Warburg (o mesmo Warburg que prometeu o governo mundial «por consentimento ou pela força»), ambos membros de longa data do CFR. A organização foi apoiada por ambos os partidos políticos, pela maior parte dos políticos importantes e pela maior parte dos presidentes, de Harry Truman a Clinton.

O primeiro presidente da United World Federalists foi Cord Meyer Jr., que, para além de ser membro do CFR, foi também agente da CIA (1951-1977), envolvido no programa ultra-secreto MK-Ultra de controlo da mente pelo LSD. A sua ex-mulher, Mary Pinchot Meyer, foi a última amante de John Kennedy. Meyer escreveu um livro intitulado, curiosamente, *Paz ou Anarquia*, que promovia as mesmas ideias que os restantes membros do CFR. Segundo ele, «os Estados Unidos deveriam ver com entusiasmo o seu desarmamento e fusão num Governo Federal Mundial sob o controlo das Nações Unidas». Para os nossos ouvidos, até agora livres, a «paz» de Meyer tem algumas parecenças com um filme de terror: «depois de ter aderido ao Governo Federado Único do Mundo, nenhuma nação poderia abandoná-lo ou revoltar-se... porque, com a bomba atómica na sua posse, o Governo Federal [do Mundo] faria desaparecer essa nação da face da Terra».

3 (CFR) = A empresa constante da lista é, actualmente, membro do Council " of Foreign Relations

- . ABB Asea Brown Boveri Ltd., Percy Barnevik, Suíça
- . American Standard Companies Inc., Emmanuel A. Kampouris, EUA . AT&T Wireless Services Inc., Steven W. Hooper, EUA
- . Banco do Brasil S.A., Paulo César Xiooe Ferreira. Brasil
- . Barclays PLC, Marrin Taylor, Reino Unido
- . Bechtel Group Inc., Riley P. Bechtel, EUA . Bell Canada, John McLennan, Canadá
- . Cisco Systems Inc., John T. Chambers, EUA
- . Compaq Computer Corp., Eckhard Pfeiffer, EUA . Deutsche Bank AG, Michael Eodres, Alemanha
- . Electronic Data Systems Corp., Lester M. Alberthal, Jr. EUA
- . Emirates Bank Internacional, Anis Al Jallaf, Emirados Árabes Unidos . Ernst & Young LLP, Philip A. Laskawy, EUA
- . Ford Motor Company, Kenneth R. Dabrowski, EUA . Goldman, Sachs & Co., Jon S. Corzine, EUA . Honeywell Inc., Michael R. Bonsignore, EUA

. Hyundai Electronic Industries Co. Ltd., Young Hwan Kim, Coreia do Sul . LEXIS-NEXIS, Ira Siegel, EUA

. Lockheed Martin Corp., Peter B. Teets, EUA . Mitsubishi Corp., Minoru Makihara, Japão

. NatWest Group, Bernard P. Hom, Reino Unido . NYNEX Corp., Ivan Seidenberg, EUA

. Philips Electronics N. V., Cor Boonstra, Países Baixos

. Price Waterhouse, Geoffrey Johnson, Reino Unido

. Samsung Data Systems Co. Ltd., Suek Namgoong, Coreia do Sul

. Siemens Nixdorf Informationssysteme AG, Gerhard Schulmeyer, Alemanha

. The Acer Group, Stan Shih, Taiwan

. The Nasdaq Stock Market, Alfred R. Berkeley 111, EUA

. The New York Stock Exchange, Richard A. Grasso, EUA

. The Royal Dutch/Shell Group of Companies, Mark Moody-Stuart, Reino Unido

. United Parcel Service, John W. Alden, EUA

. Universal Studios Inc., Frank J. Biondi, EUA

. US Department of the Navy, Richard Danzig, EUA . US Postal Service, Marvin T. Runyon, EUA

4 Como aparte, é algo anedótico como as mesmas organizações do CFR- Bilderberg, como o World Federalist Movement saltam quando há que promover um programa globalista.

5 Um extenso livro da Oxford University Press, publicado em 1995, que infelizmente vendeu poucos exemplares, levando a que mais uma vez as pessoas não compreendessem o que os globalistas estão a pensar fazer-nos.

6 O website oficial do CFR: <http://www.cfr.org/>. 7 Burger (pelo presidente Nixon 1969), Douglas (Roosevelt 1939), Brennan (Eisenhower 1956), Stewart (Eisenhower 1958), White (Kennedy 1962), Marshall (Johnson 1967), Blackmun (Nixon 1970), Powell (Nixon 1971), Rehnquist (Nixon 1971). *Roe v. Wade*, 410 US 113,93 S.Ct. 705,35 L.Ed.2d 147 (1973).

8 Dr. Bryan T. Weeks: <http://educate-yourself.org/nwo/nwotavistockbestkeptsecret.shtml>, 31 de Julho de 2001.

9 «Ways and Means of US Ideological Expansion», A. Valyuzhenich, revista *International Affairs* (Moscou), Fevereiro de 1971, pp. 63-68.

10 Pollock, Daniel C., director de Projecto & Editores de McLaughlin, Ronald, Rosenthal. Carl F., Skillings, Sarah A., *The Art and Science of Psychological Operations: Case Studies of Military Application Volume I*, Pamphlet No. 725-7-2, DA Pam 525-7-2, Headquarters Department of the Army, Washington, DC, 1 de Abril de 1976, vol. 2, p. 825.

11 *Who's Running America? Institutional Leadership in the United States*, Thomas R. Dye, Prentice-Hall, 1976.

12 Esta afirmação, proferida em 1970 pelo professor Raymond Houghton, em «To Nurture Humaneness: Commitment for the '70's».

13 Berit Kjos, no livro *Finding Common Ground*.

14 As mais importantes são a Ford Foundation, a Lilly Foundation, a Rockefeller Foundation, o Duke Endowment, a Kresge Foundation, a Kellogg Foundation, a Mott Foundation, o Pew Mutual Trust, a Hartford Foundation, a Alfred P. Sloan Foundation, a Carnegie Foundation. *Fonte: Dye, Thomas R., Who's Running America? Institutional Leadership in the United States*, Prentice-Hall, 1976, pp. 103-107.

15 *Ibid*

16 Rene Wormser, *Foundations: Their Power and Influence*, pp. 65-66, Sevierville 'IN: Covenant House Books, 1993.

17 Responsável pelo planeamento a longo prazo, no Departamento de Estado, a seguir à Segunda Guerra Mundial.

18 Chefe do planeamento de políticas no Departamento de Estado (1950- 1953), durante a administração Truman.

19 Secretário de Estado adjunto na administração Truman, fez parte do Plano Marshall.

20 Michio Kaku e Daniel Axel Road, *To Win Nuclear War; The Pentagon's Secret War Plans*, South End Press, 1987, pp. 63-64.

21 Mike Peters, «The Bilderberg Group and the Project of European Unification».

22 Página 21: «*Em todas as reuniões, aplica-se a regra de não atribuição do Conselho. Esta dá a garantia aos participantes de que podem falar abertamente sem que outros, mais tarde, lhes atribuam as suas afirmações em meios de comunicação ou fóruns públicos ou, conscientemente, as transmitam o que Outros que o farão.*»)

Página 122: «*(Tal como o Conselho, os Comitês incentivam a discussão franca realizando as suas reuniões seguindo o princípio da não atribuição.)*»

Página 169: O Artigo 11 dos estatutos afirma: «*É condição expresso do pertença ao Conselho, o que cada membro acede em virtude de ser membro, que os membros observem as regras e regulamentos que possam ser impostas, periodicamente, pela Direcção relativas às reuniões do Conselho ou à atribuição das declarações nelas proferidas e que qualquer revelação pública ou qualquer outro acto de um membro em violação das mesmas possam ser considerados, discricionariamente, pela Direcção, fundamento para o cancelamento ou suspensão da qualidade de membro, nos termos do Artigo I dos estatutos.*»)

Página 174: «*Nas reuniões do Conselho, é incentivada o pleno liberdade de expressão. É garantido aos participantes que podem falar abertamente, uma vez que é tradição do Conselho que outros não lhes atribuirão ou identificarão as suas declarações em meios de comunicação social ou fóruns públicos ou, conscientemente, as transmitirão o pessoas que o farão. Espera-se que todos os participantes honrem esse compromisso.*»)

Página 175: «*(Todavia, não estaria de acordo com o estipulado na Regra revista, qualquer participante da reunião: (I) publicar uma afirmação de um orador, identificando-o, num jornal (II) reproduzi-la na televisão ou rádio, ou numa tribuna de orador ou numa sala de aula; ou (III) exceder o âmbito de um memorando de circulação limitada, distribuindo a afirmação identificada no jornal de uma empresa ou de um organismo governamental. A letra da Regra não poupa esforços para deixar claro que é proibido ao participante de uma reunião transmitir, conscientemente, a afirmação identificada a um repórter de jornal ou qualquer outra pessoa que tenha a possibilidade de a publicar num meio de comunicação público. A essência da Regra, tal como foi reformulada, é bastante simples: os participantes de uma reunião do Conselho não deverão transmitir uma afirmação identificada, em circunstâncias em que exista um risco substancial de vir a ser de imediato, alvo de uma ampla circulação ou de Publicação.)*»

[...] «*Tendo em vista incentivar plenamente uma troca de ideias livre, franca e aberta, nas reuniões do Conselho, a Direcção estabeleceu, para além da Regra da Não Atribuição, as directrizes seguintes. Espera-se que todos os que participam nas reuniões do Conselho estejam familiarizados com essas Directrizes e as cumpram [...]*»

Página 176: «*Os membros que tragam convidados devem preencher uma ficha de comunicação de convidado e informar os seus convidados da Regra de não atribuição que rege o que é dito nas reuniões.*»

Mais adiante, na p. 176: «*Como condição de utilização, os funcionários do Conselho exigem que todos os utilizadores dos registos do Conselho se comprometam previamente por escrito a não atribuírem, directa ou indirectamente, a qualquer pessoa viva, qualquer atribuição de factos ou opinião, com base em qualquer registo do Conselho, sem antes ter obtido, por escrito, dessa pessoa o consentimento para o fazer.*»

Em «Uma carta do Presidente», no Relatório Anual de 1994 do CFR, Peter G. Peterson afirma, na p. 7, que:

«[...] OS membros tiveram a oportunidade de se reunir em sessões intensivas e confidenciais com o secretário de Estado [Warren] Christopher, o conselheiro para a Segurança Nacional [Anthony] Lake, o secretário [de Estado reformado, George Pratt] Schultz, o embaixador [Mickey] Kantor, o secretário adjunto do Tesouro [Lawrence H.] Summers, os chefes de Estado-Maior dos três ramos das forças armadas e outros altos funcionários. Como passo seguinte, há planos para sensibilização

também dos líderes do Congresso, um acontecimento que será inserido como componente de um Programa Washington alargado.»

CAPITULO III

1 C. Fred Bergsten, Georges Berthoin e Kinhide Musahkoji, *The Reform of International Institutions* (triangle Paper, n.º 11), em Trilateral Commission Task Force Reports: 9-14, p. 90.

2 Sklar, Holly, org., *Trilateralism: The Trilateral Commission and Elite Planning World management*. Boston South End Press, 1980

3 O Triangle Paper n.º 11, da autoria de Fred Betgsten, Georges Berthoin e Kinhide Mushakoji, «The Reform of International Institutions», recomendava - para atingir o «objectivo superior» de tomar «o mundo seguro para a interdependência» - o «controlo da intromissão dos governos nacionais nas trocas internacionais tanto de bens económicos como de bens não económicos». cv: nota 1 acima)

4 Sklar, Holly, org., *Trilateralism: The Trilateral Commission and Elite Planning for World Management*. Boston: South End Press, 1980.

5 Kissinger, *Toasts to the Trilateral Commission Fownder*. On the occasion of the US Group's 25m Anniversary Evening, 1 de Dezembro de 1998, em www.trilateralorg.

6 Will Banyon, «Rockefeller Internacionalism», *NeXus Magazine*, vol. 11, n.º 1 (Dezembro-Janeiro de 2004).

7 Rockefeller. *Memoirs*, p. 486; e John B. Judis, «Twilight of me Gods», *The WilsonQllarterfy*, Outono de 1991, p. 47.

8 Daniel Yergin e Joseph Stanislaw, *The Commanding Heights*, Free Press; ed. de 1997, pp. 60-64.

9 Joan Hoff, *Nixon Reconsidered* (Basic Books, 1994), pp. 168. 396 n (Incluindo citações).

10 Sklar, Holly, org., *Trilatera/ism: The Trilateral Commission and Elite Planningfor World Management*. Boston: South End Press, 1980.

11 Will Banyon, «Rockefeller Internacionalism», *NeXus Magazine*, vol. II, n.º 1 (Dezembro-Janeiro de 2004).

12 Comissão TrilatemI: Governo-Sombra Mundial, relatório «Running on Empty».

13 Citações de Carter em Laurence H. Shoup, *The Carter Presidenq and B~nd: Po/U'r and Politics in lhe 1980s* (Rampart Press, 1980), pp. 50-51; e Jimmy Carter. *The Presidential Campaign*, volume one, part one (US Government Printing Office, 1978), pp. 268, 683.

14 *The Insiders*, John McManus, The John B~ Society.

15 *Mllrder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustace Mullins, National Council for Medical Research, capítulo 10.

16 Dr. Anthony Sutton, *Wall Street and lhe Bolshevik Revollltion*, Arlington House, 1974.

17 Gary Allen, *The Rockefeller File*, 76 Pr. 1976.

18 Dr. Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*, capítulo XI: «The Alliance of Bankers and Revolution», Arlington House, 1974.

19 P. 46, Jennings C. Wise, *Woodrow Wilson: Disciple of Revollltion*, Nova Ior- que: Paisley Press, 1938, p. 45.

20 Senado dos Estados Unidos, Congressional Recom, Outubro de 1919, pp. 6430, 6664-6666, 7353-7354.

21 Gary Allen, *The Rockefeller File*.

22 Anthony Sutton, *Wall Street and the Bolshevik Revolution*.

23 Gary Allen, *The Rockefeller File*, capitulo 9, «Building the Big Red Machino».

24 *Rape of the Constitution, 'Death of Freedom*, por Gyeorgos c. Hatonn.

25 Anthony Sutton, *WaU Street and the BoLrhevik Revolution*, capítulo XI: «The Alliance of Bankers and Revolutio11».

26 *Munier by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustace Mullins,

National Council for Medical Research, capítulo 10.

27 Gary Allen, *The Rockefeller File*, capitulo 9, «Building the Big Red Machino». 28 *Ibid*.

29 O banco dos Rockefeller desempenhou um papel fundamental na criação da Câmara de Comércio Americano-Russa, em 1922, sob a direcção de Reeve Schley; um vice-presidente do Chase National Bank.

30 *Ibid*.

31 Gary Allen, *The Rockefeller File*, capítulo 9, «Building the Red Machino».

32 Como o célebre bolchevique John Reed o faz pensar na muito divuigada obra *Dez Dias que Abalaram o Mundo*. Reed foi um autor popular na Primeira Guerra Mundial que era colaborador do jornal *Metropolitan*, controlado por J. P. Morgan. Reed morreu de tifo, na Rússia, em 1920.

33 Em *National Suicide* e na sua história, em três volumes, do desenvolvi- mento tecnológico soviético, *Western Technology and Soviet Economic Development* (para ruja elaboração utilizou, como fonte principal, documentos oficiais do Departamento de Estado).

34 Gary Allen, *The Rockefeller File*, capítulo 9, <illuilding the Red Machino>.

35 Testemunho de Anthony Sutton perante a Subcomissão VII da Comissão do Programa de Governo do Partido Republicano, em Miami Beach, Florida, 15 de Agosto de 1972.

36 *Ibid*. 37 *Ibid*.

38 Gary Allen, *The Rockefeller File*, capítulo 9, <illuilding the Red Machino>.

39 *Murder by Injection: The Medical Conspiracy against America*, Eustace Mullins,

National Council for Medical Research, capítulo 10.

40 *New Wor/d arder Intelligence Update*, Junho de 1993.

41 «UN Millenium Summit Promotes Global Army», *The Spotlight*, 18 de Setembro de 2000.

42 «An European Army?», [http:// www.european-defence.co.uk/article9.htmI](http://www.european-defence.co.uk/article9.htmI). 16 de Outubro de 2000.

CAP1TULO IV

I *The Cods Who WalkAmong Us*, Thomas Horn e Dr. Donald Jones, capítulo 5.

2 O processo foi testado em segredo, tatuando os números da Segurança Social em bebês, nos Estados Unidos.

3 *The McAlvany Inteligence Advisor*; Donald S. McAlvany, EUA, Julho de 1991. 4 *MiJlenillm: Peace, Promises and the day They Take Our Money Away*, Texe Marrs, Living Truth Publishers, EUA, 1990.

5 «Cashless Society gets mixed Reviews», 8 de Fevereiro de 2003, wwwcnn.com/2003/TECH/ptech/02/08cash.smart.ap/index.html

6 *Millenillm: Peace, Promises and the Day Thry Take Ollr Monry A_y*, Texe Marrs, Living Truth Publishers, EUA, 1990.

7 *Michael Jollrna*4 Canadá, Louis Even, Maio-Junho de 1996.

- 8 «Time Enough? Consequences of Human Microchip Implantation», Elaine Ramesh. www.fplc.edu/risk/vol8/fall/ramesh.htm.
- 9 «Concern over microchip implants», Jon E. Dougherty, WorldNetDaily.com, 1999.
- 10 <http://www.elmundo.es/elmundo/2004/06/29/madrid/1088490789.html>.
- 11 «Get chipped, then charge without plastic - you are the car», USA Today, Kevin Maney, 5/12/2004.
- 12 «Clubbers choose chips implant to jump queues», NewScientist.com, Duncan Graham-Rowe, Maio de 2004.
- 13 *Conspirators' Hierarchy: The Story of the Committee of 300*, John Coleman, American West Pub & Dist, 1992.
- 14 *Michael Journal* Canadá, Louis Even, Maio-Junho de 1996.
- 15 Revista *Spotlight*, EUA, 13 de Abril de 1998. 16 Revista *Spotlight*, EUA, 13 de Junho de 1994.
- 17 Chris Beraci, 25 de Setembro de 2004, a href=<http://homepages.ihug.co.nz/%7Epcaffell>. Eudora='autourl'> <http://homepages.ihug.co.nz/~pcaffell> < / a>.
- 18 Barbara Brown, «Canada poised on brink of the cashless society», *The Hamilton Spectator* 1 de Outubro de 1997.
- 19 *Globe and Mail* 31 de Outubro de 1998.
- 20 Barbara Brown, «Canada poised on brink of the cashless society», *The Hamilton Spectator* 1 de Outubro de 1997.
- 21 http://www.interac.org/en_n2_31statistics.html.
- 22 http://www.interac.org/en_n2_32_researchmcts.html.
- 23 <http://legalminds.lp.findlaw.com/list/dccp/msg00225.html>.
- 24 Barbara Brown, «Canada poised on brink of the cashless society», *The Hamilton Spectator* 1 de Outubro de 1997.
- 25 «Mondex: A house of smart cards?», *The Convergence*, David Jones, Sábado, 12 de Julho de 1997.
- 26 «Cashless Society gets mixed reviews», 8 de Fevereiro de 2003. www.cnn.com/2003/TECH/ptech/02/08/cash.smart.ap/index.html.
- 27 Westland, J. C., M. Kwok, J. Shu, T. Kwok e H. Ha *Electronic Cash in Hong Kong*, Electronic Markets
- 28 Press release do Mondex a propósito do lançamento do Mondex em Hong Kong (http://www.mondex.com.tw/news_releases/intro-press_center_20030807.htm). (Só em chinês)
- 29 www.MasterCard.net.
- 30 «An e-commerce barcode tattoo», WorldNetDaily, Jon E. Dougherty, 30 de Setembro de 1999.
- 31 Washington Metropolitan Area Transit Authority, www.wmata.com/riding/smartrip.
- 32 «Retailers eye tiny tracking chips», *Arab Times*, editorial, 10 de Agosto de 2003.
- 33 Wal-Mart RFID Tests Underway, Jom Wagner, Wireless News, 30 de Abril de 2004.
- 34 M. K. Shankar, Algorithm Ensures Unique Object ID, NIKKEI ELECTRONICS ASIA, Abril de 2001. http://www.nikkeibp.asiabiztech.com/nea/200104/inet_127161.html.
- 35 *I Am Not a Number: Freeing America from the Id State*, Claire Woolf, Loompanics Unlimited, 2.ª edição revista e aumentada, 2003.
- 36 *American Free Press*, 21 de Abril de 2002, intitulado «Get Ready for the Sovietization of America», de Al Martin.
- 37 *The Telegraph*, 26 de Setembro de 2001.
- 38 «Smart cards may contain biometric data», Laura Rohde, 9 de Fevereiro de 2000, CNN.

39 *Ibid.*

40 «From face scan cameras to thumb scanners, biometric technology is the police state system of total control), Alex Jones, Infowars.com, 16 de Agosto de 2001.

41 *Ibid.*

42 ACf Canada: [www;actda.com](http://www.actda.com).

43 «From face scan cameras to thumb scanners, biometric technology is the police state system of total control), Alex Jones, Infowars.com, 16 de Agosto de 2001.

44 «Indivos wins patent for transactions technology», *East Bay' Business Times*, redactors, 21 de Agosto de 2001

45 *Austin Business Journal*, 7 de Março de 2001, edição online e National Retail Federation, Maio de 2002.

46 Scripps Howard News Service, 1 de Fevereiro de 2001.

47 «'Inno Ventry Reaches \$1 Billion Milestone in Payments to Check- cashing Customers; Company Forecasts Continued Strong Growth in New Year»). Business Wire. Business Editors. 3 de Janeiro de 2001.

48 *Washington Post*, 14 de Agosto de 2001.

49 «Face scanning, fingerprinting ATMs gain ground», Laura Bruce, [http:// /bankmte.com/brm/ news / atm/2001_0302a.asp](http://bankmte.com/brm/news/atm/2001_0302a.asp).

50 Navegando na Internet encontrei este curioso artigo sobre o tema: [http:// / delitosinformaticos.com/ artículos/ 1 02485416026690.shtml](http://delitosinformaticos.com/articulos/102485416026690.shtml).

51 Ver em <http://delitosinformaticos.com/articulos/102485416026690.shtml> 52 ([http:// / www;wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=26339](http://www.wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=26339)).

53 [http:// / mercury.sfsu.edu/ -swilson/ emerging/ artre332. Bionics.html](http://mercury.sfsu.edu/~swilson/emerging/artre332.Bionics.html).

54 «Implantablchip company attacks WND: *Digital Angel* accusations come as Whistleblower report publism>, Sherrie Gossett, 2 de Abril de 2002.

55 «The slippery slope of safety». www.chroniclesMag-dZine.org, B.K Eakman, 2003.

56 *Ibid*

57 [http:// / www.gopbi.com/partners/pbpost/epaper/editions/monday/ business_d362c088a633a00a00d9.html](http://www.gopbi.com/partners/pbpost/epaper/editions/monday/business_d362c088a633a00a00d9.html).

58 [http:// / www:adsx.com/prodservpart/verichippreregistration.html](http://www.adsx.com/prodservpart/verichippreregistration.html). 59 [http:// / wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=17705](http://wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=17705).

60 [http:// / www.wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=23232](http://www.wnd.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=23232).

61 [http:// / home.iae.nl.users/lightnet/world/ southamericarussÍa.htm](http://home.iae.nl.users/lightnet/world/southamericarussia.htm).

62 [http:// / ~boston.com/ dailyglobe2/ 140/ science/BaKodiflg-humans+ .shtml](http://~boston.com/dailyglobe2/140/science/BaKodiflg-humans+.shtml).

63 [http:// / www.guardian.couk/child/story/0,7369,785073,00.html](http://www.guardian.co.uk/child/story/0,7369,785073,00.html). 64 [http:// / www.greaterthings.com/News/Chip_Implants/LATimes011219](http://www.greaterthings.com/News/Chip_Implants/LATimes011219). 65 [http:// / news.scotsman.com/topics.cfm?tid=428&id=470252004](http://news.scotsman.com/topics.cfm?tid=428&id=470252004).

